Michael Horton

A Lei da Perfeita Liberdade

A Ética Bíblica a partir dos Dez Mandamentos

Prefácio de J.I. Parker



MICHAEL HORTON

A Lei da Perfeita Liberdade

A ÉTICA BÍBLICA A PARTIR DOS DEZ MANDAMENTOS

PREFÁCIO DE J.I. PARKER



A Lei da Perfeita Liberdade - Os Dez Mandamentos © 2000, Editora Cultura Cristã. Originalmente publicado nos Estados Unidos pela Moody Press com o título *The Law of Perfect Freedom,* © 1993 by the Moody Bible Institute of Chicago. Traduzido com premissão.

Tradução:
Denise Meister

Revisão:
Raquel Alves Campos Strachicini
Claudete Agua de Melo

Editoração:
Gilson da Silva Oliveira Filho

Capa:
ADC Produtora e Editora

Publicação autorizada pelo Conselho Editorial:
Cláudio Marra (*Presidente*), Alex Barbosa Vieira,
Aproniano Wilson de Macedo, Fernando Hamilton Costa,
Mauro Meister, Ricardo Agreste, Sebastião Bueno Olinto.

EDITORA CULTURA CRISTÃ
Rua Miguel Teles Junior, 382/394 – Cambuci
01540-040 – São Paulo – SP – Brasil
C.Postal 15.136 – São Paulo – SP – 01599-970
Fone (0**11) 270-7099 – Fax (0**11) 279-1255
www.cep.org.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas
Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

ÍNDICE

Prefácio 5

Agradecimentos 6

1. Fazendo a Coisa Certa 7

2. Nenhum outro Deus 27

3. Adorando Corretamente o Deus Correto 59

4. Guardando a Reputação de Deus 81

5. Descanso Garantido 97

6. Honra a Quem é Devida 113

7. Quão Pró-Vida Somos Realmente? 129

8. Até Que a Morte Nos Separe 153

9. Confiando na Provisão de Deus 169

10. Diga-me a Verdade! 193

11. Quando Mais é Menos 205

12. Boas-Novas para os Transgressores da Lei 223

Apêndice 235

Seleção do *Catecismo de Heidelberg* 237

Seleção do *Breve Catecismo de Westminster* 247

PREFÁCIO

A primeira coisa a se dizer sobre os Dez Mandamentos é que eles existem e que sua condição é o de comando divino. Eles não são idéias brilhantes de Moisés, mas exigências categóricas de Deus. A Escritura afirma que as duas tábuas da lei foram escritas diretamente por Deus (Êxodo 31.18). Assim, Deus disse ao mundo que tipo de comportamento o agrada: ele deixou isso bem claro por meio das suas dez proibições quanto a qualquer outro tipo de vida. Embora proclamado como parte do pacto de Deus com Israel, o Decálogo mostra a vontade de Deus para todas as suas criaturas humanas e é, por essa razão, o ponto onde precisa ser iniciada a educação moral e espiritual de toda a humanidade. Isso foi verdade nos dias de Moisés e ainda é verdade em nossos dias.

A segunda coisa a ser dizer sobre os Mandamentos é que os temos perdido grandemente e que essa é a nossa estupidez. Até bem recentemente, eles eram básicos para o treinamento religioso que os ocidentais davam aos seus jovens. Antes de ter 10 anos de idade, fizeram-me memorizá-los — na escola pública! – e assim aconteceu com a maioria das crianças dos meus dias. Mas tudo mudou. O preconceito contra a memorização como uma disciplina educacional, contra o Antigo Testamento, contra a lei na igreja e contra a religião nas escolas levou à uma situação em que poucos nas igrejas, e ainda menos fora dela, podem repetir os Dez Mandamentos, isso sem falar em explicá-los. Os Reformadores e Puritanos, que escreveram literalmente dúzias de Catecismos para a educação cristã baseados nas três fórmulas clássicas, Os Mandamentos, o Credo e a Oração do Senhor, iriam chorar sobre nós se soubessem o quanto temos nos afastado dos padrões que estabeleceram. Em uma era imoral e infiel como a nossa, a ignorância quanto aos Mandamentos é uma fraqueza espiritual tão grande quanto se possa imaginar. Mas, ai de nós, essa ignorância é comum e, assim, em questões morais nos atrapalhamos.

A terceira coisa a ser dita sobre os Mandamentos é que eles são, de fato, a base para a moral cristã, como já foi indicado. Os princípios positivos implícitos na sua forma negativa, quando localizados no contexto da realidade cristã do reino de Cristo e na vida no Espírito, sustenta o código de família para os filhos redimidos de Deus, em todos os lugares. Apelos para a ética de Cristo e dos apóstolos que falham em encontrar suas raízes nos Mandamentos (raízes deixadas muito claras no Novo Testamento, diga-se de passagem), caem em todos os tipos de concepções erradas. A unidade da ética bíblica, a começar pelo Decálogo, precisa ser redescoberta hoje.

A quarta coisa a ser dita sobre os Mandamentos é que a exploração de

Michael Horton sobre o que eles significam para o povo cristão hoje é um excelente ponto de partida para qualquer pessoa que deseja apropriar-se novamente da sua mensagem. Há muita sabedoria aqui. Apodere-se dela. É de sabedoria que precisamos.

J. I. PACKER
Professor de Teologia
Regent College
Vancouver, B. C.

AGRADECIMENTOS

Obrigado ao pessoal da *Christians United for Reformation* (CURE) por dar-me flexibilidade para escrever este livro. Um agradecimento especial a meu associado, Alan Maben, pela assistência prestada e a Kim Riddlebarger, Loretta Johnson, Rod Rosenbladt e Shane Rosenthal pela ajuda.

CAPÍTULO UM
FAZENDO A COISA CERTA

Escrever este livro faz com que eu me sinta como um fazendeiro do centro-oeste desenhando um mapa do centro de Manhattan — como se fosse a pessoa errada para o serviço. Contudo, este tem sido meu dever já há algum tempo, não porque penso que seja particularmente bom ao seguir o curso que iremos descobrir nos capítulos seguintes, mas porque ouço duas vozes nos chamando para a tarefa.

Em primeiro lugar, a voz de Deus é clara e inconfundível nas páginas da Escritura. Tendo nos redimido da culpa e da escravidão de nossos pecados, Deus agora nos chama para glorificá-lo e gozá-lo para sempre, começando agora, começando aqui. Mas há uma segunda voz que faz com que o restabelecimento dos Dez Mandamentos seja vital para o nosso tempo. É a voz do nosso próximo: secular, não particularmente dado às justificações religiosas pelo que faz, contudo buscando algo que dê peso às suas ações. A *Newsweek* referiu-se à questão sobre valores como "uma profunda, irritante ansiedade nacional... sobre o senso perturbador de que a liberdade pessoal ilimitada e o materialismo enlouquecedor produzem apenas uma fome maior e noites mais solitárias. Além disso, "a representação tem sido bipartidária. Liberais que se atualizam têm estado obcecados pela liberdade pessoal ao ponto da auto-imolação; conservadores predatórios têm estado obcecados pela liberdade comercial ao ponto da pilhagem. Uma coisa é clara, de acordo com Joe Klein da *Newsweek*: "Ambas as indulgências têm seguido o seu curso. A farra de trinta anos causou uma ressaca monstruosa. Há uma nostalgia por algo além do analgésico político padrão.[1]

Enquanto nos aproximamos do terceiro milênio cristão, o humor da cultura secular está claramente substituindo a desconsideração pela direção religiosa, espiritual e moral por um desejo renovado de escutar. Isso, naturalmente, significa que eles irão ouvir qualquer pessoa e cada uma delas, como a popularidade do misticismo da nova era, o crescimento rápido do Islamismo e o sentimento universalista em expansão demonstram. Mas, como demonstrado pelas principais pesquisas de opinião, há algo que nossos vizinhos seculares não suportarão por mais tempo e é o que um escritor chamou de "Zona de Inquisição da Bíblia". Deve haver respostas, argumentadas de forma inteligente, que defendam a base das *crenças* centrais, não apenas afirmações, *slogans* e a retórica de jogos de força. Embora o ponto central do Cristianismo não seja a moralidade

[1] Joe Klein, "Whose Values?" *Newsweek,* 8 de junho de 1992, p.19.

ou a direção na vida (contrário ao que a maioria das pessoas espera que a religião seja), as crenças transcendentes nas quais a vida cristã cresce e amadurece, por mais fracas que sejam, dão propósito, direção e significado à vida de modo que não podem ser comparadas com o mero sentimento e capricho secular. Nem podem ser comparadas com a superficialidade da ideologia de direita ou esquerda, com textos-prova ocasionais da Escritura. O que realmente precisamos é de uma reeducação maciça quanto ao básico. E o mundo está mais pronto para isso agora do que estava há cinco anos.

Um exemplo impressionante dessa abertura é um artigo do antigo editor-chefe da revista *Time* e embaixador da Áustria, Henry Grunwald:

> Somos importunados por toda uma série de descontentamentos e confusões. Para a grande maioria, o estrume tem se tornado o hábitat natural. Derain e outros observadores da depravação iriam, na verdade, se impressionar com o caos das maneiras e linguagem, com a presença infernal do crime e a fácil – alguém pode quase dizer democrática – disponibilidade de drogas; com as novas variedades de decadência – *rocks* sobre estupro e suicídio, pornografia nas bancas de revista, comerciais de motéis no nosso canal amigável de cabo, para não mencionar sexo por telefone.... Estamos testemunhando o fim, ou pelo menos, o declínio de uma era de incredulidade e o começo do que pode ser uma nova era de fé.... Precisaremos de um novo senso de direção, com menor ênfase nos "direitos" e maior na responsabilidade – resumindo, precisamos criar um novo clima psicológico.

Naturalmente, foram nossos próprios antecessores evangélicos — especialmente Lutero e Calvino — que enfatizaram as responsabilidades sobre os direitos, os últimos sendo a obsessão moderna. A Bíblia, particularmente os Dez Mandamentos, nos chama a descobrir as obrigações com relação a Deus, ao nosso próximo e à sociedade. Ela convoca o povo de Deus a seus postos na sociedade, não como um grupo especial de interesse reivindicando seus direitos ao lado de todos os outros, mas como homens e mulheres chamados que têm um forte senso de obrigação moral — não para salvar a propria alma, porque isso é pela graça à parte das obras, mas para trazer glória e honra ao Rei

gracioso. O que Grunwald requer em termos de "um novo clima psicológico", no qual as responsabilidades são mais enfatizadas do que os direitos, foi advogado anteriormente na nossa história como cristãos evangélicos. Quão irônico é o fato de que, a fim de sermos relevantes e afiados, devemos resgatar crenças do passado. Grunwald conclui:

> Uma das coisas mais notáveis sobre o século 20, mais do que o progresso tecnológico e do que a violência física, foi a desconstrução do homem (e da mulher). Estamos vendo uma reação a esse fenômeno. Nossa visão do homem obviamente depende da nossa visão de Deus. A Era da Razão exaltou a humanidade, mas ainda admitia Deus como um tipo de rei filósofo supremo ou presidente do conselho que presidia, no final das contas, sobre as glórias alcançadas por meio da ciência e da razão. O século 21 humanista o destituiu por votação. Ele viu, de forma crescente, a razão e a ciência irreconciliavelmente opostas à religião, a qual desapareceria. O humanismo secular (um termo respeitável muito embora tenha se tornado insulto de direita) insistiu teimosamente que a moralidade não precisava tomar como base o sobrenatural. Mas gradualmente se tornou claro que a ética sem a sanção de alguma autoridade maior simplesmente não era convincente. A ironia final, ou talvez tragédia, é que o secularismo não conduziu ao humanismo. Dissolvemos gradualmente – desconstruímos – o ser humano em um pacote de reflexos, impulsos, neuroses, terminações nervosas. A grande heresia religiosa era usar o homem como medida para todas as coisas, mas chegamos perto de fazê-lo a medida de nada. As principais igrejas têm tentado, de várias formas, se adaptarem à era secular.... As principais denominações presbiterianas também enfatizaram, de forma crescente, o ativismo social e tentaram diluir o dogma para acomodar o racionalismo e a diversidade do século. 20.
>
> Mas nenhuma dessas reformas [está] interrompendo o declínio agudo das principais igrejas. Por

> que não? A resposta parece ser que, enquanto a religião ortodoxa pode ser sufocante, a religião liberal pode ser vazia. Muitas pessoas parecem querer uma fé que seja rigorosa e exigente.[2]

Comentaristas sociais respeitados, como Thomas Molnar, estão cada vez mais abertos às opções religiosas inteligentes. Molnar explica:

> Os Dez Mandamentos, e muitos outros textos bíblicos, eram tidos por mim como declarações devotas, indefinidas e até desnecessárias. Isso foi na juventude. Com a maturidade e a idade, eles começaram a revelar (a palavra certa) uma profundidade imensurável de sabedoria, cuja exploração ocupou a vida de um Pascal e de um Chesterton. Nossa "cultura" contemporânea (vários paganismos, aborto/eutanásia, linguagem inclusiva, politização geral) rebaixou esses textos a um nível de clichês aborrecidos ou mistificações absolutas. Daí, a necessidade de se focar neles novamente.[3]

Mas há também um interesse renovado nas respostas transcendentes para os problemas da vida real pela cultura *popular*. Comentando sobre o roteiro da banda U2, a revista *Rolling Stone* concluiu: "Sua mensagem? Não adorarás os falsos ídolos, mas quem mais há?"[4]

Assim, Grunwald conclui: "Onde isso tudo nos levará? Possivelmente a uma nova era real de fé. Não a uma religião universal, ou ao retorno do tipo medieval de Cristianismo que engloba toda a sociedade – nem, espera-se, à ressurreição do que poderia ser chamado de Zona de Inquisição da Bíblia. Mas podemos estar nos dirigindo para uma era na qual a fé será novamente considerada de forma séria e mais uma vez terá um papel importante em nossa existência".[5]

---

[2] Henry Grunwald, "The Year 2000: Is It the End- Or Just the Beginning?", *Time*, 30 de março de 1992, p. 74.

[3] Thomas Molnar, *Chronicles: A Magazine of American Culture* (Dezembro de 1992), p. 14.

[4] *Rolling Stone* (10-24 de dezembro de 1992), p. 39.

[5] Grunwald, "The Year 2000", p. 76.

Tom Wolfe sugeriu que a nossa não é uma era provável para a produção de grandes heróis. Mas a fé bíblica sempre criou heróis: enfermeiras que dedicaram a vida ao cuidado de doentes, pais que se sacrificaram em prol da educação de seus filhos, homens de negócio que souberam como criar riquezas *e* usá-las para o benefício da comunidade, filhos que cuidaram de seus pais na velhice, empregadores que cuidaram de seus trabalhadores e empregados que acrescentaram aquele extra para ajudar a companhia a ser bem – sucedida, pessoas que ajudaram seus vizinhos a consertar o telhado. Pelo nosso próximo, por nós mesmos e, acima de tudo, por Deus, provemos que Grunwald está certo e Wolfe errado.

A VONTADE DE DEUS PARA A SUA VIDA

Tendo crescido na igreja, posso lembrar-me da ansiedade que costumava sentir sobre a vontade de Deus para a minha vida. Com quem devo sair? Em que faculdade Deus quer que eu estude? Com horror diante da possibilidade de passar por cima do melhor de Deus ("plano A") para a minha vida, busquei ardentemente a vontade de Deus, não sabendo exatamente como ela iria soar ou parecer-se quando "a" descobrisse. Desde então, meu entendimento básico do que significa descobrir a vontade de Deus transformou-se. Deixe-me explicar brevemente o que quero dizer.

"As coisas encobertas pertencem ao SENHOR, nosso Deus, porém as reveladas nos pertencem, a nós e a nossos filhos, para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta lei" (Deuteronômio 29.29). Esse versículo faz uma distinção entre duas categorias: "coisas encobertas" e "coisas reveladas". E bem fácil determinar o que são as "coisas reveladas": Os Dez Mandamentos são um bom exemplo. Mas o que acontece quando chegamos a questões sobre casamento e educação, se deveríamos seguir este chamado ou mudarmos para aquela cidade? Certamente pesquisaríamos em vão a nossa concordância bíblica tentando encontrar um texto que nos informasse a vontade de Deus para a nossa vida nessas áreas. Isso, naturalmente, não significa que Deus não tenha determinado nosso futuro quanto aos detalhes mais triviais; o que significa é que ele não decidiu deixar-nos entrar neles. Se Deus realmente está no comando, não há "vontade perfeita" na qual nos intrometamos ou saiamos, dependendo do quanto somos bons em ler folhas de chá ou em discernir os "sinais" da direção de Deus. Ele trabalha até mesmo o pecado, o sofrimento e o mal para o nosso bem (Romanos 8.28), e, assim, tudo é parte do seu plano para trazer-lhe glória.

É surpreendente o que isso faz àqueles que estão sobrecarregados pela

ansiedade em conhecer a vontade de Deus. Coloca nossa busca pela vontade de Deus não em pressentimentos subjetivos que freqüentemente atribuímos ao Espírito Santo, mas na vontade revelada de Deus. Podemos não ter de antemão uma cópia do plano de jogo de Deus quanto a pessoas, lugares, ocupações e movimentos que ele tem para o nosso futuro, mas já temos mais do que parece termos digerido na Palavra *revelada* de Deus com relação à direção de nossa vida como cristãos. Aqueles que estão buscando a vontade de Deus para suas vidas, o profeta Miquéias responde: "Ele te declarou, ó homem, o que é bom e que é o que o SENHOR pede de ti: que pratiques a justiça, e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus" (Miquéias 6.8).

Mas essa busca pela vontade *revelada* de Deus para nossa vida não foi interrompida apenas pela busca da sua vontade ou plano *encoberto*, mas por outros fatores também, os quais consideraremos brevemente.

Ignorância Bíblica

De acordo com George Gallup, "os norte-americanos reverenciam a Bíblia - mas em geral, não a lêem. E porque não a lêem, tornaram-se uma nação de ignorantes bíblicos". Na verdade, embora quatro de cada cinco norte-americanos creiam que a Bíblia é "a palavra literal ou inspirada de Deus", a maioria não se lembra dos Dez Mandamentos. "Três quartos dos norte-americanos dizem que fazem pelo menos um esforço para seguirem o exemplo de Jesus", informa Gallup, mas eles evidentemente não têm a menor idéia do que consiste esse exemplo. Seis em cada dez citaram um relacionamento pessoal, de algum tipo, com Jesus, mas este, evidentemente, é um relacionamento de conveniência, uma vez que não o vêem em termos de obrigação.[6]

Os autores do *The Day America Told The Truth* têm isto a dizer:

> É o oeste selvagem, selvagem por toda a América do Norte novamente, mas é mais selvagem e incerto desta vez. Você é a lei neste país. Quem diz isso? Você diz, camarada... Não há absolutamente um consenso moral nos anos 90. Cada um está compondo seu [sic] próprio código de moral pessoal - seus Dez Mandamentos

---

[6] George Gallup e James Castelli, *The People's Religion* (Nova York: Macmillan, 1989), p. 60.

próprios. Aqui estão dez extraordinários mandamentos para os anos 90. Estes são mandamentos reais, regras pelas quais muitas pessoas vivem.

1. Não vejo razão para preservar o sábado (77 por cento).

2. Eu roubaria daqueles que realmente não sentiriam falta (74 por cento).

3. Eu minto quando me é conveniente, desde que não cause qualquer dano real (64 por cento).

4. Eu bebo e dirijo se sinto que posso lidar com a situação. Eu conheço o meu limite (56 por cento).

5. Eu trairia meu cônjuge – afinal de contas, dada a oportunidade, ele ou ela faria o mesmo (53 por cento).

6. Eu procrastinaria no trabalho e não faria absolutamente nada em um dia inteiro de cada cinco. É o procedimento de operação padrão (50 por cento).

7. Eu usaria drogas por lazer (41 por cento).

8. Eu sonegaria imposto – até um certo ponto (30 por cento).

9. Eu colocaria meu amante no risco de alguma doença. Sou um tanto promíscuo sexualmente, mas quem não é? (31 por cento).

10. Tecnicamente, posso ter cometido estupro contra minha namorada, mas sei que ela queria (20 por cento foram estupradas pelo namorado).[7]

A despeito do fato de aproximadamente todos os norte-americanos dizerem crer em Deus, "a maioria devastadora das pessoas (93 por cento) disse que elas – e ninguém mais – determinavam o que é e o que não é moral em suas vidas. Elas baseiam suas decisões em suas próprias experiências, até mesmo

[7] James Patterson e Peter Kim, *The Day America Told the Truth* (Nova York: Plume, 1992), p. 201.

vidas. Elas baseiam suas decisões em suas próprias experiências, até mesmo nos seus caprichos diários".[8]

Repetidamente, pesquisa após pesquisa, cristãos e não-cristãos respondem de formas quase idênticas quando surgem questões sobre ambição, hedonismo, e racismo.[9] Claramente, algo está podre em nosso próprio quintal. Não parecemos mais saber nem mesmo distinguir o certo do errado, mesmo como cristãos. Isso deveria nos fazer perguntar a nós mesmos o que estamos recebendo em nossas igrejas e em nossos lares cristãos. Esta é a razão pela qual, por todo esse livro, faremos um esforço consciente para ver estes mandamentos não meramente como pedras a serem atiradas na sociedade secular, mas como uma testemunha do nosso registro infiel no final do século 20. Precisamos aprender novamente algumas coisas que podemos ter admitido como certas. Antes de nos atirarmos em cruzadas morais, alinhando-nos com a Esquerda secular ou com a Direita secular, seríamos bem judiciosos em determinar novamente em nossa mente o que Deus requer de nós – e este é o redescobrimento excitante que espera por nós nos Dez Mandamentos.

Ambigüidade Sobre o Antigo Testamento

Muitos de nós foram criados sem saber o que fazer com a primeira metade de nossa Bíblia. A idéia era, Israel no Antigo Testamento estava sob a lei e os cristãos no Novo Testamento estão sob a graça. Isso significa que o Antigo Testamento iguala-se a obras-justiça e o Novo Testamento iguala-se ao evangelho da graça.

No entanto, isso está em desarmonia com o texto bíblico em vários pontos. Primeiro, Deus fez um pacto com Abraão. O pacto era o dom incondicional da vida eterna a ele e a toda a sua descendência espiritual. Justificados apenas pela graça por meio apenas da fé, assim como qualquer crente nos dias de hoje, Abraão tornou-se o pai espiritual de todo aquele que confia em Cristo, incluindo nós (Gálatas 3.7). Na verdade, "nem por serem descendentes de Abraão são todos seus filhos, mas: Em Isaque será chamada a tua descendência. Isto é, estes filhos de Deus não são propriamente os da carne, mas devem ser considerados como descendência os filhos da promessa" (Rm 9.7-8). Jesus deixou claro para os judeus de seus dias que eles não eram simplesmente filhos de Abraão por descendência racial. Na verdade, os evangelhos deixam claro que porque eles haviam rejeitado a promessa (i.e., o evangelho), os judeus deixaram de ser filhos de Abraão (Mateus 3.9). O escritor aos Hebreus adverte os

[8] Ibid., 25-26.

[9] George Barna e James Mackay, *Vital Signs* (Westchester, Ill.: Crossway, 1984), pp. 140-41.

primeiros cristãos a não repetirem a estupidez dos israelitas no deserto, a quem também "foram anunciadas *as boas-novas*,... mas a palavra que ouviram não lhes aproveitou, visto não ter sido acompanhada pela fé, como estava naqueles que a ouviram" (Hebreus 4.2, itálico adicionado).

Conseqüentemente, a "lei" não se iguala ao "Antigo Testamento", enquanto a "graça" ou o "evangelho" se iguala ao Novo Testamento. A "lei" refere-se a qualquer comando, de Gênesis a Apocalipse. O "evangelho" refere-se a qualquer lugar em qualquer testamento onde a promessa da salvação pela graça apenas por meio da fé apenas é encontrada. A lei nos diz o que *devemos* fazer, e isso nos leva ao desespero de satisfazermos o padrão de Deus. Então o evangelho nos diz o que Deus já *fez* em Cristo, satisfazendo o padrão como nosso substituto e assumindo o nosso castigo em si mesmo para que pudéssemos ser considerados justos.

Visto por essa perspectiva, o crente hoje deve se interessar tanto pelo Antigo Testamento quanto pelo Novo. Embora o evangelho seja mais claramente articulado no Novo Testamento, certamente não há perda da imagem do evangelho em Deus vestindo Adão e Eva com roupas feitas de peles de um animal que ele mesmo sacrificou, ou em Abraão ofertando Isaque, ou no Êxodo do Egito, e na miríade de outros exemplos da graça salvadora de Deus a despeito da depravação do seu povo. Conseqüentemente, o Antigo Testamento ainda nos fala hoje. Quando Deus confirma a sua promessa (o evangelho) a Jacó, isso é para nós hoje. Quando do monte Sinai Deus dá os mandamentos a Israel, estes mandamentos também são para nós.

Mas e quanto aos sacrifícios e todas as outras leis que regiam a vida civil de Israel? Certamente não somos convocados a cometer adúlteros, somos? Para responder a essa questão, devemos fazer uma distinção crucial entre o que os estudiosos bíblicos chamam de leis *morais, cerimoniais e civis*. Na primeira categoria – a moral – temos os Dez Mandamentos com todas as suas ordenanças e extrapolações no Novo Testamento. As pessoas devem amar a Deus com todo o coração, alma, mente e força e a seus próximos como a si mesmas.

Mas há outro grupo de leis no Antigo Testamento que rege as cerimônias religiosas. Há as festas e jejuns específicos juntamente com o sistema sacrifical elaborado e com a adoração do templo. Cada lei *cerimonial* devia ser precisamente obedecida. Quando nos voltamos e lemos algumas dessas leis, admiramo-nos com os detalhes. Por que Deus insistiu na questão de quem corta a garganta do animal, se o sacerdote ou a pessoa que está oferecendo o sacrifício? Só podemos ver a importância desses rituais em retrospecto, como vemos, por exemplo, a importância da identificação direta do pecador com a vítima substitutiva para os seus pecados. Essa é a razão pela qual cada pessoa tinha, ela mesma, de tirar a vida da vítima sacrifical. Não foram só os judeus ou

os romanos que crucificaram Jesus Cristo: estávamos todos lá ferindo-o com a espada, transferindo os nossos pecados para ele da mesma forma que o apresentador no Antigo Testamento punha as suas mãos no bode expiatório, significando uma transferência de culpa do pecador para a vítima.

Como podemos ver, especialmente no livro de Hebreus, todos esses tipos e sombras são cumpridos em Cristo. Todos apontavam para ele. Ele era o templo, então por que continuar com a adoração do templo? Ele era o sacrifício, então como podemos ofender Deus pensando que ainda existe a necessidade de um sacrifício melhor e mais completo pelos nossos pecados? Assim, as leis cerimoniais desaparecem com a vinda daquele para o qual foram designadas como prenúncio.

Em seguida, há a terceira categoria: as leis *civis* de Israel. Da mesma forma que as leis cerimoniais de Israel prefiguravam Cristo como o grande profeta e sacerdote, suas leis civis prefiguravam Cristo como o grande rei. E assim como ele não cessa de ser nosso profeta ou sacerdote com o cumprimento das leis cerimoniais, assim também não cessa de ser nosso rei com o cumprimento das leis civis. Além disso, assim como não devemos voltar para as sombras da promessa nas leis cerimoniais quando temos o cumprimento daquela promessa em Cristo, também não devemos buscar o retorno à teocracia judaica quando temos o cumprimento do reino de Cristo no seu reinado espiritual mediante a proclamação do evangelho. Por meio de Israel, Deus nos dá lições objetivas sobre o reino que virá com o ministério de Cristo. Assim como os reis de Israel deviam expulsar as nações idólatras (diferente de Adão que recebeu o inimigo de Deus em vez de expulsá-lo da terra), assim Cristo irá separar as ovelhas dos cabritos, o joio do trigo, no fim dos tempos (cf. Mateus 25.31-46; e também 13.25-29). Mas a realidade do reino não é vista na sua força política, militar ou social, mas em seu avanço por meio do evangelho de Cristo crucificado pelos nossos pecados e ressuscitado para a nossa justificação.

Essa reiteração é especialmente importante no tempo em que a América está confusa com Israel como a nação escolhida, destinada por Deus para levar salvação aos confins da terra. Quando os puritanos e separatistas peregrinos estabeleceram-se na Nova Inglaterra, o alvo era o ministério evangelístico: "avançar o reino de Cristo" por meio da proclamação da Palavra, administração dos sacramentos e o exercício da disciplina e ordem divinas. Mas à medida que a América do Norte se secularizava (tão depressa quanto a Guerra da Independência), a visão da "América Cristã" destinada a espalhar seu evangelho político de vida, liberdade e a busca da felicidade contínua, e os evangélicos, em vez de se oporem à confusão de Cristo e cultura, têm, especialmente nas décadas recentes, ajudado a estimulá-la. Os reformadores argumentaram que há duas

espadas: uma regendo a esfera temporal (o Estado) e outra regendo a esfera eterna (a Igreja). A primeira espada é feita de metal; a segunda de tinta e papel. De acordo com Calvino, as nações devem ser regidas por leis criadas com base na "igualdade geral", a qual ele cria que até mesmo os pagãos eram capazes por causa da imagem de Deus impressa em cada pessoa e da revelação geral da justiça, certo e errado ancorados na natureza e na consciência humana.

Essa é a razão pela qual J. Gresham Machen, líder da cruzada intelectual contra o liberalismo nos anos 20 e 30, insistia em que a igreja tem uma função puramente espiritual – falar em nome de Deus, onde Deus falou por si mesmo em sua Palavra. Embora os cristãos possam se envolver em cruzadas políticas e morais, Machen insistia em que quando a igreja, como instituição divina, se envolvia também, ela violava sua missão sagrada e confundia o evangelho com justiça civil.

No Novo Testamento, não apenas não encontramos convocações para a obediência às leis cerimoniais e civis do Antigo Testamento, como estas são expressamente proibidas, como um retorno às sombras depois da vinda da realidade. No entanto, o Novo Testamento reitera as leis *morais* do Antigo Testamento, dando-lhes uma explicação mais completa e uma aplicação particular neotestamentária (i.e., em termos da responsabilidade do crente quanto a Deus e a seu próximo). Em Jeremias 31.31-33 lemos:

> ...firmarei nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá.
>
> Não conforme a aliança que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito; porquanto eles anularam a minha aliança, não obstante eu os haver desposado, diz o SENHOR.
>
> Porque esta é a aliança que firmarei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o SENHOR: Na mente, lhes imprimirei as minhas leis, também no coração lhas inscreverei; eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo.

Joel também profetizou que, nos últimos dias, o Espírito Santo seria derramado sobre cada crente, não só sobre aqueles que eram chamados de profetas, sacerdotes ou reis. Finalmente a família de Deus se tornaria o que Deus pretendia que a comunidade fosse: uma *nação* completa de profetas e sacerdotes que declarava, pelo poder do Espírito Santo, as boas-novas do evangelho e as bênçãos do pacto. Essa profecia foi cumprida no Pentecostes e, desde

então, cada crente tem sido enchido com o Espírito e recebido, no novo nascimento, um coração que tem a lei de Deus, sua vontade revelada, escrita nele. Essa é a razão pela qual Paulo chama a obediência cristã de "fruto do Espírito", porque ela não é o produto de nossa própria virtude ou caráter, mas o efeito direto de ter a lei escrita em nosso coração e do Espírito trabalhando dentro de nós para produzir uma nova obediência.

Paulo nos diz nos dois primeiros capítulos de Romanos que cada pessoa – até mesmo a mais pervertida ou confusa – tem a lei escrita em sua consciência. Mas só os crentes têm a lei escrita no coração; em outras palavras, só por meio do novo nascimento uma pessoa pode deleitar-se verdadeiramente na lei de Deus. Antes ela só condenava e amaldiçoava, mas agora, porque somos considerados como tendo cumprido perfeitamente a lei porque Cristo a cumpriu em nosso lugar, ela só pode nos dirigir em nossa vida cristã. Ela nunca pode nos ameaçar com "Se você não fizer a sua parte, Deus não fará a dele". Afinal, Deus *fez* a "nossa parte" mediante a vida perfeita e a morte de seu próprio filho. Agora, essa promessa incondicional não apenas traz vida a nós que não podemos alcançar uma única parte da promessa pela nossa própria obediência ou nosso próprio esforço, ela traz um novo coração que ama a lei de Deus pela primeira vez. Observe que em vez de remover a lei da vida do crente, Paulo declara, "estando já manifestos como carta de Cristo, produzida pelo nosso ministério, escrita não com tinta, mas pelo Espírito do Deus vivente, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, isto é, nos corações. E é por intermédio de Cristo que temos tal confiança em Deus;... o qual nos habilitou para sermos ministros de uma nova aliança, não da letra, mas do espírito; porque a letra mata, mas o espírito vivifica" (2 Coríntios 3.3-4, 6).

Isso não é, como muitos pensam, colocar o Espírito contra a Palavra ou lei de Deus. Antes, é dizer que à parte do Espírito que dá vida, os mandamentos de Deus (assim como sua promessa do evangelho) são mortos. Ou, ainda melhor, é o mesmo que dizer que *nós* somos mortos. A lei não pode nos dar vida. Não podemos obter vida (ou mantê-la ou nos tornarmos mais "cheios do Espírito", ou qualquer nome que você queira dar a isso) tentando alcançá-la. Ela pertence a cada crente. Só o Espírito pode pegar aqueles "mortos nos delitos e pecados" (Efésios 2.1) e fazê-los vivos. E uma vez feita viva, uma pessoa se torna capaz de responder positiva e afetuosamente à lei de Deus pela primeira vez.

Assim, o crente hoje é um herdeiro da promessa tanto quanto Abraão, e obrigado à lei moral de Deus tanto quanto ele o foi. A designação de Israel como "um reino de sacerdotes e nação santa" (Êxodo 19.6) é agora aplicada à igreja do Novo Testamento, composta de todos os filhos de Abraão, judeus e gentios (1 Pedro 2.9).

Pregação Popular no Antigo Testamento

A pregação que ouvimos do Antigo Testamento é freqüentemente pouco mais do que as *Fábulas de Esopo*: uma história inteligente, com uma lição moral no final. Um sermão sobre Davi com certeza será focado na sua vontade de levantar-se contra Golias, com uma aplicação fácil (insípida, poderia se dizer) a qualquer que seja o "Golias" que estamos enfrentando em nossas vidas. Mas, naturalmente, essa não é a intenção do autor. Podemos ler o texto, mas o que está sendo dito no púlpito ou na sala de Escola Dominical não é uma exposição da passagem que diz o que realmente deveríamos extrair da mesma.

E irônico que em igrejas que enfatizam de forma constrangedora a natureza literal das passagens apocalípticas, parabólicas ou poéticas, existam tanta alegorização das passagens *narrativas históricas*. Sempre que transformamos Josué ou Gideão em personalidades cujo propósito principal na Bíblia é nos ensinar lições morais, estamos seguindo o método medieval de interpretação, o qual buscava espiritualizar, moralizar e alegorizar a narrativa histórica, em vez do método protestante, cujo alvo é explicar a passagem de acordo com o seu próprio contexto. Um evangélico australiano, Graeme Goldsworthy, demonstra a seriedade deste assunto:

> O Antigo Testamento está morto – morto nas mãos conspiratórias dos racionalistas, judeus, alegoristas medievais, liberais teológicos, existencialistas, evangélicos e outros. Os judeus negaram ao Antigo Testamento a sua meta indicada no evangelho e assim o transformaram num legalismo morto. Os estudiosos da igreja medieval seguiram Orígenes rendendo-se ao Gnosticismo que dizia que o Antigo Testamento era materialista e não espiritual. Os racionalistas, liberais e existencialistas curvaram-se à moda filosófica de seus dias e acharam que o Antigo Testamento era incompatível. Mas os evangélicos, o "povo do Livro", estão envolvidos na conspiração? Nós, evangélicos, somos os mais culpados. Temos nos orgulhado de honrar toda a Bíblia como a Palavra de Deus e temos atirado pedras farisaicas nos altos críticos adúlteros e liberais.... Onde estão os sermões no Antigo Testamento que pregam Cristo sem alegorização espalhafatosa ou estudos de caráter não-teológico? Onde estão os cursos de Escola

> Dominical que ensinam o Antigo Testamento sem moralização legalista?... E o evangelho do novo nascimento orientado "Jesus em meu coração" dos evangélicos destruiu o Antigo Testamento tão efetivamente quanto o liberalismo do século 21.[10]

O Cristianismo é uma religião histórica. Enquanto os existencialistas apontam a falta de sentido da vida (uma reação realista e apropriada à parte de Cristo), a revelação bíblica nos assegura que a vida e a História têm significados porque Deus elegeu, redimiu, chamou e justificou um povo durante a história humana e dentro da história humana, desde o Éden até o presente e pela eternidade, e tudo isso está centrado na entrada do próprio Filho de Deus no tempo e espaço da história para redimir. O Cristianismo não é uma mensagem sobre paz interior ou nascer de novo ou ter Jesus no coração. Apesar de ter um aspecto pessoal claro, a mensagem do Cristianismo é *Cristo*.

De Gênesis a Apocalipse, cada figura, cada história, cada imagem, cada lição é a embalagem na qual encontramos o dom de Deus, Jesus Cristo. Mesmo nos Dez Mandamentos, Cristo não é apenas prefigurado em Moisés, mas está presente como aquele que ganhou o direito de governar seu povo pela redenção que realizou por ele no Êxodo, um sinal da grande redenção a ser realizada, desta vez não por meio dos sinais e maravilhas de Moisés na corte de Faraó, demandando "Deixe meu povo ir!" ou na abertura do mar, nem pela alimentação do seu povo com pão no deserto, mas pela ressurreição, carregando a ira da justiça divina por seus irmãos e irmãs, e *sendo* o Pão da Vida que veio do céu (João 6). O Antigo Testamento não é apenas a parte de nossa Bíblia que predisse a vinda de um Messias e que passou a ser irrelevante quando o Messias veio; é parte de um drama completo de redenção em curso, e começar com o Evangelho de Mateus é como começar a assistir a um filme no meio da história. É como pensar que você está contando uma boa piada quando tudo de que se lembra é o auge da mesma.

Davi realmente viveu na História. E o proveito da sua vida, medido pelo fato de que a Bíblia registra grande parte dela, não é determinado pela quantidade de lições instrutivas que podemos aprender a partir do estudo da personalidade uma vez que, sem dúvida, houve maiores homens e mulheres de caráter que nunca foram citados na Bíblia. A inclusão de Davi no cânon da Escritura Sagrada é definida pelo lugar que ele teve na história da redenção – não apenas como

---

[10] Graeme Goldsworthy, *Verdict 2*, no. 1 (fevereiro de 1979), pp. 5-10.

precursor de Cristo, o Filho de Davi, mas como alguém a quem foi dada a promessa do evangelho, a despeito de todas as suas falhas e infidelidade. "Bem-aventurado aquele cuja iniqüidade é perdoada,.... Bem-aventurado o homem a quem o SENHOR não atribui iniqüidade" (Salmo 31.1-2) clamou o corrompido Davi, depois de confessar a sua depravação absoluta. Em outras palavras, devemos nos perguntar, "Como o programa redentivo de Deus está sendo antecipado nesse tempo e espaço, durante o reinado de Davi?" "Onde está o evangelho nessa passagem?". Lemos sobre Abraão não para aprender o que Abraão, um mentiroso, trapaceiro, conspirador, fez por Deus, mas o que Deus fez por esse pecador e, por meio dele, para o resto de nós que somos depravados. Essas figuras não estão presentes fundamentalmente para que os imitemos, mas para a nossa instrução no evangelho.

Os fariseus dos dias de Jesus adotavam a visão que freqüentemente ouvimos em nossas próprias igrejas. Nosso Senhor os puniu por perderem a floresta por causa das árvores: "Examinais as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de mim. Contudo, não quereis vir a mim para terdes vida" (João 5.39-40). Eles viam a Escritura (nosso Antigo Testamento) essencialmente como um código moral, um manual para a vida. Embora o Antigo Testamento contenha mandamentos morais (assim como o Novo Testamento), estes são mandamentos dados ao povo que já havia sido redimido e recebido a promessa incondicional de que, pela fé na promessa, herdaria a terra celestial prometida do outro lado da morte. A abordagem moralista e piedosa que muitos de nós temos adotado com relação ao Antigo Testamento pode ser a razão pela qual muitos cristãos têm-se entediado e afastado da mesma, mas uma visão que tenta ver o tema da redenção avançando por toda a história do povo de Deus irá reviver o senso de nossa geração de pertencer a este povo de Deus, à família de Abraão. Com Isaque, Jacó, Davi, Raabe e os profetas, nós também herdamos os tesouros da família: a lei e a promessa.

ESTABELECENDO A LEI

A maioria dos estudiosos bíblicos concorda que o Antigo Testamento é um documento legal, um pacto entre Deus e seu povo. Os Dez Mandamentos são apenas um resumo – talvez o melhor – do acordo pactual para o povo de Deus. Antes de os mandamentos serem dados, houve um prefácio. Estamos acostumados com prefácios nos pactos, tratados e contratos. Na Constituição norte-americana, lê-se no Prefácio: "Nós, o povo, a fim de formar uma união mais

perfeita, para prover a defesa comum e assegurar a tranqüilidade doméstica a nós mesmos e à nossa posteridade, decretamos e estabelecemos esta Constituição dos Estados Unidos da América".

Similarmente, os Dez Mandamentos começam com a fonte da sua autoridade: "Eu sou o SENHOR, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão" (Êxodo 20.2). Deus aqui é representado como o Grande Rei que havia recentemente resgatado um Estado minúsculo e indefeso das garras de um regime opressivo. Mas esse resgate não os deixou por conta própria, para serem invadidos e tiranizados novamente no futuro. Em seu lugar, o próprio Deus assumiu o reinado de Israel como seu Rei-Redentor. Freqüentemente falamos de "deixar Deus" fazer isto ou aquilo, ou de "fazê-lo Senhor", mas a idéia bíblica não poderia ser mais diferente. Deus *é* Senhor por direito. "Sabei que o SENHOR é Deus, foi ele quem nos fez, e dele somos"; – assim, ele é nosso Senhor por direito na criação – porque "somos o seu povo e rebanho do seu pastoreio" (Salmo 100.3) faz dele nosso Senhor por direito na redenção. O Senhor cria o pacto e não barganha conosco a respeito do seu conteúdo. Em vez de "nós, o povo" ou "eu, o crente", é "Deus, o Redentor" quem dá a este pacto a sua natureza vinculadora. Em lugar de fazê-lo nosso Senhor, no pacto, é Deus quem nos faz seu povo.

Diferentemente do Prefácio da Constituição norte-americana, esse prefácio divino que governa o povo de Deus, a igreja, tem a sua autoridade derivada não como um acordo do povo pactuando com Deus para obedecê-lo ou para fundar um reino, mas como um acordo do próprio Deus. Ele não é um contrato no qual duas partes são iguais, mas um pacto no qual Deus, o Redentor, declara "Tomar-vos-ei por meu povo e serei vosso Deus" (Êxodo 6.7).

Embora a promessa a respeito da terra física fosse condicional (Êxodo 19.5; Ezequiel 33.21-29), a promessa da vida eterna pela fé no braço redentor de Deus era incondicional (Deuteronômio 31.6; Romanos 11.29, 2 Timóteo 2.13). Essa é a promessa que herdamos junto com os judeus que se voltam para Cristo. Naturalmente, a igreja não é herdeira de qualquer lote na terra da Palestina, mas é herdeira da promessa incondicional feita a Abraão. Porque isso, e não o território terreno, é a esperança final de Israel (Hebreus 11.9, 14-16). Uma vez que Deus já nos redimiu somente pela graça, podemos servir em liberdade perfeita, não temendo os terrores da lei, mas deleitando-nos em seus preceitos. Ganhamos liberdade por meio do evangelho, não por meio da lei; mas a liberdade que ganhamos pelo evangelho é uma liberdade para obedecermos pela primeira vez, do fundo do nosso coração, e não para sermos entregues a nós mesmos. A reiteração do Novo Testamento desse prefácio do An-

tigo Testamento pode ser encontrada, entre outras passagens, em 1 Pedro 1.18-19, onde lemos "sabendo que não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados do vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram, mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo". Nunca devemos começar com o primeiro mandamento, embora tenhamos entrado em uma nova vida e sido, de alguma forma, feitos aceitáveis a Deus pela execução e conformidade com os mandamentos, mas devemos sempre começar exatamente aqui, no prefácio, onde o próprio Deus age ao fazer sua reivindicação ao seu povo tomando como base o fato de que ele já havia feito tudo – incluindo o cumprimento das condições para a obediência à lei. Ele faz isso por nós, em nosso lugar, por intermédio da pessoa e da obra de nosso Senhor Jesus Cristo, o Deus encarnado.

A NATUREZA DA LEI

No Monte Sinai, Deus entregou a seu povo, por meio de Moisés, os famosos Dez Mandamentos. Mas isso foi apenas uma reedição da vontade eterna de Deus já gravada na natureza humana. Paulo argumenta que "Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. Tais homens são, por isso, indesculpáveis" (Romanos 1.20). O problema do povo não é, em primeiro lugar, uma falta de dados. A despeito dessa lei escrita na consciência, os humanos são "cheios de toda injustiça, malícia, avareza e maldade; possuídos de inveja, homicídio, contenda, dolo e malignidade; sendo difamadores, caluniadores, aborrecidos de Deus, insolentes, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes aos pais, insensatos, pérfidos, sem afeição natural e sem misericórdia" (vv. 29-31).

Por essa razão, Deus publicou sua vontade eterna novamente. Os cristãos têm encontrado pelo menos três propósitos para esta lei escrita: um uso civil, um uso teológico e um uso moral.

Uso Civil

A lista que Paulo nos dá na passagem citada acima não deixa muito espaço para a confiança na natureza humana. Esta é a razão pela qual a autoridade civil deve respeitar tanto a liberdade (por causa da imagem divina na humanidade) quanto a justiça (por causa da degradação da humanidade). Infelizmente, quando

queremos quebrar as fronteiras da lei, a única coisa que impede alguns de nós é a ameaça que a lei impõe. Conseqüentemente, este primeiro uso da lei é o de um dissuador na esfera civil, com a polícia e as prisões apoiando a ameaça.

Uso Teológico

Também chamado de uso pedagógico, tirado da referência de Paulo à lei como aio de Deus, guiando-nos à fé em Cristo (Gálatas 3.24), a lei nos mostra o quão desesperadamente somos escassos da justiça que Deus requer. Justamente quando pensamos que não somos tão maus quanto o rapaz do outro lado da rua que vive com fulano, a lei nos coloca em julgamento e nos compara – não a outros homens e mulheres caídos, mas a Deus. Isso tem o propósito de nos conduzir ao desespero para que busquemos nos refugiar da ira de Deus apenas na justiça de Cristo.

Uso Moral

Visto que a lei é a expressão do caráter eterno de Deus, ela não muda. Devemos nos lembrar de que foi Deus quem primeiramente deu a lei, gravada na consciência humana, não para conduzir as pessoas a Cristo (porque estavam perdidas), nem para ameaçá-las com penalidades civis (porque não eram criminosas). A lei foi dada primeiramente como uma expectativa realista em relação ao comportamento humano porque Deus havia criado Adão e Eva com excelência moral. Depois da queda, naturalmente, os seres humanos são incapazes de obedecer à esta lei. Mesmo que não abusem fisicamente de outra pessoa, eles assassinam por meio de fofoca ou calúnia. Mesmo que não roubem de seu vizinho entrando sorrateiramente em sua casa à noite, nada fazem para proteger as posses do mesmo. Mesmo os cristãos não podem obedecer perfeitamente a esta lei, e nunca devem abordá-la como se pudessem chegar perto de sua excelência moral. Antes, os crentes devem abordar a lei como o padrão perfeito que Deus requer como a expressão de seu caráter moral e viver não para *alcançar* as exigências (uma vez que isso foi alcançado apenas por Cristo), mas para simplesmente *obedecer* às exigências de Deus. Na primeira abordagem, uma pessoa prepara-se para *ganhar* o favor de Deus *alcançando* a justiça de Deus; na última, ela prepara-se para obedecer a um Pai celestial gracioso simplesmente porque este *já o aceitou* como justo e santo.

Para aqueles, como os fariseus, que buscam ser justificados mediante a própria justiça, a lei surge para condenar e julgar. Mas para os outros, como Davi, que têm conhecido as boas-novas libertadoras da justificação gratuita de Deus ao ímpio, a lei surge para conduzir e guiar nos caminhos da justiça: "Percorrerei

o caminho dos teus mandamentos, *porque* tu libertastes o meu coração" (Salmo 119.32[NT], itálico adicionado). "Mostra a sua palavra a Jacó, as suas leis e os seus preceitos, a Israel. Não fez assim a nenhuma outra nação; todas ignoram os seus preceitos. Aleluia!" (Salmo 147.19-20). Só aqueles que conhecem o privilégio da adoção podem dizer com o salmista, "Desvenda os meus olhos, para que eu contemple as maravilhas da tua lei!" (Salmo 119.18).

[NT] Tradução da NIV

CAPÍTULO DOIS
NENHUM OUTRO DEUS

Não terás outros deuses diante de mim.

"Creio em Deus. Não sou uma fanática religiosa. Não me lembro da última vez em que fui à igreja. Minha fé tem me conduzido por um caminho longo. Ela é o Sheilaísmo. Apenas minha própria pequena voz."

Essa foi a resposta de Sheila Larson, uma típica norte-americana entrevistada por Robert Bellah e seus colegas.[11] Bellah e seu time contrastaram a fé confessional comunal dos Puritanos da Nova Inglaterra com a diversidade subjetiva e individualista das atitudes religiosas contemporâneas. "Isso sugere a possibilidade lógica de mais de 220 milhões de religiões norte-americanas, uma para cada um de nós."

Noventa e seis por cento da população norte-america diz crer em Deus. Na verdade, 40 por cento diz que nunca ter tido uma experiência de nascer de novo ou "um ponto de virada na vida quando se submeteram a Jesus Cristo", de acordo com George Gallup. Um terço da população alega ser evangélico.[12] A despeito do fato de que isso não parece ter o menor efeito, 84 por cento dos adultos norte-americanos disseram, em 1988, crer que Jesus era Deus ou o Filho de Deus, 6 por cento a mais que na década anterior.[13] Na freqüência à igreja, os Estados Unidos só ficam atrás da República da Irlanda. Conseqüentemente, Sheila Larson é realmente um modelo típico da média do norte-americano moderno?

Gallup cita uma declaração feita por Lincoln Barrett num artigo no *Ladies Home Journal*: "Embora 95 por cento dos norte-americanos digam crer em Deus, não é claro de forma alguma que eles reconhecem o Deus da revelação bíblica, que fala ao homem além de si mesmo e desperta nele um sentido de dependência, indignidade moral e obrigação para obedecer à sua vontade... Aqui, de fato, é uma revelação do pecado final do homem, o qual Lutero definiu como a má vontade em admitir ser um pecador".[14] Os autores da pesquisa *best-seller* das atitudes norte-americanas, *The Day America Told the Truth*, adicionam, "Este não é o 'Deus zeloso' do Antigo Testamento – seis em cada sete pessoas pensam

---

[11] Robert Bellah et al. *Habits of the Heart* (Nova York: Harper & Row, 1985), p. 221.

[12] George Gallup e James Castelli, *The People's Religion* (Nova York: Macmillan, 1989), p. 93.

[13] Ibid., 16

[14] Ibid., 7.

que está bem não crer em Deus. Antes, os norte-americanos parecem usar Deus para referirem-se a um princípio geral do bem na vida.... Para a maioria dos norte-americanos, Deus não deve ser temido ou, quanto a isso, amado".[15] Aqui, o paradoxo norte-americano: enquanto o conhecimento de Deus e o peso da Bíblia, junto com qualquer compromisso com um grupo comum de um núcleo de crenças, "os norte-americanos são ainda mais 'religiosos' hoje do que o foram no passado".[16] O presidente George Bush elogiou a América do Norte por ser "a nação mais religiosa da terra", obtendo o aplauso do seu público da Christian Broadcasters em janeiro de 1992.

O último comentário nos leva a um morro na Atenas do primeiro século, onde o incansável apóstolo Paulo se dirigia a um público pagão, congratulando-os de uma forma duvidosa por causa da sua religiosidade. Anteriormente, Paulo havia sido retirado de Tessalônica, para sua própria segurança, e escoltado por seus amigos até Atenas. Lá eles o deixaram enquanto foram procurar Silas e Timóteo. Na ausência dos mesmos, Paulo não foi capaz de ficar em seu lugar e não fazer nada. Ele visitou o centro cultural mundialmente famoso e usou suas observações como o ponto de contato nas apresentações do evangelho que fez no mercado e na sinagoga:

> Enquanto Paulo os esperava em Atenas, o seu espírito se revoltava em face da idolatria dominante na cidade.
>
> Por isso, dissertava na sinagoga entre os judeus e os gentios piedosos; também na praça, todos os dias, entre os que se encontravam ali. E alguns dos filósofos epicureus e estóicos contendiam com ele, havendo quem perguntasse: Que quer dizer esse tagarela? E outros: Parece pregador de estranhos deuses; pois pregava a Jesus e a ressurreição. Então, tomando-o consigo, o levaram ao Areópago, dizendo: Poderemos saber que nova doutrina é essa que ensinas? Posto que nos trazes aos ouvidos coisas estranhas, queremos saber o que vem a ser isso. Pois todos os de Atenas e os estrangeiros residentes de outra coisa não cuidavam senão dizer ou ouvir as últimas novidades. (Atos 17.16-21)

[15] James Patterson e Peter Kim, *The Day America Told the Truth* (Nova York: Plume Publishing 1982), p. 201.

[16] Gallup e Castelli, *The People's Religion*, p. 251.

Em outras palavras, a defesa de fé de Paulo diante dos judeus e gregos tementes a Deus deram-lhe um lugar no equivalente antigo ao "The Oprah Winfrey Show": o Areópago, onde os atenienses e estrangeiros "gastavam seu tempo fazendo nada além do que conversar e escutar as últimas idéias".

Na sua chegada na arena, Paulo "ergueu-se na reunião do Areópago" e mencionou algumas observações do seu passeio. "Senhores atenienses! Em tudo vos vejo acentuadamente religiosos; porque, passando e observando os objetos de vosso culto, encontrei também um altar no qual está inscrito: AO DEUS DESCONHECIDO. Pois esse que adorais sem conhecer é precisamente aquele que eu vos anuncio" (At 17.22-23). Da mesma forma como Gallup observou a elevação irônica na religiosidade norte-americana no tempo em que a população conhece e importa-se menos do que em outros tempos sobre aquele que supostamente adoram, assim Paulo observou uma ironia similar nos atenienses. Eles eram "em tudo acentuadamente religiosos" – tão religiosos, de fato, que tinham todas as suas bases cobertas. Tinham não apenas um deus para cada coisa, mas até mesmo um altar para um deus desconhecido, no caso de terem se esquecido algum. Mas, em vez de apelar àquele compromisso e louvor religioso vago dos atenienses em relação ao seu interesse pelas coisas espirituais, Paulo falou a eles sobre quem era, de fato, aquele Deus desconhecido, o único e verdadeiro Deus (vv. 24-34).

> O Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe, sendo ele Senhor do céu e da terra, não habita em santuários feitos por mãos humanas. Nem é servido por mãos humanas, como se de alguma coisa precisasse; pois ele mesmo é quem a todos dá vida, respiração e tudo mais; de um só fez toda a raça humana para habitar sobre toda a face da terra, havendo fixado os tempos previamente estabelecidos e os limites da sua habitação; para buscarem a Deus se, porventura, tateando, o possam achar, bem que não está longe de cada um de nós; pois nele vivemos, e nos movemos, e existimos, como alguns dos vossos poetas têm dito: Porque dele também somos geração.
>
> Sendo, pois, geração de Deus, não devemos pensar que a divindade é semelhante ao ouro, à prata ou à pedra, trabalhados pela arte e imagina-

> ção do homem. Ora, não levou Deus em conta os tempos da ignorância; agora, porém, notifica aos homens que todos, em toda parte, se arrependam; porquanto estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio de um varão que destinou e acreditou diante de todos, ressuscitando-o dentre os mortos.
>
> Quando ouviram falar de ressurreição de mortos, uns escarneceram, e outros disseram: A respeito disso te ouviremos noutra ocasião. A essa altura, Paulo se retirou do meio deles. Houve, porém, alguns homens que se agregaram a ele e creram; entre eles estava Dionísio, o areopagita, uma mulher chamada Dâmaris e, com eles, outros mais.

Vamos separar esse discurso num esforço para descobrir o que Paulo poderia dizer ao "Sheilaísmo" moderno. Em primeiro lugar, o apóstolo descreve o verdadeiro Deus como "o Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe", pelo qual ele quis dizer que ele é "o Senhor do céu e da terra". Deus é soberano porque ele criou, sustenta, governa e irá julgar o mundo. As pessoas não podem elegê-lo para o seu posto. Ele não é um candidato que requer aceitação por parte de um eleitorado. Nem é uma deidade que, indulgentemente, tolera outros deuses (obra, prazer, relacionamentos, objetos ou outras religiões), conquanto seja honrado de tempos em tempos. Este verdadeiro Deus é o ditador do mundo, o Soberano do universo. Como o oleiro controla sua roda e o barro, assim Deus governa sua criação (Isaías 29.16). Esse governo inclui até mesmo os menores detalhes da vida de cada pessoa: "havendo fixado os tempos previamente estabelecidos e os limites da sua habitação" (At 17.26). Nabucodonosor, o rei persa no Antigo Testamento, aprendeu isso de uma maneira difícil. Enquanto estava caminhando no telhado de seu palácio, embebedado com a magnificência da "grande Babilônia que eu edifiquei para a casa real, com o meu grandioso poder e para glória da minha majestade" (Daniel 4.30), Deus feriu o rei com algum tipo de insanidade que o fez recluso, com unhas como garras de águias. A história é uma recordação dos últimos dias de Howard Hughes. Mas Nabucodonosor finalmente recuperou-se:

> Mas ao fim daqueles dias, eu, Nabucodonosor, levantei os olhos ao céu, tornou-me a vir o entendimento, e eu bendisse o Altíssimo, e louvei, e glorifiquei ao que vive para sempre, cujo domí-

> nio é sempiterno, e cujo reino é de geração em geração. Todos os moradores da terra são por ele reputados em nada; e, segundo a sua vontade, ele opera com o exército do céu e os moradores da terra; não há quem lhe possa deter a mão, nem lhe dizer: Que fazes?
>
> Agora, pois, eu, Nabucodonosor, louvo, exalto e glorifico ao Rei do céu, porque todas as suas obras são verdadeiras, e os seus caminhos, justos, e pode humilhar aos que andam na soberba. (vv. 34,35,37)

"Pode humilhar aos que andam na soberba" – incluindo Sheila. A raiz do equívoco para os pagãos em todas as épocas (incluindo os "cristãos") relaciona-se com a soberania de Deus. No paganismo, há deuses para fazerem as pessoas felizes e proverem exemplos de boa vida. Esse é o conceito citado por Roger Patterson e James Kim em *The Day America Told the Truth*: "Os norte-americanos parecem usar Deus para referirem-se a um princípio geral do bem na vida".[17] No paganismo, Deus existe para os humanos, não os humanos para Deus. É como se Deus dependesse das criaturas para a sua felicidade, poder e sucesso dos seus planos. O homem provê algo (um sacrifício, um mantra, uma encarnação sacrifical ou um ritual mágico) o que, então, obriga o deus ou deuses a responderem da forma que eles determinaram. Mas o verdadeiro Deus, Paulo declara, não é servido por mãos humanas, "como se de alguma coisa precisasse; pois ele mesmo é quem a todos dá vida, respiração e tudo mais" (At 17.25). Paulo pergunta em Romanos 11.35-36, "Ou quem primeiro deu a ele para que lhe venha a ser restituído? Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém!"

Nós deslizamos para o paganismo pensando que de alguma forma o que fazemos por Deus irá criar uma obrigação da sua parte: "Olhe o quanto temos sacrificado por ti!", dizemos a Deus. Ou falamos, "Se fizeres isto por mim, prometo fazer isto por ti", O paganismo fracassa em entender que o nosso relacionamento com Deus está num nível de governador-governado em vez de uma sociedade mútua. Nós não barganhamos com Deus. Ele não negocia.

Por essa razão, vamos olhar minuciosamente em cada uma dessas áreas num esforço para discernir onde precisamente temos permitido que outros deuses assumam seus lugares em nosso panteão.

---

[17] Patterson e Kim, *The Day America Told the Truth*, p. 201.

O QUE É IDOLATRIA?

Freqüentemente presumimos que sabemos o que é idolatria. O que *é* esse pecado que repousa no coração de toda rebelião e engano humanos?

O famoso *Shema* do povo de Deus, "Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR. Amarás, pois, o SENHOR, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força" (Deuteronômio 6.4-5), é talvez o credo mais antigo na história da igreja. As nações vizinhas eram marcadas pela abundância de deidades. Havia deuses da agricultura, entretenimento, governo, amor e guerra, e a vida dos pagãos era governada por essas forças impessoais. A religião era simplesmente um compartimento separado da vida, assim como as outras atividades do homem. A crença de Israel num Deus Soberano foi mais bem contrastada com o paganismo durante o exílio egípcio.

John Timmer dirigiu uma pesquisa excelente sobre o significado das grandes demonstrações de sinais realizadas diante de Faraó.[18] Deus transformou a vara de Arão numa serpente por causa da geografia:

> Com a exceção de uma longa faixa estreita de terra cultivável do outro lado do rio Nilo, o Egito consistia de nada além de região desértica. Nessa região, assim os egípcios criam, não habitava deus algum. Apenas serpentes, perigosas serpentes. Ao fazer com que a vara de Arão engolisse as varas dos mágicos egípcios, Deus demonstra que ele tem poder onde os deuses do Egito não tem: sobre o deserto.

Em seguida, Deus transformou as águas do rio Nilo em sangue. Visto que as comunidades agrícolas dependiam do alagamento do Nilo para a produtividade das suas terras de outra forma secas e imprestáveis, e que o deus Hapi recebia o crédito desse rito anual, esse poderoso sinal claramente demonstrava que era o Deus de Israel, e não Hapi, quem tinha poder sobre o Nilo. Então Deus mandou a praga das rãs. Novamente, isso teve um significado particular para o Egito, de acordo com Timmer:

---

[18] John Timmer, *They Shall Be My People* (Grand Rapids: CRC Publications, 1983), pp. 28-29.

> Todos os anos, o Egito experimentava a estação das rãs quando, por toda a margem do Nilo, as pessoas eram forçadas, noite após noite, a ouvirem uma cacofonia do coaxo de rãs. O deus responsável pela regulação desta aflição anual era Hekht. Essa deidade feminina "protegia os crocodilos no rio; estes eram os inimigos das rãs. Por outro lado, uma praga de rãs significava uma subida promissora no nível do Nilo. Assim, Hekht era também considerada o símbolo da fertilidade" (Knight, *Narration*, p. 62). Como uma grande quantidade de rãs estava invadindo o país, as coisas claramente haviam escapado ao controle de Hekht. Novamente Yahweh provou ser mais poderoso do que os deuses do Egito.

Deus ainda mandou uma praga sobre os animais domésticos para demonstrar a imbecilidade da soberania atribuída a várias deidades locais que cuidavam desses animais. Similarmente, a praga da escuridão demonstrou a soberania de Deus sobre Amen-Ra, o deus sol, que era tido pelos egípcios como sendo "'a fonte de toda a vida, a quem até mesmo Faraó adorava como seu pai divino' (Knight, *Narration*, p. 79)". Como Timmer escreve, "O eclipse do sol significa o eclipse de Amen-Ra".

O leitor moderno pode considerar essa confrontação um tanto primitiva, visto que nossa geração é particularmente dada à autocongratulação por ser mais sábia do que aquelas do passado. A presença de fornos de microondas, NASA, televisão, avanços médicos e genéticos e outros produtos da vida moderna que vão sendo rapidamente revelados disfarçam uma tolice profunda e uma imaturidade em nosso desenvolvimento intelectual, emocional, espiritual e moral. Numa palestra a que assisti em Estrasburgo, França, o senhor encarregado para delinear a legislação política sobre engenharia genética para o Parlamento Europeu disse que a ambigüidade desse trabalho é exacerbada pelo fato de que as pessoas freqüentemente assumem que a sofisticação tecnológica implica uma sofisticação ética e intelectual correspondente. Mas ele lamentou que somos espertos para descobrir como as coisas funcionam e tolos em nossa capacidade para entender o significado de tudo isso. Não devemos pensar, baseados na prosperidade material e nos feitos científicos, que somos tudo menos neo-pagãos, não-sofisticados e retrógrados, que foram levados novamente para a superstição e tolice. Isso não é evidente apenas no movimento da

Nova Era mas em reavivamentos do paganismo primitivo como o reavimento dos cultos à terra e ao feminino nas principais universidades.

Podemos ver em nossos próprios círculos cristãos traços dessa mudança de idéia de um Deus Soberano que revelou-se num tempo e espaço reais na História, para a noção de deidades locais que gerenciam os compartimentos separados de nossa vida, garantindo o sucesso e a felicidade em suas esferas respectivas. Isso é raramente declarado, mas freqüentemente praticado: Deus está encarregado da área chamada "religião", mas a própria vida é governada por um panteão de deidades: carreira, posses, ambição, auto-estima, família, amigos, entretenimento, moda. Sempre que tomamos uma decisão de violar a vontade revelada de Deus em favor de uma dessas "deidades", estamos colocando outros deuses diante do único e verdadeiro Deus vivo. Uma decisão de manipular algo só um pouco para obter aquele aumento ou de exagerar levemente o sucesso de uma pessoa para obter um contrato ou de debitar aquele vestido no cartão de crédito quando ele está acima de nossas posses – todos esses são atos particulares de idolatria, cada parte como modelos tão formais, crassos e primitivos de adoração como os que Israel experimentou, e nos quais ocasionalmente se engajou, enquanto estava no Egito.

Sempre que compartimentalizamos nossa vida, os dons se tornam pesos e as ofertas da bênção de Deus se tornam demônios. Tome, por exemplo, o trabalho. Deus instituiu o trabalho no jardim antes da queda. Ele é uma ordenança divina e apenas impõe um aspecto de labuta por causa da própria queda. No filme *Carruagens de Fogo*, Eric Liddell, um presbiteriano escocês, é contrastado com Abrahams, um judeu secular. Ambos são corredores na Universidade de Cambridge e ambos se classificam para participarem das Olimpíadas. Contudo, Abrahams corre para a sua própria glória e teme tanto perder que não consegue nem mesmo sentir o prazer da vitória. Liddell, por outro lado, vê além da corrida. Conquanto reconheça que Deus o chamou para ser missionário na China, Liddell também reconhece que Deus lhe deu dons atléticos. "Deus também me fez rápido", explica para sua irmã. "E quando eu corro, sinto seu prazer!" Muitos de nós temos nos tornado tão bem sucedidos ao dividir a vida em domínio espiritual e domínio secular que nos domingos lemos a Bíblia, oramos, damos e falamos das coisas do Senhor como Liddell e, então, cuidamos de nossos negócios na segunda-feira de manhã como Abrahams. Sentimos o prazer de Deus no trabalho? Ou ele se tornou uma obsessão, um ídolo de forma que perdemos o seu regozijo? Tudo o que não cativamos como um bom presente de Deus e apresentamos para o serviço da sua glória irá terminar transformando-se em demônio. O álcool, um bom presente de Deus, termina em alcoolismo e se

torna um ídolo em vez de dom do verdadeiro Deus. Todos os "ismos" da taxonomia psicológica contemporânea são nada além do que o que o povo chamava de ídolos. Nosso problema básico não é uma doença psicológica. Vício é simplesmente um eufemismo mais novo para idolatria.

Isso acontece numa escala grandiosa também. A ciência moderna, pelo menos no Oeste, nasceu do zelo dos cristãos para entenderem a ordem de um universo que sabiam ter sido ordenado pelo mesmo Deus que louvavam na manhã de domingo. Seu trabalho, assim, era uma extensão daquela adoração – trazer o conhecimento do mundo visível de Deus ao povo. Mas hoje, como o ganhador do Nobel Sir John Eccles observa, a ciência moderna "tornou-se uma superstição" ao tentar tomar o lugar da religião e explicar coisas que transcendem sua competência.[19] Por exemplo, o famoso cientista de Cambridge, Stephen Hawking, argumenta, "A meta final da ciência é prover uma única teoria que descreva todo o universo".[20] Hawking está trabalhando nisso porque "seria o triunfo definitivo da razão humana – porque então, conheceríamos a mente de Deus".[21] Quando a ciência moderna declara que o universo é eterno, ela está simplesmente fazendo eco ao paganismo de Platão, "adorando a criatura [matéria] em lugar do Criador". Quando fala da matéria se criando ou do acaso criando a matéria, ela cria ídolos tão rudes e primitivos como os deuses cananeus, independente do quanto a idéia possa estar bem embrulhada num jargão sofisticado.

O deísmo, a religião prevalecente da ciência desde o Iluminismo, mantém que o universo é regido por leis. Considerando que Deus as colocou em movimento (e, conseqüentemente, é generosamente batizado de "Criador"), ele apenas ocasionalmente interfere. Na maior parte do tempo, ele simplesmente observa as leis fazerem o seu trabalho, assim como qualquer bom delegado faria. Mas, naturalmente, o deísmo não é algo novo; não é meramente um produto do empirismo do século 18. O paganismo nas culturas ao redor do globo sempre adorou as "forças" separadas, talvez com uma "força" principal no topo do totem. Mortimer Adler escreve sobre o nosso século, "Uma desilusão cultural está espalhada no século 20. O progresso extraordinário que alcançamos neste século na ciência e na tecnologia tem enganado muitos de nossos contemporâneos quanto ao pensamento de progressos similares em outros campos de atividade mental. Inquestionavelmente, eles pensam que o século 20 é superior

[19] *U. S. News and World Report*, "Science Can't Explain", fevereiro de 1985.

[20] Stephen Hawking, *A Brief History of Time* (Nova York: Bantam, 1988), p. 10.

[21] Ibid., 175.

aos predecessores em todos os esforços da mente humana".[22] Assim como outros paganismos, o deísmo, a religião da maioria dos cientistas modernos, distribui a providência de Deus e a soberania sobre a criação a "deuses" menores ou "leis". Contudo, o Deus de Israel, o verdadeiro Deus, chega ao altar da tecnologia para ridicularizar os deuses dos sumos sacerdotes seculares de hoje, assim como Elias ridicularizou os sacerdotes de Baal.

Mas no pós-modernismo, alguns cientistas – alguns muito conhecidos – estão mudando de sua ortodoxia materialista rígida para o outro extremo: o misticismo. "Ainda, alguns grandes físicos de renome têm pisado animadamente fora das fronteiras do estritamente científico", Robert Wright observa num artigo da revista *Time*. "Nos anos 50, o físico pioneiro do quanta, Erwin Schrodinger, autor do *What Is Life?* escreveu sobre a unidade escondida de todas as mentes humanas. Mais recentemente, o físico norte-americano John Wheeler traçou diagramas que descrevem uma simbiose da mente e da matéria que parecem ter vindo dos pergaminhos de alguma sociedade oculta".[23] William D. Hamilton de Oxford, o mais importante biólogo evolucionista de hoje, sugere a possibilidade de a Terra ser "um zoológico para seres extraterrestres", observando que isso é "um tipo de hipótese muito, muito difícil de rejeitar".[24] O fato de a hipótese de nosso planeta ser um zoológico para extraterrestres, cuja existência em primeiro lugar não tem sequer um fragmento de evidência, ser uma explicação melhor do que a teoria da existência de Deus mostra-se a muitos, como eu, como sendo um pouco de exagero por parte daqueles que são muito dogmática e rigidamente comprometidos com suas crenças religiosas para receberem o teísmo (crença em Deus).

Felizmente, há muitos cientistas, como o principal astrofísico de Harvard, Owen Gingerich, um evangélico, que argumentam que quanto mais aprendemos sobre o propósito e objetivo do cosmos, mais irresistível se torna a conclusão de que há um Ser responsável por todo ele. Contudo, este é o lugar onde a teologia natural (i.e., a verdade sobre Deus que podemos obter da natureza) termina. A ciência não pode explicar a razão pela qual estamos aqui ou para onde a História está indo no final das contas. Assim, é essencial que não nos contentemos com *um* deus, mas com o único verdadeiro Deus que revelou-se nas Escrituras e em seu único eternamente gerado e encarnado Filho.

---

[22] Mortimer Adler, *The Great Ideas* (Nova York: Knopff, 1922), ix.

[23] *Time*, 28 de dezembro de 1992, p. 43.

[24] Ibid., 44.

Meu medo é que nós, os evangélicos, estejamos desejosos de nos contentar com *um* deus como o "deus desconhecido" de Atenas ou os Baals dos vizinhos de Israel. Os líderes evangélicos que querem ver a oração em escolas publicas e invocá-lo em festividades civis supõem que *um* deus seja suficiente, mas Paulo lembra que o antídoto para o secularismo não é qualquer religião, mas uma religião específica revelada nas páginas da Escritura Sagrada e nos feitos e na morte de um rabino judeu que ressuscitou de entre os mortos para a salvação de homens e mulheres.

E agora, enquanto continuamos a valorizar a tecnologia, a cultura popular está se tornando crescentemente cínica em relação à ciência tradicional. Até mesmo respeitados cientistas ganhadores do Nobel advogam uma combinação da ciência com a magia. A grandeza e a racionalidade da ciência transformam-se em banalidade em primeiro lugar e, então, em superstição e irracionalidade quando ela tenta ser algo que claramente não é – Deus. Só quando vemos nossos *passatempos*, interesses, esportes, entretenimento, vocação, relacionamentos, comida e bebida, roupas e carros como expressões particulares dessa bondade particular de Deus tencionada para nos lembrar da sua liberalidade com relação a nós e, conseqüentemente, a serem usados com respeito e moderação, podemos desfrutar verdadeiramente desses dons. O que nós modernos chamamos de "vícios", Deus chama de "ídolos", e a intenção de todos os bons dons de Deus é que levantemos nossos olhos em agradecimento ao nosso benevolente Pai celestial e não que fixemos nossos olhos nos próprios dons.

Quem foi mais bem inteirado deste processo de tornar as bênçãos em maldições e os dons em deuses do que o rei Salomão? Contudo, quando ele transformou os dons em deuses, aquele mesmo tesouro – quer seja a sabedoria, riqueza, honra ou sucesso – se tornou "vaidade", como a King James Version coloca.[NT] Só quando Salomão recuperou seu foco centrado em Deus é que foi capaz de recuperar o equilíbrio entre abusar dos dons de Deus fazendo-os entidades definitivas (i.e., deuses) e rejeitá-los como se fossem dons maus. Só quando Salomão restaurou os dons ao seu papel legal de glorificar ao Deus que é definitivo é que pode dizer:

[NT] Em português, como a versão Revista e Atualizada.

> Eis o que eu vi: boa e bela coisa é comer e beber e gozar cada um do bem de todo o seu trabalho, com que se afadigou debaixo do sol, durante os poucos dias da vida que Deus lhe deu; porque esta é a sua porção. Quanto ao homem a quem Deus conferiu riquezas e bens e lhe deu poder para deles comer, e receber a sua porção, e gozar do seu trabalho, isto é dom de Deus. Porque não se lembrará muito dos dias da sua vida, porquanto Deus lhe enche o coração de alegria. (Eclesiastes 5.18-20)

Os dons são uma fonte de prazer e deleite, ídolos acabam destruindo em vez de salvar.

O QUE SE ESPERA DE NÓS NESTE MANDAMENTO?

O primeiro mandamento não é apenas um comando, mas uma promessa. Em outras palavras, uma pessoa pode até mesmo achar o evangelho no mandamento. Essencialmente, Deus está dizendo a seu povo, "Olhem, eu sou o Deus soberano da História, que trouxe este mundo à existência e lhe tirou da escravidão. Eu sou o único nesta confusão que *pode* lhe salvar porque eu sou todo-poderoso. Mas não só eu sou o único que *pode* lhe salvar, eu *quero* lhe salvar, porque eu sou gracioso e misericordioso, a despeito do fato de você não merecer. Porque eu sou soberano, eu sou o único que *pode* lhe salvar; porque só eu posso amar incondicionalmente, eu sou o único que *quer* lhe salvar e continuarei a salvar-lhe a despeito do seu pecado e resistência".

Thomas Molnar, em *Chronicle*, acrescenta: "E o primeiro porque ele também contradiz a principal tendência humana de localizar o divino em nós mesmos e de colocar nosso ego exaltado no foco da adoração.... A metanóia decisiva é fazer do primeiro mandamento o seu próprio: resistir à tentação de se adorar, de se considerar o centro da criação".[25] A "faísca da divindade" em cada pessoa, bondade em todos, auto-estima, seja qual for o nome – tentamos ancorar nossa fé, nossa confiança e nossa esperança em algum lugar dentro de nós mesmos. É

[25] Thomas Molnar, Chronicles: *A Magazine of American Culture,* dezembro de 1992, p.15.

muito arriscado, para não dizer muito humilhante, ancorá-las em alguém além de nós. Lutero cria que a forma de idolatria mais comum e perigosa era obras-justiça. Recusando-nos a confiar na justiça de outra pessoa (a saber., Cristo), buscamos estabelecer a nossa própria, como os compatriotas de Paulo (Romanos 10.2). Assim, adoramos a nossa própria justiça, nossa própria virtude e nossa própria força moral.

Os reformadores protestantes explicaram a obrigação implícita no primeiro mandamento em termos de adoração, confiança, invocação e agradecimento. Adorar a Deus significa submeter a própria consciência a ele em adoração, concordando que ele tem o direito de nos governar e que seu governo é justo e bom. Confiamos em Deus quando colocamos todo o nosso peso sobre ele para a nossa salvação e liberação de nossa consciência da realização dolorosa de que temos um registro vergonhoso na história de seu reinado sobre nós. Ao invocar seu perdão e absolvição, estamos invocando o nome do Deus Soberano, que não é apenas o juiz diante do qual devemos comparecer, mas o redentor que satisfaz as obrigações da justiça em nosso favor. Agradecer é a única resposta apropriada. Assim como nos dias de Lutero, os cristãos hoje são freqüentemente encorajados a obedecerem a Deus para que possam obter alguma vantagem. "Se eu fizer isto, Deus fará aquilo", muitos consideram. Mas Lutero insistia em que o evangelho – incluindo a parte sobre a impotência humana e a graça onipotente de Deus – precisa ser tão claramente pregado que aqueles que o escutarem não precisarão ser atraídos, incomodados ou aterrorizados para a obediência. O evangelho, não simples comandos, é a motivação para as ações de graça. Se isso não estiver claro para nós, não poderemos ter o coração agradecido. "Se eu não souber estas coisas, não poderei adorar, louvar, agradecer ou servir a Deus", declarou Lutero. "Porque eu nunca saberei o quanto devo a Deus e o quanto devo a mim mesmo."

Violamos o primeiro mandamento quando adoramos, confiamos, invocamos, ou agradecemos a outros no lugar de Deus. Que deidade tem a nossa lealdade no domingo – nossa carreira ou um entretenimento? E na segunda-feira de manhã? Confiamos completamente em Deus, ou ainda contamos com a nossa força de vontade ou esforço para obtermos uma aceitação diante de Deus? Pensamos que Deus vê em nós algo digno de seu amor e graça? As nossas decisões, nosso "livre-arbítrio", até mesmo o nosso compromisso com Cristo nos dá mais confiança em nós mesmos do que em Deus? Invocamos a Deus excluindo todas as outras deidades? Quando enfrentamos um problema, quem ou o que clamamos? Quando enfrentamos um problema, dizemos a nós mes-

mos, *eu mesmo posso cuidar disso*, ou talvez corremos pedindo auxílio a outros deuses – materialismo, alcoolismo, absorção desatenciosa no entretenimento? Agradecemos a Deus não apenas pela nossa salvação mas também pelos dons que ele nos dá no trabalho, na diversão e com nossa família e amigos? Nós o vemos como o provedor de todas as nossas necessidades, não apenas de nossa redenção eterna? Como respondemos a essas questões determina muito em termos dos mandamentos que se seguem.

O QUE SÃO OS NOSSOS ÍDOLOS?

Estamos familiarizados com os ídolos óbvios do dinheiro, sexo, poder e sucesso. Não mudou muito desde que Sir Francis Bacon escreveu, "Há quatro classes de ídolos que assaltam a mente dos homens. Para estas, em nome da distinção, designei nomes – chamei a primeira classe *Ídolos da Tribo*; a segunda, *Ídolos da Caverna*; a terceira *Ídolos do Mercado*; e a quarta, *Ídolos do Teatro*" [26] E fácil para nós ver a idolatria na obsessão que muitos têm pelo nacionalismo (a tribo), pela superstição (a caverna), pelos negócios (mercado) e pelo entretenimento (teatro). De fato, esses deuses parecem ter montado uma loja em algumas de nossas igrejas, com campanhas nacionalistas, caças supersticiosas a demônios, abordagens de *marketing* e modelos de entretenimento que substituem a adoração em Espírito e em verdade ao único verdadeiro Deus.

Em nossos dias, vemos um renascimento do paganismo cru, na adoração à terra e às deidades femininas. Freqüentemente, é nas principais igrejas que essas idéias encontram suas expressões mais livres hoje em dia, com crucifixos sustentados nos peitos e liturgias neutras. Esqueça a Trindade, Deus é agora Pai, Mãe, Filho e Espírito. E podemos viver sem a humanidade de Cristo (que exige um gênero específico), ou como as feministas radicais nos dizem. Mas a maioria dos leitores deste livro não se encontrará capturada na confusão sobre temas de gênero divino e veneração aos cogumelos.

Mas o que são os ídolos que abrigamos, mesmo nós, cristãos conservadores? Thomas Molnar acrescenta à definição de idolatria contemporânea.

---

[26] Francis Bacon, *Novum Organum*, Aforismo 1.

> Os ídolos mais perigosos que adoramos atualmente são mais sutis em sua idolatria: ciência, História, um meio de vida, este ou aquele regime, satisfação com a própria bondade, uma causa como o progresso, utopia, um "ismo". Todos estes se tornam absolutos com a maior facilidade – não porque cremos que sejam perfeitos, mas porque somos *nós* quem os adoramos. Em outras palavras, a auto-idolatria é tão imensamente tenaz que tudo o que escolhe abraçar se torna *ipso facto* um absoluto.[27]

Poderia ser que o sentimento de que o avanço do reino de Deus anda sobre aquele que ocupa a Casa Branca em um tempo determinado faça da presidência norte-americana um ídolo? Paulo disse algo sobre Deus levantando Faraó e Nero, dois perseguidores conhecidos do povo de Deus, mas esquecemo-nos da soberania de Deus sobre a História. Fazemos um ídolo da nossa ideologia política ou agenda moral pensando, mesmo que de forma subconsciente, que tudo ficará bem e a América do Norte será salva se apenas alcançarmos essas metas particulares seculares, mesmo se as considerarmos religiosas? Molnar está certo: ao adorarmos a *nossa* agenda, *nossas* metas, *nossa* nação, *nosso* grupo, *nosso* movimento, *nosso* seja o que for, somos capazes de, numa pequena medida, adorarmos a nós mesmos.

Os pagãos do antigo Oriente Próximo esculpiam sua madeira em forma de animais não porque os próprios animais fossem deuses, mas porque eles representavam alguma deidade transcendente. Uma pessoa pode supor, a partir da missão das últimas três décadas e meia, que os próprios cristãos sacrificaram mais de uma vez à imagem do elefante e do burro. Mas e quanto a outros ídolos que os cristãos podem abrigar e até mesmo nutrir e encorajar como supostamente fieis à vontade revelada de Deus?

Fé na fé

"Você tem de acreditar em algo; eu creio que tomarei outra cerveja", pode ser lido num adesivo de carro no sul da Califórnia. Os Guinness disse que "fé na fé é uma heresia caracteristicamente norte-americana", evidenciada num folheto evangelístico que sustentava o título "Como ter fé na fé".

---

[27]Molnar, *Chronicles,* dezembro de 1992, p. 14.

Os norte-americanos crêem que há poder na fé, uma mágica em se crer e isso é tão "primitivo" como as superstições egípcias, romanas e medievais que descrevemos. O *ato* de fé é o que realmente conta; o *objeto* da fé é periférico. A prosperidade que os evangelistas proclamam, "decretando" coisas à existência pela "força da fé", assim como Deus criou o mundo pelas suas palavras cheias de fé. Mas, de acordo com as Escrituras, a fé não é um poder. A fé em si mesma não pode fazer absolutamente nada. Se a fé pudesse salvar, curar ou trazer prosperidade, a fé seria Deus. Os místicos da Nova Era e pregadores da prosperidade, ao atribuírem à fé os atributos de deidade, estão propagando a idolatria. A fé é como um fio de telefone – não pode criar uma conversa entre duas pessoas, mas só pode ser o instrumento por meio do qual duas pessoas se comunicam. A fé em alguma pessoa ou alguma coisa além do verdadeiro Deus como ele se revelou em Cristo e na Palavra escrita é idolatria, mesmo se for uma fé em coisas boas, dignas e nobres.

É sempre fácil identificar a idolatria quando uma pessoa faz um deus de um *bourbon* barato, mas e quando o falso deus é um sistema teológico que deturpa a própria auto-revelação de Deus na Escritura de tal forma que cria um ídolo da especulação e imaginação? Trazendo isso para mais perto de casa, é possível violar esse mandamento atribuindo a seres humanos um poder que pertence exclusiva e propriamente a Deus? O famoso evangelista batista, Charles Spurgeon, não temia se distanciar desse ídolo:

> Se você crê que tudo depende do livre-arbítrio do homem, você naturalmente terá o homem como sua figura principal na paisagem... Eu não sirvo [àquele] deus... de forma alguma; eu nada tenho que ver com ele, e não me curvo diante do Baal que eles levantaram; ele não é o meu Deus, nem nunca será; eu não o temo nem tremo à sua presença ... Ele pode ser um parente próximo de Astarote ou Baal, mas Jeová nunca foi nem pode ser seu nome.[28]

A fé em alguma atividade ou decisão humana não é apenas contraproducente ao evangelho, é, na verdade, outro evangelho. Conseqüentemente, na medida em que a criatura é "a figura principal em sua paisagem", como Spurgeon colocou, a criatura irá ser adorada no lugar do Criador (Romanos 1.25).

---

[28] C. H. Spurgeon, *The Sermons of C. H. Spurgeon* (Grand Rapids: Baker), 1:240.

Fé na Experiência

"Você nunca irá me convencer de que não é verdade: eu *experimentei*!" Esse é o tipo de resposta que ouvimos freqüentemente até mesmo de cristãos profundamente compromissados. Em vez de irmos às Escrituras para ouvirmos o que devemos experimentar, vemos a experiência como normativa e vamos às Escrituras para justificar o que já concluímos.

"Eu apenas sinto que isso é certo", é outro brinde da atitude. Devemos ser cautelosos quanto a crer em algo que "sentimos que é certo", ou que "parece certo". Lembremo-nos de que o fruto proibido era "agradável aos olhos", e a religião do homem e da mulher naturais é extremamente atraente. A crença em alguma bondade humana e valor inerentes se prende à parte mais importante da natureza humana. Os ensinos que exploram essa religião natural irão sempre encontrar um público pronto. Dizer às pessoas que elas devem crer em si mesmas faz ressonância com a experiência humana. Chamar os pagãos a seguirem o seu coração não é um desafio à fé e ao arrependimento, mas um convite para acrescentarem a "viagem de Jesus" ao seu resumo de experiências aparentemente religiosas.

Devemos, como crentes, até mesmo acautelarmo-nos de fazer do nosso "relacionamento pessoal com Cristo" um ídolo. É possível nos apaixonarmos pela idéia de casamento em vez nos apaixonarmos pelo cônjuge, e é possível também estarmos tão obcecados pelo nosso relacionamento com Cristo que não haja conhecimento do próprio Cristo e nem interesse suficiente por ele para constituir um relacionamento significativo. Algumas vezes, especialmente quando a experiência de conversão de uma pessoa foi radical, essa pessoa diz, "Eu sei que sou salva por causa daquela noite em Wichita, em 1968", e novamente, isso arrisca colocar a fé no ídolo da experiência em vez de no Deus que salva.

O "Sheilaísmo" é também caracterizado pela frase freqüentemente ouvida, "Minha idéia de Deus é..". Até mesmo cristãos professos freqüentemente dependem de sua própria intuição em vez de dependerem da auto-revelação de Deus. Isso nunca foi tão difundido quanto agora, quando o relativismo ameaça moldar nossa mente e nosso coração, ilustrado (embora de uma forma piedosa) em frases como "não importa a teologia ou a doutrina – conquanto que você ame Jesus". É irônico que o demônio tenha desviado nossa atenção do mundanismo nessas áreas extremamente sensíveis para que fixemos nossos olhos no suposto mundanismo de jogos de carta, filmes, danças e literatura secular. Sempre que um irmão ou irmã baseia uma alegação religiosa em sua própria experiência pessoal, essa pessoa usurpa o trono de Deus. Nossa fé depende da revelação divina, não da especulação humana, e se devemos verdadeiramente colocar essa convicção em prática, não pode mais haver flerte com esse

tipo de relativismo subjetivo que permite, em essência, "tudo o que o ajuda em seu relacionamento pessoal com Jesus". A fé pessoal sem um entendimento claro do objeto dessa fé é idolatria.

Fé no Amor

Um ídolo cristão muito típico é o "amor", mais bem caracterizado como "sentimento". Observe a advertência do escritor inglês, Harry Blamires:

> Uma praga do Cristianismo contemporâneo é a substituição da teologia tradicional por um novo sistema que podemos chamar de *Teologia Sentimental do Século 20*. A teologia sentimental inventou um Deus: ela insiste que ele é um Deus de amor, e infere que, então, é seu interesse eterno que todos deveriam ter um imenso tempo agradável. Estamos no fundo do poço? Ore a este Deus e, em uma palavra, ele nos restaura à exuberância autoconfiante.... Cinco minutos de oração a este Deus de muitos lados, e seremos capazes de nos regozijar indiscriminadamente com o pecador e com o santo; seremos capazes de espalhar o espírito de família da caridade cristã como um cobertor sobre cada deslealdade e infidelidade concebidas no inferno e plantadas no coração dos homens.
>
> Assim continua o Credo Sentimental. Porque este Deus ama a todos os homens igualmente, assim podemos viver em concordância com todos os homens, sorrindo indulgentemente a cada vaidade e traição. Porque este Deus é um Deus de Amor, nunca devemos diferenciar o bem do mal, porque o julgamento tem alguma coisa de inclemência e presunção. Porque este Deus é um Deus de misericórdia, devemos fingir que os pecados não foram cometidos, que o mal debaixo do nosso nariz não existe.

Mas Blamires não pensa que esse ídolo enfrenta as aflições da vida, muito menos a revelação bíblica:

> Se tentamos mudar a face do Deus eterno, favorecemos a idolatria suprema junto à qual, na escala do pecado, o adultério pesa como uma pena e o assassinato como um centavo. Apesar disso, o pecado é cometido no meio de nós, dentro do Cristianismo, dentro da Igreja – talvez dentro de nós mesmos; porque estamos seguros, apesar de tudo, de que oramos ao verdadeiro Deus esta manhã? O Deus cuja face é a face do vivo e agonizante Cristo? Ou foi a este Deus que, em grande benevolência relativa, astutamente coloca em nós metade de uma coroa e nos diz para nos divertirmos? [29]

De acordo com uma pesquisa, aproximadamente metade dos estudantes evangélicos votaram em instituições bíblicas de ensino superior e seminários concordando que defrontar os incrédulos com a realidade do julgamento e inferno era "de mau gosto".[30] O amor de Deus perdeu seu significado na imaginação cristã porque perdeu o seu corolário: a ira. Se começamos com "Deus ama você e tem um plano maravilhoso para a sua vida", qual é o problema? Esquecemos que as pessoas estão condenadas eternamente, não primariamente porque não aceitaram a Cristo, mas porque *Deus* não *as* aceitou (e não poderia se ele permanece justo e santo). A não ser que sejamos cobertos com a justiça de Cristo, Deus não pode entrar num relacionamento de amor pactual e fidelidade conosco. É o problema de Deus conosco, não apenas nosso problema com Deus, que deve ser encarado se devemos evitar levantar um ídolo de amor no lugar do verdadeiro Deus. Isso foi rudemente ilustrado na garantia que ouvi de um televangelista não há muito tempo. "Você pode dizer de qualquer maneira: Deus é amor; amor é Deus". Já ouvimos o versículo "Deus é amor" usado no argumento como se Deus tivesse apenas um atributo, ou pelo menos um atributo para o qual todas as suas outras características tivessem de se curvar. Se Deus é amor, ele não pode *realmente* odiar, mostrar sua ira, praticar sua justiça, ou revelar sua glória de uma maneira julgada pelos modernos sentimentais como "não-amorosa". Isso é fazer um ídolo de um dos atributos de Deus no lugar do próprio Deus.

---

[29] Henry Blamires, *The God Who Acts* (Ann Arbor: Servant, 1985), pp. 50-51.

[30] James Davison Hunter, *Evangelicals: The Coming Generation* (Chicago: Univ. of Chicago Press), pp. 70

Esse ídolo do amor não apenas confunde nossas metas e mensagem evangelísticas, ele também inibe a disciplina no corpo de Cristo. Sempre que um líder cristão imprime algo com uma interpretação novelística de uma passagem particular que pode ter conseqüências negativas para a fé e prática cristãs, qualquer pessoa que critique as visões do líder é imediatamente tratada com desdém. Na verdade, pode-se dizer que em nossa sociedade de sentimentalismo descuidado, o único modo de realmente ser abandonado no trem em alguns círculos cristãos nos dias de hoje é criticar o "ungido do Senhor". O amor é mais importante do que a doutrina ou a santidade, dizem, e assim devemos tolerar as diferenças. Mas, na realidade, quando o amor e a unidade se tornam mais importantes do que a verdade e a lealdade ao próprio Deus, eles se tornam ídolos.

O mandamento é que não amemos o ídolo do amor mas que amemos a Deus com todo o nosso ser, e ao nosso próximo como a nós mesmos. Este amor deve ser informado, inteligentemente dirigido e atenciosamente nutrido. Devemos focar claramente no objeto se queremos evitar criar uma deidade rival.

Há muitos outros exemplos que se pode oferecer para demonstrar o encanto em se criar ídolos quando estes ídolos são vestidos com roupas piedosas, espirituais. A imaginação religiosa, assim como a imaginação secular, está ocupada em falsificar o verdadeiro. Devemos estar especialmente preparados para nos preservarmos da adoração, confiança, invocação e gratidão voltadas a falsos deuses.

Fé em Si Mesmo

"Amar a si mesmo é o começo de um romance para toda a vida." Essas são palavras do controverso hedonista britânico Oscar Wilde. "Amar a si mesmo é ser verdadeiramente religioso." Essas palavras são do televangelista Robert Schuller.[31] Num contraste agudo, Jesus disse que se alguém deseja se tornar seu discípulo, deve negar-se a si mesmo. Lutero disse que "o homem pode buscar somente seus próprios interesses e amor acima de todas as coisas. Essa é a essência de todas as suas faltas". Mas Robert Schuller escreveu, "O amor-próprio é, ou deveria ser, o desejo básico na vida humana".[32] O que os cristãos no passado chamaram de vício, muitos hoje chamam de virtude. Mas isso é apenas mais um sinal de uma igreja confusa, quando as pessoas chamam o mal de bem e o bem de mal.

Nossa cultura de mídia parece estar trancada dentro da definição de fim

[31] Robert Schuller, *Self-Love* (Old Tappan, N.J.: Revell, 1981), p. 24.
[32] Ibid.

principal de vida de Oscar Wilde. Cada um de nós pensa ser um pequeno deus, no centro de seu próprio universo, com outras pessoas – até mesmo o próprio Deus – existindo para fazer sua própria vida pessoal mais significativa. O escritor da *Newsweek,* Gary Wills, escreve, "O imperativo 'sentir-se bem consigo mesmo' tem-se tornado uma prioridade pessoal e nacional. Tem-se tornado uma obrigação patriótica e até mesmo religiosa".[33] Em seu livro *best-seller*, *The Culture of Narcissism*, Christopher Lasch observa, "A autoconcentração isola os norte-americanos dos horrores à sua volta – pobreza, racismo, injustiça – e 'acalma suas consciências perturbadas'".[34] Os escritores seculares estão se tornando cada vez mais impacientes com o narcisismo da cultura popular, mas os cristãos ainda estão demorando um pouco para entender isso. Mais uma vez, no momento em que chegamos às docas, o navio havia partido para outro porto.

A inquieta alma norte-americana ainda está procurando o significado disso tudo, uma busca que a levou por vários portos de chamada neste século. Nos anos 50, foi a loucura da saúde mental; nos anos 60, a revolução e liberação sexual, nos 70, a "geração para mim"; nos 80, a febre do dinheiro; e nos 90, o poder. Enquanto isso, o grupo que alega ser o mais "separado" tem-se tornado o braço mais secular do Cristianismo. O professor George Linbeck, de Yale escreve, "Portar-se com imprudência com a Bíblia precisava de um público liberal nos dias de Norman Vincent Peale, mas agora, como o caso de Robert Schuller indica, conservadores professos o absorvem".[35] Nisso, não apenas somos *infiéis* mais uma vez (como nos dias de Jeremias, quando o povo de Deus cometia prostituição espiritual "sempre que a sombra fosse agradável", como Deus disse), estamos *atrasados* mais uma vez, seguindo em vez de liderando o gosto popular. A *Newsweek* dedicou uma reportagem de capa em fevereiro de 1992 à praga norte-americana, com "A Maldição da Auto-estima" em destaque na capa. Com outras instituições sociais, "as igrejas têm descoberto que a "baixa auto-estima" é menos frustrante aos membros da congregação do que o 'pecado'".[36] A não ser que as pessoas se amem e pensem que são dignas do amor de Deus, a auto-estima defende como Robert Schuller insiste, elas nunca irão a Cristo. Afinal, a natureza básica da condição humana caída não é a maldade, mas o medo que provém de um baixo valor próprio.

Schuller observa que "sempre que uma pessoa crê ser um "pecador indigno" é duvidoso que ela possa real e honestamente aceitar a graça salvadora que

---

[33] Gary Wills, *Reagan's America* (Nova York: Penguin, 1988), p. 235.

[34] Christopher Lasch, *The Culture of Narcissism* (Nova York: Warner, 1979), p. 62.

[35] Frederic Burnham (org.), *Portmodern Theology* (São Francisco: Harper & Row, 1989), p. 45.

[36] *Newsweek*, 15 de fevereiro de 1992, p. 46.

Deus oferece em Jesus Cristo",[37] apesar de Jesus ter dito que foi a pessoa imoral que clamava, "Ó Deus, sê propício a mim, pecador!" e não o fariseu com auto-estima que "desceu justificado para sua casa" (Lucas 18.13-14). A idéia da depravação total está destruída – a crença de que a criatura gloriosa feita à própria imagem de Deus precipitou-se para a escravidão à corrupção foi substituída pela idéia de que a razão pela qual Jesus morreu por nós foi ele ter pensado que éramos dignos disso tudo. Mas, como o escritor luterano, Don Matzat, argumenta, isso é semelhante a dizer a um assassino serial que ele deveria derivar um senso de autovalor da enorme fiança que a corte lhe estipulou. Ver a cruz não é ver a medida do quão digno, mas do quão *in*digno, vergonhoso e culpado eu sou à parte da justiça imputada de Cristo apenas.[38]

Sempre foi difícil fazer com que as pessoas levem isso a sério – você sabe, o ruim tanto quanto o bom. Estamos procurando algo que nos dê o que precisamos - ou pelo menos o que queremos – sem nos tirar nada. Queremos ser responsáveis, então dê-nos algo que possamos usar, empregar, colocar em prática – tratando a religião como algum plano de dieta – para que melhoremos nossa própria vida. Queremos, nós mesmos, ser deuses. Mas não nos diga que somos incapazes de nos salvar, que estamos "mortos em nossos delitos e pecados", escravizados pelo nosso próprio egoísmo. Em vez disso, diga-nos coisas doces e agradáveis. Diga-nos que o céu é um estado de satisfação excessiva dos próprios desejos e que o inferno é o estado de auto-realização não-realizado. Diga-nos que a raiz do nosso problema não é o fato de que o Deus justo e santo deve, de algum modo, satisfazer seu próprio caráter moral em face da nossa pecaminosidade; na verdade, diga-nos que isso não tem nada que ver com Deus afinal. Nosso problema real é que nós apenas não amamos a nós mesmos o suficiente e que Deus se encaixa no plano provendo o elo perdido para a realização pessoal.

O que realmente precisamos é de pregadores como George Burns, que, em seu improvável papel como Deus, diz a John Denver, "Se você acha difícil crer em mim, pode te ajudar saber que eu acredito em você". Não longe do título de um livro cristão *best-seller*, *Believe in the God Who Believes in You*. Sentimento agradável, mas, no geral, inútil para as pessoas que precisam de respostas em algum lugar além do biscoito da fortuna. A teóloga Mary Hatch observa gentilmente que o problema principal com as igrejas nos dias de hoje é

---

[37] *Newsweek*, 15 de fevereiro de 1992, p. 46.

[38] Don Matzat, "A Better Way: Christ Is My Worth", *in Power Religion*, (org.) Michael Horton (Chicago: Moody, 1992).

que "elas distribuem a pior mercadoria de segunda na cultura.... A pregação e o ensino que as pessoas realmente recebem nas igrejas simplesmente concretizam o que as pessoas recebem do jornal e da televisão".[39]

O apóstolo Paulo advertiu Timóteo, "Sabe, porém, isto: nos últimos dias, sobrevirão tempos difíceis, pois os homens serão egoístas..". (2Tm 3.1-2). Os evangélicos parecem ter esquecido que isso foi uma advertência, não um convite. O povo de Deus não é mais infiel quando está dormindo com a mulher de seu vizinho, por mais sério que isso seja, mas quando está prostituindo a mensagem bíblica com as novidades passageiras que irão sempre ser parte e porção do amor-próprio da humanidade caída. E, como os profetas nos dias de Jeremias, sempre haverá abundância de "profetas mentirosos" para espalhá-las. De todos os ídolos de nosso tempo, talvez esse seja o que tem originado os semideuses do materialismo, a realização sexual, a vaidade e o hedonismo.

Fé na Felicidade

Os norte-americanos são, ou têm sido, o povo mais otimista do mundo industrializado, assim parece. Mas a felicidade tornou-se um ídolo. Richard Niebuhr apontou os perigos do otimismo do liberalismo protestante no início do século: "Ele tende a definir religião em termos de ajustamento à realidade divina por causa da conquista do poder em vez de em termos da revelação a qual sujeita o recipiente ao criticismo daquilo no qual é revelado". Assim," o homem permanece o centro da religião e Deus é seu auxiliador em vez de juiz e redentor".[40]

A psicologia popular ajuda a dar aos homens e mulheres modernos o sentido de que tudo, inclusive Deus, existe para a própria felicidade e realização pessoal. Nós nos divorciamos quando nosso cônjuge não realiza cada desejo de nosso coração (os quais apelidamos de "necessidades"), e nos movemos de programas de auto-ajuda para a religião e de volta ao primeiro novamente com a facilidade de um comprador experimentando para escolher o melhor produto. Ela não é verdadeira, mas felicidade é o que mais buscamos. Mas, ai de nós, quando adoramos a felicidade, as coisas e as pessoas nas quais confiamos essa comissão finalmente nos desapontam e a adoração à felicidade se transforma num pesadelo de desilusão, fadiga e depressão. Isso é o que filósofos chamam de "paradoxo hedonista". John Stuart Mill disse isso da melhor forma depois de ele mesmo ter pregado o evangelho da felicidade por alguns anos: "Mas eu pensava

---

[39] Citado em Bellah et. al. *The Good Society,* (Nova York: Knopf, 1991) p. 206.

[40] Citado em Schneider e Dornbuch, *Popular Religion: Inspirational Books in America* (Chicago: Univ. of Chicago Press, 1958), 47.

que este fim [felicidade] apenas deveria ser alcançado não fazendo do mesmo o objetivo direto. Porque apenas são felizes aqueles... que têm a mente fixa em algum outro objeto além de sua própria felicidade".[41]

Deus nunca irá nos desapontar; a verdade nunca irá falhar conosco, porque a verdade é verdadeira, se você perdoar a tautologia. Isso explica a alegria que os reformadores experimentaram quando abandonaram sua própria felicidade e se deram inteiramente à busca de Deus e da verdade. O historiador da Columbia University, Eugene F. Rice, observa exatamente este ponto. O fato de a Reforma ter o seu centro em Deus, ele disse, "transpõe o abismo entre a imaginação secular do século 20 e a intoxicação do protestantismo do século 16 com a majestade de Deus. Só podemos exercer simpatia histórica ao tentar entender como foi que as inteligências mais sensíveis de toda uma época encontraram uma liberdade total, suprema, no abandono da fraqueza humana à onipotência de Deus".[42]

Qual é o nosso fim principal? "Glorificar a Deus e gozá-lo para sempre"? Ou glorificarmo-nos e gozarmo-nos para sempre? O modo como uma pessoa responde a essa questão irá determinar as decisões que tomará no curso de um determinado dia.

Há muitos outros exemplos que se pode oferecer para demonstrar o encanto em se criar ídolos quando esses ídolos estão vestidos com roupas piedosas, espirituais. A imaginação religiosa, assim como a imaginação secular, está ocupada falsificando o verdadeiro. Devemos estar especialmente preparados para nos preservarmos da adoração, confiança, invocação e gratidão voltada a falsos deuses.

QUANTOS DEUSES?

Voltemos ao *Shema* de Israel: "Ouve, ó Israel: o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor!" A afirmação mais básica da fé cristã, de acordo com os dois testamentos, é o monoteísmo. No paganismo, muitas deidades reinam sobre suas próprias esferas, mas nosso "Atlas" – o Deus de Israel – sustenta todo o mundo em seus ombros. Só ele é soberano sobre a terra e o mar, Igreja e Estado, santo e comum, providência e milagre, salvação e cultura, domingo e

[41] Ibid., 75.

[42] Eugene F. Price, *The Foundations of Early Modern Empire* (Nova York: W. W. Norton, 1970), p. 136.

segunda-feira. Não há um canto de nossa vida que escape do seu escrutínio, interesse e autoridade. Todos a não ser Deus estão na categoria de criaturas e são dependentes daquele que, sozinho, é auto-existente, autônomo e auto-suficiente.

A essência da reação pagã (antiga ou moderna) a esse mandamento é tripla. Primeiro, é restritiva; não deixa espaço para uma variedade de deuses, poderes, ídolos e salvadores. Especialmente enquanto nossa sociedade se torna mais e mais pluralista, irá se exigir que o Cristianismo faça certos sacrifícios dogmáticos. Ele não pode mais declarar, como o povo de Deus tem feito por todas as eras, "Ouve, ó Israel! O Senhor, nosso Deus, é o único Senhor" – isto é, se quiser ser aceito. Mas a fé bíblica viola essa doutrina preciosa da cultura moderna ao aceitar o autotestemunho daquele que disse, "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim" (João 14.6). Uma segunda objeção de uma cultura pagã, antiga e moderna, é que a religião bíblica, estruturada nesse primeiro mandamento, é teocêntrica (Deus no centro), não antropocêntrica (o homem no centro). A religião, de acordo com o paganismo, é o bem-estar, felicidade e prosperidade dos seres humanos. Mas, de acordo com a fé bíblica, revelada em parte nesse mandamento, Deus faz de toda a vida uma questão de glorificá-lo e gozá-lo, não glorificarmo-nos e gozarmo-nos.

Finalmente, o paganismo, antigo ou moderno, discorda, porque ele é mais dogmático e objetivo do que psicológico e subjetivo. Esse mandamento nos chama a focar a nossa atenção em uma pessoa fora de nós mesmos. Em vez de achar "deus dentro de nós" ou a "chama da divindade" escondida em nosso coração, esta fé nos chama para além de nossa própria subjetividade, vida interior como fonte de esperança, salvação ou vida. O paganismo aprecia o misticismo – o sentimento de êxtase. Mesmo os cientistas racionalistas podem interessar-se por esse tipo de religião inofensiva, desde que ela mesma não faça alegações racionais. Visto que o Cristianismo faz alegações de verdade sobre eventos como ressurreições acontecendo no tempo e espaço da História, exigindo, assim, a mesma aceitação de todos como nos fatos da vida de Napoleão, é considerado intolerante e de visão limitada. Desde que a religião permaneça dentro dos limites da resposta freqüentemente ouvida, "desde que o ajude", os pagãos irão até mesmo ajudar a celebrar seus ritos anuais.

Essa afirmação parece ser tão básica, quase trivial, mas, apesar disso, é implicitamente negada de vários modos em nossos dias, e cada dia mais em círculos cristãos. A principal entre essas ameaças ao monoteísmo é o universalismo.

Universalismo

Ninguém gosta da idéia de que pessoas vão para o inferno. Aqueles que acham atraente a noção devem buscar ajuda profissional. É, talvez, a parte mais perturbadora da confissão de fé exigida de nós como cristãos. Não temos dificuldade sentimental com Hitler gastando a eternidade no inferno, mas quando se diz que Gandhi tem o mesmo destino, algo dentro do coração humano recua. Sem levar em consideração o quão boa pensamos ser a nossa teologia, ainda há algo em todos nós que nos diz que há uma classe de pessoas tida como "boa" que não merece realmente a ira de Deus.

Nas pesquisas de James Davison Hunter entre estudantes evangélicos, essa crença foi repetidamente enfatizada. "Quando perguntados sobre o destino de Gandhi, alguns estavam absolutamente certos de que ele foi salvo, uns poucos de que ele não foi salvo, mas a maioria estava incerta."[43] Na verdade, um estudante universitário cristão respondeu, "A minha parte humana quer dizer que Gandhi foi bom o suficiente para ganhar a vida eterna, mas penso que a Escritura indica que ele não foi". Um estudante da Bíblia foi além. "Eu diria que o Senhor conhece seu coração e, de algum modo, irá julgá-lo justamente. Espero que o Senhor julgue seu coração e se ele foi generoso e amoroso, talvez o Senhor o aceite." Outra resposta veio de um estudante cristão. "No Julgamento, somos julgados por nossas obras e pela luz na qual temos de viver.... Não acredito em tormento eterno – pode ser mas parece inconsistente com a natureza de Deus."[44] E o que é "inconsistente com a natureza de Deus" é tudo o que consideramos como tal em nossa sabedoria, à parte da revelação divina. Fazemos ídolos de nós mesmos deste modo também: colocando mais confiança em nossa razão do que na revelação de Deus.

Hunter conclui, "A introdução dessas qualificações dissolve a pureza do exclusivismo teológico tradicionalmente sustentado". A verdade última não está em questão aqui, apenas o que o povo percebe como sendo verdade última.[45]

Manter as convicções de uma natureza religiosa desde o Iluminismo tem sido um trabalho precário. Como justificamos nossas alegações? Na era do microscópio e do telescópio, como podemos *mostrar* conclusivamente às pessoas que Deus existe e que ele enviou seu Filho para morrer por nossos pecados e ressuscitar para a nossa justificação? O caminho que comumente escolhemos para superarmos essa dificuldade é o chamado "fideísmo" (do latim *fides*, "fé").

---

[43] James Davison Hunter, *Evangelicals*, p. 38.

[44] Ibid.

[45] Ibid.

A idéia – e infelizmente é uma linha de pensamento que muitos cristãos têm seguido – é que não devemos procurar justificar a nossa fé em termos de exatidão histórica do registro bíblico ou das evidências externas para a ressurreição, uma vez que a religião está fora dos parâmetros da investigação. A decisão de fé foi um salto sem lógica aparente. Uma pessoa acredita em átomos porque a sua existência pode ser empiricamente verificada; uma pessoa acredita que Napoleão viveu porque sua existência pode ser historicamente verificada; mas uma pessoa acredita em Deus simplesmente porque decidiu crer em Deus.

Mantendo a definição do fideísmo em mente, vamos considerar outro conceito proeminente na cultura contemporânea – o pluralismo. O pluralismo cultural é o produto da imigração e do que o educador canadense Marshall McLuhan chamou de "aldeia global", nosso mundo. Ora, num sentido, nenhuma cultura é intrinsecamente superior a outra. Nos Estados Unidos, por exemplo, a "mistura" tem sido uma fonte de força nacional. Los Angeles, onde vivo, é a segunda maior cidade mexicana, el salvadorenha, coreana e vietnamita, além de outros registros. Cada comunidade carrega consigo uma diversidade rica que contribui para a amplitude geral e uma variedade que faz com que este país seja tão distintivo e forte. Não há, e nunca deve haver, um teste de superioridade racial, socioeconômico ou cultural numa sociedade democrática.

Mas o pluralismo cultural é algo bem diferente do pluralismo religioso. Apenas cristãos regenerados vão para o céu quando morrem. Porém, freqüentemente, mesclamos o pluralismo cultural com o pluralismo religioso. Se um porta-voz cristão fosse ao "Phil Donahue Show" e dissesse de Jesus o que ele disse de si mesmo, essa pessoa seria objeto imediato do mais injurioso abuso verbal imaginável. Afinal, só um invejoso egoísta e fanático, cujos ensinos inspiraram divisão e confrontação entre povos de diferentes crenças, iria ousar afirmar que há apenas *um* caminho para Deus. Certamente Cristo foi mais inclusivo do que isso. Afinal, todos gostam de Jesus. Ele é o Gandhi do mundo antigo.

Mas isso é precisamente o que Jesus não é. Ele é, de fato, um exclusivista. Ele declarou ser o único caminho para Deus. "Eu sou o caminho e a verdade e a vida", ele disse. "Ninguém vem ao Pai senão por mim. Se vós me tivésseis conhecido, conheceríeis também a meu Pai" (João 14.6-7). "Quem nele crê não é julgado", ele disse, "o que não crê já está julgado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus" (João 3.18). "Não penseis que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas espada" (Mateus 10.34). Pais e filhos, filhas e mães se voltariam uns contra os outros. Famílias seriam divididas sobre a alegação "Jesus Cristo é Senhor".

Assim como o Judaísmo, o Cristianismo é fundamentado no monoteísmo: a declaração do *Shema* de que há apenas um Deus. Isso significa que Deus nunca irá compartilhar a sua posição. Ele se recusa a ser simplesmente uma parte de nossa vida; ele precisa ter o direito completo e total de toda a nossa vida e existência. Ele não quer nos ajudar a conseguir bens que sempre almejamos; ele insiste em nos dizer do que precisamos. Conseqüentemente, embora o pluralismo cultural possa, de fato, estar correto, o pluralismo religioso é inteiramente errado. Uma fé que se baseia em fatos históricos, que requer lealdade e confiança exclusivas, não entra em sociedade com lealdades concorrentes. Os cristãos precisam parar de confundir a exclusividade das alegações religiosas da verdade com a exclusividade dos antecedentes raciais, culturais e socioeconômicos. Afinal, é esta convicção – apenas Cristo como Senhor e Salvador – que tem unido pessoas de quase todas as nacionalidades, pessoas que estavam, de outra forma, divididas pelo preconceito. O Cristianismo não não é somente uma barreira para o pluralismo cultural, o primeiro compõe o último na sua própria constituição: "porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação" (Apocalipse 5.9).

O que acontece quando o fideísmo une-se ao pluralismo? Quando todos são nominalmente cristãos, o salto da fé é, pelo menos, feito em grupo, o que dá aos indivíduos um pouco da confiança de que estão fazendo a coisa certa. Mas numa cultura na qual o Cristianismo é tido como apenas uma fé entre muitas, a união do fideísmo com o pluralismo cria a noção de que "todos devem ter seu próprio sistema de crença – seja o que for que funcione para cada pessoa". Esteja certo, ninguém deveria ser *forçado* a abraçar o sistema de crença de outra pessoa, mas o Cristianismo insiste em que aqueles que não abraçarem a pessoa e a obra de Jesus Cristo irão sofrer miséria eterna. Qualquer versão de Cristianismo que não insista na exclusividade, deixa de ser cristã, por definição: "Ninguém vem ao Pai senão por mim", declarou nosso fundador.

Jesus Cristo não somente disse ser o único *caminho* ao Pai, ele adicionou que era a única *verdade*. "Quem me vê a mim vê o Pai", Jesus declarou (João 14.9). Como Deus encarnado (João 1), Jesus Cristo não apenas diz a verdade, ele é a verdade. "porquanto, nele, habita, corporalmente, toda a plenitude da Divindade" (Colossenses 2.9). Paulo insistiu que havia "um só Senhor, uma só fé, um só batismo", e isso é fundamentado no fato de que há apenas "um Deus" (Efésios 4.5-6). Se Jesus Cristo é o único caminho e verdade, então a exclusividade do Cristianismo se estende não somente à pessoa e obra do próprio Cristo, mas aos ensinos que testificam dele – tanto o Antigo quanto o Novo Testamentos.

Finalmente, Jesus Cristo é a única *vida*. Ninguém obtém vida eterna de outra fonte. Um dia virá, Jesus advertiu, em que ele separará as ovelhas dos cabritos (Mateus 25) e o trigo do joio (Mateus 3.12). Assim como sua ressurreição foi um acontecimento real no tempo e no espaço na História, assim esta separação da raça humana entre condenados e justificados será um acontecimento distinto na História. A triste realidade é que não somente muitas pessoas cruéis e terríveis estarão entre os que sofrerão a perda eterna, mas também muitas pessoas boas, generosas, nobres e agradáveis. A exclusividade da alegação cristã não ativa a intolerância religiosa. Não é uma questão de "nosso partido" como favoritos de Deus. Afinal, muitos cristãos professos estarão entre o número afastado naquele dia. "Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniqüidade" (Mateus 7.22-23).

Oração nas Escolas e os Judeus

A questão da oração nas escolas públicas não é somente uma questão política pública, mas uma preocupação teológica também. Um teste de nosso compromisso com o monoteísmo (primeiro mandamento do Decálogo) é se podemos dizer que incrédulos devem orar. Não conheço nenhum proponente da oração na escola pública que acredite por um só momento que os professores, muito menos os estudantes, sejam todos cristãos. O que, pois, é a oração de um incrédulo? Jesus Cristo é realmente o único mediador entre Deus e os humanos? Ou os incrédulos podem ir diretamente a Deus sem um intercessor? Se Jesus é o único mediador e, por essa razão, as orações dos cristãos genuínos são as únicas que Deus recebe, qual é o propósito da oração que Deus nunca ouve? E para o bem-estar moral geral dos alunos, e assim eles receberão outra vacina para entorpecer seus sintomas de secularismo e alienação de Deus? Se sim, estamos nos engajando no antievangelismo, debilitando o sentido que a sociedade tem de estar perdida, longe de Cristo.

Essa é a razão pela qual acho tão chocante o fato de serem os evangélicos os que tão freqüentemente protestam mais alto quando as escolas cancelam a oração pública ou quando os oficiais da cidade não permitem orações civis em reuniões públicas sem qualquer referência a Cristo. Ou, quando os oficiais da cidade recusam-se a colocar o cenário da natividade no pátio junto com símbolos judaicos e outros símbolos religiosos da época. Afinal, é no melhor interesse do evangelho que o nascimento de Cristo não seja celebrado ao lado de outros festivais religiosos, que as orações não sejam oferecidas de forma a dar

a impressão de que Cristo é desnecessário como mediador. Podemos nos lembrar do imperador romano que colocou um crucifixo em seu templo privado, ao lado dos seus ídolos pagãos. Antes disso, os cristãos eram executados não porque criam em Cristo (Roma permitia qualquer coisa que fosse julgada boa para a moral e política) mas porque criam *apenas* em Cristo. Com certeza, os cristãos devem se reunir para orarem por seus governantes, mas o que devemos dizer das reuniões públicas e até mesmo cafés de oração onde as credenciais cívicas ou políticas de uma pessoa pesam mais do que a sua fé enquanto os líderes seculares invocam a bênção de Deus? Todos os que não estão em Jesus Cristo, estão sob uma maldição e este fato só é levado em consideração quando estamos mais preocupados com a publicidade e o apoio público do que em ter cuidado com a honra de Deus e com a salvação do nosso próximo.

Outra questão que aponta um problema em nosso compromisso com o primeiro mandamento é nossa suposição de que os judeus têm um relacionamento especial com Deus longe de Jesus Cristo. Embora ele fosse um rabino judeu, o apóstolo Paulo não teve problema em fazer oposição a esse mal-entendido na igreja primitiva. Ele declarou especificamente, referindo-se aos crentes, "Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus" (Gálatas 3.28). Além disso, "se sois de Cristo, também sois descendentes de Abraão e herdeiros segundo a promessa" (v. 29). Tenho comparecido em cafés evangélicos de oração nos quais cristãos conservadores e judeus se unem em oração, e tenho ouvido irmãos evangélicos dizerem a seus amigos judeus, "Nós adoramos ao mesmo Deus", uma declaração que essas pessoas nunca fariam a um muçulmano ou hindu, e com razão.

De acordo com o ensinamento do Novo Testamento, Jesus Cristo é Deus em carne, e não podemos conhecer o Pai à parte do Filho. Adorar a Deus separado da adoração ao ser Triúno que existe em três pessoas é adorar um ídolo, mesmo se os judeus confiam na revelação bíblica anterior. Enquanto a redenção progredia através da História, Deus revelou-se mais com relação a si mesmo do que os santos do Antigo Testamento entendiam. No tempo de Cristo, as pessoas tinham de começar fazendo uma escolha: negar essa revelação mais completa ou abraçá-la para a salvação da alma. Elas ainda devem fazer esta escolha. Os evangélicos não podem prejudicar mais os judeus, mesmo um prejuízo com conseqüências eternas, do que presumir que eles podem gozar de um relacionamento com Deus longe de Cristo. Longe de Cristo, todos nós – inclusive os judeus – somos inimigos de Deus. Ele não tem favoritos.

CONCLUSÃO

Vimos neste capítulo o quão importante é o fato de que aquele a quem adoramos é aquele descrito nas páginas da Sagrada Escritura e visível na pessoa de Jesus Cristo. Nesse mandamento, encontramos a lei que nos proíbe colocar nossa fé em nós mesmos ou em qualquer outra pessoa ou objeto além do verdadeiro e único Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio da pessoa e da obra de Jesus Cristo. Mas isso também é um convite do evangelho: "Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (João 3.16). À parte deste verdadeiro e único Deus – um em essência, três em pessoa – não há salvação. Que Deus nos conceda sua graça para aceitar isso e conduzir nossos pensamentos e sentimentos em conformidade mais íntima com esse mandamento.

CAPÍTULO TRÊS
ADORANDO CORRETAMENTE O DEUS CORRETO

Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra.

Deus não somente nos ordena a estarmos certos de ter a deidade correta em mente quando adoramos, ele também requer que adoremos corretamente o Deus correto.

Uma das melhores lições em toda a Escritura com relação a isso é a história de Jeú, rei de Israel em 841 a.C. A dupla ímpia, rei Acabe e rainha Jezabel de Israel, havia incorporado a adoração a Baal e sobraram apenas sete mil israelitas que adoravam ao Deus de Israel (1 Reis 19.18). Depois da morte violenta do casal real, Jeú foi ungido rei de Israel e o profeta o informou de que ele deveria destruir toda a linhagem real de Acabe. Jeú enganou todos os profetas de Baal enviando uma mensagem de que iria oferecer um tributo ao falso deus por seu sucesso. "Acabe serviu pouco a Baal; Jeú, porém, muito o servirá", declarou enganosamente o novo rei (2 Reis 10.18). Colocando guardas nas saídas do templo, Jeú deixou ordens estritas para que nenhum profeta de Baal escapasse. Além da matança de todos os sacerdotes e profetas de Baal, Jeú e seu exército destruíram cada utensílio utilizado na adoração desse falso deus e transformou o velho templo de Baal em banheiros públicos. "Assim, Jeú exterminou de Israel a Baal" (v. 28).

Infelizmente, esse não é o fim da história. Tendo destruído a adoração do deus falso, todavia "não se apartou Jeú de seguir os pecados de Jeroboão, filho de Nebate, que fez pecar a Israel, a saber, dos bezerros de ouro que estavam em Betel e em Dã" (v. 29). A adoração aos bezerros de ouro foi uma tentativa de adorar o verdadeiro Deus de Israel por meio de imagens. Não foi uma violação do primeiro mandamento ("Não terás outros deuses diante de mim") mas do segundo mandamento ("Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra"). Por mais que Jeú tenha feito, ele todavia "não teve cuidado de andar de todo o seu coração na lei do SENHOR, Deus de Israel" (v. 31). Depois de reinar por 28 anos sobre Israel, Jeú morreu e foi substituído

por Joás. Embora Joás tenha feito "o que era reto aos olhos do SENHOR", ele também deixou de remover os altares e o povo continuou a oferecer sacrifícios e incenso lá, acomodando a adoração a Deus à cultura pagã. Era o Deus correto, mas a adoração errada.

O coração humano não somente quer adorar falsos deuses, consistentemente ele busca inventar novos meios de adoração mesmo quando adora o Deus triúno da revelação bíblica. As pessoas estão convencidas de que Deus se agradará com os padrões, formas, regras e diretrizes que montaram para o seu culto. Ou, pior, inventam novos padrões de adoração para se acomodarem, pouco importando-se em agradar a Deus.

O QUE É A FALSA ADORAÇÃO?

Adoração centrada no ser humano

Você pode dizer quem está sendo adorado no domingo numa determinada igreja verificando a quem a cerimônia está tentando agradar. Nosso evangelismo é freqüentemente centrado no homem, e assim dizemos ao incrédulo o que pensamos que ele ou ela quer ouvir: como Deus pode fazer isto por ele ou satisfazer aquela necessidade para ela. Nossa adoração pública é, assim, freqüentemente dirigida para o consumidor – entrada de novas pessoas – em vez de levantar os olhos das pessoas ao céu em louvor e gratidão. Se esse é o nosso foco, nossa adoração inevitavelmente exigirá inovações a cada volta, e objeções teológicas quase sempre serão subestimadas. Em contraste, a adoração centrada em Deus, focada em Cristo, contempla a Palavra e os sacramentos, não para entreter, mas para inspirar a adoração. Isso não exclui os estilos de adoração contemporâneos. Na verdade, quando a adoração foi reformada em Genebra na época da Reforma, o retorno aos padrões bíblicos (canto congregacional alegre, em vez de deixado aos cuidados de profissionais, centralização da Palavra e dos sacramentos sem cerimônias não-escriturísticas; sermões, orações e liturgia na linguagem comum do povo) foi imediatamente considerado radicalmente contemporâneo. Os salmos musicados eram tão cheios de vida que ganharam o apelido desdenhoso de "jigas de Genebra". A música congregacional de Bach para os evangélicos copiou muito do seu estilo das óperas seculares populares da época, fato que rendeu ao famoso compositor um certo escárnio de muitos dos seus contemporâneos. Todavia, os compositores da Reforma não adotaram cegamente o contemporâneo mais do que adotaram cegamente o antigo. A questão-chave permaneceu, "Como po-

demos capacitar o povo de Deus a adorar corretamente o seu Criador e Redentor nos seus dias?" e não, "Como podemos despachá-los neste domingo?" A glória de Deus, não o menor denominador comum da imaginação popular, conduzia cada novo empreendimento.

Robert Schuller diz que "a Reforma errou em se centrar em Deus em vez de se centrar no homem", uma vez que "a maior necessidade do homem é a auto-estima".[46] Se acreditarmos que a religião deva ser centrada no homem e que a maior necessidade do homem é a auto-estima, veremos a congregação como consumidores em vez de adoradores. Não estaremos lá para equipá-los, como membros de um sacerdócio real, a aprenderem sobre Deus e sua obra salvadora em Cristo, a compartilharem esta fé com outros, a tratarem seus vizinhos com interesse e a engajarem-se em seus objetivos com integridade. A glória de Deus será eclipsada pela glória daqueles que "deixam" Jesus ter o seu estilo e "permitem" que ele acrescente algo em suas vidas.

Quase da noite para o dia, as igrejas evangélicas têm sido arrastadas para o movimento de crescimento da igreja, uma coletânea diversa de estratégias e metodologias que competem pelo sucesso. Entre os métodos mais populares está o porta-a-porta ou pesquisa por telefone, na qual se pede à pessoa que não freqüenta igreja que descreva o tipo de igreja que freqüentaria. Naturalmente não há nada errado em ouvir. Na verdade, precisamos ter nossos ouvidos ainda mais abertos à cultura e aos nossos amigos e vizinhos incrédulos. Porém, muitos desses pastores, ansiosos por desenvolverem um ministério bem-sucedido, pegam os resultados e constroem uma igreja "de fácil utilização" – uma congregação que se acomoda às preferências daqueles que não freqüentam a igreja.

Por que essas pessoas não freqüentam a igreja? Peritos em crescimento podem querer nos convencer de que é simplesmente porque não tornamos a opção atraente, mas a Escritura nos compele a concluir que a principal razão pela qual as pessoas não querem adorar a Deus é o fato de que adoram a si mesmas. Se elas aparecem no domingo e ouvem e vêem muito pouco que desafia seu ponto de vista – um tipo "feliz" de atmosfera de clube que deixa a igreja vazia da Palavra, do sacramento, da lei e do evangelho – é provável que o que eles experimentaram seja meramente um culto de transição dos cristãos para a categoria de não-freqüentadores em vez do oposto. Por que aparecer no domingo se se pode obter a mesma coisa em programas de entrevista e livros de auto-ajuda? Aqueles que se sentem mais confortáveis numa igreja com uma atmosfera conversadora, do tipo programas de entrevista, que não faz perguntas à mente, ao coração, ao corpo e à alma, do que em uma igreja com exposição

---

[46] Schuller, *Self-Esteem: The New Reformation* (Waco, Tex.: Word, 1985). pp. 63-64.

sólida, ensino sadio e adoração reverente, logo acharão que é muito mais confortável ficar em casa e assistir TV aos domingos.

Isso, naturalmente, não significa que a adoração não possa ser contemporânea ou relevante em termos de estilo. Não há nada mais sagrado no estilo de adoração do século 18 do que no estilo do século 20. No entanto, os princípios da adoração nunca mudam, a despeito da mudança das aplicações. Deus é sempre o ouvinte e nós – todos nós, não somente os profissionais do boletim e do coro – somos sempre os atores nesse drama da adoração. Isso não significa que todos nós devemos usar um livro de oração ou seguir uma liturgia antiga, mas significa que, de algum modo, cada um deve estar envolvido na confissão, na oração, na ação de graças, na intercessão e no louvor. O sermão deve sempre ser central; o culto deve ser reverente; e a Santa Comunhão deve ter um lugar proeminente e bem-definidos para confirmar a proclamação da Palavra. Esses princípios podem ser aplicados numa variedade de estilos de adoração, mas devem ter a última palavra em cada caso.

Adoração Centrada no Eu

A distância entre a religião centrada no homem para a vida centrada no homem é de apenas um passo. Se existe um Deus para mim; se eu, como pastor, creio que devo conduzir a adoração de um modo que trata cada pessoa como se ele ou ela fosse a atração principal no domingo; e se a teologia que ensino dá a elas a impressão de que Deus existe para a sua felicidade e prazer, é inevitável que as pessoas presentes na igreja no domingo adorem a si mesmas, não a Deus, na segunda-feira. Quando vamos à igreja para obter algo em vez de dar algo (a saber, louvor, ações de graça, comunhão e culto), e quando vamos como membros de uma audiência esperando passivamente experimentar os acontecimentos do culto em vez de participar ativamente deles como membros de uma congregação, o que irá nos desafiar a ir além daquele pensamento mundano da segunda-feira de manhã? A adoração, como nenhuma outra atividade, tem o poder de nos mudar. Ela educa não apenas as nossas mentes, mas nosso coração e nosso corpo. Cultos puramente cerebrais nos quais se oferecem palestras em vez de sermões não podem produzir a transformação total da pessoa que a adoração provê. Ela requer uma resposta que vai além de tomar notas e acenar com a cabeça.

Muitos desafios criteriosos têm sido feitos aos crentes para irem além da religião do domingo e verem a Deus como uma realidade diária. O problema, freqüentemente escuto, é que temos a doutrina correta mas não vivemos de acordo com ela. Somos ortodoxos mas não vivemos como tal, ou assim caminha a percepção comum. Gostaria de sugerir, particularmente, que *estamos*

vivendo à altura da nossa teologia – ou, de preferência, de sua *pequenez* . Não podemos esperar colocar Deus no centro de nossa existência se ele não está no centro de nosso sistema teológico. Se Deus e os humanos devem compartilhar o palco na salvação, e se Deus deve prover o peixe e os pães para manter a atenção de seus consumidores exigentes, é inevitável que aqueles que aceitam tal orientação irão pensar primeiramente em si mesmos – em casa, no trabalho e na vizinhança.

Jeremias profetizou a uma nação que pensava que tudo estava indo bem. O santuário estava sendo cuidado, o povo era religioso e ativo nos cultos espirituais. Os dízimos e as ofertas estavam jorrando. Então veio Jeremias dizendo a eles que seus profetas eram falsos pastores que os enchiam de "falsas esperanças" e falavam "as visões do seu coração, não o que vem da boca do SENHOR" (Jeremias 23.16). Longe de repreenderem aqueles que desprezavam a Deus, eles lhes davam uma falsa garantia, dizendo "O SENHOR disse: Paz tereis" (v. 17), o que soa assombrosamente similar àqueles que hoje continuam dizendo coisas positivas aos incrédulos a fim de atraí-los. É aceitável ofender a Deus para agradar aos homens? Além disso, Deus declara, "Tenho ouvido o que dizem aqueles profetas, proclamando mentiras em meu nome, dizendo: Sonhei, sonhei. Até quando sucederá isso no coração dos profetas que proclamam mentiras, que proclamam só o engano do próprio coração?" (vv. 25-26). É ordenado ao povo que cesse suas alegações descuidadas de que ouviram palavras do Senhor, "porque a cada um lhe servirá de sentença pesada a sua própria palavra, pois torceis as palavras do Deus vivo, do SENHOR dos Exércitos, o nosso Deus" (v. 36).

Os falsos deuses não são apenas indignos, mas a falsa religião e a falsa adoração do verdadeiro Deus são vãs também:

> Não confieis em palavras falsas, dizendo: Templo do SENHOR, templo do SENHOR, templo do SENHOR é este. Mas, se deveras emendardes os vossos caminhos e as vossas obras, se deveras praticardes a justiça, cada um com o seu próximo; se não oprimirdes o estrangeiro, e o órfão, e a viúva, nem derramardes sangue inocente neste lugar, nem andardes após outros deuses para vosso próprio mal, eu vos farei habitar neste lugar, na terra que dei a vossos pais, desde os tempos antigos e para sempre. Eis que vós confiais em palavras falsas, que para nada vos aproveitam.Que é isso? Furtais e matais, cometeis adultério e jurais

> falsamente, queimais incenso a Baal e andais após outros deuses que não conheceis, e depois vindes, e vos pondes diante de mim nesta casa que se chama pelo meu nome, e dizeis: Estamos salvos; sim, só para continuardes a praticar estas abominações!
>
> (Jeremias 7.4-10)

O povo de Israel se sentia seguro porque admitia Deus como certo. Eles pensavam que podiam viver como escolhessem e ainda presumiam que Deus iria cuidar deles por causa do templo e do lugar de misericórdia. Reunindo mestres ao seu redor que lhes diziam tudo o que queriam ouvir (lembre-se da "coceira nos ouvidos" em 2 Timóteo 4.3), o povo nos dias de Jeremias usava a religião para seus próprios propósitos. O templo existia para sua proteção e segurança carnal, não para a adoração a Deus. Muito disso se aplica aos dias de hoje. As pessoas podem muito facilmente freqüentar a igreja e se sentirem confortáveis. Em vez de serem chamadas ao arrependimento, elas são tranqüilizadas com bajulação e garantias de que são filhas de Deus simplesmente porque pertencem à igreja ou porque caminharam nos corredores da igreja ou fizeram uma oração. A falsa adoração começa no domingo quando adoramos a nós mesmos por meio do entretenimento em vez do louvor, da bajulação em vez da confrontação, da sabedoria do pregador no lugar da sabedoria de Deus, e continua por toda a semana enquanto "buscamos os nossos próprios interesses".

Amós também confrontou a falsa adoração e registrou o que Deus disse sobre isso:

> Aborreço, desprezo as vossas festas e com as vossas assembléias solenes não tenho nenhum prazer. E, ainda que me ofereçais holocaustos e vossas ofertas de manjares, não me agradarei deles, nem atentarei para as ofertas pacíficas de vossos animais cevados.
>
> Afasta de mim o estrépito dos teus cânticos, porque não ouvirei as melodias das tuas liras.
>
> Antes, corra o juízo como as águas; e a justiça, como ribeiro perene.
>
> (Amós 5.21-24)

A falsa adoração, então, pode existir até mesmo na presença do sucesso aparente. Freqüentemente associamos infidelidade com secularismo, idolatria completa e imoralidade nua, mas os profetas do nosso próprio Senhor argumentaram repetidamente que a falsa adoração é, muitas vezes, parte e parcela de uma igreja que pensa ser saudável quando, na realidade, está doente. Afinal, os israelitas estavam levando suas ofertas e sacrifícios precisamente como haviam sido ordenados. Suas canções eram altas e alegres. Mas não havia ligação entre teologia e vida, nenhuma realização que honrasse e adorasse a Deus incluía o que se fazia no trabalho tanto quanto o que se fazia na adoração pública. Oséias, combatendo o adultério espiritual de Israel, fala em nome de Deus, "Pois misericórdia quero, e não sacrifício, e o conhecimento de Deus, mais do que holocaustos" (Oséias 6.6). Em outras palavras, teologia e ética, graça e gratidão são as marcas da verdadeira adoração – não do mero ritual.

Tendo crescido em igrejas que zombavam de "rituais" desacreditados e "tradições de homens", surpreendo-me quanto à confusão de minha fé, justamente por causa desses tipos de inovações humanas. Pode ser que não tivéssemos uma grande cerimônia como a Missa, mas nosso apelo servia a um propósito similar: infundir uma nova graça ao fiel depois da apostasia. Quão difícil é para nós pensarmos na adoração como algo além de uma hora tranqüila, estudos bíblicos, reuniões de oração e cultos dominicais. Nossas rotinas se tornam rituais e, muito embora sejam planejadas pela sabedoria humana, omiti-las é justamente como o levantar da sobrancelha em nossos círculos evangélicos assim como qualquer uma das críticas da Reforma quanto ao ritualismo e formalismo na igreja medieval.

Adoração Imaginativa

Aqui temos de ser cuidadosos, uma vez que o uso da imaginação na adoração não é apenas inevitável, mas apropriado e dado por Deus. Porém, essa poderosa faculdade é também a mais vulnerável à tentação nesta questão da idolatria.

A violação mais óbvia do segundo mandamento desde a sua instituição é a prática de se estabelecer representações físicas do Deus eterno. Quando Deus ordenou a construção do templo, insistiu que não deveria haver representações da deidade. Houve muito uso de cores e formas e imagens do mundo natural (frutas, árvores, flores, terra, água), mas não havia imagens do próprio Deus (1 Reis 6.16-18).

Como vimos no último capítulo, a essência do paganismo foi (e é) uma pluralidade de deuses. O Deus de Israel é o que temos em vista quando dizemos crer em "Deus". Não é suficiente ser simplesmente um teísta; uma pessoa

deve crer no único e verdadeiro Deus. Mas aqui vemos que outro aspecto do paganismo é o compromisso com as representações físicas da deidade como pontos de contato entre o domínio celestial e o terreno. Por meio deste poste ou daquele totem, desta estátua de bronze ou daquela figura de ouro, os deuses continuam um relacionamento com o povo. O ídolo se torna um meio de manipular os deuses para o serviço. No paganismo, os adoradores insistem em ter um relacionamento direto com suas deidades, conhecendo-as por meio da exibição poderosa de bênção e maldição. O ídolo se torna o objeto por intermédio do qual este encontro direto, sensual, pode acontecer.

No entanto, a religião de Israel era comprometida com um relacionamento *mediado* com Deus. Os judeus individuais tinham um relacionamento com Deus somente porque eram parte de uma *comunidade* de fé. Essa comunidade era *representada* pelos mediadores: profetas, sacerdotes e reis. No Novo Testamento, o profeta, sacerdote e rei-mediador final aparece. Jesus Cristo é o ponto de contato entre Deus e a humanidade. Porque Deus é santo e os adoradores pecadores, o único modo de os adoradores se colocarem na presença de Deus é mediante a intercessão de um mediador. A idolatria, por outro lado, promete um encontro direto com a deidade. Mas, finalmente, se deseja mais. As pessoas insistem em ter o poder sobre o ídolo para que possam controlar o próprio destino delas. Na maioria das religiões pagãs antigas, por exemplo, se dizia que o nome do deus tinha poderes mágicos em si mesmo. Conhecer o nome de um espírito particular era ter o controle sobre aquele ser e manipulá-lo para objetivos próprios.

Com toda a nossa sofisticação tecnológica, não temos avançado muito além dessa forma de paganismo nos nossos dias. Mesmo em alguns segmentos da igreja hoje, uma pessoa pode "nomear e reivindicar" prosperidade, sucesso, cura ou felicidade – mesmo salvação, simplesmente "usando" o nome de Deus. O evangelista Kenneth Copeland diz a seus seguidores, "Vocês precisam perceber que não são esquizofrênicos espirituais – metade Deus e metade Satanás – vocês são totalmente Deus".[47] Uma vez apagada a linha entre o Criador e a criatura, Copeland pode acrescentar, "O homem tinha autoridade para governar como um deus sobre cada criatura vivente sobre a terra, e deveria governar por palavras".[48] Earl Paulk afirma que Deus "nos deu o nome de Jesus Cristo como um cheque em branco".[49]

---

[47] Kenneth Copeland, *Believer's Voice of Victory*, fevereiro de 1987, p. 09

[48] Kenneth Copeland, *The Power of the Tongue* (Ft. Worth, Tex.: Kenneth Copeland), p. 06.

[49] Earl Paulk, *Satan Unmasked* (Atlanta: Dimension K, 1984), p. 59.

Isso não é nada menos do que paganismo, o desejo humano de ser Deus ou, pelo menos, ter o controle sobre o deus de uma pessoa no ponto onde este tem autoridade sobre a vida da mesma. Mesmo quando as pessoas insistem em que estão adorando o Deus correto, podem estar engajadas em adoração idólatra. Assim como os filhos de Israel que usaram o bezerro de ouro como um meio de adoração ao verdadeiro Deus, muitos cristãos professos hoje usam outros meios além daqueles que Deus ordenou. Devemos destruir os ídolos da falsa adoração, porque não temos um Deus "de fácil utilização" que nos dá poder sobre si por meio de rituais (palavras ditas, uma oração particular, um apelo no qual prometemos fazer *X* se Deus fizer *Y*). Nosso Deus é soberano e livre de qualquer "lei" ou obrigações que presumimos colocar sobre ele. Se assim escolher, ele pode reter a nossa respiração; se ele quiser, podemos ficar pobres. A morte pode nos acometer inesperadamente, ou a riqueza súbita pode se tornar parte de nossa ventura na vida. Mas tudo isso é determinado por Deus.

Você se lembrará de que quando Paulo confrontou os pagãos gregos em Atenas, a soberania de Deus foi um amplo aspecto de seu sermão. "De um só fez toda a raça humana para habitar sobre toda a face da terra, havendo fixado os tempos previamente estabelecidos e os limites da sua habitação" (At 17.26). A adoração correta começa com o reconhecimento de que os adoradores não têm absolutamente controle algum sobre Deus, nenhuma reivindicação sobre ele e nenhum poder mágico sobre o próprio destino pelo conhecimento de certas fórmulas, rituais ou "leis".

Mas a imaginação também pode se tornar um castigo à verdadeira adoração quando toma o lugar de declarações nítidas da Palavra de Deus. Não muito tempo atrás, assisti a um culto no qual o pastor convidava o povo a fechar os olhos e imaginar Deus sorrindo, curvando-se e os abraçando. Tenho ouvido outras variações do mesmo tema. Algumas vezes se pede ao povo para imaginar Deus cobrindo-os com um cobertor quente. Outras vezes se pede ao povo para imaginá-lo sussurrando algo que deve mudá-los para sempre. Tudo isso tem que ver com "a cura da memória". Qualquer que seja o propósito, a prática em si mesma deve ser considerada uma violação do segundo mandamento.

Richard Foster encoraja os leitores, "Em sua imaginação, permita que seu corpo espiritual, brilhando com a luz, se levante do seu corpo físico... até as nuvens e para dentro da estratosfera... cada vez mais profundo no espaço cósmico até onde não haja nada além da presença aconchegante do Criador eterno".[50]

---

[50] Richard Foster, *Celebration of Discipline: The Path to Spiritual Growth* (São Francisco: Harper & Row, 1988), p. 27

Conceder tal prioridade à imaginação sempre proporciona distorções doutrinárias, como a idéia de que a presença de Deus está em algum lugar profundo no "espaço cósmico". Igrejas que nunca representariam Deus o Pai em vitrais deixam que nós, uma geração TV, decidamos que ídolo criar em nossa imaginação. Assim é que o pastor da maior igreja do mundo declara, "O único modo de incubarmos [o nosso futuro] é por meio da nossa imaginação".[51] Um bom evangélico nunca se curvaria diante de uma estátua de Jesus numa igreja Católica Romana, mas fazer o mesmo de uma forma mais privada, individual, parece retirar o ferrão da idolatria.

ARTE NA ADORAÇÃO

O uso da arte na adoração tem, naturalmente, uma longa história de debate. Embora os símbolos de Cristo e da verdade cristã (um cordeiro, um pavão – simbolizando a ressurreição e assim por diante) existissem em abundância na igreja primitiva, houve muita restrição com relação às descrições reais do próprio Cristo e nenhuma descrição do Pai e do Espírito Santo à parte dos símbolos. Um bispo do século 4°, Epifânio, ficou chocado quando visitou uma igreja na Palestina e descobriu uma cortina com um retrato de Cristo. Depois de rasgar a cortina, o bispo lançou uma campanha para que se parasse de espalhar tais imagens. Porém, de acordo com Owen Chadwick, "Por volta de 404, quando [Epifânio] morreu, pinturas de Cristo e de santos foram espalhadas por todo lugar".[52]

A controvérsia irrompeu novamente no século 7°, dessa vez ameaçando dividir realmente a Igreja Grega por um século de debate quente entre os iconoclastas (aqueles que se opunham às imagens) e iconodúlios (aqueles que eram favoráveis a elas). Kenneth Scott Latourette observa, "Os iconoclastas advogam a proibição contida no segundo mandamento de fazer 'semelhança alguma' e sustentam que fazer isso 'retira o espírito do homem da adoração sublime a Deus para a adoração baixa e material à criatura'. Eles declararam que 'a única figura admissível da humanidade de Cristo... é o pão e o vinho na Santa Ceia'".[53] O padre grego do século 8°, João de Damasco, no entanto, argumentou que uma vez que Deus havia se tornado carne, não era impróprio representar ou

[51] Paul Yonghi Cho, *The Fourth Dimension* (Plainfield, N.J.: Logos, 1980), p. 40.
[52] Henry Chadwick, *The Early Church* (Nova York: Penguin, 1989), p. 281.
[53] Kenneth Scott Latourette, *A History of Christianity* (Nova York: Harper & Row, 1975), 1:294.

descrever "o que é visível em Deus", isto é, o Filho encarnado de Deus.

O próximo debate significativo sobre imagens aconteceu na época da Reforma Protestante no século 16. Embora a religiosidade prática difira amplamente, o ensino oficial católico-romano nunca sustentou que é próprio ou, quanto à questão, permitido, adorar imagens. Na verdade, a única razão pela qual as pessoas devem venerar as imagens é por causa da honra devida a quem elas representam, não às próprias representações. A qualidade mágica, supersticiosa, ligada às imagens foi um aspecto da religiosidade medieval popular, não do ensino oficial da igreja. Tomás de Aquino declarou, "Não se deve reverência nem a uma estátua de Cristo, visto ser ela apenas um pedaço de madeira esculpida". Mesmo assim, ele continuou, "os homens são mais facilmente movidos pelo que vêem do que pelo que ouvem ou lêem". Antes de sermos muito duros com o "Doutor Angelical", como era chamado, devemos nos lembrar de que tais rituais não-escriturísticos e bizarros como "tremor, terror extremo [e] estar 'bêbado com o Espírito'", são justificados hoje com base na suposição de que a Palavra não é suficiente.[54] As pessoas são mais movidas pelo que vêem e experimentam do que pelo que ouvem ou lêem. Mas, em oposição à demonstração, Calvino respondeu, "Porque Deus não fala a nós todos os dias dos céus, há somente as Escrituras nas quais ele desejou que sua verdade fosse publicada e se tornasse conhecida mesmo até o fim, elas podem ser totalmente certificadas ao fiel por nenhuma outra garantia além desta: que a sustentamos como sendo decretada e concluída, que vieram do céu como se ouvíssemos Deus falando da sua própria boca".[55]

Os reformadores estavam ansiosos por desafiar as imagens no geral, com Lutero, Zwinglio e Calvino assumindo posições levemente diferentes, mesmo entre si mesmos. A principal defesa das imagens era que elas eram os livros dos leigos. Elas proviam instrução para aqueles que não podiam ler. Muito parecido com os nossos próprios dias, havia um vasto abismo entre o clero e a laicidade em termos do que era conhecido. Mesmo muitos do clero eram, eles mesmos, evangelistas itinerantes autodidatas, mal-equipados para ensinarem o povo. Algumas vezes, uma imagem pode ensinar mais do que um dia completo de leitura da Escritura, argumentava a igreja. Lutero discordava.

[54] John Wimber e Kevin Springer, *Power Evangelism* (São Francisco: Harper & Row, 1975), p. 105.

[55] João Calvino, *Institutas da Religião Cristã*, 1.7.1.

> Isso é, na realidade, o estabelecimento da idolatria: responsabilizar-se por adorar a Deus sem o convite de Deus, tendo base na própria inclinação devota. Porque ele não nos terá dirigindo-o quanto ao modo como deve ser servido. Ele pretende nos ensinar e dirigir quanto a essa questão. Sua Palavra deve estar presente. Isso deve nos dar luz e direção. Sem sua Palavra, tudo é idolatria e mentiras, por mais devoto e bonito que possa parecer.... Por aqui se aprende que não é suficiente dizer e pensar: Estou fazendo isso para a glória de Deus; Pretendo que isso seja para o verdadeiro Deus; Quero servir ao único Deus. Todos os idólatras dizem e pretendem o mesmo.

A idolatria sempre tem boas intenções. Queremos ajudar o povo de Deus a adorar de forma mais efetiva. Estamos certos de que nossos meios e métodos engenhosos irão alcançar o sucesso. Mas toda adoração que Deus não ordenou expressamente é vã e, na verdade, contraproducente. O *Catecismo de Heidelberg* (1563) coloca desta forma:

> 96. P. Qual é a vontade de Deus para nós no segundo mandamento?
>
> R. Que nós, de forma alguma, façamos qualquer imagem de Deus (Dt 4.15-19; Is 40.18-25; At 17.29; Rm 1.23) nem o adoremos de qualquer outra forma além da que ele ordenou em sua Palavra (Lv 10.1-7; 1Sm 15.22-23; Jo 4.23-24).
>
> 97. P. Não podemos, então, fazer qualquer imagem?
>
> R. Deus não pode ser retratado visivelmente em nenhuma forma. Embora as criaturas possam ser retratadas, Deus proíbe fazer ou ter tais imagens se a intenção for adorá-las ou servir a ele por meio delas (Êx 34.13-14; 2Rs 18.4-5).
>
> 98. P. Mas as imagens não podem ser permitidas nas igrejas como auxílio no ensino para os não-educados?

> R. Não, não deveríamos tentar ser mais sábios do que Deus. Ele quer seu povo instruído pela pregação viva da sua Palavra (Rm 10.114-15, 17; 2Tm 3.16-17; 2Pe 1.19) – não por ídolos que não podem nem mesmo falar (Jr 10.8; Hc 2.18-20).

Mesmo nos dias de hoje, cristãos bem-intencionados estabelecem novos padrões de adoração sem achar necessário conformar tais práticas à teologia da adoração encontrada na Escritura. Muitos protestantes gostam de criticar os católicos romanos por causa de seus rituais mas, pelo menos, esses rituais têm alguma raiz na Escritura, muito embora tenham sido enfeitados e, argumentaríamos, corrompidos através dos séculos. No entanto, tais práticas como o apelo, desconhecido da igreja até o último século, são inovações na adoração que não são apenas não ordenadas na Escritura, mas são realmente proibidas pelo caráter centrado em Deus da adoração e pelo caráter centrado em Cristo da mediação na adoração. No apelo, o ministro intromete-se para mediar entre Deus e o pecador, reconhecendo as mãos e apresentando a si mesmo e o altar lá na frente como se fossem um ponto de contato com Deus. Sem levar em consideração o que foi pretendido pelo pregador, a laicidade pode facilmente ter a impressão de que o ministro é o intermediário e que o ritual, embora não tão antigo quanto os rituais católico-romanos, tem alguma eficácia.

Além disso, é difícil superestimar o papel que a imagem desempenha na era da televisão. A nossa é uma religião de um livro. Nenhuma outra religião, embora o Islamismo chegue perto, é tão dependente de palavras escritas quanto o Cristianismo protestante. "Está escrito", foi a defesa de nosso Senhor contra a imagem dos reinos do mundo que Satanás lhe ofereceu em troca de adoração. Mas como uma religião de um livro sobrevive na era do videocassete? Como as igrejas podem, no domingo, manter a atenção de pessoas que foram alimentadas com milhares de imagens combinadas por toda a semana? Os sermões devem parecer-se com seriados de televisão. Eles devem ser inteligentes e leves e conter um princípio moral. Quão diferente isso é da igreja medieval centrada na imagem? Veja se a caracterização de Calvino toca no ponto vulnerável:

> Além disso, o que havia num sermão no qual velhas senhoras não poderiam conquistar mais caprichos do que poderiam inventar na sua própria lareira em um mês? Porque como os sermões eram, então, normalmente divididos, a primeira metade era dedicada àquelas questões nebulosas

> de escolas que poderiam surpreender a multidão rude, enquanto a segunda continha histórias doces ou especulações divertidas para manterem os ouvintes alertas. Apenas algumas expressões eram tiradas da Palavra de Deus, para que pela sua majestade, pudessem obter crédito por estas frivolidades.... E aqui se abre diante de mim um campo muito vasto para expor a tua ignorância desde que, em matéria de controvérsia religiosa, tudo o que deixas para o fiel é fechar seus próprios olhos e se submeter implicitamente aos seus mestres.... Portanto, observo, [Cardeal] Sadoleto, que tens uma teologia muito indolente, como é quase sempre o caso daqueles que nunca experimentaram lutas sérias da consciência.[56]

A descrição de Calvino dos sermões medievais podem nos lembrar da natureza frívola de muitas pregações populares hoje. Em *Amusing Ourselves to Death*, Neil Postman escreveu:

> Hoje, devemos olhar para a cidade de Las Vegas, Nevada, como uma metáfora de nosso caráter e aspiração nacionais, seu símbolo um retrato de cartão de aproximadamente nove metros de altura de máquina caça-níqueis e de uma garota de coro. Visto que Las Vegas é uma cidade inteiramente voltada à idéia do entretenimento, como tal proclama o espírito de uma cultura na – qual todo o discurso público assume, cada vez mais,– a forma de entretenimento. Nossas política, religião, notícias e educação e nossos atletismos e comércio têm sido transformados em adjuntos análogos do *show business*, liberalmente sem protesto ou mesmo sem muita atenção popular. O resultado é que somos um povo prestes a nos entretermos até a morte.[57]

---

[56] João Calvino, *in A Reformation Debate*, João Calvino e Jacopo Sadoleto (orgs.) (Grand Rapids: Baker, 1976), pp. 65-70.

[57] Neil Postman, *Amusing Ourselves to Death: Public Discourse in the Age of Show Business* (Nova York: Viking Penguin, 1986), p. 09.

Postman, então, tem a coragem de usar nosso próprio Segundo Mandamento sobre nós:

> Estudando a Bíblia quando jovem, encontrei insinuações da idéia de que formas de mídia favorecem tipos particulares de conteúdo e, conseqüentemente, são capazes de assumirem o comando de uma cultura. Refiro-me especificamente ao Decálogo, ao Segundo Mandamento que proíbe os israelitas de fazerem imagens concretas de qualquer coisa.... O Deus dos judeus deveria existir na Palavra e por meio da Palavra, uma concepção sem precedentes que exige a mais alta ordem de pensamento abstrato. A iconografia, assim, tornou-se uma blasfêmia de modo que um novo tipo de Deus poderia entrar numa cultura. Pessoas como nós mesmos, que estão no processo de conversão da sua cultura centrada na palavra para uma centrada na imagem, podem beneficiar-se pela reflexão nessa injunção mosaica.[58]

Postman, que não é evangélico, prossegue contrastando a cultura letrada centrada em Deus do Calvinismo da Nova Inglaterra com o reflorescimento antiintelectual, centrado no homem, que finalmente criou o televangelismo. O intermediário é tão poderoso que Deus e o pregador são freqüentemente confundidos. "A maior parte da religião disponível a nós na televisão", Postman escreve, "despreza explicitamente o ritual e a teologia em favor da comunicação direta com a própria Bíblia, isto é, com Deus." Além disso, o que Postman diz sobre o papel de Deus na TV poderia ser aplicado ao seu lugar em muitas igrejas hoje:

> Sem me enredar num argumento teológico para o qual não estou preparado, acho justo e óbvio dizer que, na televisão, Deus é um personagem vago e subordinado. Embora seu nome seja repetidamente invocado, a presença concreta e a

[58] Ibid.

> persistência da imagem do pregador carrega a mensagem clara de que é ele, não Ele, quem deve ser adorado. Não pretendo indicar que o pregador deseja que isso seja assim; apenas que o poder de uma face em close na televisão, em cores, faz com que a idolatria seja um perigo contínuo. Afinal, a televisão é uma forma de imagem gravada muito mais atraente do que um bezerro de ouro.... Jimmy Swaggart representa melhor do que Deus. Porque Deus existe apenas em nossa mente, enquanto Swaggart está aí para ser visto, admirado, adorado. Esta é a razão pela qual ele é a estrela do *show*. E, por que Billy Graham é uma celebridade e Oral Roberts tem sua própria universidade e Robert Schuller tem uma catedral de cristal toda para si mesmo. Se não estou errado, a palavra para isso é blasfêmia.[59]

Postman, naturalmente, está errado quando diz que Deus existe em nossa mente em vez de na tela. Porque ele existe na realidade, não mais um produto da nossa imaginação do que a de um executivo de televisão. Não é muito absurdo comparar a atração supersticiosa de um camponês medieval a uma relíquia ou imagem de um santo como um "ponto de contato" para um milagre a uma atração do espectador moderno a uma imagem de um televangelista dizendo às pessoas para colocarem suas mãos sobre a tela.

OPINIÃO NA ADORAÇÃO

Finalmente, a imaginação não apenas cria imagens materiais e inovações na adoração pública que não são conformadas com a Escritura, mas imagens falsas também podem ser falsas idéias de Deus. Muito embora uma pessoa possa adorar o verdadeiro Deus em todas as questões essenciais (entendendo seus atributos), é fácil basear a sua visão de Deus e seu modo de operar na intuição ou experiência pessoal. Pensamos que seria injusto para Deus deixar uma criança de 12 anos morrer de uma doença trágica, mas ele faz justamente isso – e, assim, nos enfurecemos porque ele violou nossa imagem dele. Presumimos, de algum modo, que está no caráter de Deus nos dar apenas alegria e felicidade.

[59] Ibid., 122-23.

Então, quando as coisas começam a se desintegrar, perdemos nossa fé na imagem. Assim como com o argumento de que as imagens materiais e cerimônias criativas servem a um fim útil e pragmático, assim também freqüentemente criamos imagens não para adorarmos um deus falso mas para adorarmos o verdadeiro Deus de uma maneira que nos agrada. A contextualização – isto é, trazer a imutabilidade do evangelho para situações históricas e culturais mutáveis – pode facilmente se tornar um tráfico de falsas imagens, conforme criamos uma teologia e forma de adoração baseadas na nossa própria intuição, prazer, entretenimento e sabedoria prática.

Assim como os reformadores se recusaram a acomodar suas práticas e crenças à ignorância da Idade Média e engajar na superstição, assim também nós devemos retornar à convicção de que a Palavra (lida, pregada, ensinada e entendida) e os sacramentos do batismo e da Ceia do Senhor são os *únicos* meios de comunicação de Deus conosco. Nós nos comunicamos com ele em oração, e ele se comunica conosco por esses meios ordenados. Anteriormente lemos em Jeremias sobre a advertência de Deus ao povo e aos sacerdotes de Israel a respeito da sua referência irreverente a Deus falar à parte dos profetas inspirados:

> Assim diz o SENHOR dos Exércitos:
>
> Não deis ouvidos às palavras dos profetas que entre vós profetizam e vos enchem de vãs esperanças; falam as visões do seu coração, não o que vem da boca do SENHOR.
>
> Antes, direis, cada um ao seu companheiro e cada um ao seu irmão: Que respondeu o SENHOR? Que falou o SENHOR? Mas nunca mais fareis menção da sentença pesada do SENHOR; porque a cada um lhe servirá de sentença pesada a sua própria palavra; pois torceis as palavras do Deus vivo, do SENHOR dos Exércitos, o nosso Deus. Assim dirás ao profeta: Que te respondeu o SENHOR? Que falou o SENHOR?
>
> (Jeremias 23.16, 35-37)

Temo que esse uso do nome de Deus para procurar apoio para o produto de nossa imaginação não é menos espalhado nos nossos dias do que foi nos de Jeremias e Lutero, da adoração pública às estratégias de crescimento da igreja à cura interior à religiosidade pessoal. Em nossa imaginação, desenvolvemos nossas próprias idéias do que agrada a Deus, ou pior, do que nos agrada. Assim como os fariseus, desejamos até mesmo colocar os mandamentos de Deus de lado a fim de obedecermos aos nossos próprios conselhos. Em quantos cultos as inovações (apelo, música especial, dramas e similares) assumem proeminência sobre a proclamação da Palavra e administração da Santa Comunhão? Sempre que os costumes e as práticas inventados pelos homens são mais freqüentes na adoração do que os meios divinamente ordenados de graça, algo está claramente errado. Quão freqüentemente estabelecemos regras normativas do comportamento que fazem sentido e que têm argumentos inteligentes a seu favor mas absolutamente nenhuma base na Escritura? No entanto, pensamos que estamos servindo a Deus seguindo nossa própria fantasia.

Não podemos fingir que não somos idólatras simplesmente porque nos privamos de levantar uma estátua à virgem Maria na frente da igreja. Podemos ser idólatras da mesma forma se colocarmos o pastor num púlpito bastante alto e o tratarmos como o centro da adoração. Também não podemos presumir que estamos mantendo o segundo mandamento se nos apoiamos sobre a nossa própria intuição e experiência para nos guiar em nosso entendimento de Deus e seu modo de lidar conosco.

A imaginação deve mais uma vez se tornar cativa da Palavra de Deus. Devemos aprender novamente sobre o caráter de Deus e o culto que ele exige.

POR QUE A AUSÊNCIA DE IMAGENS?

Há uma razão para a proibição de Deus das imagens. Deus não proíbe as imagens porque ele se opõe à arte. Na verdade, o templo de Salomão era ricamente decorado com representações do mundo natural. Rembrandt, moldado pela Reforma, celebrou a vida diária e deu ao mundo natural o seu próprio lugar, sem exigir justificação espiritual para seus temas. Nem eram proibidas todas as descrições de Cristo e dos apóstolos. Elas simplesmente não deveriam ser usadas na adoração ou devoção. Por que, então, Deus é tão sério sobre nos impedir de realmente representá-lo na adoração?

Deus é Espírito

Jesus disse à mulher samaritana, "Deus é espírito; e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade" (João 4.24). Descrever Deus, o Pai, em imagens físicas ou em nossa própria imaginação como um velho homem com uma barba branca é adorar uma imagem falsa. Deus não tem limite de duração, é um espírito eterno.

No Antigo Testamento, Deus se revelou no que chamamos de *teofanias* (aparições divinas) e freqüentemente usou *antropomorfismos* (linguagem que fazia parecer que ele realmente tinha mãos, olhos, ouvidos). Alguns oradores e escritores mantêm erroneamente que essas declarações antropomórficas devem ser consideradas de forma literal. Eles argumentam que quando Deus diz que ele estende suas mãos (Isaías 65.2), isso significa que ele realmente possui mãos físicas. Com base nesse literalismo, Deus deve também ter asas de águia (Êxodo 19.4). A interpretação ortodoxa, ao contrário, tem sempre mantido que a Bíblia contém não apenas um gênero – narrativa literal – mas também uma variedade de modos de comunicação: poesia, história, drama, parábola e literatura apocalíptica. As referências na Bíblia às características humanas (antropomorfismos) são simplesmente um modo de Deus de acomodar-se à nossa fraqueza, como o uso por um pai de linguagem de bebê.

É claro na Escritura que Deus é um espírito eterno e que ele não possui um aspecto material ou físico (2 Coríntios 3.17). Isso faz com que seja reconhecidamente difícil para os cristãos adorarem diretamente a seu Deus e entendê-lo ou experimentá-lo a fundo como os pagãos com os seus ídolos, mas aí é onde a encarnação entra.

Encarnação

Se tivesse sido permitido aos judeus adorarem a Deus por meio de imagens, eles não teriam colocado sua esperança na vinda do Messias. Pelo menos um propósito na proibição do uso de imagens é o fato de que qualquer representação de Deus além de Cristo não apenas é falsa mas um insulto à sua reivindicação exclusiva de que "Quem me vê a mim vê o Pai"; "Eu e o Pai somos um" (João 14.9; 10.30).

Jesus Cristo é chamado de "a imagem do Deus invisível" (Colossenses 1.15). A palavra grega usada para imagem na passagem é *eikon*, da qual obtemos a palavra *ícone*. Jesus Cristo é o único ícone exato ou representação física da deidade invisível e não-representável. "Porquanto, nele, habita, corporalmente, toda a plenitude da Divindade" (Colossenses 2.9). Isso é o que o paganismo tenta com seus ídolos – ter um ponto de contato com Deus. Estando perto do

ídolo, os adoradores esperam estar perto de Deus, porque em sua mente o ídolo possui algum grau de deidade em si mesmo. Mas enquanto Deus ridicularizou os ídolos pagãos por serem cegos, surdos e mudos, certamente Jesus Cristo não apenas possui visão, audição e fala, mas faz com que os cegos vejam, os surdos ouçam e os mudos falem. Ele é Deus em carne, caminhando entre nós, comendo e chorando conosco.

Levantar nossas próprias imagens depois da vinda de Cristo é ainda mais ofensivo a Deus do que era para os pagãos antigos. Como poderíamos possivelmente achar um meio mais tangível, preciso e direto de adorar a Deus do que o que encontramos em Jesus Cristo? No entanto, ele está à mão direita de Deus e nós pedimos encontros e experiências diretas. Então nos voltamos para ídolos de nossa própria fabricação e imaginação. Voltamos a adorar a Deus do nosso próprio modo, de uma maneira que faz sentido para nós e satisfaz o nosso gosto.

No entanto, o segundo mandamento não está revogado. Ele ainda nos chama a treinar nossa mente, nosso coração e nossos sentidos para olharmos somente para a Palavra e para os sacramentos. Eva achou que o fruto era "agradável aos olhos e árvore desejável para dar entendimento" (Gênesis 3.6). Ela e Adão confiaram em seus sentidos e sabedoria acima da Palavra de Deus. Olhar além da Palavra de Deus para a comunicação de Deus é, com efeito, forjar nossa própria adoração, violando o segundo mandamento. Podemos pensar sobre Deus? Absolutamente, mas apenas como ele se revelou. Podemos meditar no caráter e atividade de Deus? Sim, mas apenas como ele se explicou e às suas ações na História. Podemos experimentar Deus? Sem dúvida, mas apenas quando o encontramos em sua própria ação de comunicação. O segundo mandamento não proíbe os sentidos mais do que desencoraja o uso da razão, mas ordena que ambos se submetam à Palavra e aos sacramentos como meios de Deus de alimentar a razão e os sentidos. Por esses meios, ele equipou a mente com grandes pensamentos, intoxicou nossos sentidos com a percepção de que somos perdoados e nos inspirou para um serviço criativo e entusiasta no mundo.

CONCLUSÃO

Cada pesquisa recente demonstra que há uma ignorância bíblica espalhada, não apenas na cultura norte-americana cada vez mais secularizada, mas até mesmo dentro de um evangelicalismo aparentemente bem-sucedido. De acordo com Gallup, "Oito em cada dez norte-americanos dizem ser cristãos, mas apenas quatro em dez sabem que Jesus, de acordo com a Bíblia, pregou o sermão do Monte. Menos da metade dos adultos pode nomear Mateus, Marcos, Lucas e João como os quatro Evangelhos do Novo Testamento".[60]

Muito semelhante à igreja medieval, o Cristianismo moderno parece mais atraído por imagens do que por palavras, mais dado às idéias e opiniões subjetivas do que às convicções claras tiradas de reflexão e estudo bíblico sério. Deus declara sobre tais ídolos, "Não os adorarás, nem lhes darás culto; porque eu sou o SENHOR, teu Deus, Deus zeloso" (Êxodo 20.5). Deus é zeloso pela nossa afeição, reverência, confiança e louvor. O poeta e pregador inglês, John Donne, considerou, "se não te importas com quem eu amo, então tu não me amas". Que esposo ou esposa que realmente ama a seu cônjuge não se importa se a outra pessoa é promíscua? O segundo mandamento nos assegura que Deus nos escolheu para si mesmo, nos separou para seu próprio prazer e nos dá o meio necessário pelo qual podemos ter um relacionamento íntimo, pessoal, mediado pela Palavra viva escrita. Não é suficiente adorar o Deus correto; devemos adorar *corretamente* o Deus correto.

---

[60] George Gallup e James Castelli, *The People's Religion* (Nova York: Macmillan, 1989), p. 60.

CAPÍTULO QUATRO
GUARDANDO A REPUTAÇÃO DE DEUS

Não tomarás o nome do SENHOR, teu Deus, em vão.

Uma história chocante está registrada em Levítico 10.1-3. Os próprios filhos de Arão estavam ministrando no santuário, mas eles haviam acrescentado sua própria forma de adoração – uma oferta não-autorizada. Eles pensaram que podiam agradar a Deus mas, em vez disso, o enfureceram. A ligação entre adorar corretamente o Deus correto e proteger o nome santo de Deus é ilustrada neste trágico acontecimento:

> Nadabe e Abiú, filhos de Arão, tomaram cada um o seu incensário, e puseram neles fogo, e sobre este, incenso, e trouxeram fogo estranho perante a face do SENHOR, o que lhes não ordenara.
>
> Então, saiu fogo de diante do SENHOR e os consumiu; e morreram perante o SENHOR.
>
> E falou Moisés a Arão: Isto é o que o SENHOR disse: Mostrarei a minha santidade naqueles que se cheguem a mim e serei glorificado diante de todo o povo. Porém Arão se calou.

Embora tivesse entendido o argumento de Moisés, o problema de Arão não era intelectual, mas emocional. Seus próprios filhos haviam se diferenciado no santuário de Deus, entregando suas vidas a seu serviço, e agora, lá estavam eles, estendidos na frente do santuário onde tinham simplesmente buscado realizar seu próprio serviço de seu próprio jeito. Isso nos mostra o quão seriamente Deus considera seu nome. Como o escritor aos Hebreus coloca, "Horrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo" (Hebreus 10.31).

Durante meus anos de seminário, tive um apartamento na esquina de um cruzamento movimentado. Alunos de uma escola primária próxima passavam pela minha janela de manhã e à tarde. Embora eu perceba que cada geração clama contra os maiores pecados da próxima, eu ficava chocado com a linguagem que esses alunos – nem adolescentes ainda – usavam, muito

dela consistindo do uso impróprio do nome de Deus, de alguma forma. A explicação fácil para esse uso profano do nome de Deus é a secularização da nossa cultura.

Mas o problema, como eu o vejo, não é que "tiramos Deus de nossas escolas públicas" ou que "removemos o reconhecimento público de Deus das cortes judiciais". É que tiramos Deus das *igrejas* e removemos o reconhecimento público de Deus e de seus atributos da nossa vida pessoal e pública como cristãos. Por que os cristãos deveriam lamentar o dia em que os Dez Mandamentos foram tirados da parede da sala de aula quando poucos deles sabem nomear os próprios decretos? Quando o mundo esquece-se de Deus, a igreja é intimada a proclamá-lo mais amplamente. Mas o que acontece quando a igreja se esquece de Deus? Quem fala por ele então? Francamente, fico mais ofendido com os vendedores ambulantes, hereges e curandeiros que usam o nome de Deus de forma imprópria do que com aquelas crianças que passavam pela minha janela todos os dias, cuja profanação danificou muito menos a cunhagem do nome divino.

Esse era o dilema que os profetas encararam no Antigo Testamento. Eles falavam por Deus quando o povo de Deus e os sacerdotes secularizavam e corrompiam a adoração divina. Você se lembrará de que o pacto de Deus com seu povo era na forma de um tratado do Oriente Próximo: Deus comprometeu-se com Israel, como um imperador a um rei vassalo, a proteger seu povo dos inimigos; em volta, a nação, como um rei vassalo, deveria permanecer leal a Deus, o Grande Rei. Sempre que Israel negligenciasse suas obrigações pactuais, Deus processaria a nação como um senhorio pode processar seus inquilinos. É justamente esse tipo de julgamento legal que Oséias registra:

> Ouvi a palavra do SENHOR, vós, filhos de Israel, porque o SENHOR tem uma contenda com os habitantes da terra, porque nela não há verdade, nem amor, nem conhecimento de Deus.
>
> O que só prevalece é perjurar, mentir, matar, furtar e adulterar, e há arrombamentos e homicídios sobre homicídios.
>
> Por isso, a terra está de luto, e tudo o que mora nela desfalece, com os animais do campo e com as aves do céu; e até os peixes do mar perecem.

> Todavia, ninguém contenda, ninguém repreenda; porque o teu povo é como os sacerdotes aos quais acusa.
>
> Por isso, tropeçarás de dia, e o profeta contigo tropeçará de noite; e destruirei a tua mãe.
>
> O meu povo está sendo destruído, porque lhe falta o conhecimento. Porque tu, sacerdote, rejeitaste o conhecimento, também eu te rejeitarei, para que não sejas sacerdote diante de mim; visto que te esqueceste da lei do teu Deus, também eu me esquecerei de teus filhos....
>
> ...o povo que não tem entendimento corre para a sua perdição.
>
> (Oséias 4.1-6, 14)

Em primeiro lugar, Deus reúne a corte e lê suas acusações: "não há *hesed* [lealdade pactual], nem amor, nem conhecimento de Deus". Observe que embora fosse uma nação escolhida (a única nação na História a ter gozado desse privilégio), Deus não colocou a culpa nos políticos e oficiais governamentais. A lealdade ao pacto, o amor genuíno a Deus e ao próximo e o conhecimento de Deus eram todos dependentes da saúde do santuário. Se o nome de Deus fosse blasfemado ali, certa e eventualmente seria blasfemado entre os gentios (Romanos 2.24).

Segundo, em vez de lealdade pactual, amor e conhecimento de Deus, há uma violação casual de todos os relacionamentos humanos. Aqui observamos o elo entre Deus e o próximo. Sempre que o vínculo entre Deus e seu povo se dissolve, desatam quaisquer relacionamentos humanos baseados nesse compromisso religioso. Quando a verdade a respeito de Deus (i.e., a teologia) não importa mais, a verdade nos tratados humanos (i.e., a ética) se torna cada vez mais tênue. A ligação entre teologia e ética é insolúvel. Não devemos ver a moralidade ou ética como fatos independentes e óbvios que exigem justificação teológica, mas meramente coerção legal. Não podemos esperar no mundo uma integridade que está faltando na igreja.

Terceiro, Deus anuncia a ruína de Israel a não ser que as coisas mudem: "pois o povo que não tem entendimento corre para a sua perdição". Quem deve ser primeiramente responsabilizado são os sacerdotes e os profetas também, que, com os sacerdotes, diziam ao povo o que ele queria ouvir. A ignorância era felicidade. "O meu povo está sendo destruído, porque lhe falta o conhecimento" (Oséias 4.6).

O julgamento em Oséias poderia muito bem ser empreendido em nossos dias, quando, como Nathan Stone escreve, "Há pouco conhecimento real, nos nossos dias, do único e verdadeiro Deus".[61] Como podemos honrar o nome de Deus quando não sabemos nem o suficiente sobre Deus para respeitá-lo ou para controlar nossos interesses? O famoso tradutor bíblico J. B. Phillips escreveu o seguinte em seu *best-seller* de 1961, *Your God Is Too Small*:

> Nenhuma pessoa pode realmente encarar com naturalidade o que chamamos de "vida" e "morte" sem uma fé religiosa. O problema com muitas pessoas hoje é que não encontraram um Deus grande o suficiente para as necessidades modernas. Enquanto sua experiência de vida tem crescido em várias direções e seus horizontes mentais têm se expandido ao ponto da confusão pelos acontecimentos do mundo e pelas descobertas científicas, suas idéias sobre Deus têm permanecido amplamente estáticas. Obviamente, é impossível para um adulto adorar a concepção de Deus que existe na mente de uma criança pequena, a não ser que esteja preparado para negar sua própria experiência de vida. Se, por uma grande força de vontade, faz isso, estará sempre secretamente temeroso, com receio de que alguma verdade nova possa expor a imaturidade de sua fé. E isso será um esforço tão grande que ele irá adorar ou servir a um Deus que é realmente muito pequeno para comandar sua lealdade e cooperação adulta.[62]

Com muito da pregação e do evangelismo popular conformando-se à mentalidade do adesivo de carro que brinca "Deus é o meu co-piloto", deve haver pouca surpresa quanto à razão pela qual o nome de Deus não seja sagrado em nossa sociedade. Porque ele não é sagrado em nossas igrejas. Nossos profetas e sacerdotes têm lidado falsamente com a Palavra, referin-

[61] Nathan Stone, *The Names of God* (Chicago: Moody, 1944), p. 07.

do-se mais a seres humanos que a Deus. Na Escritura, Deus é o oleiro e nós o barro. A salvação "não depende de quem quer ou de quem corre, mas de usar Deus a sua misericórdia... Logo, tem ele misericórdia de quem quer e também endurece a quem lhe apraz" (Romanos 9.16-21). Mas, na religião popular, Deus existe para mim. Eu sou o oleiro e ele é o barro. Afinal, ele não pode fazer coisa alguma se eu não "deixá-lo fazer do seu jeito". Só se eu decidir deixá-lo fazer isto ou aquilo é que ele pode exercer sua vontade. Afinal, "Jesus é um cavalheiro que não viola o nosso livre-arbítrio", ou assim ouvi quando estava crescendo.

O Deus bíblico é claramente algo além deste deus finito da religião norte-americana. Tomar o nome de Deus seriamente depende de tomar seriamente o próprio Deus, e isso exige uma perspectiva teológica centrada em Deus.

Conseqüentemente, não podemos responsabilizar as cortes judiciais, as escolas públicas, a mídia ou o governo por nossa própria infidelidade teológica. Somos aqueles – profetas e sacerdotes – que têm contribuído para este "Icabode", este afastamento da glória de Deus em nossos dias. Só por meio do retorno à pregação e ao ensino sadio, efetivo, centrado em Deus, é que poderemos restaurar a confiança não apenas dos próprios cristãos na grandeza de Deus, mas de um mundo incrédulo que está mais apático do que hostil com relação à nossa deidade feliz, benigna e desamparada.

Como, então, violamos o terceiro mandamento?

Usando Deus

No último capítulo, observamos o modo como os "profetas mentirosos" reivindicavam sua condição revelatória para "as visões do seu coração" (Jeremias 23). Muitos, hoje, usam similarmente Deus para seus próprios fins. A prática não é sempre intencional; na verdade, muitos destes que usam Deus, pensam que estão servindo ao seu melhor interesse. Contudo, é fácil corromper a verdade e recusar qualquer possibilidade de ser desafiado alegando autoridade divina para as próprias especulações.

Um dos melhores exemplos recentes do uso de Deus para os próprios fins é o *apartheid* na África do Sul. A teologia *afrikaner* argumentava que os colonizadores europeus eram o povo escolhido de Deus, conquistando a sua Terra Prometida expulsando os Cananeus, uma visão não totalmente diferente do nosso próprio tratamento aos índios norte-americanos durante o mesmo tempo. Em anos mais recentes, os líderes opo-

---

[62] J. B. Phillipps, *Your God Is Too Small* (Nova York: Macmillan, 1964), p. 07.

nentes cristãos do *apartheid* insistiam em que o regime não era uma teologia cristã, mas uma deformação da Escritura a fim de acomodar as reivindicações puramente ideológicas e políticas seculares.[63]

Na Alemanha, a igreja evangélica tornou-se a "Igreja do Reich", a igreja de estado do Nazismo e todos, menos um grupo de sacerdotes luteranos e reformados que insistiam que a ideologia nazista era herética, assinaram o juramento de lealdade a Hitler. O Cristianismo foi usado para apoiar o mundo cristão de tal forma que as enormes atrocidades das Cruzadas na Idade Média foram, na verdade, formuladas como sendo divinamente inspiradas. É fácil *usar* o nome de Deus em vez de *temê-lo*.

Quando eu tinha mais ou menos 10 anos de idade, meu pai era o administrador de um acampamento cristão nas montanhas Sierra. Certa semana, quando o diretor do acampamento apareceu para uma inspeção, meus pais haviam me retido por uma semana negando-me o uso do veículo de gelo de um amigo. Agora via minha oportunidade. Peguei o veículo e dei um passeio de duas horas e, quando encontrei meus pais furiosos esperando por mim, simplesmente disse a eles que Pat, o diretor, havia me *dito* para pegar algo para ele usando o veículo. Como podia dizer não ao diretor? Nunca pensei que meus pais fossem realmente perguntar a Pat o que havia acontecido. Quando eles o fizeram, sofri o embaraço final. Meus pais não me confrontaram – Pat o fez, e eu me senti um tolo. Eu havia reivindicado sua autoridade para a minha própria desobediência. Nós fazemos isso com Deus sempre que reivindicamos a sua autoridade e direção para nossas próprias decisões – mesmo quando essas decisões não são necessariamente certas ou erradas.

Na história de Nadabe e Abiú, filhos de Arão, o coração estava no lugar certo – eles queriam render culto a Deus. O problema é que este culto era o seu próprio, não o autorizado por Deus. Um dos modos nos quais profanamos o nome de Deus, então, é usando Deus – seu nome, autoridade ou direção – como um cheque em branco para nossas próprias decisões e atividades. Nos casos mencionados acima – as Cruzadas, o Holocausto, a escravidão, a matança dos índios norte-americanos e o *apartheid* na África do Sul – a utilização do nome de Deus carrega um descrédito e escândalo enormes ao

[63] John W. de Gruchy, *Liberating Reformed Theology: A South African Contribution to an Ecumenical Debate* (Grand Rapids: Eerdmans, 1991);
Allan A. Boesak, *Black and Reformed: Apartheid, Liberation, and the Calvinist Tradition* (Nova York: Orbis, s.d.).

nome de Deus e à causa de Cristo na História. O mal do qual cristãos professos têm participado (e até mesmo criado) em nome de Deus (e continuam a participar) fez regredir décadas o progresso do evangelho.

Aqueles que hoje ouvem um toque de fanatismo ideológico em palavras como *fundamentalista* e que usam a religião para alcançarem poder temporal sobre o povo são numerosos. Podemos clamar sobre a injustiça da mídia ao descrever a igreja de Cristo num canto com o Aiatolá, ou podemos voltar a "praticar a justiça, amar a misericórdia, e andar humildemente com o [nosso] Deus" (Miquéias 6.8), em vez de usar a religião para apoiar nossa própria agenda política. Nos últimos vinte anos, Deus tem sido usado para justificar o nacionalismo norte-americano, o militarismo, a oposição às creches para mães que trabalham e até mesmo em questões discutíveis como a retenção do Canal do Panamá. Ele tem sido usado como um mascote para os conservadores, brancos, estabelecimentos da classe média, o responsável pelos direitos e valores familiares dos evangélicos como os de possuir submetralhadoras. Isso cheira a "usar a Deus" e explorar a religião, embora os evangélicos façam isso tanto quanto os principais liberais fazem e desfazem de Deus.

Quando Amós disciplinou Israel por sua ignorância, infidelidade e injustiça social, ele encontrou mais hostilidade nos líderes religiosos do que nos servos civis. Amazias, sacerdote de Betel, tinha como objetivo principal na vida concordar com o rei. Amazias enviou uma mensagem ao rei Jeroboão: "Então, Amazias, o sacerdote de Betel, mandou dizer a Jeroboão, rei de Israel: Amós tem conspirado contra ti, no meio da casa de Israel; a terra não pode sofrer todas as suas palavras" (Amós 7.10). Qualquer crítica da confusão de Israel quanto aos propósitos de Deus na agenda de Jeroboão era considerada por Amazias como uma conspiração. "Então, Amazias disse a Amós: Vai-te, ó vidente, foge para a terra de Judá, e ali come o teu pão, e ali profetiza; mas em Betel, daqui por diante, já não profetizarás, porque é o santuário do rei e o templo do reino" (vv. 12-13). Em outras palavras, é Deus que serve Israel, não Israel que serve a Deus. A religião serve ao propósito da união social, provendo identidade nacional por meio da religião civil. Não é o santuário de Deus e o templo de Deus, mas "o santuário do rei e o templo do reino" de Jeroboão. Quando confundimos os reinos e alvos deste mundo com os de Deus, estamos trazendo vergonha e desonra ao nome de Deus. Essa é a razão pela qual, na oração do Senhor, a petição, "Santificado seja o teu nome" é seguida pela petição "Venha o *teu* reino, faça-se a *tua* vontade assim na terra como nos céus" (Mateus 6.9-10, itálico adicionado).

Hipocrisia

"É algo triste", escreveu o puritano Stephen Charnock, "ser um cristão na ceia, um gentio em nossas lojas e um demônio em nossos aposentos particulares." Trazemos desgraça ao nome de Deus quando professamos muito e possuímos pouco. A justiça própria é o maior pecado de todos, mas se torna ainda mais grotesca quando combinada com a hipocrisia. Nenhuma pessoa que se julga justa já alcançou a justiça da qual se vangloria e, assim, quando cai, sua queda é grande. Todos notam e não poucos se satisfazem com ela.

Jesus advertiu quanto àqueles que ficariam surpresos no último dia ao descobrirem que haviam usado seu nome em vão. "Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniqüidade" (Mateus 7.21-23). Observe que essas pessoas são cristãs professas ("Senhor, Senhor", elas o chamaram) e até mesmo insistiram que haviam profetizado, expulsado demônios e realizado milagres no nome de Cristo. Elas haviam usado seu nome em vão.

Em nossa vida, portanto, devemos sempre estar cientes do fato de que somos representantes de nosso Pai celestial. Se estivermos envolvidos em escândalos, necessariamente incluímos Deus nas acusações que o mundo faz. Quando remarcamos um produto em nossa loja acima do que é razoável simplesmente porque há uma demanda, e nossos clientes vêem um símbolo de peixe em nosso cartão de visita, isso se reflete no próprio caráter de Deus. Sempre que realizamos um trabalho de forma não-satisfatória, estamos dando oportunidade ao ceticismo. Nossa motivação para a excelência – na educação, no trabalho, nos relacionamentos, em casa – deve ser a santidade da reputação de Deus. Estamos "lá fora" no mundo como representantes escolhidos de seu governo. Tudo o que fazemos se reflete no nosso chefe de estado.

Quanto àqueles que se corromperam tanto na doutrina quanto na vida, Paulo adverte a Tito, "No tocante a Deus, professam conhecê-lo; entretanto, o negam por suas obras; é por isso que são abomináveis, desobedientes e reprovados para toda boa obra" (Tito 1.16). A falsa doutrina pode, ela mesma, ser uma forma de blasfemar o nome do Deus, e Paulo poderia facilmente ter dito, "Eles professam conhecê-lo mas, pela sua doutrinam o negam". Isso nos leva ao próximo meio de violação do terceiro mandamento.

Heresia e Erro

Assim como usar Deus como um mascote para nossos próprios interesses traz desonra a seu nome, assim também usar a Bíblia para apoiar a heresia é um exercício sério e perigoso para a alma.

Pedro fez uma advertência quanto ao uso da Escritura pelo herege. "Assim como, no meio do povo, surgiram falsos profetas, assim também haverá entre vós falsos mestres, os quais introduzirão, dissimuladamente, heresias destruidoras, até ao ponto de renegarem o Soberano Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina destruição. E muitos seguirão as suas práticas libertinas, e, por causa deles, será infamado o caminho da verdade; também, movidos por avareza, farão comércio de vós, com palavras fictícias; para eles o juízo lavrado há longo tempo não tarda, e a sua destruição não dorme" (2 Pedro 2.1-3). Hereges têm pouco respeito pela Palavra e não a deixam falar por si mesma. Onde o texto é claro, eles fazem com que o significado fique confuso até finalmente poderem substituí-lo pela sua deturpação. Mesmo nas cartas de Paulo "há certas coisas difíceis de entender, que os ignorantes e instáveis deturpam, como também deturpam as demais Escrituras, para a própria destruição deles" (2 Pedro 3.16).

Mas a heresia não é o único meio pelo qual o nome de Deus é corrompido. Quando, nos sermões, aprendemos mais sobre a história do pregador por meio de anedotas pessoais do que sobre a história da redenção pela revelação bíblica, o nome de Deus não recebe o que lhe é devido. Quando o ministro usa os vinte a trinta minutos que lhe são dados para oferecer suas próprias opiniões, especulações ou discernimentos, ele está tomando liberdades com o nome de Deus. Quando as ilustrações podem ser mais lembradas do que o texto do sermão, o nome de Deus não está sendo santificado nos corredores da igreja.

O nome de Deus também não é protegido quando o usamos de uma forma irreverente, grossa, profana: "Deus é 10. Ele é meu paizão" brota na mente. Quando "Louvado seja o Senhor!" ou máximas similares escapam de nossa língua como um equivalente cristão de "Isto é ótimo!", estamos tomando o nome de Deus em vão, isto é, desnecessariamente. O uso casual do nome de Deus é proibido precisamente porque desgasta nossa sensibilidade quanto à enorme reverência que devemos a ele. Visto que somos capazes de pensar superficialmente no nome de Deus até mesmo em nossas discussões com outros cristãos – mesmo quando nossas intenções são piedosas – não é muito difícil rebaixar nossa percepção do preço de mercado do nome de Deus em circunstâncias mais perniciosas.

Blasfêmia

O caso de um garoto que "blasfemou o Nome" é registrado em Levítico 24. Deus mandou que Moisés levasse o jovem para fora do acampamento e que toda a congregação o apedrejasse. "Dirás aos filhos de Israel: Qualquer que amaldiçoar o seu Deus levará sobre si o seu pecado" (v. 15).

Em pouquíssimos círculos evangélicos, uma piada suja seria considerada apropriada, porém expressões como "Bom Deus!", "Senhor de Misericórdia!" e também "Deus" e "Oh, meu Deus!" ocorrem em nossos círculos com freqüência perturbadora. Essa é uma forma de blasfêmia, para a qual exigia-se execução no Antigo Testamento. Os judeus eram tão sensíveis quanto ao nome de Deus que nunca o pronunciavam e nem mesmo o soletravam. Porém, hoje, vejo camisetas sendo vendidas em convenções evangélicas com *slogans* como "Este sangue é para você!", uma imitação do comercial de cerveja "Esta Bud é para você!". Sempre que barateamos o nome de Deus por meio de vãs repetições, criando *slogans* irrelevantes ou realmente praguejando, nos envolvemos numa violação do terceiro mandamento.

POR QUE ISSO É TÃO IMPORTANTE?

Vimos o raciocínio por trás do primeiro mandamento: cada doutrina cristã principal é baseada na afirmação de que existe apenas um Deus verdadeiro e apenas um ser que é "o caminho e a verdade e a vida" (João 14.6). O raciocínio por trás do segundo mandamento é igualmente claro: adorar o verdadeiro Deus de nosso próprio modo abre as portas para a especulação, superstição e apostasia. Afinal, "Deus é espírito; e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade" (João 4.24). Mas por que Deus toma seu nome de forma tão séria?

Embora eu faça uma objeção à sua visão de lei civil, Gary North oferece uma ilustração útil desse mandamento:

> Um modo para o norte-americano moderno começar a entender esse mandamento é tratar o nome de Deus como uma propriedade de marca registrada. A fim de obter uma distribuição expandida para seu manual de propriedade com direitos autorais – a Bíblia – e

> também para capturar uma fatia maior no mercado de ações para sua franquia licenciada – a Igreja – Deus, graciosamente, licenciou o uso de seu nome a qualquer pessoa que o use de acordo com suas instruções escritas. No entanto, deve ser entendido que o nome de Deus não foi liberado para o domínio público. Deus retém o controle legal sobre seu nome e ameaça com penalidades sérias o uso impróprio não autorizado dessa propriedade supremamente valiosa. Todas as violações da marca registrada serão processadas até os limites totais da lei. O promotor, o juiz, o júri e o que obriga é Deus.[64]

Elohim, um dos nomes divinos, refere-se à onipotência de Deus. *Yahweh*, traduzido "SENHOR" com letras maiúsculas, é diferente de *Adonai*, o título "Senhor", nome pessoal de Deus. O verbo "ser" expressa a essência do caráter de Deus: ele é auto-existente, soberano auto-suficiente que não depende de ninguém e de nada mas, antes, é aquele de quem tudo e todos dependem. "Sou eu mesmo, e que antes de mim *Elohim* nenhum se formou, e depois de mim nenhum haverá. Eu, eu sou o *Yahweh*, e fora de mim não há salvador" (ver Isaías 43.10-11).

O significado de *Yahweh* é diretamente relacionado à idéia que Deus comunicou a Moisés quando o profeta lhe perguntou quem ele deveria dizer que o havia enviado aos filhos de Israel. "Eis que, quando eu vier aos filhos de Israel e lhes disser: O *Elohim* de vossos pais me enviou a vós outros; e eles me perguntarem: Qual é o seu nome? Que lhes direi? Disse Deus a Moisés: EU SOU O QUE SOU" (ver Êxodo 3.13-15). *El Shaddai* é traduzido "Deus Todo-Poderoso", ou "o Senhor Soberano". *Yahweh-Yireh* é usado primeiramente em Gênesis 22, quando se exige de Abraão que ele ofereça Isaque como sacrifício. Significa "Deus proverá" e refere-se à provisão final para Abraão e seus herdeiros espirituais por meio do sacrifício de seu filho. *Yahweh-Rophe* é "Senhor que cura"; *Yahweh-Nissi* é "Senhor, minha bandeira" (Êxodo 17.15), referindo-se ao papel de Deus em providenciar segurança para seu povo na presença de seus inimigos; "Senhor da Santidade" é *Yahweh-M'Kaddesh*; *Yahweh-Shalom*, naturalmente, é "Senhor da Paz"; *Yahweh-Tsidkeny* é traduzido como "Senhor, nossa Justiça", referindo-se ao dom de Deus da justificação por meio de sua própria justiça imputada.

Outros nomes e títulos poderiam ser relacionados, mas é suficiente para nossos propósitos aqui reconhecer que cada um dos nomes divinos foi revestido de informação – não com poder mágico ou energia espiritual, mas com conteúdo doutrinário. Cada nome nos ensina algo crucial sobre o modo como Deus se relaciona conosco como seu povo.

Assim, sempre que questionamos a crença na soberania de Deus, levantamos uma questão sobre seu caráter como *El Shaddai*. Sempre que questionamos sua provisão planejando adquirir felicidade, riqueza ou mesmo a salvação por meio de nosso próprio esforço e para o nosso próprio bem, negamos Deus como nosso *Yahweh-Yireh*. Se procuramos, como os irmãos judeus de Paulo, estabelecer nossa própria justiça (Romanos 10.2-3), negamos Deus como *Yahweh-Tsidkenu*.

Assim, a proteção do nome de Deus é essencial primeiramente por razões teológicas. Cada nome é uma afirmação de fé e, considerados juntos, todos eles formam uma confissão de fé. Ter a soberania, justiça, paz, providência e santidade de Deus em alta estima é reverenciar o próprio Deus. Da mesma forma, descrer de qualquer um desses nomes é desprezar a própria pessoa daquele a quem adoramos. Essa é a razão pela qual achamos impróprio que irmãos e irmãs cristãos digam, "Eu não quero ser apanhado por toda aquela teologia. Só quero conhecer o Senhor". Conhecer o Senhor é necessariamente ser "apanhado por toda aquela teologia", porque, como o nome sugere, é impossível conhecer o verdadeiro Deus à parte da sua auto-revelação. Igualmente desastrosa, naturalmente, é a tendência de ser apanhado na teologia sem ser alcançado pelo próprio Deus pessoal.

Finalmente, assim como a proibição das imagens foi definitivamente devida à singularidade de Cristo como o único a ser "a *imagem* do Deus invisível" (Colossenses 1.15, itálico adicionado), e a proibição de outros deuses devida à exclusividade de Cristo como "o caminho e a verdade e a vida", assim também, o terceiro mandamento tem um foco centrado em Cristo. Não devemos usar o nome de Deus de forma imprópria primeiramente porque é por este nome que somos salvos.

Anteriormente, neste livro, discutimos a forma dos Dez Mandamentos em relação às formas dos tratados no Oriente Próximo. Os Dez Mandamentos (de fato, todo o Antigo Testamento) é moldado na forma de um tratado do antigo Oriente Próximo entre um imperador (um "grande rei" ou

[64] Gary North, *Chronicles: A Magazine of American Culture*, dezembro de 1992, p. 15.

suserano) e um rei menor (um vassalo). Sempre que o rei menor via seu domínio em perigo militar, ele invocava o nome do suserano, seu protetor. Ao invocar o nome do suserano, o rei menor estava oficialmente invocando uma cláusula do tratado que prometia proteção em caso de perigo. Daí em diante, o exército invasor saberia que seu inimigo não era o rei menor, cujo território estava saqueando mas, agora, teria de batalhar contra o "grande rei". Da mesma forma, Israel poderia confiar em Deus para defendê-lo sempre que fosse invadido – exceto nos casos em que o próprio Deus enviou Israel para o cativeiro por causa da sua deslealdade ao tratado.

Cristo cumpriu todas as cláusulas desse tratado – não apenas o seu fim do pacto, mas o nosso também. Quando somos convidados a "invocar o nome do Senhor", o que está envolvido não é meramente pedirmos algo a Deus que ele pode ou não nos conceder. A referência é à cláusula do tratado que assinamos pela fé: "Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo" (Romanos 10.13). Somos chamados, conseqüentemente, a vincular Deus conosco numa obrigação pactual. Isso, naturalmente, não é uma obrigação de mérito. Deus não é obrigado a nós porque fizemos algo que o colocasse sob obrigação (cf. Romanos 11.30). Antes, ele é obrigado porque ele mesmo prometeu se vincular a todos os que invocarem o seu nome. Não temos mais de nos preocupar que a nossa falha em alcançar as condições irá, de algum modo, refrear o braço de Deus, ou pelo menos sua vontade, para salvar. Ele se comprometeu a resgatar todo aquele que foi invadido e mantido cativo pela opressão. Afinal, Jesus Cristo é, ele mesmo, Deus SENHOR, a segunda pessoa da Santa Trindade. O Pai "lhe deu o *nome* que está acima de todo nome" (Filipenses 2.9, itálico adicionado). Devemos "crer no *nome* do Filho de Deus" (1 João 5.13, itálico adicionado). Invocar o nome de Cristo é invocar o nome de *Yahweh-Tsidkenu*, "o Senhor, nossa Justiça".

Protegemos o nome de Deus porque somos salvos invocando-o. Também carregamos o nome de Deus como filhos de Deus e irmãos e irmãs de Cristo. No Antigo Testamento, o povo de Deus era referido como "meu povo, que se chama pelo meu nome" (2 Crônicas 7.14), em contraste com aqueles que buscavam "tornar célebre o [nosso] nome" na Torre de Babel (Gênesis 11.4). Porque, diferentemente de qualquer nome que pudéssemos tornar célebres por nós mesmos, "Torre forte é o nome do SENHOR" (Provérbios 18.10), defendendo-nos das forças invasoras do mundo, da carne e do diabo.

E mediante a pessoa e a obra de Cristo que Deus ganha para si mesmo a maior glória devida ao seu nome. Quando os israelitas voltaram para Jerusalém depois do cativeiro persa e encontraram a Cidade da Paz enterrada em

ervas daninhas, houve uma renovação do pacto, com choro e arrependimento. Mas não demorou muito para que eles desejassem os caminhos da Pérsia. A adoração, o culto e a obrigação ao Senhor e ao próximo ficaram na beira da estrada enquanto o secularismo invadia a congregação. "O filho honra o pai, e o servo, ao seu senhor. Se eu sou pai, onde está a minha honra? E, se eu sou senhor, onde está o respeito para comigo? diz o SENHOR dos Exércitos a vós outros, ó sacerdotes que desprezais o meu nome. Vós dizeis: Em que desprezamos nós o teu nome?" (Malaquias 1.6). A mesa do Senhor foi desprezada (v. 7), o povo levava suas ofertas mais baratas em vez de levar do melhor de seus rebanhos e campos, e em todo o tempo, cada um pensava que Deus estava satisfeito. Mas o próprio Deus troveja:

> Tomara houvesse entre vós quem feche as portas, para que não acendêsseis, debalde, o fogo do meu altar. Eu não tenho prazer em vós, diz o SENHOR dos Exércitos, nem aceitarei da vossa mão a oferta. Mas, desde o nascente do sol até ao poente, é grande entre as nações o meu nome; e em todo lugar lhe é queimado incenso e trazidas ofertas puras, porque o meu nome é grande entre as nações, diz o SENHOR dos Exércitos. (Malaquias 1.10-11)

Em Cristo, essa resolução é cumprida. Seu nome é grande, não apenas em Israel, mas "entre as nações", onde o nome de Cristo é conhecido e honrado. Por toda parte, o incenso, representando as orações dos santos (Salmo 141.2; Apocalipse 5.8) eleva-se ao trono de Deus, e Deus faz por si mesmo, sacrifícios *vivos* daqueles que estavam "mortos nos delitos e pecados" (Efésios 2.1; ver também Romanos 12.1). Como o livro de Hebreus deixa claro, o advento de Cristo preenche as sombras da economia mosaica. O que o culto do templo, a teocracia e a Torá não podiam realizar, o próprio Jesus Cristo realizou como nosso Templo, a presença do reino de Deus e a Palavra feita carne. "Ele, que é o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser, sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder, depois de ter feito a purificação dos pecados, assentou-se à direita da Majestade, nas alturas, tendo-se tornado tão superior aos anjos quanto herdou mais excelente nome do que eles" (Hebreus 1.3-4).

Que seu nome possa ser santificado por nós no trabalho, no lazer, na escola e em casa. Que os políticos, nos nossos dias, possam falar pelos fra-

cos, como o fez o teólogo holandês e primeiro-ministro na virada do século, Abraham Kuyper. Que os educadores possam realizar seus chamados com excelência e deixar a política e as relações públicas para o mundo dos grandes negócios. Que os executivos possam cumprir sua honrada vocação com dignidade, integridade e respeito incomuns por seus clientes, consumidores, empregados e empregadores. Que os cristãos se tornem amplamente conhecidos novamente como os melhores trabalhadores que um empregador poderia contratar e que as donas de casa e os construtores estabeleçam seu domínio criando dinastias de fé, seus filhos assumindo seus próprios lugares na sociedade como sal e luz. Justamente como o escândalo moral resultou da ignorância doutrinária nos dias de Oséias, assim nós hoje "somos destruídos por falta de conhecimento" (Oséias 4.6). Que nós desejemos o dia em que o nome de Deus não mais será blasfemado entre os gentios por nossa causa, um dia quando "a terra se encherá do conhecimento do SENHOR, como as águas cobrem o mar" (Isaías 11.9).

CAPÍTULO CINCO
DESCANSO GARANTIDO

Lembra-te do dia de sábado, para o santificar.

É permitido aos cristãos trabalhar no domingo à tarde para cobrir outro empregado? É errado ir a eventos esportivos no Dia do Senhor? Qual é exatamente o propósito do sábado e, para os cristãos, ele tem o mesmo significado que teve para os judeus do Antigo Testamento? Essas são algumas das questões práticas – e espinhosas – levantadas pelo quarto mandamento.

A ORIGEM DA INSTITUIÇÃO DO SÁBADO

Dentro da tradição clássica cristã, várias visões com relação à ordenança do sábado têm sido mantidas. Um dos pontos de debate mais acirrado envolve a questão sobre se o sábado tem sua origem na criação ou na instituição mosaica. Em outras palavras, Deus instituiu o sábado como uma ordenança da criação ou como um sinal especial de seu favor a Israel? Como Geerhardus Vos declara, "Isso é importante porque com ele se mantém ou cai a validade geral do mandamento para toda a humanidade".[65] Se Deus deu o quarto mandamento à humanidade como uma instituição da criação, ele é universalmente obrigado, mas se tem uma origem mosaica, é um privilégio singular e possessão do povo de Deus. Deve ser dito que a primeira visão (que o enraiza na criação) tem mais apoio entre os exegetas protestantes, particularmente pela influência dos Puritanos. O próprio Geerhardus Vos sustenta essa posição, mas muitos, como eu mesmo, permanecem não convencidos.

A segunda visão, a que coloca a origem do sábado nos Dez Mandamentos, o que forma um privilégio especial de Deus para o seu povo, parece fazer mais sentido à luz dos textos. A primeira vez que o sábado aparece na Escritura é em Gênesis 2.2-3: "E, havendo Deus terminado no dia sétimo a sua obra, que fizera, descansou nesse dia de toda a sua obra que tinha feito. E abençoou Deus o dia sétimo e o santificou; porque nele descansou de toda a obra que, como Criador, fizera". Observe que "abençoou Deus o dia sétimo e o santificou" e embora ele tenha feito isso, nada é dito sobre levar criaturas para o gozo do descanso de Deus até o quarto mandamento, registrado em Êxodo 20.8-11.

---

[65] Geerhardus Vos, *Biblical Theology* (Grand Rapids: Eerdmans, 1948), p. 139.

Similarmente, embora possamos dizer que "abençoou Deus o dia sétimo e o santificou" de uma forma objetiva na criação, para que *ele* pudesse honrar e gozar do seu descanso, é só na instituição mosaica do sábado que lemos, "*guardareis* o sábado, porque é santo para *vós outros* " (Êxodo 31.13, itálico adicionado).

Só sob Moisés, conseqüentemente, é que Deus convida – na verdade, ordena – seu povo a compartilhar seu descanso com ele. Isso é parte da comunhão com Deus – gozá-lo em descanso.

Assim, é melhor considerar o sábado como uma ordenança ao povo de Deus, não como um princípio universal que deve ser forçado aos incrédulos que não têm, por enquanto, comunhão com Deus – por que como os incrédulos podem compartilhar do seu descanso?

PROPÓSITO DO SÁBADO

Deus criou o descanso do sábado porque ele havia terminado a sua obra. Não foi simplesmente porque ele estava cansado. Isso exclui a possibilidade do propósito primeiro por trás do sábado ser a sua utilidade para nós. O propósito mais comumente sustentado por trás do sábado é a sua utilidade prática para aqueles que o seguem. Afinal, apenas faz sentido que as pessoas deveriam ter um dia de descanso do trabalho. Deus está apenas considerando os nossos melhores interesses. Mas, novamente, assim como acontece freqüentemente com os outros mandamentos, essa explicação é centrada no homem em vez de ser uma visão centrada em Deus e Cristo. Há muito mais na instituição do sábado do que o serviço que ele presta a nós. Os Reformadores Protestantes argumentaram que o propósito primeiro do sábado era avançar o reino de Cristo.

Lutero argumentou que o propósito do sábado era que "deveríamos temer e amar a Deus e, assim, não deveríamos desprezar sua Palavra e a pregação da mesma, mas considerá-la santa, ouvi-la e aprendê-la alegremente" (*Catecismo Breve*). Calvino afirmava a utilidade do sábado por causa da fraqueza humana. Precisamos de um dia na semana para instrução e meditação, de outra forma, poderemos achar ainda mais difícil achar um tempo para isso durante a semana.

Todavia, os Reformadores *entenderam* o significado eterno do sábado. Para eles, não era meramente uma instituição *útil*, mas uma instituição que *carregava um sinal*. Calvino, por sua vez, via o uso primário do mandamento em termos de descanso espiritual, apontando para Cristo, em quem os crentes "deixam de lado os seus próprios trabalhos.... Somos instruídos em muitas passagens que esse prenúncio do descanso espiritual ocupava o principal lugar no sábado".[66]

[66] João Calvino, *Institutas da Religião Cristã*, 2.8.28-29.

Agora, então, nos movemos para além de um propósito meramente funcional, prático, para um teológico. Para fazermos isso, precisamos, em primeiro lugar, fazer uma revisão de todo o registro bíblico sobre esse assunto.

Desde que Deus terminou sua obra da criação, ele tem descansado. Não devemos ver esse descanso no sentido físico, terreno e comum, uma vez que Deus é espírito. Deus, o Criador, ainda é Deus, o Preservador, Provedor, Redentor e Juiz. Ele ainda é muito ativo nas questões deste mundo e, assim, seu descanso não é um término de atividade. Estudiosos têm mostrado que a palavra hebraica para "descanso" está muito próxima da palavra para "paz". Em todo o lugar onde Deus está, há paz e descanso: em seu santo lugar ("Jerusalém" significa "Cidade de Paz/Descanso") ou em seu tempo santo (o sábado). Mas, naturalmente, Deus existe na eternidade e não é uma criatura temporal. Ele existe num estado eterno de descanso e paz, embora seja muito ativo.

No Jardim do Éden, Deus procurou trazer o céu à terra numa forma pequena, fazendo do jardim um lugar santo de descanso e dando o tempo do sábado para descanso. Se Adão tivesse resistido até o fim em obediência, ele também teria entrado no descanso eterno do sábado, porque ele teria recebido o fruto da Árvore da Vida. Em vez disso, ele escolheu o caminho da rebelião, e o descanso do sábado não era mais uma ordenança da *criação*, mas uma ordenança da *redenção*. Em outras palavras, não foi dado mais ao homem como homem, mas apenas àqueles com quem Deus pactuou. Os judeus eram o povo especial com quem Deus pactuou. Esta, e não a criação, é a razão pela qual encontramos Deus convidando – de fato, ordenando – seu povo a entrar em seu descanso do sábado. É um convite de salvação, uma sombra da proclamação do evangelho, que deveria ser proclamada para o povo de Deus e, por meio dele, para todo o mundo. Quando os judeus celebravam o sábado, eles antecipavam o fim de seu sofrimento e labor, sacrifícios e cerimônias, o descanso final. Deus viria no fim da era (semana) e acertaria tudo.

No Novo Testamento, a luz veio. Com a aurora da vinda de Cristo, temos o fim da "semana" judaica e o início de uma nova era e de uma nova criação. Os judeus procuravam o Messias no fim da semana, mas nós olhamos para trás para Cristo no início de cada nova semana. Quando o segundo Adão veio, ele cumpriu toda a obediência devida a Deus e, diferentemente do primeiro Adão, obteve para nós o acesso à Árvore da Vida e à entrada no Sétimo Dia eterno que o próprio Deus goza. O sábado é, por esta razão, a vida eterna na presença de Deus.

Uma coisa é declarar um propósito, outra muito diferente é defendê-lo. Contudo, este é um tema principal da Escritura maior do que freqüentemente

percebemos. Na Escritura, a idéia de prover o descanso se estende além do sábado. Imediatamente seguindo o mandamento, em Êxodo 30, com relação ao sábado, Deus acrescenta um sábado para a terra a cada *sete anos*. Similarmente, no *sétimo mês de cada ano*, o Dia da Expiação deveria ser observado. Finalmente, a *cada cinqüenta anos* deveria haver um sábado mais importante, o Ano do Jubileu, no qual prisioneiros, escravos e devedores deveriam ser libertos e seus débitos cancelados. "Santificareis o ano qüinquagésimo e proclamareis liberdade na terra a todos os seus moradores" (Levítico 25.10).

Mas, novamente, embora estes sábados sirvam, de fato, aos melhores interesses do povo, provendo descanso físico, liberação socioeconômica e até mesmo um descanso para a terra (o que ambientalistas e cientistas agrônomos endossam com energia), o propósito não é utilitário. A conseqüência de se fazer as coisas do modo de Deus produz resultados efetivos, uma vez que a lei de Deus revela a sabedoria divina. Mas ela revela muito mais do que a sabedoria divina. Não devemos basear nossa defesa da lei de Deus na sua racionalidade, embora seja admiravelmente racional. Não devemos situar sua defesa em sua utilidade, embora seja supremamente útil. O ponto principal de todas as leis de Deus, incluindo esse decreto do sábado, é *teológico*. Ele nos ensina algo sobre Deus, não algo sobre nós mesmos. Ele aponta o caminho para desfrutarmos de Deus e não de nós mesmos. Ele não está preocupado em tornar a vida mais fácil para nós, mas em nos ensinar sobre a era vindoura que Deus preparou.

Isso nos conduz ao cerne do argumento bíblico. No Salmo 62.1, 5, Deus convida seu povo a compartilhar do seu descanso – e o salmista o exalta nele: "Somente em Deus, ó minha alma, espera silenciosa; dele vem a minha salvação.... Somente em Deus, ó minha alma, espera silenciosa, porque dele vem a minha esperança". Observe a ligação entre o descanso e o fato da salvação vir somente de Deus. Retenha esse pensamento enquanto nós prosseguimos com o Salmo 95:

> Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o coração, como em Meribá, como no dia de Massá, no deserto, quando vossos pais me tentaram, pondo-me à prova, não obstante terem visto as minhas obras.
>
> Durante quarenta anos, estive desgostado com essa geração e disse: é povo de coração transviado, não conhece os meus caminhos.
>
> Por isso, jurei na minha ira: não entrarão no meu descanso. (95.7-11)

Freqüentemente ouvimos a geração de filhos do pós-guerra citada como uma "geração perdida", especialmente depois da destruição experimentada pela perda da esperança, pelo vício em drogas, pelos relacionamentos casuais e pelo medo do futuro. A Bíblia conhece uma geração similar. Depois do Êxodo (prefigurando a redenção em Cristo) e da entrega da lei no Monte Sinai, descobriu-se que alguns dos judeus eram incrédulos. Isso não deveria ser surpresa visto que, como Agostinho disse da igreja, "Há muitas ovelhas fora e muitos lobos dentro". Julgando pelo que o povo de Israel viu – as aflições da liberdade em comparação com a afluência relativa da escravidão no Egito – muitos se tornaram cínicos sobre o cumprimento da promessa de Deus a Abraão. O salmista descreve a geração incrédula como aqueles que "Falaram contra Deus, dizendo: Pode, acaso, Deus preparar-nos mesa no deserto?" (Salmo 78.19). Em contraste com essa incredulidade, o salmista declarou, "Preparas-me uma mesa na presença dos meus adversários, unges-me a cabeça com óleo; o meu cálice transborda. Bondade e misericórdia certamente me seguirão todos os dias da minha vida; e habitarei na Casa do SENHOR para todo o sempre" (Salmo 23.5-6). Foi por causa da "geração perdida" de Israel que o salmista fez Israel lembrar dos grandes atos de redenção de Deus:

> Ele estabeleceu um testemunho em Jacó, e instituiu uma lei em Israel, e ordenou a nossos pais que os transmitissem a seus filhos, a fim de que a nova geração os conhecesse, filhos que ainda hão de nascer se levantassem e por sua vez os referissem aos seus descendentes; para que pusessem em Deus a sua confiança e não se esquecessem dos feitos de Deus, mas lhe observassem os mandamentos; e que não fossem, como seus pais, geração obstinada e rebelde, geração de coração inconstante, e cujo espírito não foi fiel a Deus.
>
> (Salmo 78.5-8)

Deus declarou de toda uma geração, "não entrarão no meu descanso". Assim, os filhos de Israel vagaram por quarenta anos. Nenhum dos incrédulos cínicos entrou na Terra Prometida, muito embora fossem herdeiros ancestrais de Abraão.

Quando nos lembramos da confissão do salmista, "Somente em Deus, ó minha alma, espera silenciosa; dele vem a minha salvação" (62.1), podemos ver que o problema real da "geração perdida" israelita era uma questão de fé.

A razão pela qual eles não entraram no descanso da Terra Prometida não foi porque não haviam sido suficientemente obedientes, nem porque não ofereceram sacrifícios o suficiente ou realizaram bastantes cerimônias. Eles foram barrados eternamente do descanso de Deus por causa da incredulidade. Eles recusaram-se a colocar seu descanso apenas em Deus. Eles recusaram-se a declarar que sua salvação estava inteiramente em suas mãos e recusaram-se a crer que existiam pela misericórdia de Deus e que Deus iria graciosamente prover. Eles tomaram as questões em suas próprias mãos e decidiram se salvar. Quando não puderam fazer isso, reclamaram de Deus. Esse é o pano de fundo para a discussão do descanso do sábado em Hebreus 4.

Em primeiro lugar, o escritor aos Hebreus estabelece a prioridade de Cristo sobre Moisés (Hebreus 3.5-6). Os crentes no Novo Testamento não apenas *têm a promessa* de um sábado da boca de Moisés, eles realmente *penetraram* no descanso do sábado em Cristo. Rejeitar a ordem de entrar no descanso de Deus como lançada pelo próprio Cristo, especialmente depois de ele ter cumprido tudo o que o povo do Antigo Testamento tinha apenas na forma de uma promessa, é o auge da incredulidade.

Segundo, depois de o escritor aos Hebreus recordar a advertência registrada no Salmo 95, ele diz:

> Tende cuidado, irmãos, jamais aconteça haver em qualquer de vós perverso coração de incredulidade que vos afaste do Deus vivo; pelo contrário, exortai-vos mutuamente cada dia, durante o tempo que se chama hoje, a fim de que nenhum de vós seja endurecido pelo engano do pecado. Porque nos temos tornado participantes de Cristo, se, de fato, guardarmos firme, até ao fim, a confiança que, desde o princípio, tivemos. Enquanto se diz:
>
> Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração, como foi na provocação.
>
> Vemos, pois, que não puderam entrar por causa da incredulidade. (Hb 3.12-15, 19)

Mais uma vez, foi a incredulidade que impediu a "geração perdida" israelita de entrar na Terra Prometida. Mas só porque os judeus não entraram no descanso do sábado de Deus no Antigo Testamento, isso não significa que Deus cancelou sua promessa: "Temamos, portanto, que, sendo-nos deixada a pro-

messa de entrar no descanso de Deus, suceda parecer que algum de vós tenha falhado" (4.1). Mas como essa promessa ainda se mantém para os crentes do Novo Testamento, tanto para o judeu quanto para o gentio, se foi meramente uma promessa de um pedaço de lote terrestre? Essa é a razão pela qual o mesmo autor escreve que mesmo aqueles crentes que finalmente entraram na Palestina perceberam que ela era apenas uma sombra do descanso eterno do sábado: "Mas, agora, aspiram a uma pátria superior, isto é, celestial" (11.16).

Conseqüentemente, a geração perdida não foi apenas impedida de entrar no descanso terrestre, mas porque o povo não confiou na promessa de Deus, foi impedido de entrar no descanso celestial também. É o descanso celestial que permanece aberto para nós, os crentes:

> Porque também a nós foram anunciadas as boas-novas, como se deu com eles; mas a palavra que ouviram não lhes aproveitou, visto não ter sido acompanhada pela fé naqueles que a ouviram. Nós, porém, que cremos, entramos no descanso, conforme Deus tem dito: Assim, jurei na minha ira: Não entrarão no meu descanso. Embora, certamente, as obras estivessem concluídas desde a fundação do mundo. Porque, em certo lugar, assim disse, no tocante ao sétimo dia: E descansou Deus, no sétimo dia, de todas as obras que fizera. E novamente, no mesmo lugar: Não entrarão no meu descanso. Visto, portanto, que resta entrarem alguns nele e que, por causa da desobediência, não entraram aqueles aos quais anteriormente foram anunciadas as boas-novas (Hb 4.2-6).

Observe, tanto os crentes no deserto quanto os crentes hoje têm o mesmo evangelho pregado a eles (v. 2). Deparamos com a mesma decisão, a mesma crise. Os incrédulos no deserto conheceram a promessa e participaram dos rituais e cerimônias que os lembravam constantemente da promessa. Porém, eles não uniram a audição regular com a fé; eles não responderam ao evangelho, mas simplesmente o admitiram como certo e, então, quando os tempos se tornaram difíceis, decidiram viver por conta própria. Esse processo é familiar a muitos de nós que temos visto membros da família e amigos – talvez até nós mesmos – sair de um lar cristão para uma desconsideração pelas coisas de Deus e depois, finalmente, para uma rejeição completa de Cristo na prática, se não na teoria.

Mas Deus nos convida para o seu dia de sábado. A oferta ainda permanece, mas não devemos ser como aqueles que deixaram de confiar na promessa de salvação de Deus, muito embora tenhamos repetidamente ouvido as boas-novas. A Terra Prometida e o descanso prometido não podem definitivamente referir-se à terra física da Palestina, "Ora, se Josué lhes houvesse dado descanso, não falaria, posteriormente, a respeito de outro dia. Portanto, resta um repouso para o povo de Deus. Porque aquele que entrou no descanso de Deus, também ele mesmo descansou de suas obras, como Deus das suas" (4.8-10). Essa é a chave para toda a passagem e, em minha visão, a todo o propósito por trás da instituição do sábado. Essa é a direção para a qual o sábado aponta: "Porque aquele que entrou no descanso de Deus, também ele mesmo descansou de suas obras, como Deus das suas". Como Paulo escreveu, "Mas, ao que não trabalha, porém crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é atribuída como justiça" (Rm 4.5). A geração perdida deixou de entrar na promessa, não porque não podia parar de tentar entrar na terra por meio de seus próprios esforços e planos.

Da mesma forma, somos excluídos do sétimo dia de Deus, seu descanso eterno, a não ser que deixemos nosso empenho de buscar o favor de Deus e confiemos apenas em Cristo. Porque o descanso eterno não é outro senão o próprio Cristo. Pela nossa união com Cristo, já vivemos o sétimo dia, o sábado eterno de Deus. Deus ordenou a observação do sábado por intermédio de Moisés, mas o próprio Cristo é o Sábado para o seu povo, como ele diz no livro de Mateus: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve" (Mateus 11.28-30). Josué pode ter conduzido Israel para a Terra Prometida terrestre, mas isso foi um mero prenúncio de um triunfo maior, uma terra maior, um descanso maior.

Na verdade, o texto em Mateus no qual Jesus convida o povo a compartilhar do seu descanso é imediatamente seguido pela proclamação de Cristo de si mesmo como o "Senhor do sábado". Depois de dizer ao povo que ele era o seu descanso, o Senhor foi confrontado pelos fariseus que estavam perturbados pelo fato de os discípulos de Jesus não observarem o sábado adequadamente. Jesus lembrou aos fariseus que no sábado, os sacerdotes estavam ocupados trabalhando. "Ou não lestes na Lei que, aos sábados, os sacerdotes no templo violam o sábado e ficam sem culpa? Pois eu vos digo: aqui está quem é maior que o templo. Mas, se vós soubésseis o que significa: Misericórdia quero e não holocaustos, não teríeis condenado inocentes. Porque o Filho do Homem é senhor

do sábado" (12.5-8). Os fariseus estavam ocupados tentando forçar a observação externa do sábado mas eram absolutamente cegos ao fato de que todo o propósito por trás da instituição do sábado encontrava-se diante deles na pessoa de Cristo. Em vez de abraçarem a Cristo como seu descanso encarnado, os fariseus escolheram usar essa sombra como uma fonte de obras-justiça.

Depois dessa discussão, Jesus foi para a sinagoga e curou um homem com uma mão ressequida à vista dos fariseus, enraivecendo os líderes religiosos de tal forma que eles começaram a planejar sua morte. Todavia, o Senhor foi para outro lugar e curou doentes. Tudo isso, é dito, aconteceu "para se cumprir o que foi dito por intermédio do profeta Isaías":

> Eis aqui o meu servo, que escolhi, o meu amado, em quem a minha alma se compraz. Farei repousar sobre ele o meu Espírito, e ele anunciará juízo aos gentios. Não contenderá, nem gritará, nem alguém ouvirá nas praças a sua voz. Não esmagará a cana quebrada, nem apagará a torcida que fumega, até que faça vencedor o juízo.
>
> E, no seu nome, esperarão os gentios.
>
> (Mt 12.17-21; cf. Is 42.1-4)

Assim, nesse único capítulo de Mateus, temos Jesus Cristo se proclamando como o descanso do sábado, mostrando-se como o Senhor do sábado e atribuindo a si mesmo o cumprimento da profecia a respeito do Servo Escolhido que iria cuidar do quebrado e cansado, diferentemente dos líderes religiosos que de modo negligente esmagavam a cana quebrada e apagavam a torcida que fumegava. Àqueles com uma fé fraca, ele daria esperança em vez de medo; aos com dúvidas e insegurança espiritual, ele iria prover um lugar de descanso.

SOMOS OBRIGADOS A OBSERVAR O SÁBADO HOJE?

É a resposta a essa questão prática que muitos leitores têm esperado saber desde que começaram a ler este capítulo. Contudo, ela não pode ser adequadamente respondida à parte do "grande quadro" precedente. A observação do sábado é o quarto dos Dez Mandamentos; conseqüentemente,

se cremos que os cristãos são obrigados a obedecerem aos Dez Mandamentos, não estamos dizendo que eles devem observar o sábado? E se o sábado é um dia literal da semana no qual "não farás nenhum trabalho, nem tu, nem o teu filho, nem a tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o forasteiro das tuas portas para dentro" (Êxodo 20.10), isso não cria uma crise prática de consciência para muitos cristãos?

Em primeiro lugar deixe-me dizer que, com base no conselho de Paulo aos cristãos em Romanos 14, uma pessoa nunca deve transgredir a sua própria consciência. Se realmente creio que estou obrigado a observar o quarto mandamento de acordo com o seu uso cerimonial (i.e., um dia literal de término de trabalho), então estou pecando contra Deus em minha consciência se o violo. Se creio que estou pecando contra Deus – mesmo se não estiver violando o seu mandamento – estou, em meu coração, me rebelando contra Deus. Isso destrói muito mais o nosso caráter a longo termo do que transgredir uma lei conhecida. Por essa razão, nunca devemos tratar superficialmente a objeção da consciência de uma pessoa quanto ao trabalho ou ao engajar-se em várias formas de recreação no domingo.

Tendo dito isso, o crente que vê o domingo como o sábado cristão deve ser cuidadoso para não violar a liberdade que seu irmão goza quanto ao assunto. Assim como outras questões cerimoniais foram deixadas, pelos apóstolos, para a consciência individual (cf. Gálatas), assim devemos dar uns aos outros a liberdade de manter diferentes opiniões quanto a este assunto. Como Paulo escreveu, "Um faz diferença entre dia e dia; outro julga iguais todos os dias. Cada um tenha opinião bem definida em sua própria mente. Quem distingue entre dia e dia para o Senhor o faz; e quem come para o Senhor come, porque dá graças a Deus; e quem não come para o Senhor não come e dá graças a Deus" (Romanos 14.5-6). Contudo, desejo dizer que a minha convicção é que o quarto mandamento pertence ao que chamamos de parte "cerimonial" da lei em vez de "moral". Lembre-se de que a parte "moral" da lei de Deus é o que está eternamente vinculado aos crentes em ambos os testamentos, ao passo que as sombras de Cristo nas leis civis e cerimoniais desapareceram quando a realidade (Cristo) apareceu. Sugerir que o quarto mandamento, então, é parte da lei *cerimonial e*m vez de ser parte da lei *moral*, é dizer que ele não mais obriga os cristãos.

Em primeiro lugar, o apóstolo Paulo argumenta nos primeiros dois capítulos de Romanos que a lei escrita na consciência e a lei escrita nas tábuas de pedra são uma e a mesma. Em outras palavras, a lei moral (Dez Mandamentos) é a expressão escrita da lei natural gravada na consciência humana. Essa lei é tão

universal que cada tribo e cultura é ciente, de acordo com Romanos 1 e 2, de que existe um Deus com atributos e demandas particulares. Paulo deixa claro que não apenas a segunda tábua da lei (concernente à nossa obrigação para com outras pessoas), mas a primeira tábua também (concernente à nossa obrigação para com Deus), está selada em cada pessoa da criação. Todavia, como já argumentei, o sábado é singular entre os Dez Mandamentos. Ele não está, eu manteria, selado na consciência humana por causa da criação; antes, ele é uma ordenança, como a circuncisão, para a comunidade redimida de Israel, apontando para Cristo. Considerando que os pagãos sabem que estabelecer ídolos no lugar de Deus é errado mas o fazem de qualquer jeito, é difícil encontrar um princípio universal de sábado. Ele pode ser demonstrado como útil e praticamente justificado, particularmente em culturas que já têm uma tradição religiosa de observar o Dia do Senhor, mas uma pessoa pode ser pressionada a simplesmente tomar um nativo no Pacífico Sul e pedir-lhe para sugerir algo equivalente ao sábado judeu. Isso porque esse é o único mandamento dos dez que não é dado a todo o povo por meio da criação, mas é um presente especial para o povo de Deus, apontando-lhe, de uma forma singular, para o Messias prometido.

Em segundo lugar, a razão que damos para aceitar a lei moral (i.e., os Dez Mandamentos) é que seus preceitos são repetidos no Novo Testamento. As leis cerimoniais e civis não são repetidas, mas cada um dos Dez Mandamentos é repetido de uma forma ou outra, muitas vezes, no Novo Testamento – com uma exceção, o quarto mandamento. Procuramos em vão encontrar um único mandamento do Novo Testamento com relação ao sábado. Encontramos crentes ordenados a continuarem se congregando regularmente (Hebreus 10.25), e isso era feito no primeiro dia da semana (domingo) em vez de no último (sábado) na igreja primitiva (Atos 20.7; 1 Coríntios 16.2), mas certamente havia mais neste mandamento severo do Antigo Testamento do que congregar-se regularmente. Na verdade, "qualquer que no dia do sábado fizer alguma obra morrerá" (Êxodo 31.15).

A razão pela qual Deus tomou a observação do sábado de forma tão séria é que ele estava apontando para algo absolutamente essencial: a vinda de Cristo e a salvação pelo descanso em vez de pelo trabalho. Se Deus permitisse qualquer trabalho no sábado, como ele serviria na qualidade de um prenúncio valioso da promessa eterna? Deus permite que contribuamos para a nossa própria redenção mesmo com a menor atividade? Há algum lugar onde possamos dizer, "Olhe, isto é o que eu fiz; esta foi a minha parte!"? Com certeza não, e aqueles que confiam em seus próprios esforços, por menores que sejam, são destinados à morte por toda a eternidade. Isso é precisamente o que é prenunciado na legis-

lação do Antigo Testamento. Essa é a razão pela qual Deus ordena o mais severo castigo – a morte física, prenunciando a morte mais severa, a morte eterna – por causa da rejeição a Cristo como nosso descanso.

Assim, é completamente impossível obedecer verdadeiramente ao mandamento do sábado com o rigor exigido na lei do Antigo Testamento à parte do restabelecimento de uma teocracia (um prospecto, por sinal, que acho assustador e aterrorizante por razões bíblico-teológicas e também práticas). Mas a observação cerimonial do mandamento não é apenas impossível para nós em todos os seus detalhes; ela não é exigida no Novo Testamento. O apóstolo Paulo inclui a observação do sábado na parte cerimonial da lei, que passou com a vinda de Cristo: "Ninguém, pois, vos julgue por causa de comida e bebida, ou dia de festa, ou lua nova, ou sábados, porque tudo isso tem sido sombra das coisas que haviam de vir; porém o corpo é de Cristo" (Colossenses 2.16-17). O sábado é colocado ao lado dos outros rituais e celebrações da lei cerimonial. Se deveríamos continuar a observar o aspecto cerimonial do sábado, por que não deveríamos praticar os outros sábados exigidos: o sábado a cada sete anos para a terra e um Ano sabático a cada cinqüenta anos, quando os prisioneiros seriam libertados e todos os débitos cancelados?

Mas nada disso, incluindo o dia de sábado, é ordenado no Novo Testamento. Jesus Cristo é o descanso para o povo de Deus, e mesmo a terra gozará seu descanso eterno e será "redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus" (Rm 8.21). Esses sábados apontavam para Cristo e, em seu advento, morte, ressurreição, ascensão e retorno futuro, encontramos um cumprimento tão completo que não mais precisamos do sábado como um sinal tanto quanto não precisamos de sacrifícios ou de um templo. De acordo com Hebreus, Cristo é todos estes três: sábado, sacrifício e templo.

Isso tendo sido dito, embora a parte cerimonial do sábado (i.e., a observação de um dia real) não esteja mais em vigor, a realidade da sombra está, de fato. Se o povo não confiar em Cristo e parar de confiar em seus próprios esforços, Deus irá jurar em sua ira que eles, como a geração perdida, não entrarão em seu descanso. "Portanto, resta um repouso para o povo de Deus. Porque aquele que entrou no descanso de Deus, também ele mesmo descansou de suas obras, como Deus das suas" (Hebreus 4.9-10). Aqueles que não confiam em Cristo, se encontrarão na mesma dificuldade daqueles a quem Deus amaldiçoou no deserto e daqueles que foram executados por não observarem o sábado no Antigo Testamento, com uma exceção: a rejeição a Cristo conduz à perda eterna, não meramente à morte de uma pessoa neste mundo.

ENTÃO, NÃO HÁ ABSOLUTAMENTE NENHUMA APLICAÇÃO PRÁTICA PARA NÓS HOJE?

Embora eu tenha argumentado pelo cumprimento e, por essa razão, anulação do mandamento do sábado em termos de observação ritual, mantenho que muito da atividade prática do sábado (separar um dia da semana para meditação, oração, comunhão, Palavra e sacramento) continua a ser a principal atividade da igreja (Atos 2.42-47). Embora não devamos exigir que o domingo seja elevado por razões espirituais ou teológicas (o que seria fazer dele um ritual cerimonial ou observação de um ritual), há todas as razões para elevá-lo por questões práticas.

Os cristãos norte-americanos freqüentemente se surpreendem ao verem o quanto os europeus consideram seriamente o domingo até o ponto de não fazerem compras e pararem o comércio. De fato, a campanha "Manter o Domingo Especial" lançada pelos evangélicos na Inglaterra foi apoiada por uma grande parte do público em geral. Isso é bom para as famílias, para os trabalhadores, para os sindicatos, empregadores e para os profissionais do serviço público, como os policiais, bombeiros e utilidades públicas, que também teriam de trabalhar aos domingos caso as lojas públicas ficassem abertas. Grandes oradores cristãos, como Sir Fred Catherwood, um membro do Parlamento, têm defendido fechar lojas públicas e companhias aos domingos com base no pragmatismo e muitos não-cristãos consideram que seus argumentos são convincentes para o bem geral da sociedade.

O mesmo poderia ser dito de outros países europeus. Na verdade, o fechamento no domingo foi escrito na legislação da Comunidade Européia. Ele se tornou uma instituição pública e tem gerado frutos em relacionamentos melhores e numa produtividade maior. Como mencionei no início, embora nenhum dos mandamentos de Deus tenha sido dado por causa da sua utilidade, eles acabaram servindo a fins úteis, e isso é verdadeiro quanto ao sábado. Faríamos bem em dar períodos de descanso à nossa terra e aos recursos também (isso já é praticado na forma de "rotação de produção" em muitos lugares). E podemos até mesmo considerar as aplicações do princípio do Jubileu. Poderíamos libertar criminosos não violentos ou inscrevê-los em projetos de serviço da comunidade em vez de colocá-los na prisão ou, talvez, considerar o cancelamento de débitos por meio de alguns métodos de restituição criativos e inteligentes. Mas, conquanto possamos encontrar sabedoria e inspiração nestas leis, elas não vêm a nós no Novo Testamento em forma de comando. Elas deveriam

reger uma nação geopolítica que servia para prenunciar uma nação espiritual, um reino eterno consistindo de homens "que procedem de toda tribo, língua, povo e nação" (Apocalipse 5.9).

Além da utilidade de se separar o domingo para a sociedade, ele serve a um propósito prático ainda maior para a igreja que é ter um dia separado para os crentes e suas famílias se concentrarem na Palavra de Deus e se focalizarem novamente nele para a semana porvir. Como pastor, poderia apresentar uma longa relação de pessoas que conheço que pensavam poder arranjar-se com uma presença irregular na igreja. Tristemente, a maioria delas não é mais membro ativo da igreja e muitos a deixaram completamente.

Não somos tão fortes como pensamos. Precisamos desesperadamente ouvir a Palavra de Deus proclamada e ter esta Palavra da promessa confirmada regularmente por meio dos sacramentos. Se não estamos aprendendo, crescendo e sendo constantemente lembrados de nossas convicções básicas, não estamos parados mas nos movendo para trás. Ficar parado na vida cristã é algo que não existe. A igreja primitiva tinha um modo efetivo de se congregar para a adoração pública no primeiro dia da semana, todas as semanas, e isso tem prestado um serviço para o avanço do reino de Cristo por quase dois mil anos. Porque é uma prática antiga conformada à Palavra de Deus e dá uma oportunidade singular para exercitar o crente naquilo que o Senhor claramente ordena, a presença regular à adoração pública do domingo deve ser mantida. Mas não deve ser observada como se o domingo fosse um dia santificado, divinamente ordenado. Para o crente, cada dia é um sábado; tendo entrado no descanso eterno de Deus, o cristão separa cada dia para o Senhor. O *Catecismo de Heidelberg* aponta para isso:

> 103 P. O que Deus exige no quarto mandamento?
>
> R. Primeiro, que o ministério do Evangelho e a educação cristã sejam mantidos e que eu freqüente diligentemente a igreja, especialmente no dia do Senhor, para ouvir a Palavra de Deus, para participar dos santos Sacramentos, para invocar publicamente o Senhor e para prestar serviço cristão aos que estiverem em necessidade. Segundo, que eu cesse a prática de minhas obras más todos os dias de minha vida, permita que o Senhor opere em mim pelo seu Espírito, e assim comece nesta vida o descanso eterno.

Seguindo a interpretação dos primeiros pais, Calvino também joga alguma luz sobre a questão:

> Mas não há dúvida de que por meio da vinda do Senhor Jesus Cristo, a parte cerimonial desse mandamento foi abolida. Porque ele mesmo é a verdade, na presença do qual todas as figuras são banidas; ele é o corpo, cuja aparição faz com que as sombras sejam deixadas para trás. Ele é, digo, o cumprimento verdadeiro do sábado. "Fomos, pois, sepultados com ele na morte pelo batismo; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida." Por essa razão, o apóstolo escreve em outro lugar que o sábado foi "sombra das coisas que haviam de vir; porém o corpo é de Cristo", isto é, a própria substância da verdade, que Paulo bem explicou nessa passagem. Isso não é confinado num único dia mas se estende por todo o curso de nossa vida até que, completamente mortos para nós mesmos, sejamos enchidos com a vida de Deus. Os cristãos, assim, devem afastar-se completamente da observação supersticiosa de dias.... Embora o sábado tenha sido revogado, ainda há oportunidade para nós: (1) reunirmo-nos em dias estabelecidos para ouvirmos a Palavra, para o partir místico do pão e para as orações públicas; (2) darmos descanso do trabalho aos servos e trabalhadores. Não há dúvida de que, ao impor o sábado, o Senhor estava preocupado com ambos....
>
> Por que não nos reunimos diariamente, você pode perguntar, e assim removemos toda a distinção de dias? Se apenas isso tivesse sido dado a nós! A sabedoria espiritual verdadeiramente merecia ter um tempo separado para si a cada dia. Mas se a fraqueza de muitos faz com que seja impossível a realização de encontros diários, e a regra do amor não permite que se requeira mais deles, porque não deveríamos obedecer à ordem que vemos colocada sobre nós pela vontade

> de Deus.... Porque não o estamos mantendo como uma cerimônia, com a mais rígida escrupulosidade, supondo que um mistério espiritual deva ser representado por meio disso. Antes, estamos usando-o como um remédio necessário para manter a ordem na igreja.[67]

CONCLUSÃO

Visto que o povo de Deus estava estabelecido em Canaã, Deus ordenou que os israelitas dessem algumas cidades para os levitas, a linhagem de sacerdotes de Israel. E, dessas cidades, seis eram para ser "cidades de refúgio" para as quais os homicidas poderiam legalmente fugir para escapar à execução (Números 35.11). "Estas cidades vos serão para refúgio do vingador do sangue, para que o homicida não morra antes de ser apresentado perante a congregação para julgamento" (v. 12). Em nosso último capítulo, com relação ao terceiro mandamento, vimos o que se pretendia com "invocar o nome do Senhor", e porque era tão essencial, então, que o nome de Deus fosse protegido da blasfêmia. Similarmente, invocar o nome do Senhor é entrar no seu descanso do sábado, ou, para usar outra metáfora de descanso dessa passagem em Números 35, fugir do vingador para a cidade de refúgio. Nesse monte, Deus é tanto o vingador quanto o protetor, tanto o justo quanto o justificador do ímpio. Aqui há descanso e paz.

Mas para fugir para esse monte, essa cidade de refúgio, devemos nos lembrar da guerra que nos trouxe essa paz. Devemos nos lembrar do modo como o Filho de Deus foi cruel e brutalmente despedaçado pela mesma raça humana que ele criou e como sua luta nos trouxe paz; como sua agonia nos trouxe libertação, e sua labuta nos trouxe descanso. Porque aqui, na cidade de descanso e refúgio, encontramos o Senhor do sábado estendendo seus braços machucados em direção a nós em paz: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei... [Porque] Não esmagará a cana quebrada, nem apagará a torcida que fumega" (Mateus 11.28; 12.20).

---

[67] Ibid.

CAPÍTULO SEIS
HONRA A QUEM É DEVIDA

Honra teu pai e tua mãe

"Eu já fui alguém", Marguerite anunciou com um sotaque suíço pausado. Como muitos dos idosos no asilo que meus pais mantinham enquanto eu crescia, Marguerite teve uma vida que incluía fascínio e excitação. Cabeleireira da realeza européia, ela tinha milhões de histórias e contava cada uma delas num tom de voz baixo, como se estivesse deixando escapar anonimamente informações proibidas para a imprensa. Helen havia passado a maior parte de sua vida como uma missionária no Brasil e fundado uma escola lá. Aos 102 anos de idade, Millie tinha um catálogo de histórias sobre seus dias como operária da *Pony Express* no território de Washington, antes de este alcançar a posição de estado. Minha própria avó – "Bigmama", como a chamávamos – podia nos contar histórias similares sobre o território de Oklahoma antes de ele ter entrado para o Sindicato.

Quando adquirimos esta noção de que nossos idosos têm pouco a oferecer à sociedade? Os anos de experiência prática, o conhecimento de acontecimentos passados para registros históricos de primeira mão e a sabedoria por ter lidado com problemas que encararam antes de nós, deram aos idosos o papel de Sábios ou Filósofos em muitas culturas ao redor do mundo. Mas em nossa agora orientada cultura egocêntrica, individualista, podemos deixar nossas obrigações do passado numa casa de repouso e nossas obrigações para o futuro para nossos filhos. Mas, por enquanto, "Hoje é sexta-feira".

O cantor de *reggae* Ziggy Marley escreveu uma canção alguns anos atrás sobre os norte-americanos, a quem ele chamava de "povo do amanhã". Os norte-americanos, ele disse, jogaram fora o seu passado e, conseqüentemente, não têm futuro. Somos conhecidos ao redor do mundo como um povo otimista, que marcha rápido, que é agressivo e ambicioso. Isso tem sido a nossa força e a nossa fraqueza. Isso nos deu a habilidade de criar riqueza mas, ao mesmo tempo, nos leva a subestimar a riqueza espiritual de nosso próprio povo – homens, mulheres e crianças, que são mais do que consumidores e produtores; assim somos pouco mais do que crianças mimadas com brinquedos demais para o nosso próprio bem.

Tem havido muita discussão sobre o fato de a população idosa neste país estar crescendo e é provável que assim continue. Porém, embora possa ser difícil para muitos de nós nos condoermos quando passamos por um mendigo esperando por um emprego na esquina de uma rua, uma pessoa poderia pensar

que, pelo menos, cuidamos de nossas famílias diretas mas, aparentemente não, de acordo com as pesquisas recentes. Apenas metade do público norte-americano acredita que é responsabilidade dos filhos cuidar de seus pais. Não é de se estranhar que metade da população acima de 45 anos de idade tenha dito não pensarem que seus filhos irão cuidar deles na velhice.

Mas nós somos cristãos. Isso significa que se supõe que nós tratemos nossos idosos – não só nossos próprios pais, mas nossos idosos em geral – com respeito e dignidade, como os tutores honrados do lar, da academia e da cultura. Uma das memórias mais vívidas de crescer no ambiente de uma casa de repouso é a de pastores e funcionários da igreja depositando seus pais lá e não os visitando nem mesmo no Natal ou na Páscoa. Natal após Natal vi minha mãe comprar os únicos presentes que essas almas tristes iriam ganhar naquele ano. Certo ano, minha mãe datilografou uma carta para os pastores da área vizinha, convidando-os a visitarem os idosos durante os feriados. A despeito do fato de que mais da metade dos residentes era composta de pais de protestantes evangélicos, foram as igrejas católicas e episcopais que responderam e eles já tinham um horário de visitas estabelecido em andamento no nosso asilo. De trinta igrejas evangélicas, nenhuma aceitou o convite de minha mãe. Suponho que o programa musical de Natal fosse mais importante.

Têm aumentado os registros com relação ao abuso de idosos em nossa sociedade por farsantes, burocracias governamentais ineficientes, companhias farmacêuticas e pelos próprios filhos. A revista *Newsweek* registrou uma tendência perturbadora de transformar hospitais em "território para desfazer-se da vovó". O abandono de idosos no pronto-socorro parece ser mais comum do que poderíamos imaginar: 38 por cento dos hospitais que responderam a uma pesquisa feita pela Comissão da Velhice do Estado registrou "até oito pacientes idosos abandonados nas suas salas de emergência todas as semanas".[68]

De acordo com o jornal *USA Today*, "mais de um em dez de nós estão acima de 65 anos de idade. E a taxa vai crescer para um em cinco nos próximos 45 anos."[69] Com uma porcentagem crescente de nossa população sendo idosa, o peso de cuidar desses vizinhos, pais e avós certamente cairá sobre os ombros de alguém. Nossa resposta ao idoso é, creio, parte de um quadro maior. Mas antes de considerarmos esse quadro maior, deixe-nos obter um entendimento melhor do quinto mandamento em si.

---

[68] *Newsweek*, 23 de dezembro de 1991, p. 64.

[69] *USA Today: Tracking the Trends*, (org.) Anthony Casale (Kansas City, Andrews, McMeel e Parker, 1986), p. 151.

O QUE DEUS REQUER NO QUINTO MANDAMENTO?

O *Catecismo de Heidelberg* explica, com provas escriturísticas, o que esse decreto significa: "Que eu tribute honra, amor e fidelidade ao meu pai, à minha mãe e a todos os que foram colocados em autoridade sobre mim; que me submeta com respeitosa obediência a toda cuidadosa instrução e disciplina deles; e que também suporte com paciência suas falhas, pois que é da vontade de Deus governar-nos pelas mãos deles". Os primeiros quatro mandamentos referem-se ao nosso relacionamento com Deus: Devemos adorar somente a ele, do modo como ele prescreve, empregando diligência máxima em conferir honra e glória ao seu nome. Agora os mandamentos se voltam de nossa obrigação direta para com Deus para nossa obrigação indireta para com Deus – isto é, nossa obrigação para com nosso próximo, que é criado à imagem de Deus. E quem é nosso próximo? Primeiro em prioridade estão os membros da nossa própria família. Essa é a razão pela qual a "segunda tábua" da lei, que diz respeito aos relacionamentos humanos, começa com a ordem para "honrar o pai e a mãe". Como resultado do respeito pela dignidade e pelo valor de Deus, nosso Pai celestial, e em vista da honra devida ao seu nome, somos movidos a nos submeter àqueles a quem ele colocou sobre nós num relacionamento similar.

Assim, a família forma a base de todos os relacionamentos humanos. Naturalmente, esse princípio tem sido demonstrado também nas ciências *behavioristas*. Os psicólogos têm enfatizado muito (em excesso, eu diria) o caráter determinante de nossa família. Aqueles que sofrem abusos nesse ambiente, freqüentemente se tornam ofensores, enquanto aqueles que vêm de uma formação forte, amorosa e encorajadora são menos passíveis de cometer crimes associados com o que se segue nos Dez Mandamentos.

Como o apóstolo Paulo nos lembra, esse mandamento tem dois aspectos: uma ordem e uma promessa. Em seu comentário no século 17 sobre este mandamento, Zacharius Ursinus (principal autor do *Catecismo de Heidelberg*) escreve, "O propósito ou fim desse mandamento é a preservação da ordem civil, a qual Deus fixou em obrigações mútuas entre inferiores e seus superiores. Superiores são todos aqueles sob os quais Deus colocou outros, para o propósito de governar sobre eles e defendê-los. Inferiores são aqueles que Deus colocou sob outros, para que possam ser governados e defendidos por eles". Dessa forma, um "superior" inclui pais, tutores/guardiões, mestres, professores e ministros do evangelho; oficiais locais, municipais, estaduais e federais e os idosos na sociedade em geral.

Assim, Ursinus, como a maioria dos pensadores cristãos de seu tempo, via a sociedade como uma família. A família de Deus, naturalmente, era a igreja – o corpo de Cristo. E, ainda, a sociedade civil, influenciada pelo Cristianismo, deveria espelhar essa família celestial. Deve haver ordem; os superiores têm duas obrigações ao mesmo tempo: governar e defender. Um governante – seja um pai, guardião, oficial público, empregador, professor ou ministro – nunca pode exercer o governo como uma questão de poder ou força sem propósito. Não há lugar para tiranos ou personalidades autoritárias, uma vez que a obrigação é governar *e* defender. Assim como um pai exerce sua obrigação cuidando dos melhores interesses de seus filhos, assim outros superiores na sociedade devem buscar o bem daqueles a quem servem. Os melhores governadores são servos; aqueles que governam, defendem melhor aqueles que estão dentro da esfera da sua autoridade.

Isso é consistente com o ensino de Paulo em Efésios 6.1-4: "Filhos, obedecei a vossos pais no Senhor, pois isto é justo. Honra a teu pai e a tua mãe (que é o primeiro mandamento com promessa, para que te vá bem, e sejas de longa vida sobre a terra. E vós, pais, não provoqueis vossos filhos à ira, mas criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor". É ordenado aos filhos que obedeçam a seus pais, mas os pais também são responsáveis por seus filhos. Eles não devem irritar seus filhos, mas sim ensiná-los paciente e cuidadosamente. Provocar seus filhos à ira é governar sem defender, governar sem servir.

Nos versículos 5-9, Paulo se volta para os escravos e senhores. Quando lemos esses versos, temos a tendência de pensar na escravidão em termos de venda de homens, mulheres e crianças africanos que foram seqüestrados de sua terra natal à mão armada. O que Paulo tem em mente tem mais que ver com os relacionamentos entre empregados e empregadores, uma vez que a escravidão em seu tempo era uma questão de justiça econômica e não de injustiça racial. Uma pessoa pode questionar a prática greco-romana, mas ela era uma instituição que, na verdade, permitia que muitas famílias endividadas servissem e, assim, conquistassem a liberdade. Se uma pessoa não podia pagar seus débitos, ela simplesmente servia ao seu credor até que seus débitos estivessem pagos. Com toda a certeza, podia se abusar da instituição – e isso acontecia – como a admoestação de Paulo indica. Contudo, não devemos imaginar que Paulo estivesse desculpando o tipo de escravidão que nos é mais familiar. Essa é a razão pela qual sugiro que substituamos os termos *escravo* e *senhor* em Efésios por *empregado* e *empregador*. Os termos modernos não expressam completamente o significado dos termos que Paulo usou, mas eles, certamente, são mais próximos do que Paulo está falando do que a tradução literal seria.

De qualquer modo, os empregados devem obedecer "segundo a carne com temor e tremor, na sinceridade do vosso coração, como a Cristo" (Efésios 6.5). Paulo comanda, "não servindo à vista, como para agradar a homens, mas como servos de Cristo, fazendo, de coração, a vontade de Deus; servindo de boa vontade, como ao Senhor e não como a homens, certos de que cada um, se fizer alguma coisa boa, receberá isso outra vez do Senhor, quer seja servo, quer livre" (vv. 6-8). Servir aos nossos superiores terrenos é servir ao nosso Superior celestial; conseqüentemente, nossa atenção, eficiência e diligência devem ser motivadas não porque o nosso chefe mostra respeito suficiente pelo nosso trabalho, mas pelo fato de que Deus, nosso Pai celestial, se agrada quando ajudamos a construir um bom carro ou uma casa, usamos eficientemente o nosso tempo no trabalho, ou lemos e oramos com nossa família. Podemos suportar muitas das frustrações que enfrentamos com as condições de trabalho quando percebemos que a dignidade do mesmo é medida pela satisfação de Deus, não meramente pela de nosso empregador.

Mas a obrigação não termina com o empregado mais do que com a criança. "E vós, senhores", Paulo ordena, "*de igual modo* procedei para com eles, deixando as ameaças, sabendo que o Senhor, tanto deles como vosso, está nos céus e que para com ele não há acepção de pessoas" (6.9, itálico adicionado). Assim como os empregados devem mostrar respeito por seus empregadores por causa da reverência a Deus, assim os empregadores devem mostrar respeito por seus empregados "sabendo que o Senhor, tanto deles como vosso, está nos céus e que para com ele não há acepção de pessoas". Cada pai, empregador, ministro e governador tem uma autoridade maior. A autoridade não termina no ser humano; cada autoridade humana pode encontrar-se sob o julgamento de Deus se tornar-se tirânica ou injusta. O fato de o próprio Deus não fazer distinção entre escravos ou livres, empregadores ou empregados, clérigo ou leigo em seus julgamentos, faz com que ele seja um juiz imparcial. Ele não toma partido antes do julgamento mas julga a evidência em seus próprios termos.

As atitudes cristãs com relação a isso tendem a se polarizar. De um lado, estão aqueles a favor do igualitarismo, um tipo de aplainamento do campo para que não haja "superiores" e "inferiores". O espírito da Revolução Francesa está refletido nas atitudes que democratizam os relacionamentos humanos a ponto de cada decisão ter de ser tomada pelo povo – não apenas no dia das eleições, mas no escritório, em casa e nas escolas e universidades. Isso pode criar tanta burocracia que, ironicamente, o povo se torna separado do processo; ela os subjuga. Além disso, isso contribui para a suspeita de cada tipo de autoridade, conferindo a toda a sociedade uma cacofonia de demandas. As correntes da ordem na sociedade restringem o dano que a obstinação pode criar.

Do outro lado estão aqueles que favorecem pesadamente a hierarquia, freqüentemente em reação ao extremo contrário. As decisões devem ser tomadas sem a burocracia incômoda e, assim, líderes fortes escapam impunemente no processo político. Pastores e leigos, cansados das reuniões de comitês e de votos, acham mais fácil convidar um líder agressivo com força de vontade para assumir o comando. Empregados sabem que seu diretor-geral está ganhando mais dinheiro do que o PIB de algumas nações, mas ele é o chefe e, afinal, faz muito pela empresa. Cansados da burocracia ineficaz e fraca, mascarada de democracia, muitos norte-americanos estão prontos para líderes políticos, sociais e religiosos fortes que sejam capazes de abrir seu caminho até o topo.

Na igreja, vemos ambas as tendências para os extremos. O igualitarismo enfraqueceu a autoridade pastoral de tal forma em algumas igrejas que a segurança do emprego depende do quanto o pastor pode agradar os ouvidos da congregação. Se ele exercita a disciplina da igreja em um membro, o recuo pode ser enorme. Calvino enfrentou problemas similares em seu pastorado. Depois de livrar-se das correntes tirânicas de um bispo autoritário, Genebra não estava disposta a deixar que seus pastores reformados exercessem nem mesmo as ações disciplinares normais. Quando Calvino recusou-se a dar Comunhão a cidadãos populares e ricos que recusaram a disciplina da igreja em questões de ofensas maiores, ele foi exilado.

Mas também temos o autoritarismo. Em *Churches That Abuse*, Ronald Enroth avalia esse problema urgente dentro das principais igrejas evangélicas, não só entre os grupos pentecostais. A ironia é que justamente como o legalismo gera o antinomianismo, o autoritarismo gera a anarquia e vice-versa. Os mesmos grupos que zombam da principal linha do tradicionalismo e oferecem um recurso populista, que rejeita a autoridade de denominações, credos e confissões, acabam muito rapidamente concentrando o poder nas mãos de uma nova elite. Na verdade, porque durante anos as denominações aprenderam a colocar o controle e os balanços em poder dos líderes, eles normalmente tendem menos ao autoritarismo. Lembro-me de, há pouco tempo, ter recebido uma reprimenda de um irmão por pertencer ao "igrejismo" porque sou ordenado por uma das principais denominações que requer lealdade aos credos e confissões. Ele, porém, é associado a uma igreja que tem semeado inúmeros desdobramentos, cada um chamando-se pelo nome da igreja mãe, onde o pastor tem a última palavra não apenas na congregação, mas nas congregações-filhas também. Buscando eliminar a autoridade, esses grupos normalmente obtêm sucesso em criar novas formas de tirania.

Por essa razão, o quinto mandamento é rico em sabedoria para cada esfera

de nossa vida. Se não temos linhas claras de autoridade às quais nos submeter, haverá anarquia; e se há anarquia, a tirania logo nos alcançará. Ao mesmo tempo, a autoridade deve ser temperada pela obrigação de servir e defender que os governadores têm.

Sendo essa a definição do quinto mandamento, o que acontece em nossa sociedade e em nossa própria vida que mina nossa sensibilidade em honrá-lo?

CULTO À JUVENTUDE

Viaje para Londres ou Lisboa, Praga ou Pequim, Nairobi ou Nepal e você encontrará um respeito comum pelos idosos da sociedade. Conquanto a mobilidade, a tecnologia, o entretenimento e outros fatores da vida moderna tenham, com certeza, sido sentidos ao redor do mundo, em nenhum lugar essas forças têm, de forma mais sólida, se combinado para criar um culto à juventude do que nos Estados Unidos.

De acordo com uma análise de tendência do *USA Today,* "As imagens ligadas à velhice – especialmente na geração orientada para a juventude dos anos 60 e na orientada para os *yuppies* dos anos 80 – não são lisonjeiras. Na melhor das hipóteses, imaginamos a velhice como um alívio do esforço do dever de se levantar cedo a cada manhã. Na pior delas, a consideramos como um tempo no qual não há nenhuma razão real para se levantar pela manhã. O melhor que se disse sobre a velhice foi que "não é tão mal, desde que você considere as alternativas".[70] Se reformas, cirurgias faciais, centros de tratamento para queda de cabelos e serviços e bens de consumo similares indicam alguma coisa, nossa era está consumida por uma paixão pela juventude. Nossa sociedade coloca um prêmio sobre a juventude, provavelmente não tanto pela eficiência e pelo compromisso com o trabalho pesado (gerações anteriores parecem ter investido mais nesse departamento), quanto pela imagem. Com certeza, o lugar de trabalho está sempre mudando e, algumas vezes, é mais arriscado para o sucesso a longo prazo da companhia contratar e atualizar empregados mais velhos do que treinar os mais jovens, mas com a mobilidade que experimentamos de qualquer maneira e com o nível maior de compromisso que muitos trabalhadores mais velhos têm com seu emprego, é pelo menos concebível que deveria ser mais valioso, a longo prazo, atualizar os próprios empregados leais. Contudo, a aposentadoria é forçada – não por lei mas pelas circunstâncias. Enquanto em

[70] Ibid., 150.

culturas mais antigas a habilidade e a perspicácia de um artesão, mercador, banqueiro, doutor, advogado, pai ou avô cresciam com a idade, essas virtudes são freqüentemente negligenciadas hoje na perseguição precipitada da imagem bem-sucedida.

Deve ser dito que, em muitos casos, os idosos estão muito desejosos de assumir esse novo papel, abandonando o ofício de "sábio" para as eras mais tradicionais. A idade da aposentadoria está diminuindo enquanto as pessoas gastam suas energias tentando subir na escada do sucesso a fim de se aposentarem no luxo e mais jovens. Muitos norte-americanos mais velhos têm comprado a idéia da cultura jovem gastando a herança de seus filhos em feriados e entretenimento. Diversão, diversão, diversão: se você não pode vencê-los, junte-se a eles. Em apenas quatro décadas, o número de homens acima de 65 anos na força de trabalho caiu para 50 por cento.[71] Eu não estou dizendo que a aposentadoria é errada ou que gozá-la é errado, mas temos de ver o que o culto à juventude está fazendo na estrutura de nossa própria vida como cristãos e na sociedade em geral.

CULTO AO AGORA

Depois de duas guerras mundiais sangrentas, a ansiedade sobre o futuro projeta-se como uma neblina sobre o Oeste. O existencialismo tirou o nosso foco das grandes questões da vida e do nosso relacionamento com a grande figura (Deus, a família, a comunidade, o passado e o futuro), exigindo uma resposta às questões relativas ao significado da existência pessoal, individual: Quem sou eu? Por que estou aqui? Como posso achar significado para a minha própria existência?

Mas, hoje, caminhamos para além do existencialismo, para o desespero, como Francis Schaeffer observou. Não vemos realmente nenhum significado mais profundo para a vida além de fazer dinheiro, amigos e acordos. Queremos fazer muito dinheiro, gastá-lo e viver para o hoje. Infelizmente isso é verdade para os cristãos tanto quanto o é para os não-cristãos, como veremos nos capítulos seguintes. Nossa atitude com relação aos idosos na sociedade em geral e na igreja em particular é indicativa da atitude geral com relação ao passado e ao futuro. Seguindo a cultura existencial, encontramo-nos

[71] Ibid., 153.

sobrecarregados com nossa própria felicidade pessoal e paz de consciência e parece não podermos nos arraigar no passado ou nos preparar para o futuro.

Porém, como cristãos, temos a resposta para esse problema. A nossa religião é comprometida com a História. Desde a criação e preservação da humanidade até o drama da redenção, com seu apogeu no auto-sacrifício e ressurreição de um marceneiro judeu que era o Deus encarnado, a história bíblica é sinônima da verdadeira História no tempo e no espaço. Ela não é uma fábula contada pelas culturas refletindo seus próprios contextos existenciais. Pescadores e prostitutas não são conhecidos por inventarem para suas comunidades novas reflexões religiosas e filosóficas sobre o significado da vida. O Cristianismo não depende de *expressões* piedosas do amor divino e de perdão, misericórdia e expiação, mas de *atos* divinos de amor e perdão, misericórdia e expiação, e esses atos estão arraigados na História, particularmente nos acontecimentos que cercam a vida e o tempo de Jesus de Nazaré, na Palestina, aproximadamente dois mil anos atrás.

Mas isso não é tudo. O Cristianismo também provê uma visão para o futuro, porque sua escatologia arrasta o passado e o presente para um curso contínuo da história da redenção de Deus. Deus é tão soberano sobre o futuro quanto o é sobre o passado, e cada um de nós é um ator no palco. Desperdiçar a própria vida sentado no auditório é desonrar a Deus, que faz com que toda a criação clame em louvor se seu povo assim não o faz. Os cristãos devem ver cada dia no trabalho como uma oportunidade para "glorificar a Deus e gozá-lo para sempre", antecipando o dia quando Cristo irá voltar e fazer novas todas as coisas. Um grande Deus, um grande plano, um grande passado e um grande futuro: tudo isso somado dá aos crentes o contexto no qual devemos prestar a honra devida àqueles que nos ligam ao passado, enquanto nós os ligamos ao futuro por meio de nossos próprios filhos.

PRETENSÃO

Quando os ascendentes dos colonizadores vieram para a América do Norte, estavam escapando da tirania de uma igreja que os havia expulsado. Contudo, os Separatistas e os Puritanos dificilmente eram anarquistas. Os primeiros formavam uma comunidade civil a bordo do *Mayflower*, e os Puritanos da Baía de Massachusetts formavam uma comunidade com laços comunais intimamente tecidos. Eles eram comprometidos com a Bíblia, com os credos históricos e com as confissões da Reforma. A disciplina na igreja era exercida, na maioria

das vezes sem desafios sérios. Sem levar em consideração o modo como podemos ver a situação hoje, a maioria dos cidadãos da Nova Inglaterra não se queixava de tirania e autoritarismo.

No entanto, os pais fundadores tinham entre eles muitos que haviam abraçado o espírito do Iluminismo e o impulso revolucionário de Rousseau e de outros ativistas franceses. Esses indivíduos não eram apenas opostos à autoridade tirânica mas mostravam um desgosto pelo princípio da autoridade. Na época da era jacksoniana (final do século 18 e início do século 19), muitos cristãos rejeitavam os credos e as confissões, juntamente com as liturgias e tradições de suas várias igrejas do Velho Mundo. Eles iriam desenhar seu próprio curso e interpretar a Bíblia começando do nada.

Há uma arrogância inacreditável nesse modo de pensamento. Quando os reformadores patrocinaram a tradução da Bíblia para a linguagem do povo para que eles pudessem lê-la e entendê-la por si mesmos, eles nunca pretenderam sugerir por um só momento que os indivíduos podiam crer naquilo em que quisessem crer, desde que encontrassem um versículo para tal. Mas isso é o que o *sola Scriptura* (só a Escritura) passou a significar para muitos norte-americanos. Nossa geração é única. Afinal, meus avós viajaram num vagão coberto para obterem o seu pedaço de terra na *Land Rush* de Oklahoma e voaram a mesma distância várias vezes num DC-10. De viajar na garupa de um animal a ver a aterrissagem lunar pela televisão, sua vida inteira atravessou uma das eras mais tecnologicamente revolucionárias da história humana. Inspirados por tal confiança, muitos professores da Bíblia têm enfatizado a singularidade desta "geração terminal", como se a nossa fosse a única geração verdadeiramente importante – somos os que vão ver todos os acontecimentos da profecia bíblica reunirem-se. E, novamente, há uma certa arrogância em tudo isso, negligenciando o passado e o futuro.

Essa arrogância mina nossa atenção em honrar aqueles que nos precederam e defender aqueles que nos seguirão. O significado prático imediato da atitude é ilustrado no mal intolerável de nossa dívida nacional, cujo lucro sozinho supera o PIB. Enquanto o abuso de crianças e o despejadouro de idosos crescem em um nível pessoal, a preocupação com nós mesmos rasga a estrutura de nossa vida nacional também. Na verdade, devemos pensar na dívida federal que estamos deixando para as gerações futuras como um tipo de abuso de crianças.

Na igreja, essa mentalidade tem criado a "Igreja do que está acontecendo agora" de Flip Wilson, onde o mais recente e o mais incrível sufocam o que foi tentado e testado. O equivalente da igreja do despejadouro de idosos em termos teológicos é a sua ignorância ou rejeição absoluta dos credos e confissões, em

um esforço para criar a Primeira Igreja da Juventude. Seu equivalente do abuso de crianças é sua falha em catequizar e instruir as crianças nas grandes verdades da Escritura, preferindo gastar a maior parte do tempo competindo com videogames e concertos de *rock*. De acordo com Gallup, uma das razões que muitos jovens dão para deixar a igreja é a sua falha em prover respostas sérias para suas questões mais profundas em sua perseguição precipitada do sucesso de *marketing*. Eles já têm a MTV. O que precisam é de uma igreja que responda às suas questões.

Terceiro, vemos essa mentalidade no trabalho, onde as pessoas freqüentemente acham difícil submeter-se à autoridade de outra pessoa. Em um sentido, um dos nossos maiores dons como norte-americanos é o nosso ceticismo. Não queremos crer no que todos os outros crêem apenas porque todos os outros crêem naquilo. Gostamos de questionar normas, costumes e idéias estabelecidas. Todavia, esse ceticismo pode fazer de nós pobres empregados se não formos cuidadosos. Começamos como uma criança perguntando, "Por quê?" toda vez que Mamãe ou Papai nos dá uma ordem. "Mas eu não quero", lamentamo-nos. Finalmente supõe-se que devamos ultrapassar esse estágio de queixa, mas nossa geração parece ser dada a prolongar a resposta juvenil a cada forma de autoridade.

CULTO AO EU

Juntamente com a tendência de se rejeitar tudo o que é velho e estabelecido, simplesmente com base de que *é* velho e estabelecido, está a propensão ao individualismo. Paulo advertiu Timóteo, "Sabe, porém, isto: nos últimos dias, sobrevirão tempos difíceis, pois os homens serão egoístas, avarentos, jactanciosos, arrogantes, blasfemadores, desobedientes aos pais, ingratos, irreverentes, desafeiçoados, implacáveis, caluniadores, sem domínio de si, cruéis, inimigos do bem, traidores, atrevidos, enfatuados, mais amigos dos prazeres que amigos de Deus, tendo forma de piedade, negando-lhe, entretanto, o poder. Foge também destes" (2 Timóteo 3.1-5). Observe a ligação íntima entre o narcisismo, a arrogância, o individualismo, o materialismo, o hedonismo, e "a desobediência aos pais". A rejeição da autoridade paterna legítima é um sinal de fraqueza no caráter, não de força. Novamente, quando os Puritanos vieram para a Nova Inglaterra, sua meta era formar uma nova comunidade, não separarem-se e formar sociedades independentes de pessoas individuais. "Este dito, 'Cada homem por si mesmo e Deus por todos' é o mais diabólico de todos", vociferou um teólogo Puritano.

Mas estamos vivendo num tempo quando esse dito "mais diabólico" é o modo mais popular na sociedade e, parece, também na igreja. Quando as pessoas agem como brutos, supõe-se que a igreja seja a instituição que os lembrará de que são seres humanos, criados à imagem de Deus, com responsabilidades não somente com relação a si mesmos mas uns com os outros. Há muitos modos de um cristão se envolver e uma variedade de posições que ele pode assumir em termos de estratégias políticas e pessoais, mas o objetivo deve ser compartilhado com cada cristão.

Isso significa que antes de podermos até mesmo conversar sobre o que é feito em Washington D.C., temos de fazer o inventário de nossa própria vida. Aqueles que deixam seus pais sãos em asilos, sem visitá-los, não devem discutir o que o governo deveria fazer para cuidar dos idosos. Pessoas que não exercem misericórdia e compaixão quando vêem um vizinho em necessidade nas circunstâncias diárias, não devem levantar a voz em protesto sobre a falta ou excesso de intervenção governamental. Aqueles que insistem em que a igreja deveria fazer mais para cuidar do pobre e do idoso deveriam se perguntar o que estão fazendo a esse respeito. Afinal, o que é a igreja senão o povo de Deus reunido para adorar e espalhado para servir?

Resumindo, as pessoas violam o quinto mandamento, de acordo com Ursinus, das seguintes formas. Primeira, é uma violação quando os pais

> não buscam ou provêem o apoio e a nutrição necessários para seus filhos,
>
> ou os criam em luxo e extravagância; não os protegem das injustiças, ou não os acostumam com a paciência e gentileza...; não educam seus filhos...; criam seus filhos na indolência e licenciosidade; ou não os corrigem quando se faz necessário; ou os castigam com maior severidade do que a obrigação ou a natureza da ofensa pede e, assim, perdem sua afeição por causa da severidade e crueldade.

Segunda, a função do mestre e professor "requer que ensinem e instruam fielmente...; que governem com propriedade e disciplina adequada".

Terceira, a função do magistrado

> pode ser reduzida a estes cabeçalhos, exigir de seus subordinados a obediência e dignidade externa...; forçar os preceito do Decálogo, defendendo aqueles que rendem obediência a ele e punindo os que são desobedientes; promulgar certas leis positivas para a manutenção da ordem civil...; a execução das leis que prescrevem de tempos em tempos.

Os magistrados falham quando não prescrevem leis necessárias para a ordem civil, "ou não defendem o inocente dos erros que podem estar sendo infligidos a eles...". Porém, "o outro extremo é a tirania, que consiste em exigir o que é injusto dos subalternos ou em não punir aqueles que pecam; ou em puni-los com severidade maior do que pede a ofensa que cometeram".

A obrigação dos governantes não é ordenar obras "ilegais, impossíveis, opressivas ou desnecessárias; mas permitir-lhes alimentação adequada e recompensá-los pelo seu trabalho; governar e administrá-los com disciplina ajustada para cada caso". E, num conselho similar ao de Calvino, Ursinus oferece uma aplicação que foi considerada bastante liberal e revolucionária para sua época: "O chicote, a forragem e as cargas pertencem ao burro; o pão e a correção ao servo". Além disso, o governante viola esse mandamento quando "é indulgente com seus servos na indolência, preguiça e licenciosidade,... ordena coisas que são injustas e os oprime exigindo excessivamente deles, retendo-lhes a comida e os soldos adequados ou exasperando sua família pelo exercício de rigor e severidade excessivos".

> Finalmente,
> a obrigação dos idosos, e outros que excedem em sabedoria e autoridade, é governar e ajudar outros mediante seus exemplos, conselhos e advertências. Essas pessoas pecam e agem de forma contrária às obrigações de seu chamado, 1. Quando são culpadas de tolice ou de dar conselhos inadequados. 2. Quando mostram frivolidade e uma falta de seriedade em seus modos e dão mau exemplo a outros. 3. Quando negligenciam por meio de seus conselhos e autoridade a reprovação e correção de outros que estão sob eles, quando os vêem pecando e fazendo o que é errado.

CONCLUSÃO

Mais uma vez somos lembrados da sabedoria das eras passadas, em particular da Reforma. Lutero e Calvino – especialmente Calvino – advogaram visões que eram consideradas radicais em seu tempo. A sociedade medieval espelhava a igreja medieval, e ambas eram tão tirânicas quanto eram desordenadas e anti-autoritárias. Calvino defendeu não apenas os direitos do governante a partir desse mandamento, mas os direitos dos governados também. Na verdade, mesmo se for um pouco exagerado, Dietrich Bonhoeffer, o teólogo alemão, um líder da resistência contra Hitler, escreveu sobre as diferenças entre as revoluções norte-americana e francesa:

> A democracia norte-americana não é baseada no homem emancipado mas, bem ao contrário, no reino de Deus e na limitação de todos os poderes terrenos pela soberania de Deus. Na verdade, é significativo quando, em contraste com a *Declaração dos Direitos do Homem* [Francesa], os historiadores norte-americanos podem dizer que a constituição federal foi escrita por homens conscientes do pecado original e da perversidade do coração humano. Manipuladores terrenos da autoridade, e também das pessoas, são conduzidos para dentro de limites apropriados, com a devida consideração do desejo inato do homem pelo poder e do fato de que o poder pertence somente a Deus. Com essas idéias, derivadas do Calvinismo, une-se a idéia essencialmente contrária originada do espiritualismo dos Dissidentes que refugiaram-se na América do Norte,[72]

um espiritualismo que via as obrigações morais em termos de proibições privadas em vez de responsabilidades públicas quanto ao próximo.

No entanto, Bonhoeffer vê o mundo moderno como uma rejeição de toda a submissão à autoridade legítima, uma destruição da soberania de Deus, que sozinha coloca cada autoridade sob sua supervisão.[73]

---

[72] Dietrich Bonhoeffer, *Ethics* (Nova York: Collier, 1986), pp. 104-5.

[73] Ibid.

Vivemos numa era em que os pais abandonam seus filhos e os filhos abandonam seus pais (ou os processam); em que há muito pouco senso de lealdade pela companhia ou pelos empregados. Em vez de esperar que os outros, particularmente o governo, cuide de nosso próximo, devemos começar com nós mesmos. Quanto a isso, Doug Bandow, um membro idoso e evangélico do Cato Institute em Washington, D.C., nos desafia:

> O clima moral da nação obviamente não é bom. A maioria dos norte-americanos pode chamar a si mesmos de cristãos, mas um grande número deles vive por qualquer coisa menos pelos dogmas cristãos. Provavelmente não é surpresa, então, que muitos cristãos vejam a ação política como um modo de fazer as coisas certas. A esquerda religiosa, fascinada pelo "evangelho social", tem advogado vigorosamente a redistribuição forçada de renda. Mas muitos fundamentalistas e evangélicos conservadores, enquanto resistem ao coletivismo econômico, agora advogam uma posição expansiva na arena social. De fato, muitos dos oponentes mais fortes da intervenção econômica governamental têm reivindicado a intervenção social por meio de processos antipornografia, de um controle mais rígido das drogas e da oração nas escolas públicas. E eles têm feito isso sem mencionar ou mesmo reconhecer qualquer contradição entre suas posições.[74]

Similarmente, o auxiliar do Congresso, John Palafoutas, conta a história de Richard Halverson, capelão do senado norte-americano, falando diante de um grupo de líderes evangélicos que estavam reivindicando a oração nas escolas públicas. "O dr. Halverson pediu ao público de trezentas pessoas que respondesse à pergunta: 'Qual de vocês orou com seus filhos neste mês, fora da igreja?'" Palafoutas registra: Resposta: nenhum".[75]

Devemos cuidar daqueles que nos são mais próximos em termos de relação. Depois de nossa família direta, devemos perseguir nosso chamado diligentemente como empregados e, como empregadores, prover estímulos justos (talvez pela

[1] Citado por Doug Bandow em *Tabletalk*, setembro de 1992, p. 11.

[2] Ibid., 10.

divisão do lucro) e cuidado razoável para nossos trabalhadores. Deveríamos buscar a sabedoria dos mestres e idosos da sociedade e confiar neles para liderança, rejeitando sua tolice quando esta for detectada. Devemos colocar nossos filhos e sua educação, tanto em casa quanto na escola, antes de nosso próprio entretenimento, prazer e sucesso. Não devemos tolerar a insolência ou arrogância neles; nem devemos puni-los de forma muito severa, mas sim liderá-los como bons mestres, pelo exemplo e instrução paciente.

E, finalmente, devemos nos importar com os nossos pais e com as gerações que se foram, se queremos valorizar adequadamente o presente e o futuro. "Senhor, tem misericórdia, e inclina nosso coração para manter esta lei".

CAPÍTULO SETE
QUÃO PRÓ-VIDA SOMOS REALMENTE?

Não matarás

Os teólogos normalmente fazem uma distinção entre teologia e ética – ou, pelo menos, quanto ao que se supõe sejam os papéis delas. Em outras palavras, embora nosso comportamento possa minar nossa confiança na Escritura ou nosso sentido de obrigação a Deus, podemos cometer pecados ainda mais sérios sem alterar a própria visão de Deus, de nós mesmos e da salvação. Quando isso ocorre, o pecado não aponta para a heresia mas sim para a desobediência.

Mas, como digo, existem exceções. O aborto é uma exceção. Para que um cristão cometa esse pecado sério, ele deve, na verdade, negar uma doutrina básica da fé cristã. Ele ou ela deve negar que Deus é o autor soberano da vida que, sozinho, tem o poder e o direito a dar e tirar o fôlego humano e deve, também, negar a criatura, destruindo sua dignidade como um portador da imagem do próprio Deus.

Na crença cristã, o fato de os seres humanos serem superiores a todas as outras espécies de vida animal reside na imagem de Deus (*imago Dei*) impressa em cada pessoa, como um artista assina suas obras de arte. Além disso, os cristãos *sempre* se opuseram ao aborto baseados nisso (cf. *The Didache*, etc.). Embora Deus tenha criado todas as coisas, só os seres humanos carregam a sua semelhança, e a carregam desde a concepção. Como Calvino colocou, "Embora a moradia primária da imagem divina fosse na mente e no coração, ou na alma e em seus poderes, não houve parte do corpo no qual alguns raios de glória não brilhassem".[76] Bavinck, o grande reformador dogmático, argumentou que "enquanto o homem permanecer homem, ele carrega a imagem de Deus", por mais que esteja manchada e apagada.

Se essa doutrina está faltando na igreja, com certeza estará faltando na sociedade. Antes de o falecido Francis Schaeffer, um pensador Reformado, lembrar ao mundo evangélico e fundamentalista dessa doutrina bíblica, não houve, virtualmente, nenhuma resposta da igreja evangélica à atrocidade do aborto. Os católicos romanos se opuseram ao aborto fundamentados, naturalmente, em bases teológicas, mas sua posição foi obscurecida pela sua rejeição do

---

[76] João Calvino, *Institutas da Religião Cristã*, 1.15.3.

controle da natalidade tanto quanto do aborto. Hoje, graças aos esforços dos Schaeffers e de seus muitos colaboradores, um vasto apanhado de movimentos evangélicos apóiam a proteção da vida humana em sua fase mais vulnerável.

A humanidade é claramente determinada pela *imago Dei*, não pelos conceitos como "viabilidade". Todavia, porque nós evangélicos, durante os últimos dois séculos, temos estado envolvidos em atividades febris sem muita reflexão teológica ("Não me aborreça com toda essa 'besteira intelectual' – vamos lá e façamos alguma coisa!"), somos um povo de uma questão só. Só podemos lidar com uma questão de cada vez. Importante como é o debate sobre o aborto, a ira que pessoas como Francis Schaeffer sentiram em resposta a ele foi motivada por uma convicção teológica – a mesma fonte que produziu ira quanto à poluição do ambiente (cf. seu livro recentemente lançado *Pollution and the Death of Man*), ultraje quanto ao racismo desenfreado nos círculos evangélicos e frustração quanto às injustiças cometidas pelos poderosos contra os fracos.

O debate sobre o aborto tem sido conduzido, como foram os movimentos dos direitos civis e abolicionistas, como um protesto contra a opressão do fraco pelo forte, tendo como base uma rica linguagem bíblica: "Bem-aventurado o que acode ao necessitado" (Salmo 41.1); Deus "acode ao necessitado que clama e também ao aflito e ao desvalido. Ele tem piedade do fraco e do necessitado e salva a alma aos indigentes. Redime a sua alma da opressão e da violência, e precioso lhe é o sangue deles" (Salmo 72.12-14). Porém, embora muitos evangélicos se oponham ao aborto, há um silêncio curioso sobre quase todas as outras questões nas quais o perfil da ética, ordenada na Escritura, está em perigo. Uma olhada rápida na concordância irá revelar o quanto Deus se preocupa com o tratamento dos desabrigados, do pobre, do fraco, das minorias ("estrangeiros e forasteiros") e outros tão freqüentemente marginalizados.

A Escritura está repleta de condenação àqueles que "oprimem", e coloca espinhos contra as "vacas de Basã, que estais no monte de Samaria, oprimis os pobres, esmagais os necessitados e dizeis a vosso marido: Dá cá, e bebamos" (Amós 4.1). "Derribarei a casa de inverno com a casa de verão; as casas de marfim perecerão, e as grandes casas serão destruídas, diz o SENHOR" (3.15). Ao povo de Deus foi confiada a obrigação especial da justiça social: "Fazei justiça ao fraco e ao órfão, procedei retamente para com o aflito e o desamparado. Socorrei o fraco e o necessitado; tirai-os das mãos dos ímpios" (Salmo 82.3-4). Deus odeia a opressão com a mesma intensidade com que odeia o aborto, mas somos igualmente consistentes em nossa indignação justa.

Assim como o aborto, o *apartheid* é uma questão tanto teológica quanto ética. Negar vida e justiça ao que ainda não nasceu ou aos que não são brancos

não é apenas um pecado sério (como o egoísmo ou o racismo) mas é um sistema deliberado, repleto de textos bíblicos distorcidos além do reconhecimento. Enquanto aqueles que são comprometidos a serem fiéis aos credos cristãos e às confissões da Reforma têm declarado o *apartheid* na África do Sul como sendo uma heresia, os evangélicos aqui em casa têm mostrado uma ambivalência maior. Embora Jerry Falwell e outros líderes do Direito Cristão tenham defendido corajosamente os direitos humanos dos não-nascidos, Falwell voltou de uma viagem à África do Sul declarando que o Arcebispo Desmond Tutu, cujas súplicas por uma transição pacífica do *apartheid* para a democracia têm evitado o derramamento de sangue na África do Sul até agora, era um "impostor" e encorajava os cristãos a se oporem às sanções econômicas. Em vista do *apartheid* norte-americano durante os anos 50, Falwell declarou, "O cristão, em parte alguma, é chamado para reformar a sociedade",[77] e quando o Direito Cristão, incluindo Jerry Falwell, abandonou essa separação pietista do mundo, muitos se surpreenderam com a coincidência quase idêntica entre a vontade de Deus e a agenda republicana conservadora.

Enquanto isso, Jessie Jackson expressava horror às críticas do então candidato democrata à presidência, Bill Clinton, a uma canção de *rap* que encorajava a violência negra contra os brancos. Há uma suspeita nos dias de hoje, não sem fundamento, de que os evangélicos brancos irão apoiar um programa e que os evangélicos não-brancos irão apoiar outro, mas ambos em nome de Deus, e ambos invocando textos-prova como apoio. Resumindo, o envolvimento cristão na praça pública nos dias de hoje é previsível – não porque a sociedade cada vez mais secular conheça sua Bíblia, mas porque conhece o "sistema" secular no qual cada ponto de vista do cristão pode ser uma resposta divisora de águas.

O que precisamos em nossos dias é um novo encontro com a Palavra de Deus e, em particular, com este mandamento: "Não matarás". Ao que parece, dificilmente ele é um decreto que abale a terra; porém, desse único mandamento, uma corrente de temas bíblicos são tecidos de Gênesis a Apocalipse. Ao retornarmos a esses ricos temas bíblicos, poderemos ser capazes de obter a sabedoria necessária para transcender a visão de mundo reducionista de nossa cultura politizada e amar ao nosso próximo de uma forma distintamente cristã.

---

[77] George Gallup e James Castelli, *The People's Religion* (Nova York: Macmillan, 1989), p. 188.

ACIMA DE QUESTÕES POLÍTICAS ÚNICAS

Os cristãos são chamados para serem cativos da Palavra de Deus, não das ideologias passageiras deste mundo. Nos anos 60, as principais igrejas tomaram a proibição contra o assassinato como um veredito direto contra a Guerra do Vietnã. Foi como se não houvesse nenhuma outra aplicação do mandamento, certamente não ao aborto, na esteira do caso precedente que liberou o aborto nos Estados Unidos (*Roe v. Wade*). Mas muitas das igrejas evangélicas conservadoras, desde os anos 70, têm tratado o sexto mandamento como se o aborto fosse a única aplicação. Visto que a maioria dos leitores deste livro é sensível às preocupações quanto ao aborto, quero discutir um entendimento bíblico mais amplo desse mandamento.

Pense em outras questões que envolvem a doutrina da imagem de Deus. Ela é a motivação por trás da nossa preocupação com a vítima de um assassinato selvagem; nosso horror ao ver crianças procurando comida em latas de lixo atrás de um restaurante enquanto suas mães seguram placas onde se lê "Trabalho por comida e fraldas". É essa convicção que quebra nosso coração quando vemos uma prostituta vendendo seu corpo para se manter viva, enquanto outros (incluindo aqueles que participam da mesma indústria da pornografia e outras formas de entretenimento sexual) derramam vergonha e desprezo sobre ela. É esta convicção, a crença religiosa, que nos vincula ao nosso próximo e aos seus interesses, sem levar em conta se são crentes ou compartilham nossos valores ou ética, herança cultural ou lingüística.

Evangélicos em outras partes do mundo são freqüentemente confundidos pela agenda política de alguns de seus irmãos e irmãs norte-americanos: pró-vida e pró-família, porém opostos a qualquer restrição ao porte de armas e geralmente não-simpatizantes em relação aos problemas das favelas. Na América do Norte, a nação mais rica do mundo, uma criança em cada cinco é pobre. Podemos ser antiaborto, mas somos realmente pró-vida?

Os evangélicos protestam justamente contra o assassinato de bebês não-nascidos e desprezam o silêncio daqueles que se recusam a defender aqueles que não têm voz para se defenderem.Contudo, o silêncio paira sobre o mesmo grupo apaixonado quando crianças morrem sem sentido depois de terem nascido. Isso não deveria ser um escândalo de proporções iguais? A vida não é *vida*? Ou somos apenas alcançados pelo brilho e esplendor dos debates políticos? *Somos* pró-vida?

Na nação que se orgulha de ser o país mais religioso e freqüentador de igreja, as mortes violentas ocorrem vinte vezes mais que na Europa Ocidental e

quarenta vezes mais que no Japão. Os Estados Unidos ganharam o título dúbio de "Nação Mais Violenta da Terra". Essas contradições existem, pelo menos em parte, porque há uma contradição fundamentada em nosso próprio pensamento como cristãos. Cremos que a religião se relaciona meramente à moralidade externa e a códigos de conduta, não à responsabilidades para com o próximo. Assim, enquanto evangélicos brancos alegam ser "pró-vida", eles, provavelmente mais do que qualquer outro grupo, se opõem a serem vizinhos de uma pessoa não-branca.[78] Ao listarem suas causas em ordem de importância, eles apoiam o direito de cada pessoa possuir sofisticadas armas automáticas acima do interesse pelos direitos humanos básicos,[79] e muitos colocam o interesse pela justiça social e administração ambiental no fim da agenda, algo reservado para radicais e extremistas.

Até que os cristãos coloquem sua teologia em primeiro lugar, seu ativismo será pouco mais racionalmente motivado do que o dos Hare Krishnas que distribuem flores no aeroporto. Seremos movidos, uma questão de cada vez, pelos anfitriões enérgicos e carismáticos de programas de entrevista, pelos políticos e líderes religiosos e nossas contradições internas (tais como nos considerarmos "pró-vida" quando, na verdade, raramente levantamos a voz em favor do pobre e do oprimido depois de nascidos) não fará com que o evangelicalismo ganhe respeito aos olhos do mundo nem mesmo por ter coragem nas próprias convicções. Que convicções? Ativismo, agendas, ideologia: Nos anos 60, estes eram uma ala de esquerda e eram chamados de "evangelho social"; nos anos 90, eles são uma ala de direita e chamados de "discipulado". Ativismo, agenda e envolvimento prático nada significam sem convicções e convicções que venham de crenças profundamente sustentadas sobre Deus e sobre nós mesmos. E isso é teologia.

Os autores de *The Day America Told the Truth*, depois de pesquisas exaustivas, concluíram, "Os norte-americanos lutam com essas questões no que freqüentemente resulta num vácuo moral. As figuras religiosas e as Escrituras que nos deram regras por tantos séculos, o sistema político que nos deu nossas leis – tudo isso perdeu seu significado em nossa imaginação moral".[80] Cada interesse especial compete por apoio público, incluindo a comunidade evangélica, e há pouco sentido a mais do que Deus exige de nós em termos de nossos relacionamentos.

---

[78] Ibid.

[79] James Patterson e Peter Kim, *The Day America Told the Truth* (Nova York: Plume, 1992), p. 32.

[80] Ibid.

Essa é a razão pela qual devemos começar, não com questões sociais, mas com temas bíblicos. Em vez de decidir por um grupo de questões centrais e, então, ir à Bíblia para buscar apoio, devemos desenvolver um interesse pelos interesses de Deus e buscar as Escrituras para encontrar onde ele coloca mais ênfase. Devemos discernir nosso papel em termos pessoais e práticos – não apenas políticos e ideológicos – e devemos fazer uma distinção clara entre o papel da igreja (puramente Palavra e sacramento) e o do cristão individual. Finalmente, devemos começar a ver nossa obrigação em termos de um a um, não apenas nas categorias políticas.

O QUE É O SEXTO MANDAMENTO?

Martinho Lutero, um ex-monge, não era amigo do modo monástico de vida. Quando foi libertado da obrigação de subir as escadas para o céu pela devoção, viu seu lugar no mundo como sendo de serviço – não para si mesmo, mas para o seu próximo. Em vez de tentar salvar sua própria alma, ele agora se interessava pela questões além de si mesmo. Os monges, no entanto, viviam da sua própria subcultura, desperdiçando muito do seu tempo em sua própria espiritualidade privada. A santidade, Lutero insistia, não era uma perseguição individualista, de auto-serviço, mas um meio de glorificar a Deus servindo a outros. Essa é a razão pela qual o reformador alemão explicou o sexto mandamento da seguinte forma:

> Esse mandamento é violado não apenas quando uma pessoa realmente pratica o mal, mas também quando deixa de fazer o bem a seu próximo, ou, embora tenha oportunidade, falha em prevenir, proteger e salvá-lo de sofrer dano corporal ou injúria. Se despedes uma pessoa nua quando poderia cobri-la, a deixas congelar até a morte. Se vês uma pessoa faminta e não a alimentas, a deixas morrer de fome. Da mesma forma, se vês uma pessoa condenada à morte ou em perigo similar e não a salvas embora tenha meios de fazê-lo, a matas. Não adiantará dizer que não contribuíste para sua morte por palavras ou atos, porque tens retido teu amor dela e a tens roubado do serviço pelo qual sua vida poderia ter sido salva. Conse-

> qüentemente, Deus justamente chama todas as pessoas que não oferecem conselho e ajuda aos homens necessitados e em risco do corpo e da vida de assassinas. Ele dará a sentença mais terrível sobre essas pessoas no dia do julgamento, como o próprio Cristo declara: "Porque tive fome, e não me destes de comer; tive sede, e não me destes de beber, sendo forasteiro, não me hospedastes; estando nu, não me vestistes; achando-me enfermo e preso, não fostes ver-me".... Mas cada pessoa deveria ver o modo como os monges zombam e enganam o mundo com uma exibição falsa e hipócrita de santidade, enquanto tem atirado esse e os outros mandamentos ao vento, considerando-os desnecessários, como se não fossem mandamentos mas meros conselhos. Além disso, eles têm, sem nenhuma vergonha, ostentado o seu chamado hipócrita e suas obras – e se vangloriado disso –, como "a vida mais perfeita", e assim podem viver uma vida agradável e leve sem a cruz e o sofrimento.
>
> (*Catecismo Maior*)

Temo que os cristãos modernos cheguem perigosamente perto da crítica de Lutero. Abandonamos o mundo em nossa busca da "santidade" – um estilo de santidade com o qual Deus não poderia se importar menos. Fugindo para a nossa subcultura evangélica, com nossa própria música, nossos símbolos, adesivos de carro, atividades e até mesmo cruzeiros cristãos, somos capazes de evitar pelo menos um pouco do sofrimento e da necessidade de nossos vizinhos incrédulos. Nossa "santidade" é individualista e egoísta, como a dos monges nos dias de Lutero, com a maior atenção dada às leis dos homens (dançar, beber, fumar, ir ao cinema). Mas a santidade de Deus refere-se aos relacionamentos. Em outras palavras, minha abstinência do entretenimento secular pode me ajudar, mas o que ela faz pelo meu vizinho?

A santidade bíblica está relacionada ao induzir-nos a amar a Deus e ao próximo em atos tangíveis de auto-entrega, não com embaraçar-nos na teia de preocupações e dúvidas sobre termos cumprido nossa obrigação em relação a uma regra. Deus está mais preocupado com o nosso cuidado pelo próximo faminto do que pelo fato de fazermos questão de orar no restaurante "como um testemunho". Os fariseus também tinham um conjunto similar de prioridades em sua santidade (Mateus 6.5).

Conseqüentemente, a santidade bíblica é uma questão de amar a Deus e ao próximo, não de prestar homenagem a uma regra. Essa é a razão pela qual devemos prescrever somente o que Deus ordenou.

João Calvino falava em termos similares, referindo-se aos perigos de colocar o foco excessivamente na própria salvação de uma pessoa de maneira a negligenciar a salvação e bem-estar do próximo dessa pessoa.[81] Porque somos justificados pela graça apenas por meio da fé, à parte das obras, a questão da aceitação diante de um Deus santo é estabelecida de uma vez por todas. Podemos prosseguir com as tarefas à mão simplesmente por gratidão em vez de temor e escravidão.

Os reformadores, pois, viam os Dez Mandamentos da mesma forma como os profetas, apóstolos e o nosso Senhor os viam, tanto na esfera negativa quanto na positiva. Negativamente, o sexto mandamento insiste que não devemos matar outra pessoa por pensamento, palavra, gesto ou fala, muito menos por ação. Mas não devemos pensar que só porque não assassinamos uma pessoa, obedecemos a esse mandamento. Afinal, positivamente, o mandamento exige que façamos tudo em nosso poder para cuidar da saúde e do bem-estar do nosso próximo. O *Catecismo de Heidelberg* pergunta, "Será bastante, então, se não matarmos os nossos semelhantes por nenhum desses processos? Não, pois, quando Deus condena a inveja, o ódio e a ira, ele exige que amemos nosso próximo como a nós mesmos, que mostremos paciência, paz, gentileza, misericórdia e amizade para com ele, que previnamos dano a ele na medida do possível, e também que façamos o bem aos nossos inimigos".

Mas onde encontramos essas definições? Os reformadores justificaram a expansão do sexto mandamento além do mero tirar a vida de outra pessoa por meio da violência física?

IDÉIA BÍBLICA

No Sermão do Monte, Jesus clareou o mandamento. "Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás; e: Quem matar estará sujeito a julgamento. Eu, porém, vos digo que todo aquele que *sem motivo* se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento; e quem proferir um insulto a seu irmão estará sujeito a julgamento do tribunal; e quem lhe chamar: Tolo, estará sujeito ao inferno de fogo" (Mateus

[81] João Calvino, *in A Reformation Debate*, (orgs.) João Calvino e Jacopo Sadoleto (Grand Rapids: Baker, 1976), p. 84.

5.21-22). Levando a definição ainda mais adiante, Jesus diz ao povo para não cumprir suas obrigações com relação ao templo até estar reconciliado com seus irmãos e até decidir disputas legais com o adversário antes de este o levar à corte (vv. 23-26). Mas isso não diz nada dos inimigos absolutos. "Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem; para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste, porque ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons e vir chuvas sobre justos e injustos" (vs. 43-45). Naturalmente, em nenhum lugar do Antigo Testamento está escrito, "Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo"; isso havia sido dito ao povo pelos líderes religiosos em suas interpretações da lei. Jesus, assim, estava derrubando a tradição judaica, não a Escritura.

Contudo, havia mais no Antigo Testamento para conduzir o povo de Deus a crer que seus inimigos e o inimigo de Deus eram um e o mesmo. As nações vizinhas foram destruídas por Israel à ordem de Deus por causa de sua falsa adoração e imoralidade. Os salmos "imprecatórios" dos salmistas clamando por fogo do céu sobre seus inimigos também deram credibilidade a essa tradição de amar ao próximo e odiar o inimigo. O próximo, então, é alguém amigável. Mas Jesus redefine "próximo" para *incluir* inimigos. Jesus está divergindo do Antigo Testamento aqui? Não, de forma alguma. Há várias teocracias (lit., "Deus reina") na história da redenção. No Éden, Deus governa tanto a adoração (vertical) quanto a cultura (horizontal) por meio de um representante, Adão. Quando ele estabelece Israel como uma nação, Deus governa ambas as esferas mais uma vez por meio de um representante, o rei. É o rei quem limpa a terra dos inimigos de Deus e assegura a propriedade da adoração divina. Mas, à parte dessas teocracias, Deus governa por meio da providência em vez por meio de milagre e as duas esferas são separadas. A Cidade de Deus não é, de forma alguma, confundida com a Cidade do Homem, embora ambas interajam e contribuam uma com a outra em diferentes modos.

Jesus anuncia a dissolução da teocracia judaica por todos os Evangelhos. O reino de Deus não é mais identificado como uma única nação. Esse é o ponto principal de muitas parábolas.

Os gentios inseridos no reino de Deus podem ser tardios mas recebem a mesma promessa porque ela é baseada num dom, não em recompensas (Mateus 10.1-16). Certa manhã, estando Jesus faminto, encontrou um figueira que não tinha frutos, e ele a amaldiçoou: "Nunca mais nasça fruto de ti! E a figueira secou imediatamente" (21.18-19). Os discípulos ficaram fascinados pelo milagre, mas ele claramente apontava para a nação de Israel. Porque em outra parábola Jesus disse, "Então, Jesus proferiu a seguinte parábola: Certo homem tinha uma figuei-

ra plantada na sua vinha e, vindo procurar fruto nela, não achou. Pelo que disse ao viticultor: Há três anos venho procurar fruto nesta figueira e não acho; podes cortá-la; para que está ela ainda ocupando inutilmente a terra? Ele, porém, respondeu: Senhor, deixa-a ainda este ano, até que eu escave ao redor dela e lhe ponha estrume. Se vier a dar fruto, bem está; se não, mandarás cortá-la" (Lucas 13.6-9). Em outras palavras, a promessa do reino não é baseada na identidade nacional ou étnica mais do que uma figueira é salva em uma vinha simplesmente por ser figueira. Ela deve produzir fruto. Deve haver fé e arrependimento, ou uma pessoa não é filha da promessa desconsiderando sua raça.

Na parábola dos dois filhos (Mateus 21.28-32), o primeiro começa o dia desafiando a ordem de seu pai de trabalhar na vinha, mas muda de idéia mais tarde, enquanto o segundo diz, "Sim, Pai", mas não vai para a vinha. "Declarou-lhes Jesus: Em verdade vos digo que publicanos e meretrizes vos precedem no reino de Deus" (v. 31). Aqueles que previamente não receberam a misericórdia, agora a recebem, enquanto aqueles que admitiram como certo serem membros do reino de Deus são deixados fora dele. Poderíamos prosseguir pelas parábolas do reino.

O objetivo de tudo isso é dizer que, durante seu ministério, Jesus estava anunciando que o reino de Deus era chegado. Se havia chegado com a sua vinda, então não poderia ter estado em volta justamente antes da sua vinda. Sua vinda presume sua ausência prévia. De fato, quando Miquéias profetizou que o Messias nasceria em Belém, acrescentou que Israel seria abandonado "até ao tempo em que a que está em dores tiver dado à luz; então, o *restante* de seus irmãos voltará aos filhos de Israel. Ele se manterá firme e apascentará o povo na força do SENHOR, na majestade do nome do SENHOR, seu Deus; e eles habitarão seguros, porque, agora, será ele engrandecido até aos confins da terra. Este será a nossa paz. Quando a Assíria vier à nossa terra e quando passar sobre os nossos palácios, levantaremos contra ela sete pastores e oito príncipes dentre os homens" (Miquéias 5.3-4, itálico adicionado). Como mencionei acima, Israel era uma teocracia, onde tanto a adoração (sacrifícios, oração, ações de graça, festas religiosas e celebrações) quanto a cultura (política, artes, cortes) eram vinculadas a uma nação-estado, em que a Cidade de Deus e a Cidade do Homem eram uma e a mesma, governada pelo rei, representante de Deus. Mas quando Jesus, o rei dos reis, veio, declarou, " O meu reino não é deste mundo" (João 18.36). Assim como Abraão e os patriarcas procuraram uma terra melhor até quando estavam na Palestina (Hebreus 11.14-16), assim Jesus é um rei melhor que Davi. Um rei celestial e uma terra celestial, prenunciados por tipos terrenos: O Antigo Testamento faz sentido à luz do Novo.

Esse é o modo como explicamos a aparente contradição entre Jesus e o Antigo Testamento. Na teocracia, onde cada guerra era uma "guerra santa", não apenas uma "guerra justa", os inimigos de Deus deviam ser expulsos do Novo Éden – Israel. Adão, como o rei do Senhor no Éden, devia ter expulsado a serpente do jardim mas, em vez disso, ele permitiu que ela seduzisse Eva e, depois, a si mesmo. Deus ordenou a Saul, como seu rei em Israel, a nova teocracia, que destruísse os amalequitas, mas Saul poupou o rei pagão Agague e fez dele um amigo da corte. Por essa razão, Deus o rejeitou como rei (1 Samuel 15.7-26).

Mas, quando Jesus traz seu reino dos céus, todas as sombras e todos os tipos terrenos são cumpridos. A "guerra santa" que esse rei trava contra os inimigos de Deus é adiada até que ele julgue e domine todos os seus inimigos no fim dos tempos. Essa é a razão pela qual lemos em Apocalipse 11.15 o anúncio do anjo "O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos". Assim, o reino de Deus começou com a primeira vinda de Cristo, como uma semente de mostarda, e será consumado na sua segunda vinda, quando os dois reinos se unirão em um, como o Éden e Israel prenunciaram.

Uma vez vista essa distinção entre os tipos e as sombras de um lado, e a realidade cumprida em Cristo de outro, podemos entender que nosso Senhor não estava contradizendo o Antigo Testamento. Ele estava simplesmente dizendo que seu reino é um reino de salvação, não de julgamento – pelo menos no presente. Assim, ele oferece a parábola do joio. Um inimigo semeou joio entre o trigo no campo de um fazendeiro".... quando a erva cresceu e produziu fruto, apareceu também o joio. Então, vindo os servos do dono da casa, lhe disseram: Senhor, não semeaste boa semente no teu campo? Donde vem, pois, o joio? Ele, porém, lhes respondeu: Um inimigo fez isso. Mas os servos lhe perguntaram: Queres que vamos e arranquemos o joio? Não! Replicou ele, para que, ao separar o joio, não arranqueis também com ele o trigo. Deixai-os crescer juntos até à colheita, e, no tempo da colheita, direi aos ceifeiros: ajuntai primeiro o joio, atai-o em feixes para ser queimado; mas o trigo, recolhei-o no meu celeiro" (Mateus 13.24-30).

Em outras palavras, o reino de Cristo não é como o reino de Davi. Ele é, no presente, um reino em conflito espiritual em vez de físico. Há uma luta para a redenção de homens e mulheres, e hoje é o tempo para a salvação, não para o julgamento (João 3.17). Mesmo no reino, a igreja, haverão ambos, trigo e joio, mas devemos deixar o julgamento final para Cristo, nosso Rei, no fim dos tempos. Por agora, incrédulos e crentes devem crescer juntos, lado a lado, mesmo na igreja, tanto mais na sociedade. Conseqüentemente, Jesus não é o "Deus bom" do Novo Testamento contradizendo o "Deus mau, vingador e violento"

do Antigo Testamento. Antes, ele é o mesmo Deus, mas este é o dia da salvação. Afinal, é este mesmo Jesus Cristo sobre quem João Batista profetizou:

> Vendo ele, porém, que muitos fariseus e saduceus vinham ao batismo, disse-lhes: Raça de víboras, quem vos induziu a fugir da ira vindoura? Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento; e não comeceis a dizer entre vós mesmos: Temos por pai a Abraão; porque eu vos afirmo que destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão. Já está posto o machado à raiz das árvores; toda árvore, pois, que não produz bom fruto é cortada e lançada ao fogo. Eu vos batizo com água, para arrependimento; mas aquele que vem depois de mim é mais poderoso do que eu, cujas sandálias não sou digno de levar. Ele vos batizará com o Espírito Santo e *com fogo* [julgamento]. A sua pá, ele a tem na mão e limpará completamente a sua eira; recolherá o seu trigo no celeiro, mas queimará a palha em fogo inextinguível. (Mateus 3.7-12, itálico adicionado)

É o mesmo que disse, "Porquanto Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele. Quem nele crê não é julgado; o que não crê já está julgado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus" (João 3.17-18).

Conseqüentemente, o julgamento é inevitável e iminente, mas até o dia final, esta é uma era de salvação. Essa é a razão pela qual Jesus nos ordena seguir seu exemplo de mostrar amor ao próximo *seja essa pessoa inimiga ou não de Deus ou nossa*. No último dia, todos os inimigos de Cristo se tornarão nossos inimigos e nós, como filhos de Israel, seremos enviados em cavalos de guerra para uma "guerra santa", com o próprio Cristo como nosso rei militar. Mas até o último dia, é inadequado falar ou agir em termos de vitória sobre os inimigos de Deus. Esta é a era não de hostilidade ou julgamento, mas de civilidade e evangelização; uma era de conversão, não de guerra. Se isso não for entendido, não pode haver meio de entendimento da importância do que Cristo disse quando ordenou a seus seguidores que amassem não somente a seus amigos e aos amigos de Deus, mas também aos seus inimigos. E por que isso? O próprio Jesus explica: "porque ele [Deus] faz nascer o seu sol sobre maus e bons e vir chuvas sobre justos e injustos" (Mateus 5.45). Esta é a era da graça comum, na qual

Deus governa por meio da *providência* em vez de por meio de *milagre*; em *misericórdia* em vez de *julgamento*.[82] Isso não significa que Deus está negligenciando o pecado, mas que ele está adiando a sua sentença. Enquanto isso, ele provê oxigênio, comida, água, vestimenta, prazer e sucesso ao crente e ao incrédulo, sem distinção, sem levar em consideração o modo agudo como uma pessoa amaldiçoa a Deus ou o nível de imoralidade em que vive. Essa é a razão pela qual Jesus nos diz para imitarmos a perfeição de nosso Pai celestial nessa questão.

Alguém pode desejar saber se antecipamos um pouco o Dia do Julgamento e assumimos a tarefa de arrancar o joio com as nossas próprias mãos. Mas esta é uma breve pausa da ira de Deus, quando até mesmo os humanistas seculares são cordial e amorosamente chamados à fé e ao arrependimento para unirem-se à família crescente de Deus em volta da mesa.

Se realmente devemos amar nosso próximo, que é a intenção do sexto mandamento, teremos de amar nossos inimigos e os inimigos do evangelho. Teremos de demonstrar o amor em modos tangíveis, não somente aos irmãos e irmãs na fé, mas aos forasteiros e estrangeiros fora do reino, mesmo àqueles que gostariam de ver a igreja enterrada o mais rápido possível. Este é o verdadeiro teste. Afinal, Jesus pergunta, "Porque, se amardes os que vos amam, que recompensa tendes? Não fazem os publicanos também o mesmo? E, se saudardes somente os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os gentios também o mesmo? (Mateus 5.46-47). Em outras palavras, cada grupo tem cuidado com seu próprio tipo: cada grupo minoritário cuida de seus interesses especiais. Nossa sociedade está se tornando cada vez mais dominada pelos grupos de interesse especial, cada um competindo por seu próprio pedaço de bolo, freqüentemente a ponto de as pessoas esquecerem-se de suas obrigações para com a sociedade como um todo. Aqui Jesus nos confronta como cristãos e diz, em efeito, "Este não é o tipo de amor que os pagãos tem? O reino de Deus comanda uma atitude muito mais abnegada e muito menos intolerante do que esta".

Jesus levou a questão ainda mais longe na parábola do Bom Samaritano em Lucas 10.25-37. Um líder religioso queria saber o que uma pessoa deveria fazer para receber a vida eterna, e Jesus, sabendo que o líder era um perito na lei, que a via como um meio de alcançar a justiça diante de Deus, colocou-o em teste perguntando-lhe, "Que está escrito na Lei? Como interpretas?" A isso ele respondeu: "Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento; e: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Então, Jesus lhe disse: Respondeste corretamente; faze isto e viverás".

---

[82] Gallup e Castelli, *The People's Religion*, p. 188.

Mas, naturalmente, o objetivo era levar a pessoa à percepção de que ela não havia realmente amado a Deus ou ao seu próximo e, conseqüentemente, a conversa continuou. "Ele, porém, querendo justificar-se, perguntou a Jesus: Quem é o meu próximo?" Em outras palavras, o líder sabia que havia pessoas que ele não amava como a si mesmo, assim ele tentou chegar à distinção tradicional entre próximo e inimigo. O próximo era um amigo, alguém digno de ser bem tratado. Quando o líder perguntou a Jesus, "Quem é o meu próximo?", essa foi uma pergunta retórica, não uma pergunta genuína para a qual esperava uma resposta direta. É como se ele dissesse, "Certo, mas, quero dizer, quem é o meu próximo? Quando realmente analisamos, as pessoas que desprezo são realmente *próximos*?" Limitando o campo de quem constituía-se próximo, o líder poderia enganar-se pensando que havia se conformado à lei simplesmente porque amava seus amigos. Mas, como vimos, Jesus via nisso uma semelhança com o que os pagãos fazem todo o tempo, sem a lei. Isso não é amor; é apenas cuidado com a tribo.

Por essa razão, Jesus contou uma parábola que explicava o que ele queria dizer por "próximo". Um homem estava viajando de Jerusalém quando foi agredido e deixado para morrer. "Casualmente, descia um sacerdote por aquele mesmo caminho e, vendo-o, passou de largo". Jesus não teve nem mesmo o pudor em sua parábola de incluir um leigo, tão cínicas ele considerava as atitudes dos líderes religiosos quanto aos necessitados. "Certo samaritano, que seguia o seu caminho, passou-lhe perto e, vendo-o, compadeceu-se dele. E, chegando-se, pensou-lhe os ferimentos, aplicando-lhes óleo e vinho; e, colocando-o sobre o seu próprio animal, levou-o para uma hospedaria e tratou dele. No dia seguinte, tirou dois denários e os entregou ao hospedeiro, dizendo: Cuida deste homem, e, se alguma coisa gastares a mais, eu to indenizarei quando voltar".

Jesus então perguntou, "Qual destes três te parece ter sido o próximo do homem que caiu nas mãos dos salteadores?". O intérprete da lei respondeu: "O que usou de misericórdia para com ele". Isso seria similar a uma pessoa rica branca da classe alta, que despreza as minorias, ser assaltada e agredida em sua própria comunidade e uma pessoa preta de uma favela cuidasse dela enquanto pessoas da sua própria comunidade, até mesmo pastores, passassem ignorando-a. Os samaritanos eram considerados mestiços, parcialmente judeus e parcialmente gentios. A ironia é que é o samaritano, não um ortodoxo, judeu de sangue puro, o próximo heróico na parábola de Jesus. Isso deve ter sido um tanto ofensivo ao líder religioso.

Assim, novamente nosso Senhor nos chama a entender o sentido mais amplo do mandamento. Como Lutero disse, só porque não agredimos nosso próximo

e não o deixamos para morrer não significa que amemos a pessoa. "Não matarás" significa muito mais do que a negativa, abster-nos da violência física. Também significa que devemos cuidar do bem-estar físico e espiritual de nosso próximo, uma pessoa que pode até mesmo ser nossa inimiga.

COMO ESSE MANDAMENTO É VIOLADO HOJE?

Como o *Catecismo de Heidelberg* nos diz, "Ao proibir o assassinato, Deus pretende nos ensinar que ele detesta a raiz do assassinato, que é a inveja, o ódio, a raiva e o desejo de vingança, e que ele considera tudo isso como um assassinato oculto".

Nas epístolas de Paulo, isso é colocado nas categorias "Fruto do Espírito" e "Fruto da Carne", porque o Espírito Santo é o autor do primeiro e a nossa própria natureza pecaminosa, caída é a fonte do último. Não muito tempo atrás, tive uma conversa com um rabino judeu que me disse, "Você sabe, uma das maiores diferenças entre nossas religiões é esta idéia de que você comete um pecado só por desejá-lo ou pensar nele. Nós cremos que temos de ele realmente cometer o ato físico antes ser realmente um pecado. De outra forma", ele concluiu com uma risada incrédula, "estaríamos pecando o tempo todo!" "Nós *estamos*", respondi. "Essa é a questão". Mas é bem natural pensarmos de forma legalista: como não estive engajado num ato violento, devo estar livre dessa violação.

Na igreja, essas formas de "assassinato oculto" são toleradas, enquanto compomos nossos próprios pecados imperdoáveis. Juntamente com imoralidade sexual, idolatria e feitiçaria estão "inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções" (Gálatas 5.19). E mesmo assim, são precisamente essas maçãs azedas que criam as maiores divisões no corpo de Cristo, destruindo relacionamentos e deixando nosso próximo em angústia. Mais uma vez, são os relacionamentos que interessam a Deus, não as regras *como* regras. Os mandamentos são absolutos, mas apenas porque eles são sempre e em qualquer lugar o único meio de regular os relacionamentos humanos. Nós devemos amor a Deus e ao nosso próximo, não ao nosso caráter e ao nosso código de ética. Não é para nós mesmos e para nossa própria devoção pessoal que abraçamos esses mandamentos, mas para glória de Deus e o bem dos outros.

Logo, desobedecemos ao sexto mandamento ao tolerar qualquer atitude que possa produzir dano ativo ou apatia passiva com respeito ao bem de nosso

próximo. Mas há algumas questões que necessitam ser tratadas particularmente por causa da ampla escala na qual esse mandamento é violado por nós, como cristãos, neste tempo e lugar.

ABORTO POR REQUERIMENTO

Expresso simplesmente, o assassinato é proibido por lei. Mesmo à parte da revelação especial, a revelação natural gravada em nossa consciência nos diz que é errado tirar a vida de outra pessoa. Assim, a única questão é se o feto humano é uma pessoa. Esse, naturalmente, é o ponto no qual o debate esquenta. Por um lado, argumenta-se que o feto não goza da condição de pessoa (e, por essa razão, não é protegido pela lista de direitos) até que possa sobreviver fora do ventre materno. Os pró-vida, no entanto, insistem que o feto é um ser humano a partir do momento da concepção, quando os 23 cromossomos masculinos se juntam aos 23 cromossomos femininos.

Temos algumas pistas importantes a partir da Escritura para responder a essa questão. O momento em que Adão teve consciência foi o momento em que o Senhor criou sua alma. Além disso, de acordo com a lei civil de Israel, se uma mulher grávida ou seu feto sofressem algum dano, a pena seria "darás vida por vida, olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé, queimadura por queimadura, ferimento por ferimento, golpe por golpe" (Êxodo 21.23-25). O feto era tratado como possuidor das qualidades básicas humanas que o colocavam sob a mesma proteção legal que sua mãe. Em outras palavras, ambos tinham direitos iguais à vida. Isso, naturalmente, causou um dilema moral nos casos em que a vida da mãe estava em perigo. Nesses casos, de acordo com a interpretação judaica da lei civil, a vida da mãe tinha sempre uma prioridade maior do que a vida do feto.

Contudo, isso é comparar vida com vida. No caso do aborto por requerimento, não é pequena a porcentagem praticada quando a comparação não é entre vida e vida, mas entre vida e um valor menor, como a felicidade pessoal, bem-estar material e até mesmo saúde psicológica. Naturalmente, essas decisões são difíceis de tomar, mas a tragédia das circunstâncias nunca justificam o maior ato de violência – o assassinato.

MENDICÂNCIA E FOME

Isso, naturalmente, não significa que o aborto é o único modo pelo qual participamos de um assassinato. Muito freqüentemente, nós, evangélicos, nos dias de hoje, somos inconsistentes nesta questão de ser pró-vida. Lutamos corretamente pelo oprimido *antes* de ele nascer, mas certamente eles são muito menos humanos *depois* de serem trazidos ao mundo. Como Lutero disse, "Se despedes uma pessoa nua quando poderia cobri-la, a deixas congelar até a morte. Se vês uma pessoa faminta e não a alimentas, a deixas morrer de fome" (*Catecismo Maior*). Isso, naturalmente, é a força das observações de nosso Senhor em Mateus 25, onde as ovelhas e os cabritos são separados, as primeiras colocados à mão direita do Rei, os últimos à sua esquerda:

> então, dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo. Porque tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era forasteiro, e me hospedastes; estava nu, e me vestistes: enfermo, e me visitastes; preso, e fostes ver-me. Então, perguntarão os justos: Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer? Ou com sede e te demos de beber? E quando te vimos forasteiro e te hospedamos? Ou nu e te vestimos? E quando te vimos enfermo ou preso e te fomos visitar?
>
> O Rei, respondendo, lhes dirá: Em verdade vos afirmo que, sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.
>
> Então, o Rei dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos. Porque tive fome, e não me destes de comer; tive sede, e não me destes de beber; sendo forasteiro, não me hospedastes; estando nu, não me vestistes; achando-me enfermo e preso, não fostes ver-me.
>
> E eles lhe perguntarão: Senhor, quando foi que te vimos com fome, com sede, forasteiro, nu, enfermo ou preso e não te assistimos?

> Então, lhes responderá: Em verdade vos digo que, sempre que o deixastes de fazer a um destes mais pequeninos, a mim o deixastes de fazer.
>
> E irão estes para o castigo eterno, porém os justos, para a vida eterna. (vv. 34-46)

Primeiro, observe que Jesus identifica-se tanto com o necessitado que tudo o que foi feito para ou por eles, ele considera como se tivesse sido feito para sua própria pessoa. Não é porque há uma "centelha de divindade" ou um pouco de Jesus em cada pessoa; nem é porque o pobre, de alguma forma, é mais justo do que o rico. Antes, é porque Jesus se considera senhor e libertador de todos os aspectos da vida humana, não apenas da faixa estreita que chamamos de vida "espiritual" ou "religiosa". Ele não quer salvar apenas a nossa alma mas, como a ressurreição garante, pretende salvar nosso corpo também para a eternidade.

Observe também nesse texto que ambos os grupos deixaram de fazer a ligação entre suas obrigações para com o próximo e suas obrigações para com Deus. Contudo, as ovelhas, regeneradas pelo Espírito de Deus, foram capacitadas a amar seu próximo, enquanto os cabritos, embora clamassem ser discípulos de Cristo, não viram o amor ao próximo como um aspecto do seu discipulado cristão. Discipulado para eles era somente um compromisso com o dízimo, círculos de oração, responsabilidade e grupos de estudo bíblico, testemunho e outras atividades "espirituais". Essa é a razão pela qual os "cabritos" se surpreendem com as palavras do Senhor. Eles pensavam ter conseguido: pensavam que seu discipulado era suficiente para alcançarem a direita de Deus. Essa é uma cena que não é desconhecida para aqueles que ouviram a declaração anterior do Senhor, em Mateus 7.21-23:

> Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniqüidade.

Discipulado, para essas pessoas que realmente acreditavam estar servindo ao Senhor, era uma questão de demonstrações grandes, espetaculares de poder e zelo espiritual, incluindo profetizar, expelir demônios e realizar milagres em nome de Jesus. Porém, não é aí que o coração de Deus repousa em termos de verdadeiro discipulado. Em Isaías 58, Deus censura Israel por desprezar os mandamentos que exigem serviço ao próximo, mesmo quando os serviços religiosos e o zelo floresciam. "Por que jejuamos nós, e tu não atentas para isso? Por que afligimos a nossa alma, e tu não o levas em conta?" (v. 3). Somos inclinados a levantar nossos próprios atos de piedade e devoção espiritual e surpreendemo-nos algumas vezes porque Deus não está nos "abençoando" pelo nosso extraordinário discipulado. Mas Deus responde no versículo 4, "Eis que jejuais para contendas e rixas e para ferirdes com punho iníquo; jejuando assim como hoje, não se fará ouvir a vossa voz no alto". Então, como se Deus estivesse sendo persuadido a colocar suas frustrações à mostra, ele declara:

> Seria este o jejum que escolhi, que o homem um dia aflija a sua alma, incline a sua cabeça como o junco e estenda debaixo de si pano de saco e cinza?
>
> Chamarias tu a isto jejum e dia aceitável ao SENHOR?
>
> Porventura, não é este o jejum que escolhi: que soltes as ligaduras da impiedade, desfaças as ataduras da servidão, deixes livres os oprimidos e despedaces todo jugo?
>
> Porventura, não é também que repartas o teu pão com o faminto, e recolhas em casa os pobres desabrigados, e, se vires o nu, o cubras, e não te escondas do teu semelhante?
>
> Então, clamarás, e o SENHOR te responderá; gritarás por socorro, e ele dirá: Eis-me aqui. Se tirares do meio de ti o jugo, o dedo que ameaça, o falar injurioso; se abrires a tua alma ao faminto e fartares a alma aflita, então, a tua luz nascerá nas trevas, e a tua escuridão será como o meio-dia. (vv. 5-7, 9-10)

Não posso evitar tomar isso no coração num tempo em que há muita conversa sobre guerras culturais entre cristãos e não-cristãos nesta nação. Desde quando o Cristianismo é uma cultura? No seu melhor é "sal" e "luz", e no seu

pior é uma cultura. Uma rápida olhada na história da igreja irá confirmar isso. Assim como Israel na profecia de Isaías, nos envolvemos em jejuns que Deus não escolheu, enquanto ignoramos o "jugo da opressão" e nos engajamos no "dedo que ameaça e no falar injurioso" que nos impede de nos gastarmos "em prol do faminto" e de satisfazer as "necessidades do oprimido". Por que nosso testemunho é tão frio e escuro agora? Naturalmente, antes de tudo, é uma falha em proclamar o evangelho bíblico de forma clara e fiel. Mas isso acontece porque não escolhemos o caminho de Deus do discipulado e criamos os nossos próprios valores e prioridades.

Por que o mundo mostra tanto desprezo pela igreja agora? É por causa do evangelho? Porque a cultura é tão desprovida de valores? Não é porque não temos oração nas escolas, quando dificilmente oramos com nossos próprios filhos em casa, e não é porque não temos os Dez Mandamentos nas salas de aula, quando a maioria dos evangélicos não pode nomear metade deles. "Se tirares do meio de ti o jugo, o dedo que ameaça, o falar injurioso; se abrires a tua alma ao faminto e fartares a alma aflita, *então*, a tua luz nascerá nas trevas, e a tua escuridão será como o meio-dia" (vv. 9-10, itálico adicionado).

Duas coisas são exigidas para a reforma de nossa igreja e para a transformação de nossa sociedade. Primeira, o evangelho. Isso acontece quando as pessoas deixam de confiar em qualquer e em todas as formas de manter a lei, o discipulado, ou qualquer coisa que queiram chamá-lo, como um meio de estabelecer a paz ou a comunhão com Deus. Como vimos, as demandas de Cristo para a salvação-com-discipulado são tão altas que só a mais autoiludida alma tentaria. Mas tendo sido salvos pelo discipulado, morte e ressurreição de Cristo apenas, entramos, nós mesmos, neste alto chamado do discipulado. Assim, primeiro precisamos do evangelho para verdadeiramente nos conduzir a um relacionamento correto com Deus. À parte do evangelho. a lei pode apenas condenar, oprimir e ameaçar. Mas uma vez justificados pela graça, à parte da obediência, esta mesma graça nos dá o poder para viver uma nova vida – não uma vida perfeita, mas uma nova vida. O que precisamos, então, é uma recuperação da grandeza da lei de Deus, primeiro. para cortar o nosso orgulho tolo do passado e nos fazer desesperar por causa de nossos próprios esforços em agradar a Deus, e então, segundo, nos lembrar do que é realmente o discipulado desde que nos tornamos filhos de Deus por sua livre adoção. Porque tanto para a nossa justificação quanto para a nossa santificação, precisamos desesperadamente recuperar a idéia *divina* de santidade, *seu* padrão para relacionamentos corretos, porque, para ser franco, ele parece ter apenas uma pequena semelhança com a piedade social e pessoal dos evangélicos na América hoje.

"ASSASSINATO OCULTO"

O *Catecismo de Heidelberg* fala do "fruto da carne", em Gálatas, como "assassinato oculto". Fofoca, blasfêmia, língua afiada: essas coisas são freqüentemente toleradas em círculos cristãos onde a mais leve piada apimentadas poderia trazer represália. Em vez de sustentar a carga uns dos outros, parecemos muitas vezes nos alegrar com elas. Isso, naturalmente, é parte da nossa natureza caída: ter algum prazer secreto no infortúnio dos outros, talvez para o nosso próprio conforto.

Contudo, esse mandamento nos desafia a arrancar essa erva daninha pela raiz. E um modo de fazermos isso, novamente, é apelando para a teologia bíblica. Em primeiro lugar, somos todos (cristãos e não-cristãos) criados à imagem de Deus, e isso significa que devemos nos considerar uns aos outros como possuidores de uma dignidade divinamente designada que não depende do caráter pessoal ou das ações. Tiago observa, "Com ela, bendizemos ao Senhor e Pai; também, com ela, amaldiçoamos os homens, feitos à semelhança de Deus" (3.9). Como podemos, num mesmo fôlego, fazer algum insulto racista ou bisbilhotar sobre nosso próximo e, então, cantar hinos ao Deus que criou essas mesmas pessoas à sua própria imagem? Não é hipocrisia usar os mesmos lábios para recitar João 3.16 e para julgar o nosso próximo? Essa é razão pela qual fiquei perturbado, mas não surpreso, ao ver o relatório de Gallup que indica que os evangélicos, de todos os grupos religiosos, eram os que mais provavelmente rejeitariam vizinhos negros ou hispânicos.[83]

Pensamos de nós mesmos mais do que deveríamos; e estendemos isso à nossa família, ao nosso grupo e, então, à nossa raça, até termos criado elos de narcisismo coletivo. Todos nós fazemos isso, não importa se somos pretos, brancos, hispânicos, asiáticos, ricos ou pobres, velhos ou jovens. É parte do pecado original formar facções nas quais não apenas compartilhamos o conforto de coisas em comum, mas o mal do amor-próprio compartilhado. Calvino escreveu:

> Diga que seu inimigo não merece nem o seu menor esforço por sua causa; mas a imagem de Deus, que o recomenda a você, é digna de que você se dê e dê todas as suas posses. Seguramente, há apenas um caminho no qual podemos alcançar não o que é meramente difícil

[83] Calvino. *Institutas*, 3.7.6.

> mas o que é totalmente contra a natureza humana: amar aqueles que nos odeiam, retribuir feitos maus com benefícios, retornar a acusação com bênçãos (Mateus 5.44). Isso acontece quando nos lembramos de não considerar a intenção má dos homens, mas olhamos para a imagem de Deus neles....[84]

Depois de tudo, Calvino concluiu:

> Nosso próximo carrega a imagem de Deus: usá-lo, abusar dele, ou aproveitar-se dele é fazer violência à pessoa de Deus que se reflete em cada alma humana, apesar da Queda.... Não apenas desprezo minha carne quando desejo oprimir alguém, mas violo a imagem de Deus que está em mim.[85]

Uma segunda doutrina à qual devemos apelar com relação a isso é a da Queda. Os cristãos são pecadores antes e depois da conversão. A fofoca, conseqüentemente, entende mal o fato básico de que cada um de nós tem algo que poderia ser assunto de mexerico público num dia qualquer, se isso se tornasse público. Pense em alguns dos pecados que você já cometeu nesta semana, seja em pensamento, palavra, ação ou desejo. O que aconteceria se eles fossem jogados em uma tela gigante para todos os seus amigos e vizinhos verem? Cada vez que nos envolvemos numa fofoca, estamos presumindo uma fraqueza nos outros que não consideramos em nós mesmos, e isso é uma falha em considerar o nosso próprio pecado de forma suficientemente séria.

Terceiro, a redenção deve ser vista como um ensino corretivo nessa área. Cristo se ocupa em nos conformar à sua imagem e em restaurar a imagem original de Deus em nós, não em nos destruir. A redenção, nesse sentido de santificação progressiva, nunca é final até nos encontrarmos diante do Deus glorificado. Somos sempre "simultaneamente justificados e pecadores". Assim. "Não julgueis, para que não sejais julgados.... Por que vês tu o argueiro no

---

[84] Citado em John Leith, *Calvin's Doctrine of the Christian Life* (Grand Rapids: Baker, s.d, p.). 191.

[85] John W. de Gruchy, *Liberating Reformed Theology: A South African Contribution to an Ecumenical Debate* (Grand Rapids: Eerdmans, 1991), p. 86.

olho de teu irmão, porém não reparas na trave que está no teu próprio?" (Mateus 7.1, 3). A fofoca, a calúnia e outras raízes de "assassinato oculto" dependem grandemente do modo como *vemos* outras pessoas. Isso, por sua vez, determina o modo como nos *relacionamos* com elas.

Se recuperarmos a doutrina do sacerdócio de todos os crentes, podemos obter um nível maior de integridade em nossos relacionamentos. Gosto de fofocar tanto quanto o rapaz que está perto de mim, mas quando temos o desejo de deixar nossa língua falar loucamente, transmitindo as últimas novidades, deveríamos nos lembrar do nosso chamado e da obrigação exigida dos ministros. Assim como os psicólogos, os sacerdotes têm um relacionamento singular de confiança, reconhecido até pelas cortes no caso de um cliente ou paroquiano que cometeu um crime. Não é de se estranhar que não deixemos que os outros carreguem nosso jugo e não confessemos nossos pecados uns aos outros nos dias de hoje – isso poderia ser devastador! Mas se tivéssemos um sentido agudo e permanente de que somos sacerdotes uns para os outros, talvez isso pudesse conter nossa língua e recuperar o sentido de obrigação quanto à confiança em nossos relacionamentos.

CONCLUSÃO

Esse mandamento nos lembra mais uma vez de que Deus está muito mais interessado no modo como nos relacionamos com os outros do que com códigos de conduta. Sua lei se interessa mais com o modo como ajudamos outros a crescerem, do que com o modo como nos ajudamos a crescer. Nosso bem-estar físico e espiritual está incluído, mas é subordinado ao bem de Deus e ao do próximo.

Aqueles de nós que pensam poder conformar-se à justiça de Deus devem ver apenas as demandas radicais de Cristo como o "sonho impossível". Essas demandas devem nos fazer contorcer em nossa cadeira e nos fazer desistir de tentar agradar a Deus. Mas aqueles que desistiram de usar estas demandas como um meio de alcançar a justiça (isto é, colocar-se como justo) diante de Deus, o sexto mandamento com todas as suas implicações se torna um desafio que o Espírito Santo que mora no coração aceita com deleite e prazer.

Os reformadores nos lembram de que ser corrigido por Deus conduz a uma libertação radical dos relacionamentos humanos também. Muitos cristãos brancos da África do Sul perceberam que não podiam compartilhar a comunhão com seus irmãos e irmãs negros no domingo e, depois, sentarem-se silenciosa-

mente enquanto estes mesmos irmãos e irmãs eram vítimas de violência e opressão sistemáticas. Finalmente, não podemos separar nossos relacionamentos na igreja de nossos relacionamentos em geral. Temos de demonstrar solidariedade a todas as pessoas que sofrem, de cada raça, classe e credo – cristãs ou não – porque essa é a vontade de Deus, e por nenhuma outra razão. Nas palavras de um dos líderes reformados que advogam a justiça na África do Sul, John de Gruchy, "A Palavra libertadora da justificação e a Palavra libertadora da justiça são, assim, unidas em Jesus Cristo de tal forma que conquanto não sejam confundidas, também não são separadas".

Ainda que venhamos a falhar e que nunca nos conformemos à lei perfeitamente com o coração, a mente e em ação, a nova vida que Deus nos assegura e nos dá em Cristo não é meramente uma potencialidade para o crente, que ele ou ela deve, de alguma forma, pôr em prática. A mesma fé pela qual fomos justificados nos comunica todas as bênçãos espirituais de Cristo. Nele nós fomos crucificados, enterrados e ressuscitados para a novidade de vida (Romanos 6), e, a despeito da falha, o crente tem a certeza de que um tipo diferente de vida pertence a ele, diferente da que possuía anteriormente. Amar ao nosso próximo de uma forma radical que faça com que o mundo busque a fonte da nossa libertação – o sonho impossível? Só se estivermos buscando paz com Deus por meio dele. Porque, em Cristo, é um sonho que se torna realidade. Que nós não só *contemos* ao próximo hostil e cínico; que *mostremos* a eles.

CAPÍTULO OITO
ATÉ QUE A MORTE NOS SEPARE

Não adulterarás.

Desde a Queda no Paraíso, cada era tem sido capaz de dizer como Dickens, "Esta foi a melhor época, esta foi a pior época". Embora nunca tenha havido uma era tão lúgubre na qual não houvesse sinais da graça comum de Deus e da sua providência, ainda está por vir uma era tão nobre e heróica que possa ser considerada justamente uma Era Dourada. Na suposta "Era Dourada" da Grécia antiga, o aborto, o crime violento, a pobreza e o luxo excessivo, a corrupção política e judicial e a liberdade sexual eram comportamentos padrão. Na aurora da Reforma, os reformadores evangélicos lamentaram a corrupção moral da vida medieval, localizando a fonte do esgoto na cela do monge que tinha supostamente escapado das complicações do mundo e das paixões carnais na sua perseguição à falsa santidade. E os puritanos clamaram contra o uso impróprio dos próprios dons daquela Reforma para a ambição privada dentro de uma igreja que viam apenas como "meio reformada".

Em nossos dias, justamente celebrados por seus avanços tecnológicos e científicos, temos provado mais uma vez que a inteligência e o conhecimento, o domínio da técnica e o domínio da personalidade, o uso sofisticado de ferramentas e o uso sofisticado da sabedoria não requer sempre a companhia uns dos outros. Agora, se fala muito sobre uma renovação moral e um retorno aos "valores tradicionais norte-americanos", embora a natureza precisa desses valores permaneça, de alguma forma, indefinida. E não é de se estranhar que haja tal conversa. Mais da metade dos homens de nossa nação e um terço das mulheres se envolvem em romances extraconjugais. Porém, novamente, temos de fazer algumas perguntas examinadoras para a nossa própria comunidade cristã. Da mesma forma que os monges queixavam-se da imoralidade daqueles que viviam em "ocupações seculares, mundanas" e, ao mesmo tempo, como grupo, eram vistos como imorais, devemos ser sensíveis às ironias que nossos contemporâneos seculares vêem em nosso comportamento moral. Naturalmente, não há utilidade em dragar a memória de escândalos de televangelistas, que parecem estar acontecendo. Contudo, parece que nos esquecemos que, desde a Irmã Aimee Semple McPhereson a Billy James Hargis aos assuntos correntes dos pregadores normais por toda a nossa nação, há uma percepção geral de que aqueles que mais falam sobre moralidade e gastam mais tempo apontando o dedo estão entre os mais corruptos na vida privada.

As ironias abundam. George Barna relata. "Através dos anos, de maneira surpreendente, poucas pesquisas mostram evidência de que o estilo de vida dos cristãos nascidos de novo diferem do estilo de vida dos incrédulos, à parte do envolvimento em atividades religiosas.... Nas atividades não-religiosas, o perfil era quase idêntico entre crentes e incrédulos",[86] Na verdade, embora a MTV, em adição à oferta de horas de imagens descuidadas, exiba um pouco do erotismo mais sexualmente explícito da televisão, pesquisas indicam que jovens adultos cristãos assistem mais dessa programação da rede de televisão do que não-cristãos.[87] Novamente, parece que o próprio grupo que mais verbaliza sobre os "valores tradicionais" na arena pública está, ele mesmo, confuso quanto ao que esses valores são. Por exemplo, dois terços dos cristãos pesquisados por Barna viam o divórcio como "solução razoável para um casamento problemático", e "aproximadamente metade (45 por cento) dos cristãos entrevistados declararam que filhos gerados por cônjuges infelizes não deveriam servir para manter a família intacta".[88] Assim, Barna observa, "embora os cristãos acreditem que o casamento é intrinsecamente uma instituição importante, estão rendendo-se às pressões sociais e econômicas que têm desafiado os relacionamentos conjugais e as obrigações quanto à educação dos filhos".[89]

Mencionei anteriormente o modo freqüente em que os próprios cristãos são, pelo menos, percebidos como aqueles que prescrevem uma regra para a sociedade e outra para si mesmos. Todos nós violamos os mandamentos de Deus, mas as estatísticas revelam que muitos crentes modernos não sabem nem mesmo o que esses mandamentos envolvem ou a razão pela qual consideram esses relacionamentos tão essenciais. Talvez devêssemos colocar nossa própria casa em ordem antes de lançar campanhas contra o mundanismo. Essas pesquisas revelam muito mais do que a falha moral; ela é uma substituição das atitudes básicas e das crenças. Por essa razão, é vital que recuperemos a essência do sétimo mandamento: sua natureza, seu propósito, e suas implicações de longo alcance. Antes de mudarmos o modo como agimos, devemos mudar o modo como pensamos.

---

[86] George Barna, *The Barna Report 1992-93* (Ventura: Regal, 1992), 128.

[87] Ibid., 124.

[88] George Barna e William Paul Mackay, *Vital Signs: Emerging Social Trends and the Future of American Christianity* (Westchester, Ill.: Crossway, 1984), 13.

[89] Ibid.

O QUE É O ADULTÉRIO?

Assim como aqueles nos dias no nosso Senhor, muitos cristãos hoje pensam no pecado em termos técnicos, legalistas. Ele é algo que *fiz* no dia tal. Tendo crescido no fundamentalismo, algumas vezes comentávamos sobre nossas façanhas sexuais de adolescentes acrescentando, "Mas nós não praticamos sexo realmente". Ai de mim! Nós não cruzamos a linha técnica da virgindade clínica para a "imoralidade". Quando fui para uma faculdade evangélica, ouvi as mesmas histórias. "Onde *você* pensa que essa linha se encontra?", perguntávamos uns para os outros. E, mais freqüentemente, oferecíamos a resposta que coincidia com os limites de nossa própria experiência. Os legalistas estão preocupados com as "linhas", enquanto a Escritura considera o pecado, em primeiro lugar, como uma *condição* e só em segundo lugar como um *ato*.

Além das "linhas", então, o adultério é uma questão do coração. Sendo este o caso, quem entre nós pode ficar de pé quando este mandamento é lido? Os legalistas estão preocupados em manter seu registro intacto, mas a definição bíblica de adultério faz com que a hipocrisia de todos nós se transforme em castelos no ar. Como Calvino comentou com relação a esse mandamento, "a hipocrisia" dos monges "é completamente estúpida – fazer com que a luxúria não seja pecado, até que seja assentida por todo o coração. Mas não é de se surpreender que o pecado seja tão atenuado por eles, uma vez que se poderia esperar esse tipo de tolice e negligência no reconhecer os pecados naqueles que atribuem justiça aos méritos das obras".[90] Em outras palavras, aqueles que colocam sua confiança em sua própria justiça, finalmente têm de racionalizar seu pecado e subestimar sua seriedade.

Novamente somos transportados para o monte onde Jesus pregou seu famoso sermão:

> Ouvistes que foi dito: Não adulterarás. Eu, porém, vos digo: qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração, já adulterou com ela.
>
> ...Também foi dito: Aquele que repudiar sua mulher, dê-lhe carta de divórcio. Eu, porém, vos digo: qualquer que repudiar sua mulher, exceto em caso de relações sexuais ilícitas, a expõe a tornar-se adúltera; e aquele que casar com a repudiada comete adultério. (Mateus 5.27-28, 31-32)

[1] João Calvino, *Commentary on Matthew*, 5:28.

Assim como com outros mandamentos que nosso Senhor elaborou, aqui ele não está divergindo de Moisés mas da tradição de interpretação dos escribas e fariseus. O que Deus realmente ordenou na proibição de adultério e divórcio no Antigo Testamento?

> Se um homem tomar uma mulher e se casar com ela, e se ela não for agradável aos seus olhos, por ter ele achado coisa indecente nela, e se ele lhe lavrar um termo de divórcio, e lho der na mão, e a despedir de casa; e se ela, saindo da sua casa, for e se casar com outro homem; e se este a aborrecer, e lhe lavrar termo de divórcio, e lho der na mão, e a despedir da sua casa ou se este último homem, que a tomou para si por mulher, vier a morrer, então, seu primeiro marido, que a despediu, não poderá tornar a desposá-la para que seja sua mulher, depois que foi contaminada, pois é abominação perante o SENHOR; assim, não farás pecar a terra que o SENHOR, teu Deus, te dá por herança.
>
> Homem recém-casado não sairá à guerra, nem se lhe imporá qualquer encargo; por um ano ficará livre em casa e promoverá felicidade à mulher que tomou. (Deuteronômio 24.1-5)

Freqüentemente pensamos nos fariseus como um grupo unificado, indisposto com os saduceus, mais liberais. Mas, na época de Cristo, os fariseus haviam se dividido em duas escolas: a Shamai e a Hillel. De acordo com a escola Shamai, essa passagem de Deuteronômio deveria ser interpretada como excluindo todos os divórcios, exceto no caso de adultério, enquanto os fariseus Hillel ampliavam as possibilidades de divórcio para incluir qualquer insatisfação que o marido pudesse ter com sua esposa. Devemos ser cuidadosos para observar que essa era uma rua de mão única: o marido podia se divorciar de sua esposa por qualquer razão, mas a esposa não gozava dos mesmos privilégios, de acordo com a tradição Hillel. É óbvio, a partir da resposta de nosso Senhor aos fariseus quanto a essa questão, que a interpretação Hillel tinha a supremacia na época. Conseqüentemente, o que Jesus estava contestando não era o mandamento em Deuteronômio, o qual requer "impureza" ou "indecência" – em outras palavras, infidelidade sexual – como o único fundamento para o divórcio. No tempo de Moisés, os homens se divorciavam de suas mulheres por qualquer razão, deixando-as nas ruas, para serem vítimas de zombaria e até de

apedrejamento, uma vez que essa era a penalidade civil para o adultério e, sem um certificado de divórcio, uma esposa rejeitada não tinha defesa legal.

Martyn Lloyd-Jones comenta a este respeito:

> Naqueles dias, você se lembra, os homens geralmente tinham um visão muito baixa e pobre das mulheres, e eles chegaram a crer que tinham o direito a divorciarem-se de suas esposas por qualquer tipo de razão sem valor e frívola.... A legislação mosaica, assim, foi introduzida a fim de regular e controlar uma situação que não apenas havia se tornado caótica, mas era inteiramente injusta para com as mulheres, e que, ainda, conduzia a sofrimentos incontáveis e intermináveis tanto para as mulheres quanto para as crianças.... Todos os tipos de desculpas que os homens estavam usando e oferecendo estavam agora proibidos. Antes de poder obter divórcio, um homem tinha de estabelecer que havia alguns casos muito especiais, descritos sob o título de impureza. Ele não apenas tinha de provar isso, ele também tinha de estabelecê-lo na presença de duas testemunhas. Assim, a legislação mosaica, longe de dar várias desculpas para o divórcio, o limitou grandemente.[91]

Além disso, como Jesus apontou mais tarde quando os fariseus o questionaram novamente sobre o divórcio, "Por causa da dureza do vosso coração é que Moisés vos permitiu repudiar vossa mulher; entretanto, não foi assim desde o princípio. Eu, porém, vos digo: quem repudiar sua mulher, não sendo por causa de relações sexuais ilícitas, e casar com outra comete adultério e o que casar com a repudiada comete adultério" (Mateus 19.8-9), arraigando o casamento no pacto original entre Adão e Eva: "Então, respondeu ele: Não tendes lido que o Criador, desde o princípio, os fez homem e mulher e que disse: Por esta causa deixará o homem pai e mãe e se unirá a sua mulher, tornando-se os dois uma só carne? De modo que já não são mais dois, porém uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem" (vv. 4-6).

---

[91] Martyn Lloyd-Jones, *Studies in the Sermon on the Mount* (Grand Rapids: Eerdmans, 1984), 254.

Os fariseus legalistas estavam preocupados com pedaços de papel – documentos legais que o marido podia obter facilmente com sua permissão por qualquer razão, tradição Hillel dominante naqueles dias. Jesus se opõe a essa visão legalista de casamento. O adultério pode dissolver um casamento porque o relacionamento sexual é o meio ordenado por Deus para unir duas carnes em uma. A infidelidade sexual quebra o vínculo entre o marido e a esposa mas, à parte dessa infidelidade, a união é intacta e não pode ser dissolvida simplesmente por causa do descontentamento ou da incompatibilidade. Assim, uma questão mais importante do que "O que é o adultério?" é "O que é o casamento?"

O PACTO DO CASAMENTO

Como vimos, Deus se relaciona *pactualmente* conosco, isto é, ele nos faz promessas incondicionais e, baseados na *sua* resolução e seu compromisso a esse relacionamento pactual, nos submetemos a ele em amor e serviço obediente. Esse vínculo pactual é tão forte que, "se somos infiéis, ele permanece fiel. pois de maneira nenhuma pode negar-se a si mesmo" (2 Timóteo 2.13). "eu serei o seu Deus", ele declara, "e eles serão o meu povo" (Ezequiel 37.27).

Semelhantemente, Deus nos chama para entrar em relacionamentos pactuais com outros seres humanos, sendo o casamento o fundamental entre eles. Se há um colapso nesse nível, é certo haver um efeito em ondas por todos os outros relacionamentos sociais. Aqui começa a comunidade e o compromisso de autoentrega ao nosso próximo. Assim como a caridade começa em casa, assim também começa o vício.

No entanto, o casamento não é um sacramento, como a igreja Católica Romana ensina. Ele é uma ordenança da *criação*, não da *redenção*. Ele foi dado a toda a humanidade na criação, não apenas aos cristãos. Algumas vezes esse fato é obscurecido pelo prática de se realizar casamentos nos edifícios das igrejas. Embora não haja nada errado com essa prática, isso não deve nos dar a impressão que, de alguma forma, os casamentos cristãos estão nma classe diferente.

Embora não devamos confundir o comum (criação) com o santo (redenção), o próprio Novo Testamento ilustra o relacionamento da igreja com Cristo referindo-se ao casamento (Efésios 5). Similarmente, podemos dizer que assim como as dádivas terrenas como o pão, o vinho e a água se tornam sinais e selos do pacto que Deus fez em nosso favor, assim também o relacionamento sexual é a dádiva dada por Deus com o propósito de selar o pacto do casamento. Essa é a razão pela qual Paulo demanda, "Não sabeis que os vossos corpos

são membros de Cristo? E eu, porventura, tomaria os membros de Cristo e os faria membros de meretriz? Absolutamente, não. Ou não sabeis que o homem que se une à prostituta forma um só corpo com ela? Porque, como se diz, serão os dois uma só carne". Por essa razão, Paulo adverte, "Fugi da impureza. Qualquer outro pecado que uma pessoa cometer é fora do corpo; mas aquele que pratica a imoralidade peca contra o próprio corpo" (1 Coríntios 6.15-16, 18).

Para o Cristianismo, o corpo é muito importante. Ele não deve ser maltratado pela negação severa do prazer terreno, nem abusado pela indulgência excessiva. Na verdade, em seu comentário no *Catecismo de Heidelberg* sobre esse mesmo mandamento, Ursinus observa que essa demanda requer temperança, mas que a intemperança não é apenas bebedice, orgias e imoralidade mas "*extremos* de temperança..., ou *muita* abstinência, e coisas que não se harmonizam com a nossa natureza, como a temperança dos eremitas e jejuns supersticiosos".[92] Enquanto os monges cometiam a gulodice antes e depois de um jejum espiritual, e engajavam-se em alguns dos mais pervertidos atos sexuais enquanto condenavam o casamento, os reformadores exortavam os cristãos a aceitarem com gratidão as dádivas divinamente ordenadas que Deus criou para nós, por natureza, gozarmos. O casamento é a dádiva de Deus para experimentarmos o mais profundo relacionamento da humanidade, e a atividade sexual fora dessa instituição é uma tentativa de gozar o *prazer* desse pacto sem a *responsabilidade* do mesmo. Naturalmente, a ironia muito bem conhecida por aqueles que têm sido promíscuos, é que a própria dádiva se torna algo vazio à parte do pacto que deveria selar.

Assim, a ênfase de Jesus e de Paulo nesses textos, em contraste agudo com o ponto de vista legalista dos fariseus Hillel, reside no relacionamento pactual entre os dois indivíduos que se tornam "uma carne". Na verdade, Paulo não permite o divórcio nem mesmo no caso de um cristão casado com um incrédulo (1 Co 7). Como Lloyd-Jones observa, devemos levar isso a sério num tempo como o nosso quando, similar aos dias de Moisés e de Jesus, o divórcio por causa de incompatibilidade é tão comum. Se alguma vez houvesse um argumento pela incompatibilidade, certamente seria o caso do crente casado com um incrédulo. As Escrituras, porém, o proíbem claramente como fundamento apropriado para o divórcio. Lembre-se, o casamento é um pacto da criação, não da redenção. Assim, um cristão é "uma carne" com um incrédulo tanto quanto dois crentes o seriam.

---

[92] Zacharius Ursinus, *The Commentary Upon the Heidelberg Catechism* (1852; Phillipsburg, N.J.: Presb. & Ref., s.d.), 592.

Conseqüentemente, assim como a abordagem legalista para a fornicação é. "Quanto posso ir, tecnicamente, sem pecar?", assim é a atitude legalista nessa questão do divórcio, "Que bases legais posso encontrar?" Em ambos os casos. Deus demanda que olhemos abaixo da superfície, além dos códigos legais, para a santidade dos relacionamentos, para a ordenança divina dos vínculos pactuais entre os seres humanos. Em vez de perguntar "Quanto posso ir?" deveríamos perguntar, "Estou me relacionando com meu próximo (neste caso, minha namorada, namorado, ou cônjuge) como uma pessoa criada à imagem de Deus? Estou honrando o corpo dessa pessoa? Estou amando-o ou amando-a como eu amo a mim mesmo?"

"Quanto posso ir?" é uma pergunta egoísta. Ela questiona, no modelo legalista típico, "O que posso obter?" em vez da questão pactual, "O que posso dar?" Se nossa consideração for legalista, iremos sempre justificar nosso pecado com um jargão clínico e técnico; se for pactual, iremos descobrir que o adultério, num caso, pode ser um marido que confia numa amiga do trabalho em vez de compartilhar seus problemas com sua esposa; em outro, dar-se ao trabalho aoponto do abandono prático das próprias responsabilidades conjugais e paternais. Algumas pessoas não casadas irão descobrir que não podem nem mesmo engajarem-se em beijos românticos sem que isso envolva luxúria, enquanto outras irão beijar o namorado ou namorada para expressarem um senso de compromisso e amor para com aquela pessoa. O pecado, em primeiro lugar, e uma condição e, então, uma atitude; só então ele se torna uma ação ou uma série de ações. Se virmos os relacionamentos do ponto de vista pactual em vez de legalista, iremos, pelo menos a princípio, estar mais bem preparados para formar relacionamentos adequados com os outros em vez de apenas obter o que legalmente pudermos de outras pessoas.

COMO VIOLAMOS ESSE MANDAMENTO?

Novamente, achamos comentários prontos sobre esse mandamento nos catecismos evangélicos. Lutero observa o arranjo admirável dos mandamentos. "Primeiro eles lidam com a pessoa do nosso próximo. Depis, eles prosseguem com a pessoa mais próxima e mais querida dele, isto é, sua esposa, que é uma carne e sangue com ele." Num sentido, o sétimo mandamento é uma extensão do mandamento prévio: "Não matarás", que foi interpretado como qualquer coisa que cause dano ou como uma falha em proteger o próximo do dano. Sempre que cometemos o adultério, pecamos contra Deus, contra o nosso próprio

corpo, contra o parceiro no relacionamento, contra nosso cônjuge, e contra o cônjuge do parceiro. Ao todo, isso envolve cinco relacionamentos, se nos incluirmos. Se a lei moral estiver preocupada principalmente com "relacionamentos corretos", certamente essa é uma forma de assassinato. O adultério não é errado por causa do ato em si, como se o próprio fato de ter cruzado a linha fosse o crime, mas porque ele viola pactos; ele destrói relacionamentos estabelecidos por um Deus bom para o nosso prazer e ações de graça.

Assim, Lutero adiciona, "Considerando que há uma bagunça vergonhosa e um esgoto de todos os tipos de vício e lascívia entre nós, esse mandamento se aplica a cada forma de impudência, por qualquer nome que se lhe dê. Não é apenas o ato externo proibido, mas também cada tipo de causa, motivo e meio. Seu coração, seus lábios, e todo o seu corpo devem ser castos e não devem se permitir ocasião, ajuda, ou encorajamento para a lascívia.... Resumindo, é requerido que cada um viva castamente e ajude seu próximo a fazer o mesmo" (*Catecismo Maior*).

Calvino concordou: "E que aquele que não toca uma mulher não se exalte, como se não pudesse ser acusado de atrevimento, enquanto seu coração, entretanto, intimamente arde com a luxúria".[93] Como Paulo aconselhou, é "melhor casar do que viver abrasado" (1 Coríntios 7.9). Os monges se exaltaram, como os fariseus, porque não haviam "cruzado a linha". Conseqüentemente, eles não eram adúlteros. Afinal, eles ainda eram, tecnicamente falando, virgens quando casaram. Porém, Jesus deixa claro que a luxúria interior em uma única ocasião durante toda a nossa vida nos faz adúlteros e nos esvazia de qualquer confiança em nossa pureza moral, sem considerar o quão persistentemente temos nos apegado à nossa virgindade.

O Catecismo de Heidelberg oferece vários modos nos quais violamos o sétimo mandamento:

> 108. P. Que é que nos ensina o sétimo mandamento?
>
> R. Que toda falta de castidade é condenada por Deus, e que, portanto, devemos, de coração, detestar tal coisa e viver vidas castas e disciplinadas, seja no santo matrimônio ou na vida de solteiro.

---

[93] João Calvino, *Institutas da Religião Cristã*, 2.8.43.

> 109. P. Nada mais proíbe Deus, neste mandamento, que o adultério e semelhantes pecados graves?
>
> R. Se tanto nosso corpo como nossa alma são o templo do Santo Espírito, é vontade dele que conservemos ambos puros e santos. Portanto, ele proíbe todos os atos, os gestos, as palavras, os pensamentos impuros, e tudo o que a eles incitar outra pessoa.

No entanto, mais uma vez, a Bíblia assume um aspecto positivo como também um negativo para cada mandamento. Assim como com o assassinato, em que somos comandados a não apenas nos refrearmos da violência, mas a fazer tudo o que pudermos para cuidar de nosso próximo, assim também se dá com o adultério; não devemos apenas nos abster da imoralidade sexual, mas devemos nos lembrar que antes de ter algo que ver conosco, é algo que tem que ver com o próximo. O *Catecismo Breve de Westminster* pergunta, "O que é requerido no sétimo mandamento? R. O Sétimo Mandamento requer a preservação da nossa própria castidade e a do *nosso próximo*, em coração, fala, e comportamento" (itálico adicionado). Novamente, o legalista é egoísta, sempre perguntando se ele ou ela está "dentro dos limites", em vez de perguntar se ele ou ela está conduzindo *a outra pessoa* para fora dos limites. "Estou honrando a mim mesmo?" ou "Estou honrando esta regra?" não é a questão principal do ponto de vista bíblico. Ainda que nós mesmos estejamos agindo de uma forma que não viole a nossa consciência, estamos levando alguém a violar a sua consciência?

Ursinus mais uma vez nos ajuda. Positivamente, o sétimo mandamento nos chama (1) ao amor mútuo; (2) à fidelidade conjugal [sexual]; (3) à comunhão de bens, juntos com simpatia nas aflições e nos infortúnios um do outro; (4) ao treinamento e educação dos filhos; (5) a suportar as fraquezas um do outro com um desejo de removê-las.

Em primeiro lugar, então, há o amor mútuo. Calvino e outros reformadores criaram escândalo quando declararam que os jovens poderiam recusar um casamento arranjado. Deve haver amor mútuo no casamento. Ele não é apenas um arranjo legal, mas uma união de duas pessoas numa só carne. Embora as Escrituras não romantizem ou sentimentalizem o amor e o casamento, certamente não o representam como uma questão estóica de conveniência social.

Em segundo lugar, há a fidelidade sexual. Os reformadores e os puritanos interpretaram que isso não significava apenas que cada cônjuge deveria se refrear de flertes extraconjugais, mas que cada um devia ao outro o intercurso

sexual. Muitos até mesmo consideravam os "abandonos sexuais" (recusa de um cônjuge a engajar-se no intercurso sexual) como uma forma de adultério e permitiam o divórcio nesses casos. Isso, naturalmente, não controla a temperatura do romance no quarto. Obviamente há casamentos felizes que não requerem uma tremenda paixão sexual, mas negar ao outro a intimidade sexual é dissolver o pacto na prática, se não na teoria. O homem deve "amar a sua mulher como ao próprio corpo" (Efésios 5.28), e vice-versa.

Terceiro, há uma comunhão de propriedade e simpatia. A cerimônia de casamento no *Livro de Oração Comum* mais antigo a coloca desta forma: "Para o melhor ou para o pior, na riqueza ou na pobreza, na doença e na saúde, até que a morte nos separe". Em alguns casamentos, um dos cônjuges simplesmente se recusa a compartilhar – seja no caso de posses materiais ou interesses pessoais, preocupações, sonhos, problemas, esperanças e temores. Isso, finalmente, pode se transformar numa forma de deserção. Embora o marido e a esposa estejam ambos fisicamente presentes, há uma ausência de companheirismo e interação genuinamente pactual. Isso é particularmente difícil em casos onde ambos os cônjuges são teimosos e colocam a carreira em primeiro lugar. A ambição pelo sucesso e o medo de fracassar faz com que seja perigoso baixar a guarda, por medo de perder a admiração daquele que é mais próximo de si mesmo. Mas o casamento é um relacionamento no qual podemos ser livres para nos expressar no sucesso ou no fracasso, de nos darmos um ao outro de corpo *e* alma, tempo *e* posses. Resumindo, o "meu" se torna "nosso" no casamento, a única forma de comunismo ordenada nas Escrituras. A propriedade de uma pessoa não apenas se torna posse da outra: o seu próprio corpo pertence à outra.

Quarto, o casamento requer o treinamento e a educação dos filhos. Ursinus levantou esse assunto no quinto mandamento, e o levanta aqui novamente. O casamento foi instituído não apenas para prover uma vínculo apropriado entre homens e mulheres, mas por razões sociais também. Uma família bem administrada contribui com uma ordem e integridade para os relacionamentos sociais mais amplos. Naturalmente temos de ser cuidadosos aqui, uma vez que há alguns pais solteiros admiráveis que têm educado seus filhos e lhes dado uma educação excelente, mas é difícil questionar a noção de que o ambiente familiar protetor, com ambos os pais, é o que mais conduz a uma educação produtiva e edificação dos filhos. Nós até mesmo referimo-nos às situações nas quais o divórcio interrompeu tragicamente a família como "lares quebrados".

De acordo com Joe Klein do *Newsweek*,

> Há uma grande correlação entre lares rompidos e quase todos os problemas sociais imagináveis. De acordo com uma pesquisa compilada por Zinmeister, mais de 80 por cento dos adolescentes em hospitais psiquiátricos vêm de famílias quebradas. Aproximadamente três em cada quatro suicídios de adolescentes "ocorrem em famílias onde um pai é ausente". Um estudo de 1988 por Douglas A. Smith e G. Roger Jarjoura mostrou que a "porcentagem de famílias de pais solteiros com filhos [adolescentes]... está significativamente associada a índices de crimes violentos e roubos".... Há outros efeitos. A habilidade para aprender é prejudicada, especialmente para garotos que crescem sem os pais.[94]

Ao se comprometerem um com o outro em pacto, os pais juntos se comprometem com o bem-estar e a educação conjunta de seus filhos.

Quinto, há o suportar as fraquezas um do outro com um desejo de removê-las. Mais uma vez, assim como o adultério é uma forma de assassinato, assim o casamento é uma forma de proteção quanto ao dano. Cada cônjuge cuida do outro, com um interesse em não apenas simpatizar com os problemas do outro, mas com uma determinação de realmente fazer algo a respeito. O marido ou esposa não deveria ser capaz de ver o outro perturbado, preocupado, de coração partido ou infeliz. O adultério pode ser cometido não apenas por meio da infidelidade sexual, mas pela preocupação com alguma pessoa ou alguma outra coisa a ponto de fazer com que o casamento sofra.

CONCLUSÃO

Tudo isso dito, devemos retornar às nossas primeiras observações. Os crentes devem contar o estoque da própria vida pessoal antes de apontar o dedo para o mundo incrédulo. Lloyd-Jones adverte, "Devemos começar com nós mesmos; devemos começar no início, devemos observar a lei de Deus em nossa própria vida individual, pessoal. E então, e só então, estaremos autorizados a confiar em nações e povos, e a esperar um tipo diferente de

[94] Joe Klein, em *Newsweek*, 8 de junho de 1992, 20.

conduta e comportamento do mundo em geral".[95]

A campanha dos "valores tradicionais" de muitos evangélicos corre o risco de cometer alguns erros sérios, na minha estimativa. Primeiro, arrisca confundir o evangelho com os chamados valores familiares. Como aprendemos, a família foi instituída como uma ordenança da criação, não como uma ordenança da redenção. Há muitas famílias mórmons felizes e lares hindus, judeus, muçulmanos e agnósticos. Há, também, muitos cristãos felizes que, por uma razão ou outra, não são casados; eles não devem ser considerados cristãos de segunda classe, particularmente à luz dos ensinamentos do Novo Testamento (Mateus 19.11-12; 1 Coríntios 7.32-38).

Segundo, arrisca criar expectativas não realistas do casamento cristão. Quando eu era estudante de uma faculdade evangélica, descobri no departamento de aconselhamento que a porcentagem de divórcio entre os estudantes que se casavam e na faculdade era maior do que a média nacional. Tenho testemunhado vários casamentos cristãos desintegrarem-se e, na maioria das vezes, isso é devido, pelo menos em parte, às expectativas não-realistas. Os cristãos precisam ser repetidamente lembrados de que não há "casamento feito no céu", porque nós mesmos somos todos pecadores. Os cristãos, assim como os incrédulos, deveriam esperar as atitudes e ações pecaminosas normais de homens e mulheres caídos até mesmo no relacionamento conjugal. A família cristã não deve ser glorificada; não há nada que torne um lar cristão imune aos mesmos pecados insidiosos encontrados em famílias incrédulas. Na verdade, tenho visto vários casos nos quais uma "tradicional família cristã" produz crianças neuróticas que tiveram retardamentos para toda a vida por causa de pais excessivamente rígidos com expectativas perfeccionistas e orientadas para a execução. Os valores tradicionais, embora sejam importantes, não podem garantir um ambiente sadio.

No tempo em que muitos cristãos, em seu próprio país, desejavam uma espiritualidade vitoriana, C. S. Lewis advertiu contra o erro de tomar os valores tradicionais pela presença real de um ambiente sadio. No "The Sermon and the Lunch", em *God in the Dock*, Lewis nos conta uma experiência que teve durante o almoço na casa do vigário.[96] "'E assim', disse o pregador, 'o lar deve ser a base de nossa vida nacional. É lá, afinal de contas, que o caráter é formado.... É lá que nós escapamos do barulho e estresse e tentação e dissipação da vida diária para buscar as fontes de força nova e pureza renovada...'" Lewis observa a reação:

---

[95] Lloyd-Jones, *Sermon on the Mount*, 261.

[96] C. S. Lewis, *God in the Dock* (Grand Rapids: Eerdmans, 1957), 284-86.

> E enquanto ele falava, observei que toda a confiança nele tinha desviado-se de cada membro daquela congregação com menos de 30 anos. Eles haviam estado escutando bem até este ponto. Agora as mudanças de posição e tosses haviam começado. Os bancos rangiam; os músculos relaxaram. O sermão, por todos os propósitos práticos, estava terminado; os cinco minutos pelos quais o pregador continuou falando foram uma perda total de tempo – pelo menos para a maioria de nós.... eu pensava... 'Como ele pôde? como *ele*, de todas as pessoas, pôde?' Porque eu conhecia a própria casa do pregador muito bem. Na verdade, eu estivera almoçando lá naquele mesmo dia, formando o quinteto com o Vigário, sua esposa, o filho (da Força Aérea Real) e a filha (do Serviço Territorial Auxiliar) que estavam de férias.

Lewis expõe a conversa para nós: O pai, o vigário, interrompia os outros membros da sua família; os filhos protestavam que ele não sabia o que estava falando e eles tinham a lógica e os fatos do seu lado. "O pai irrita-se; a mãe e (oh, abençoado movimento da rainha do lar!) 'ferida' – faz-se patética por tudo o que é merecedora. A filha se torna irônica. O pai e o filho, ignorando-se de forma elaborada, começam a conversar comigo. O grupo do almoço está em ruínas". E isso tudo apenas horas antes da dissertação sobre o romantismo da vida familiar. Lewis faz um comentário sobre o episódio todo:

> Ele [o pai, o pregador] continua falando como se "lar" fosse uma panacéia, um encanto mágico que, de si mesmo, estava obrigado a produzir felicidade e virtude. O problema não é que ele não fosse sincero, mas sim um tolo. Ele não está falando a partir de sua própria experiência de vida familiar de jeito algum: ele está automaticamente reproduzindo uma tradição sentimental – e acontece que essa é uma tradição falsa. Essa é a razão pela qual a congregação parou de o ouvir. Se os professores cristãos desejam chamar os cristãos de volta à vida em família – e eu creio que as pessoas devam ser chamadas de volta a ela – eles precisam, em primeiro lugar, parar de dizer menti-

> ras sobre a vida familiar e substituí-las por ensinos realistas. Talvez os princípios fundamentais seriam algo como isso. Desde a Queda, nenhuma organização ou qualquer modo de vida tem a tendência natural de fazer o que é certo. Na Idade Média, algumas pessoas pensavam que se unicamente entrassem para uma ordem religiosa, se encontrariam automaticamente tornando-se santas e felizes: toda a literatura nativa do período ecoa com a exposição desse erro fatal. No século 19, algumas pessoas pensavam que a vida familiar monogâmica os fazia santos e felizes.

Afinal, a família é uma comunidade de pecadores e não comunica poderes mágicos, inatos, de aperfeiçoamento moral. "Mas ela é o lugar onde há amor incondicional", o pregador tagarelou. Lewis responde, "Eu não penso que esse aspecto da afeição seja observado de perto, o suficiente, pela maioria dos moralistas populares. A avidez em ser amado é algo temível. Alguns dos que dizem (e quase com orgulho) que vivem por amor chegam, finalmente, a viver em ressentimento incessante." Afinal, se a necessidade de ser amado é nosso ídolo, quem será nosso sumo sacerdote para essa religião? Livros de cura cristãos falam sobre sermos "cálices de amor" que precisam ser enchidos, mas esse não é o tipo de linguagem bastante perigosa que Lewis está mostrando aqui? Um lar cristão pode se tornar um lugar profundamente defeituoso onde há demandas não realistas por amor, obediência, respeito e sinceridade de pecadores iguais. omo Lewis conclui, "Não há *lugar algum* deste lado do céu onde uma pessoa possa seguramente colocar as rédeas no pescoço do cavalo". Estaremos sempre lutando com nossos próprios pecados e os dos outros, especialmente os pecados daqueles com quem entramos em contato diariamente e até mesmo de hora em hora.

Conseqüentemente, o lar é essencial, mas não é a panacéia para os infortúnios da sociedade secular. Há muitas famílias demasiadamente rígidas, morais e tradicionais cujo ambiente é simplesmente insustentável e não-saudável. "Escola em casa", para algumas famílias, pode, na verdade, contribuir para um dano psicológico e social enquanto pode ser uma educação amplamente superior para outras. Mas devemos ter o cuidado de localizar o pecado nas instituições seculares e de não deificar o lar, uma instituição da criação, não da redenção. Quando vemos o lar com o realismo que a nossa doutrina bíblica do pecado demanda, ele pode se tornar um lugar onde até mesmo pecadores como nós

mesmos podemos achar uma rede de relacionamentos pactuais e contribuir para a comunidade humana no seu nível mais local.

Pelos padrões do sétimo mandamento. nenhum de nós pode se manter em pé. Fantasiar sobre um corpo que se vê na praia; ignorar o cônjuge ou negar-lhe nossa simpatia e devoção totais; usar um namorado ou namorada como um objeto em vez de uma pessoa – todos nós queremos nos justificar com definições clínicas e técnicas, mas pelos padrões de nosso Senhor, nenhum de nós passa no teste. Naturalmente, há leitores que podem, de fato, ter se envolvido no ato físico do adultério ou podem até mesmo estar vivendo em relacionamentos pecaminosos ou em uma série de relacionamentos. Temos a tendência de pensar, parte por causa da importância que Deus atou aos relacionamentos sexuais na criação, conhecimento gravado na nossa consciência, que os pecados sexuais são, de alguma forma, imperdoáveis, pecados realmente indesculpáveis. Porém, embora o dano causado nos relacionamentos – que é a medida da grandeza de um pecado – seja mais severo nas transgressões sexuais, Deus sempre tem mais graça do que nós temos pecado (Romanos 5.20). Lloyd-Jones nos oferece uma conclusão adequada:

> Baseado no Evangelho e no interesse da verdade, sou forçado a dizer isto: Nem mesmo o adultério é um pecado imperdoável. É um pecado terrível, mas Deus proíbe que haja alguém que sinta que seu pecado está além do amor de Deus e de seu reino por causa do adultério. Não; se você se arrepende verdadeiramente e percebe a enormidade de seu pecado e se lança sobre o amor, misericórdia e graça sem limites de Deus, você pode ser perdoado e lhe asseguro do perdão. Mas ouça as palavras de nosso abençoado Senhor: "Vá e não peques mais".[97]

[97] Lloyd-Jones, *Sermon on the Mount*, 261.

CAPÍTULO NOVE
CONFIANDO NA PROVISÃO DE DEUS

Não furtarás

Nos primeiros quatro mandamentos, chamados de a Primeira Tábua da Lei, nossa obrigação para com Deus é explicada. Devemos honrar seu nome, defender a sua adoração e proclamar seu evangelho. Porém, como o sumário de nosso Senhor provê, nossa obrigação para com Deus e nossa obrigação para com o próximo estão atadas numa obrigação comum: "Respondeu-lhe Jesus: Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento. O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas" (Mateus 22.37-40).

Quando usamos o nome de Deus de forma imprópria ou negamos a honra devida a ele, quando nos movemos da adoração centrada em Deus para o entretenimento centrado no homem, ou quando falhamos em proclamar todo o evangelho, roubamos de Deus o que pertence somente a ele. Mas porque seres humanos são criados à sua santa imagem, o princípio de dar a Deus o que lhe é devido é transportado para o nosso próximo. Como Calvino mostrou, devemos retidão e justiça ao nosso próximo em nossos relacionamentos, mesmo se ele ou ela for um inimigo, pela virtude da imagem divina que cada pessoa carrega.[98]

Além disso, cada mandamento que governa nossos relacionamentos com o nosso próximo designa a sua proteção. Do ponto de vista bíblico, a ênfase recai nas responsabilidades no lugar da obsessão moderna sobre os direitos. No mundo de hoje, cada grupo de interesse especial compete por seus direitos, mesmo se os direitos de um grupo ameaçam a comunidade ou outros grupos. É interessante ler as observações de Henry Grunwald na revista *Time*, sobre a nossa necessidade de "um novo clima psicológico" baseado nas responsabilidades em vez de nos direitos. Grunwald faz essas sugestões num artigo sobre a vida no ano 2000 e a necessidade de uma restauração da fé.[99] Os Dez Mandamentos enfatizam o que cada um de nós deve ao seu próximo, não o que cada um de nós tem o direito de esperar dele. Assim, quando Deus ordena honrar aos pais e a toda autoridade, assim como no que concerne àqueles que têm incumbência sobre nós, ele está protegendo o valor da autoridade.

---

[98] João Calvino, *Institutas da Religião Cristã*, 3.7.6.

[99] *Time*, 30 de março de 1992, 74.

Sem uma cadeia de comando, começando com a instituição da família, não pode haver ordem. Portanto, como C. S. Lewis apontou, "a alternativa para a regra não é a liberdade mas a tirania inconstitucional (e freqüentemente inconsciente) do membro mais egoísta" da família.[100] O mesmo, naturalmente, pode ser dito de todas as instituições sociais.

A proibição do assassinato defende o valor da vida humana; Deus proíbe o adultério para proteger o valor do casamento e da família; e, aqui, o decreto contra o roubo requer de nós o respeito pelo direito do próximo à propriedade privada.

BASE DESSE MANDAMENTO

Direito à Propriedade Privada

A proibição do roubo pressupõe o direito à propriedade privada. Se é crime tomar algo que pertence a outra pessoa, então, certamente, a parte ofendida tem o direito de possuir aquilo que lhe foi ilegalmente tirado. Contudo, não somos deixados às inferências com relação a isso. A Bíblia sustenta especificamente o caso da propriedade privada como um direito arraigado na criação, não na benevolência de outros, incluindo o Estado.

Em Êxodo 22, onde temos a aplicação dos Dez Mandamentos aos relacionamentos sociais, a discussão da propriedade privada ocupa um lugar proeminente:

> Se alguém furtar boi ou ovelha e o abater ou vender, por um boi pagará cinco bois, e quatro ovelhas por uma ovelha.
>
> Se um ladrão for achado arrombando uma casa e, sendo ferido, morrer, quem o feriu não será culpado do sangue.
>
> Se, porém, já havia sol quando tal se deu, quem o feriu será culpado do sangue; neste caso, o ladrão fará restituição total. Se não tiver com que pagar, será vendido por seu furto.
>
> Se aquilo que roubou for achado vivo em seu poder, seja boi, jumento ou ovelha, pagará o dobro.

[100] C. S. Lewis, *God in the Dock* (Grand Rapids: Eerdmans, 1957), 286.

> Se alguém fizer pastar o seu animal num campo ou numa vinha e o largar para comer em campo de outrem, pagará com o melhor do seu próprio campo e o melhor da sua própria vinha.
>
> Se irromper fogo, e pegar nos espinheiros, e destruir as medas de cereais, ou a messe, ou o campo, aquele que acendeu o fogo pagará totalmente o queimado.
>
> Se alguém der ao seu próximo dinheiro ou objetos a guardar, e isso for furtado àquele que o recebeu, se for achado o ladrão, este pagará o dobro.
>
> Se o ladrão não for achado, então, o dono da casa será levado perante os juízes, a ver se não meteu a mão nos bens do próximo.
>
> Em todo negócio frauduloso, seja a respeito de boi, ou de jumento, ou de ovelhas, ou de roupas, ou de qualquer coisa perdida, de que uma das partes diz: Esta é a coisa, a causa de ambas as partes se levará perante os juízes; aquele a quem os juízes condenarem pagará o dobro ao seu próximo. (vv. 1-9)

Embora devamos lembrar que a lei civil (a aplicação caso-lei dos Dez Mandamentos aos assuntos judiciais e políticos) foi um aspecto da teocracia judaica e expirou (juntamente com as cerimônias) com a passagem da teocracia, podemos, todavia, aprender bastante sobre o valor que Deus coloca sobre a propriedade privada.

Em primeiro lugar, há o caso do roubo direto. O princípio da restituição não é meramente "olho por olho", uma vez que o ladrão deve pagar não apenas um boi por um boi, mas também " por um boi pagará cinco bois, e quatro ovelhas por uma ovelha" se o boi ou ovelha roubados tiverem sido abatidos ou vendidos. Assim, essas são aplicações para uma situação específica – uma teocracia que era principalmente agrária e rural. Fazendeiros e rancheiros, e todos das muitas pessoas que empregavam, dependiam dos seus animais para a própria sobrevivência. O que dinheiro, ações e contratos, investimentos no mercado, cadernetas de poupança e Previdência Social são para a sociedade norte-americana moderna, os animais e a agricultura eram para o Antigo Oriente Próxi-

mo. Não havia contas para aposentadoria e nem política de seguro com as quais uma pessoa poderia contar em caso de roubo. Conseqüentemente, roubar a propriedade de uma pessoa era ameaçar a vida da vítima e daqueles que dependiam dela para o sustento. Portanto, o ladrão não devia apenas a justiça *distributiva* (um boi por um boi, uma ovelha por uma ovelha), mas também a justiça *punitiva*. O ladrão deveria pagar caro por sua violação ao direito à propriedade privada de seu próximo. Se o ladrão não tivesse recursos para tal reembolso, ele se tornava um empregado involuntário da vítima – um escravo devedor, até que fizesse a restituição total.

O princípio envolvido aqui é instrutivo para nós. No nosso sistema moderno, raramente a justiça é satisfatória para a vítima. Isto é devido, pelo menos em parte, ao fato de que perdemos o caráter relacional da justiça. A Bíblia comanda a justiça *entre vizinhos*, não meramente a satisfação das reivindicações econômicas. A justiça bíblica buscava colocar a vítima e o criminoso próximos um do outro, face a face, para que o relacionamento pudesse ser restaurado. Isso não é o mesmo que dizer que as duas partes deviam "fazer as pazes", ou tornarem-se amigas. Não era uma política sentimental "viva e deixe viver". A meta era restabelecer relacionamentos quebrados na sociedade.

Imagine um ladrão arrombando sua casa, roubando seus principais utensílios. Se isso acontecesse à noite e você realmente cresse que sua vida e a de sua família estavam sendo imediatamente ameaçadas, e se no processo de confrontação você matasse o ladrão, você não poderia ser "culpado de derramamento de sangue". No entanto, se o incidente acontecesse em plena luz do dia, em que você tivesse em pleno poder do seu senso, a alegação da autodefesa não se aplicaria, uma vez que a vida é um valor maior do que a propriedade. Você seria culpado de assassinato (v. 2). A vida é um preço muito alto para se pagar por roubo. Portanto, a lei protegia tanto a vítima do roubo como a vida do ladrão.

Mas nem toda perda de propriedade é devida ao roubo direto. Um incêndio, por exemplo, culposo ou por negligência, poderia destruir a propriedade e os animais de uma pessoa. Neste caso, a pessoa que começou o incêndio deveria fazer restituição, com o pressuposto, novamente, de que se não pudesse fazer a restituição imediatamente, se tornaria um devedor da vítima até que o reembolso fosse feito. No sistema de hoje, freqüentemente o pagamento é feito aos advogados e às companhias de seguro no lugar das vítimas, removendo as partes envolvidas no processo e deixando a impressão de que a justiça não foi realmente servida.

O princípio envolvido aqui deve nos fazer repensar em algumas de nossas abordagens legais e tentar aproximar as partes envolvidas, o que dará um sen-

tido de satisfação à vítima assim como ao criminoso. O ladrão também deve sentir, no final do dia, que ele fez a restituição, para que possa prosseguir com sua vida. E deve haver alguma conexão ética entre violar os direitos de outra pessoa e a punição infligida. Afinal, o ladrão não deve satisfação ao Estado, mas à parte lesada. O Estado não existe para preservar seus próprios direitos ou autoridade, mas para usar sua autoridade a fim de forçar a justiça em benefício das partes envolvidas.

Dessa forma, o primeiro princípio que esse mandamento requer contra o roubo é o valor da propriedade privada. Ninguém tem o "direito" de invadir a propriedade de outra pessoa, usar ou remover as posses de outra pessoa sem permissão ou, de qualquer outra forma, negar os direitos dos outros à vida, à liberdade ou à propriedade. Deus nos deu mais do que merecemos, mesmo se isso não passar do "pão nosso de cada dia". Sua graça comum nos empresta o próprio fôlego que usamos para amaldiçoá-lo, para reclamar de suas provisões, e para gozar o fruto de nosso trabalho, crentes ou incrédulos. Conseqüentemente, violar o direito do nosso próximo à privacidade e à propriedade é roubar não apenas dele, mas de Deus de quem são essas dádivas.

Princípio da Mordomia

A proibição contra o roubo repousa não apenas no valor da propriedade privada, mas também no princípio da soberania de Deus sobre tudo o que ele criou. Isso significa, naturalmente, que nossa posse nunca é final, mas é derivada da permissão bondosa de Deus.

No início, Deus colocou Adão sobre o mundo criado, não como um tirano mas como um mordomo. Adão não recebeu o Paraíso em algum sentido de posse final. Devemos lembrar que isso aconteceu num estado de inocência e, se o pecado não tivesse entrado no mundo, não haveria necessidade de proteger direitos ou marcar os limites da propriedade. Não haveria algo como proteger a propriedade privada. Só num mundo perfeito o coletivismo seria possível, em que cada pessoa trabalharia em conjunto exclusivamente para a glória de Deus e para o bem comum. No entanto, o pecado precisava da delimitação de fronteiras e da instituição do governo civil para preservar o vizinho do roubo, vandalismo e violação.

"Tomou, pois, o SENHOR Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden *para o cultivar e o guardar*" (Gênesis 2.15, itálico adicionado). Tornou-se um passatempo preferido de muitos ambientalistas culpar o teísmo clássico pela exploração da terra e, em particular, o mandato cultural que Deus deu a Adão de "dominar sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais

domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra" (1.26). Deus também mandou que Adão fosse "fecundo, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a" (v. 28). Isso não justifica a exploração humana da criação? Pelo contrário. A meta do reinado humano sobre a criação é "cultivar e guardar". (2.15). Embora a vida animal e vegetal estejam à disposição humana, o homem deve preservar a integridade da criação sobre a qual Deus o colocou. O propósito do seu domínio é subjugar e governar a ordem criada da mesma forma que um pai cultiva a obediência de uma criança – cuidando dos melhores interesses dela.

Essa intenção se estende por todo o Antigo Testamento. A própria terra deve receber um descanso do seu trabalho, e Deus impressionou Jonas com seu interesse pela salvação de Nínive porque "e não hei de eu ter compaixão da grande cidade de Nínive, em que há mais de cento e vinte mil pessoas, que não sabem discernir entre a mão direita e a mão esquerda, e também muitos animais?" (Jonas 4.11). Uma pessoa deve ajudar um burro prostrado sob sua carga, mesmo se este pertencer a um inimigo (Êxodo 23.5); o descanso do sábado também deve ser permitido aos animais (v. 12); o boi não deve ser amordaçado para que não coma um pouco do milho que debulha (Deuteronômio 25.4); e Provérbios 12.10 declara que " O justo atenta para a vida dos seus animais".

Em Oséias 4, Deus inclui em suas acusações contra Israel a poluição das águas a ponto de os peixes estarem morrendo. Na verdade, historiadores seculares, como Keith Thomas, de Oxford, descrevem aqueles que consideram seriamente a tradição bíblica como sendo também os que têm um interesse especial pelo mundo natural e sentem responsabilidade em relação a ele. Thomas observa o que o ministro presbiteriano John Flavel escreveu sobre um cavalo fatigado em 1669,

> O que fez esta criatura para que fosse assim espancada, ferida e extenuada por mim? Ela é uma criatura como eu.

Na verdade, Thomas argumenta que os puritanos tinham uma visão muito maior da criação e do ambiente que seus contemporâneos mais seculares, como Thomas Hobbes. Havia uma nova ênfase sobre jardins em vez de mosteiros: "Na literatura pós-Reforma, o jardim interno era um símbolo de repouso e harmonia. Suas flores e árvores eram emblemas de verdades espirituais, seus caminhos e pérgulas um tipo de mosteiro ao ar livre. O jardim, assim, tornou-se

o lugar aceito para reflexão espiritual na vida não menos que na literatura". Por exemplo, Roger Crabb escreveu, "Quando estava em meu jardim terreno cavando com uma pá, vi o Paraíso de Deus, o lugar de onde meu pai Adão foi expulso".[101] Calvino escreve sobre esse "domínio" dado ao homem, que

> a custódia do jardim foi dada em responsabilidade a Adão, para mostrar que nós possuímos as coisas que Deus confia às nossas mãos, sob a condição de nos contentarmos com um uso frugal e moderado delas e cuidarmos do que permanece. Que aquele que possui um campo, partilhe de seus frutos anuais para que o solo não sofra dano por negligência; mas que ele possa esforçar-se para passá-lo para a posteridade assim como o recebeu, ou ainda mais bem cultivado. Que ele possa alimentar-se de seus frutos de modo que não o dissipe por luxo, nem o estrague ou arruíne por negligência. Além disso, que essa economia e essa diligência com respeito às boas coisas que Deus nos tem dado a gozar, possam florescer entre nós; que cada um de nós considere a si mesmo como um mordomo de Deus em todas as coisas que possuímos. Então, não nos conduziremos de forma dissoluta nem corrupta por abusarmos das coisas que Deus requer que preservemos.[102]

Thomas observa que Calvino seguiu ambas as idéias bíblicas: o senhorio humano sobre o restante da criação e a mordomia. "Quando Deus colocou os animais 'em sujeição a nós'", explicou, "ele o fez com a condição de que cuidássemos deles gentilmente." Na verdade, "Deus não permitirá que abusemos dos animais além da medida", escreveu o reformador, "mas sim que os alimentemos e cuidemos deles". "E se um homem diz, 'Eu não me importo com ele porque é apenas um animal bruto', respondo novamente, 'Sim, mas é uma criatura de Deus'."[103]

---

[101] Citado em Keith Thomas, *Man and the Natural World* (Nova York: Pantheon, 1983), 237.

[102] Calvino, *Commentary on Genesis 2*.

[103] Thomas, *Man and the Natural World*, 154.

Embora os puritanos não fossem contra a caça esportiva, insistiam que devia haver moderação, a fim de prevenir o desperdício e a administração incompetente dos recursos naturais; e violência por violência, como a tortura de ursos[NT] e a briga de galos, eles declararam como ilegais na nação.

Embora nosso registro da mordomia da natureza possa estar deficiente neste século, a acusação freqüentemente feita pelos ambientalistas modernos contra as supostas influências negativas do Cristianismo não pode ser mantido. Falhar em nossa mordomia ou em nossa obrigação para com o próximo ou em nossa obrigação para com Deus em defesa de nosso ambiente, é roubar de Deus, de nós mesmos, uns dos outros e das futuras gerações.

E. Calvin Beisner não estava longe da marca quando escreveu, "Os discernimentos de Calvino quanto ao ensino da Escritura sobre mordomia tornaram-se elementos-chave na transformação do mundo ocidental, capacitando-o a tornar-se mais produtivo – e, assim, aliviando a pobreza de forma mais completa – do que qualquer outra civilização na História. Construir e conservar uma herança para os descendentes, uma idéia que Calvino enfatizou, era particularmente importante".[104]

Deus lembra repetidamente os israelitas de que eles não "possuem" realmente nada até onde ele saiba, muito embora haja um princípio próximo-a-próximo. Quando seguiam seus próprios textos, os judeus tinham um senso profundo, em contraste agudo com seus vizinhos pagãos, de que toda a terra pertencia a Deus e que eles eram meramente guardiães. Essa mordomia aplicava-se tanto aos homens quanto às criaturas. No final de cada sete anos, todos os débitos eram cancelados. Isso "para que entre ti não haja pobre" (Deuteronômio 15.1-4). Novamente, então, emerge a prioridade da vida sobre a propriedade. "Mas", alguém pode objetar, "você acaba de explicar a importância da propriedade privada e da posse, e agora está se contradizendo: Se os débitos são cancelados antes de serem pagos, isso não é roubo?" E aqui, novamente, Deus interrompe com este segundo princípio: sua própria soberania sobre toda propriedade. Entrar em débito sem intenção de pagar é estritamente proibido, porém um israelita não deve ser um escravo na terra que Deus deu a todo o seu povo.

Novamente, no entanto, devemos ver o propósito das leis civis e cerimoniais. Essas leis não foram dadas como mandamentos civis absolutos para as democracias modernas, mas à nação de Israel como uma teocracia. Seu propósito não era apenas organizar a vida civil, mas apontar para os grandes temas redentores que prenunciavam. Assim como não deveria haver escravos

[NT] *Bearbaiting*: antigo esporte que consistia em instigar cães contra um urso acorrentado.

[104] E. Calvin Beisner, *Prosperity and Poverty* (Westchester, Ill.: Crossway, 1988), 235 n 36.

na Terra Prometida, assim também. Paulo instrui os crentes, "não recebestes o espírito de escravidão, para viverdes, outra vez, atemorizados, mas recebestes o espírito de adoção, baseados no qual clamamos: Aba, Pai" (Romanos 8.15). Não somos escravos, mas co-herdeiros da Terra Prometida com Cristo (vv. 16-17). Nossos débitos foram cancelados; estamos vivendo na terra, "assentados nos lugares celestiais em Cristo Jesus" (Efésios 2.6).

Embora não devamos considerar a legislação civil como tendo sido dirigida às nações além do Israel antigo, podemos aprender não só com o seu uso teológico, mas também com as suas implicações morais. O princípio dessas leis é que Deus possui a terra e tudo o que cresce, vive, se move e trabalha nela. Ele não considerará inocente aquele que, levantando-se acima dele, governa como tirano em vez de guardião.

COMO ESSE MANDAMENTO É VIOLADO?

Com esses dois princípios governando nossa discussão do oitavo mandamento, quais são alguns dos modos pelos quais o violamos hoje?

Em seu *Catecismo Maior*, Lutero comenta que esse mandamento é violado quando "tiramos vantagem de nosso próximo em qualquer tipo de tratado que resulte em perda para ele". Em outras palavras, "uma pessoa furta não só quando rouba o cofre de um homem ou sua carteira, mas também quando tira vantagem de seu próximo no mercado, na mercearia, no açougue, na adega, nas oficinas e, resumindo, em todo lugar onde haja negociação e dinheiro é trocado por bens ou trabalho". Lutero inclui aqueles "que agem de forma bruta e nunca conhecem métodos suficientes para sobrecarregar as pessoas, porém são descuidados e não confiáveis em seu trabalho". Lutero lamentava, "Se olharmos para a humanidade em todas as suas condições, nada há além de um estábulo enorme cheio de grandes ladrões. Esses homens são chamados de cavalheiros trapaceiros ou grandes operadores. Longe de serem gatunos e larápios que roubam cofres, eles sentam-se em seus escritórios e são chamados de grandes senhores e cidadãos honrados e bons mas, com uma grande mostra de legalidade, eles roubam e furtam".

Mas essa condição geral de grande roubo não é a ocupação apenas do alto e poderoso. Até mesmo artesãos e pessoas que contratamos para vários serviços

> agem como se fosse senhores sobre as posses dos outros e autorizados a fazer tudo o que demandam. Apenas deixe-os continuar ousadamente a espoliar as pessoas tanto quanto puderem.... A mesma sorte irá alcançar aqueles que transformam o mercado público livre num poço de imundície e esconderijo de ladrões. Os pobres são defraudados diariamente. Novas cargas e altos preços são impostos. Todos abusam do mercado em seu próprio modo intencional, presunçoso e arrogante como se fosse seu direito e privilégio vender seus bens tão caros quanto lhe agrada sem uma palavra de crítica.
>
> Na tradição dos profetas bíblicos. Lutero adiciona, "Devemos tolerar aqueles de vocês que nos desprezam, enganam, roubam e furtam.... Mas tomem cuidado com o modo como vocês lidam com o pobre, dos quais há muitos agora". Para esse fim, o governo civil deve fazer tudo dentro do seu poder legítimo "para estabelecer e manter a ordem em todas as áreas de negócio e comércio a fim de que o pobre não venha a ser sobrecarregado e oprimido".

Similarmente, o *Catecismo de Heidelberg* sumaria a interpretação evangélica desse mandamento:

> Deus proíbe não somente o furto e o roubo, que as autoridades civis punem, mas classifica também como roubo todos os artifícios e esquemas ímpios, pelos quais procuramos nos apropriar, dos bens do nosso próximo, seja pela força ou sob pretexto de direito, tais como falsos pesos e medidas, anúncios ou mercadorias enganosas, dinheiro falso, juros exorbitantes, ou quaisquer outros meios ilícitos. Proíbe também a cobiça, bem como o mau uso e o desperdício dos seus dons.

Toquemos, então, nos vários modos pelos quais violamos o oitavo mandamento, certamente da mesma forma hoje como em qualquer outra era desde a Queda.

Roubo Direto

Freqüentemente condescendemos conosco mesmos dizendo que não somos ladrões, uma vez que nunca arrombamos a casa de outra pessoa ou deliberadamente conspiramos de forma ilegal. Porém, engajamo-nos até mesmo em roubo direto de várias formas.

Em primeiro lugar, pela fraude. Nunca me esquecerei de uma lição que meu pai me ensinou quando eu tinha 11 anos de idade. Eu havia concordado em limpar a propriedade de um vizinho do lixo acumulado e da madeira empilhada que havia sido espalhada de um canto do lote a outro. Durante o primeiro dia, esse vizinho assistiu a cada movimento meu e procurava cada oportunidade para criticar meu trabalho. Exasperado, me retirei do emprego no segundo dia. "Se o senhor não gosta do que estou fazendo, Mr. Hanson, pode procurar outra pessoa!", eu disse diretamente. Ao voltar para casa, esperando encontrar alguma simpatia para o meu protesto, me achei sendo mandado de volta para pedir desculpas e terminar o trabalho. "Você não tem o direito de retirar-se do trabalho desse jeito", disse meu pai com severidade. "Você fez um trato e ele já lhe pagou por seu trabalho." "Eu lhe devolvo o dinheiro", repliquei, mas meu pai estava firme neste negócio de "um trato é um trato" e disse, "Filho, não importa o quão difícil ele seja – você é responsável pelo *seu trabalho*, não pela *atitude dele*". Relutantemente, voltei ao lote de nosso vizinho, agora algo parecido com a volta voluntária de um fugitivo para a prisão. Mr. Hanson estava tão difícil como sempre, mas eu terminei o trabalho e fui recompensado com um senso de ter feito a coisa certa.

Eu gostaria de poder dizer que, através dos anos, tenho seguido o conselho de meu pai como estritamente dado, mas isto é o que Deus requer de nós: que cumpramos nossas obrigações, sejamos fiéis aos nossos contratos, paguemos nossos débitos e honremos nossa palavra. Qualquer coisa aquém disso é fraude, indiferentemente do quanto pensamos que a outra parte "merece" o que devemos.

Isso levanta a questão do débito em cartões de crédito. A geração pós-guerra era enormemente produtiva. O trabalhador médio era mais econômico que consumidor; o lazer era mais simples, devido em parte a uma tecnologia inferior; e a ênfase era dada ao trabalho no lugar da diversão. O trabalho tinha significado em si e de si mesmo, não apenas como um meio de obter dinheiro

para gastar em lazer. O crédito era visto como um mal necessário e era considerado uma extensão do nome e do caráter da pessoa. Ter crédito pobre era ter um nome pobre. Hoje, no despertar do partido dos cartões de crédito dos anos 80, viver além dos próprios recursos tem-se tornado elegante. Os novos ricos são distinguidos das velhas famílias endinheiradas pela sua ostentação e exibição colorida do *status* recém-adquirido.

Mas para viver além dos próprios recursos, uma pessoa deve realmente debitar itens pelos quais não espera pagar. Oh, com certeza, há a percepção de que a companhia não vai permitir que a conta se prolongue para sempre, mas desfrutaremos dela agora e nos preocuparemos mais tarde. Isso, também, é um tipo de roubo. O credor presume que quando debitamos algo, pretendemos pagar o débito; mas se essa responsabilidade não é assumida pelo devedor, há uma quebra de contrato – fraude, ou, se você desejar, roubo. Não é o nosso dinheiro ganho com suor que realmente pagou o item, mas o dinheiro emprestado a nós pelo credor. Esquivarmo-nos de nossos empréstimos, naturalmente, não significa apenas que falhamos em pagar o item, mas estamos requerendo que outra pessoa pague por ele.

O assunto do débito é difícil e complicado, e como o Antigo Testamento fez provisões para os devedores assegurarem um futuro decente, então não devemos buscar escravizar para sempre aqueles que, por uma razão ou outra, têm sido incapazes de cumprir suas obrigações. Afinal, nem todo débito não resolvido é uma questão de roubo. Algumas vezes é devido a tragédias (como catástrofes médicas), a ignorância (bens mal administrados), ou a circunstâncias inesperadas (perda de um emprego e rendimento). Mas é essencial que observemos a obrigação econômica que temos para preservar os relacionamentos justos com nosso próximo, mesmo se eles nos parecem ser corporações impessoais, desinteressadas.

Também podemos defraudar nosso próximo por meio de vendas injustas. Cobrar mais do que um produto vale tem sido considerado roubo na tradição cristã. Porém, parecemos pensar que um preço justo é aquele que o mercado permite. Se, por exemplo, o estoque é escasso para um item particular e a demanda é alta, não há dificuldade moral em cobrar mais caro. Isso é simplesmente um "bom negócio", ouvimos nos dias de hoje – até mesmo de cristãos. Contudo, o que pode ser legal – e até mesmo sancionado pelas teorias econômicas reinantes do dia – não é necessariamente justo e correto pelos padrões bíblicos.

Recentemente assisti a uma exibição na televisão de uma grande cadeia varejista conhecida por sua defesa dos "valores tradicionais norte-americanos" usando o trabalho infantil em Bangladesh e contrabandeando mais do que sua

cota de comércio para os Estados Unidos. Os cristãos são obrigados a fazer a coisa certa, mesmo se a coisa errada não for ilegal. Lutero disse que o sapateiro cristão tinha a obrigação especial de "fazer um bom sapato e vendê-lo por um preço justo". Que os cristãos não sejam encontrados entre aqueles que enganam o público e cobram mais do que o produto vale, só porque podem fazer isso.

Em nossa discussão sobre o adultério, fizemos a distinção entre a preocupação do legalista sobre as linhas – em que uma pessoa pode escapar impune, e a preocupação da Bíblia com os relacionamentos – o que uma pessoa deve às outras envolvidas. Aqui, então, a questão não é, "Quanto eu posso obter com este item?" mas "Quanto devo cobrar por este item?" Quanto ele vale? Isso não significa que seja imoral testar as condições de mercado ou incluir o preço vigente na decisão sobre colocar o preço. Mas isso significa que uma pessoa não pode cobrar mais do que um produto ou serviço é razoavelmente merecedor simplesmente porque "é o preço vigente".

Quando a ética bíblica era praticada, era possível para uma pessoa de rendimento médio comprar até mesmo casas, mobília e relógios de excelente qualidade, e esperar um bom serviço a salários justos. Hoje, bens e serviços comparáveis são considerados cortesias para os ricos.

Finalmente, o *Catecismo de Heidelberg* nos dá ainda outro modo pelo qual cometemos roubo direto, de acordo com a Escritura: "juro excessivo". Aqui, novamente, somos levados a crer que se simplesmente deixarmos a economia às leis do mercado, haverá liberdade e justiça para todos ou, pelo menos, para a maioria. Porém, em anos recentes, têm havido épocas em que as taxas de juros foram tão altas que os filhos da geração pós-guerra – isto é, os filhos de trabalhadores de fábricas que eram capazes de comprar suas próprias casas – perguntavam a si mesmos se o Sonho Norte-americano era exatamente isto, apenas um sonho. Existe uma história da discussão do juro na igreja cristã.

Por toda a Idade Média, a maioria dos sacerdotes pensava que era pecado cobrar juros em qualquer empréstimo, baseado em Êxodo 22.25-27:

> Se emprestares dinheiro ao meu povo, ao pobre que está contigo, não te haverás com ele como credor que impõe juros. Se do teu próximo tomares em penhor a sua veste, lha restituirás antes do pôr-do-sol; porque é com ela que se cobre, é a veste do seu corpo; em que se deitaria? Será, pois, que, quando clamar a mim, eu o ouvirei, porque sou misericordioso.

Isso, naturalmente, significava que emprestar dinheiro não era uma iniciativa lucrativa para os banqueiros, e apenas o mais ousado transgredia a suspeita medieval. Calvino, então, proibiu o juro em empréstimos ao pobre e necessitado mas abriu a porta aos juros mínimos em empréstimos. A palavra-chave é *mínimo*; Calvino estabeleceu até mesmo a taxa de juros em Genebra, uma vez que isso era considerado uma questão teológica e moral. A taxa era alta o suficiente para que as instituições que emprestavam começassem a surgir na região, e aqueles que nunca teriam tido a possibilidade de obter capital suficiente para começar um pequeno negócio ganharam novas oportunidades. Era justiça, não caridade. O princípio, no entanto, permaneceu: o banco nunca deve tirar vantagem por meio da cobrança de altas taxas de juros simplesmente por causa da urgência da necessidade daquele que pede emprestado.

Essa é a razão pela qual a usura ou juros excessivos era considerada como crime, não apenas pelos escritores bíblicos, mas também pelos reformadores. Era tirar vantagem de uma dádiva divina e um abuso da liberdade usar a liberdade de uma pessoa para levar outra à escravidão.

ESTADISMO

Desconsiderando a filosofia econômica ou política de uma pessoa, não ha dúvida que a carga colocada sobre os pagadores de impostos no último quarto do século 20 nos Estados Unidos está levando indivíduos da classe média à pobreza – a mesma pobreza contra a qual os altos impostos supostamente asseguram os pagadores de impostos. O débito nacional enforca como um albatroz em torno de nosso pescoço, destinado a constringir mais apertado nas próximas gerações, enquanto só os juros do nosso débito excedem o nosso Produto Nacional Bruto. Todos os catecismos evangélicos fazem alguma referência a entrar em débito sem meio para o reembolso como uma forma de roubo. O estado é instituído por Deus para preservar a ordem, manter os serviços públicos e a defesa, e a gerir a justiça. Embora o Estado seja autorizado a cobrar impostos, ele não é autorizado a roubar dos pagadores de impostos de hoje ou das gerações futuras mais do se espera que puna um indivíduo por infração similar.

O economista conservador M. Stanton Evans observa: "Os principais beneficiários do dinheiro absorvido e dispensado pelo governo não são os negros pobres dos guetos ou brancos apalaches ou pensionistas idosos que recebem cheques da Previdência Social.... Os maiores beneficiários são os *próprios*

empregados do governo – pessoas engajadas na administração de algum serviço real ou imaginário para o desprivilegiado ou, como pode ser o caso, para os demasiadamente privilegiados".[105] Evans argumenta que "o efeito bruto do aumento de gastos do governo é a transferência de dinheiro de pessoas com rendimento relativamente baixo – pagadores de impostos médios que devem pagar suas contas – para pessoas com rendimento alto – funcionários federais que estão sendo pagos com o dinheiro do bolso dos pagadores de impostos". Como prova disso, Evans refere-se ao fato dos "dois municípios mais ricos nos Estados Unidos serem... o Condado de Montgomery, Maryland, e o Condado de Fairfax, Virginia – os principais municípios eleitos dos trabalhadores federais em Washington, D.C".[106] Ronald Nash, referindo-se à declaração do proeminente economista negro Walter E. Williams, de que em 1979 os Estados Unidos estavam gastando 250 bilhões anualmente "apenas para lutar contra a pobreza", respondeu: "Se esta quantia de dinheiro tivesse sido distribuída igualmente a todas as famílias abaixo do nível de pobreza, cada uma delas teria recebido um pagamento anual de $34,000".[107]

Em outras palavras, os impostos coletados para um propósito (redução do sofrimento e da pobreza) são realmente usados para outro (a autoperpetuação da burocracia bem paga). Isso constitui roubo em escala nacional.

Não sou oposto à intervenção governamental na separação de monopólios ou em legislar e impingir a justiça. Creio que o governo não tem apenas uma função negativa (restringir o mal), mas uma positiva também (assistir na reciclagem do desempregado ou autônomo, criando incentivos para bons negócios, garantindo a segurança básica de vida para o idoso, pobre e deficiente). Tanto a função negativa quanto a positiva parecem claras em Romanos 13.1-7, onde Paulo insiste que os cristãos devem respeitar até mesmo os governos pagãos. "Por esse motivo, também pagais tributos, porque são ministros de Deus, atendendo, constantemente, a este serviço. Pagai a todos o que lhes é devido: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto; a quem respeito, respeito; a quem honra, honra" (vv. 6-7).

A própria idéia da cobrança de impostos não é imoral. Contudo, vivemos num tempo em que (a) as pessoas presumivelmente determinam, por meio de seus representantes eleitos, o modo como seu dinheiro de imposto deve ser gasto; e (b) o interesse das pessoas em ter seus rendimentos assistindo os

---

[105] M. Stanton Evans, citado por Ronald Nash em *Economic Justice and the State*, org. por John A. Bernbaum (Grand Rapids: Baker, 1986), pp. 19-20.

[106] Ibid., 517.

[107] Ibid.

desprivilegiados é minado pelo que o dinheiro realmente faz aos membros de uma vasta burocracia privilegiada. Os cristãos devem continuar a obedecer ao governo, mas a orientação errada dos fundos públicos (um eufemismo para roubo) deve ser uma questão de preocupação para nós.

O cristão caminha sobre uma fina corda ética entre o direito à propriedade privada e posse de um lado, e a obrigação da mordomia de outro. Ambos os princípios são expostos na Escritura, e ambos devem receber atenção igual.

Roubo por Implicação

Como o *Catecismo* apontou, não apenas cometemos roubo direto ao "trapacear, enganar nosso próximo por meio de esquemas que parecem legítimos como: falsos preços..., mercadorias enganosas; dinheiro falso e juros exorbitantes", mas roubo por implicação também, através do "mau uso e desperdício dos seus dons".

O "comércio", ou o que chamaríamos hoje de "*marketing*", não é uma profissão desonrosa, contudo, parece ter-se tornado cada vez mais uma profissão cínica e inescrupulosa nas décadas recentes. E mesmo quando ela é totalmente aberta, parece haver uma obsessão com a política de proteção ao consumidor em nossos dias. C. S. Lewis queixou-se, "Gostaria que não vivêssemos num mundo onde comprar e vender coisas (especialmente vender) parece ter-se tornado quase mais importante do que produzi-las ou usá-las".[108] Historicamente, desde a Reforma os evangélicos parecem ter como obrigação serem produtivos membros da sociedade. Por essa razão, o *Catecismo de Heidelberg*, ao responder à questão, "O que Deus exige [positivamente] de ti neste mandamento?" diz, "Que eu trabalhe para o bem do meu próximo em qualquer lugar em que possa e deva, que trate com ele como desejaria que outros me tratassem e, que faça bem o meu trabalho para que eu seja capaz de ajudar os pobres em suas necessidades (Isaías 58.5-10; Mateus 7.12; Gálatas 6.9-10; Efésios 4.28)".

Um cristão na profissão deve perguntar, "Estou tentando criar um desejo por algo desnecessário ou até prejudicial ao consumidor?" No comércio, assim como em outra ocupação, estamos prestando um serviço à comunidade. Uma sociedade não pode durar muito se adota a visão de que a comunidade existe para servir ao indivíduo. A idéia cristã de nação é tirada da imagem do corpo de Cristo, cada parte fornecendo seu papel singular no suporte do todo, nenhuma parte desprezada, sem levar em consideração o quão reduzido seu papel possa ser comparado às outras partes do corpo.

---

[108] C. S. Lewis, *Letters to an American Lady* (Grand Rapids: Eerdmans, 1967), p. 50.

Uma vez que a manifestação local do corpo de Cristo é a igreja local, algumas vezes agimos como se fosse aí o lugar onde devemos manter a caridade e a justiça em nossos relacionamentos. Se uma pessoa é um mecânico cristão, atenção especial é dada para prover bons serviços a irmãos crentes enquanto o público geral reclama de serviços e mão-de-obra ruins. Porém, num sentido muito real, é o incrédulo que deve ser impressionado com a qualidade de nosso trabalho em primeiro lugar (1 Tessalonicenses 4.12). O reformador inglês, Thomas Bacon, escreveu sobre o oitavo mandamento. "Aqueles que se exercitam no comércio... devem trabalhar arduamente... para que possam negociar verdadeira e fielmente com todos os homens, tendo um olho não tanto em seu próprio lucro como na comodidade do país onde habitam; lembrando também que não nascemos para nós mesmos, mas para fazer o bem aos outros e para servi-los".

Além disso, os proprietários têm a obrigação cristã de alugarem seus apartamentos a preços razoáveis. A competição do mercado ajuda nisso, uma vez que o comércio livre freqüentemente implica mais escolhas para o consumidor e a possibilidade de preços mais baixos. Contudo, algumas vezes, este mesmo mercado cria "coágulos de sangue", como os monopólios, e é obrigação do magistrado, ou governo, quebrar o "coágulo" e colocar tudo circulando novamente para o bem de muitos, não apenas de alguns.

A exploração e os relacionamentos comerciais injustos têm sido artigo de consumo de repórteres com um aumento distinto nos ambiciosos anos 80. O oitavo mandamento proíbe a ambição; o apóstolo Paulo advertiu que "o amor do dinheiro é raiz de todos os males" (1 Timóteo 6.10). Porém, até mesmo um ex-presidente dos Estados Unidos expressou o sentimento freqüentemente encontrado em círculos evangélicos nos dias de hoje, de que não há nada realmente errado com a ambição desde que ela acione os motores do mercado.[109] Possivelmente nunca antes na história da nossa nação, a ambição tenha recebido tais louvores, e vimos o fruto dessas noções ameaçadoras em escândalos de ambição em negócios, governo e religião. A ambição *não* é boa; ela é *pecado*, um dos mais perniciosos vícios na vida de um indivíduo e de uma sociedade. Ela não é apenas imoral; é a fonte do débito e da exploração.

Sempre que tentamos encontrar respostas transcendentes para a conduta humana na sociedade, somos conduzidos de volta aos dois interesses morais competidores: liberdade e justiça. A liberdade absoluta, num mundo pecaminoso, seria anarquia e desordem, resultando na ditadura de uma pessoa ou grupo capaz de governar uma multidão. Mas a justiça absoluta, num mundo

---

[109] Ronald Reagan, citado no *Los Angeles Times*, 1 de fevereiro de 1984.

pecaminoso, eliminaria a liberdade e a variedade que nos capacita a fazer escolhas significativas. Enquanto vivermos como pecadores num mundo pecaminoso, devemos buscar um equilíbrio dos dois conceitos. Com algum grau de liberdade, haverá injustiças; da mesma forma, se é para haver alguma justiça na sociedade, certas liberdades devem ser cortadas (particularmente a liberdade de criminosos). Mas a ambição nunca é boa, seja para um governo que sobrecarrega nos impostos para cobrir de penas o seu próprio ninho, ou para um indivíduo, que também se esquece de sentir o sofrimento à vista do débito. John Murray, o teólogo reformador conservador e leal, escreveu,

> os males do capitalismo não devem ser tratados com indulgência. Talvez poucas fraquezas tenham causado tanto dano à integridade do testemunho da igreja quanto a parcialidade mostrada ao rico. A igreja tem aceito seus vícios porque teme perder seu patrocínio. Sua voz tem sido silenciada pela acepção de pessoas e a disciplina sacrificada em deferência ao prestígio mundano.

Depois de citar Tiago 2.1-4, Murray conclui,

> acepção de pessoas! Ela distorceu o julgamento de juízes e a eqüidade não pode penetrar. Também invadiu o santuário da casa de Deus, e os vícios dos ricos – tendência ao orgulho, opressão, voluptuosidade, mundanismo – tem gozado de imunidade quanto à censura e os próprios ricos recebem um apoio de "distinção" que traz para a própria igreja a reprovação do mundanismo.[110]

Embora o capitalismo e a economia de mercado possam ser o melhor caminho para se criar riquezas num mundo caído, nunca devem ser tratados como se fossem meramente um sistema econômico amoral e cego. Nenhum sistema existe sem sua série de objetivos e prioridades morais, e nenhum sistema apenas cria riquezas.

---

[110] John Murray, *Principles of Conduct* (Grand Rapids: Eerdmans, 1992), pp. 90-91.

Aqueles que começam com vantagem e capital tornam-se, sem surpresa, os novos senhores feudais, com a exceção de que numa democracia, diferente da aristocracia, o novo dinheiro governa e não há cavalheirismo ou senso de obrigação para com a comunidade que venha junto com a riqueza democrática recém-encontrada. Um puritano vociferou, "O ditado, 'Cada um por si e Deus por todos' é extremamente diabólico". No entanto, parece ser a atitude mais popular na América do Norte moderna, mesmo entre os cristãos. A *Newsweek* publicou uma matéria sobre valores com o seguinte argumento:

> os Republicanos ganharam não apenas o argumento político mas o direito de entregar-se à sua própria obsessão com os poderes curadores místicos do mercado. "A ambição não é boa" foi o análogo dos anos 80 para o "Faça o seu próprio negócio" dos anos 60 (e o "Você pode ter tudo" dos anos 70). Muitos dos ícones da propaganda de Reagan estão agora falidos ou em liberdade condicional. Seu legado mais visível é o débito nacional de 4 trilhões que mantém-se como uma metáfora para o déficit *moral* causado a si próprio durante a farra de trinta anos da nação. "Ambos os extremos do espectro dizem a mesma coisa: 'Conquanto eu consiga o meu, para o inferno com todos os outros'", diz Paul Weyrich, um líder do direito religioso. "Essa foi a falha de Ronald Reagan como presidente. Ele era grande na arena internacional, mas não penso que a História vá tratá-lo de forma gentil quando o assunto for questões domésticas ou de mérito".[111]

A tragédia é que, como nas décadas recentes, a posição "cristã" acaba sendo confundida com materialismo, ambição e egoísmo. Naturalmente, não é melhor para a posição cristã ser confundida com o coletivismo ou com a desonra por ter alcançado sucesso financeiro. Contudo, duvido seriamente que o último seja uma praga maior do que o primeiro no evangelicalismo contemporâneo.

Uma pessoa não precisa advogar um sistema econômico alternativo simplesmente porque existem falhas. Mesmo com as suas injustiças, o capitalismo tem criado mais riqueza para mais pessoas do que qualquer outro sistema na

[111] *Newsweek*, 8 de junho de 1992, p. 19.

História moderna. Assim, o que precisamos não é de um novo sistema, talvez, mas de uma nova sensibilidade moral. Devemos parar de pensar na economia como sendo, de alguma forma, o território para a crítica bíblica e estar desejosos de desafiar a "mão livre, invisível" do mercado quando liberdade para poucos significa injustiça para muitos – ou, na verdade, para qualquer um.

A Palavra de Deus nunca foi contra o rico *como rico*; Deus também não tolera a parcialidade mostrada ao pobre em julgamentos (Êxodo 23.3). Cada pessoa inveja a prosperidade do outro, e o pobre, se enriquecesse subitamente, acabaria explorando o resto da sociedade para adquirir vantagem própria, se tivesse a chance. Todos nós temos desejo; o poderoso e o rico têm os meios. Por essa razão, cada profeta incluía a exploração do pobre e a injustiça social como um fator maior no julgamento de Deus; nosso Senhor condenou a ambição, mostrou um interesse especial pelo pobre, e advertiu o rico sobre a dificuldade de sua entrada no reino. Tiago declarou:

> Ouvi, meus amados irmãos. Não escolheu Deus os que para o mundo são pobres, para serem ricos em fé e herdeiros do reino que ele prometeu aos que o amam? Entretanto, vós outros menosprezastes o pobre. Não são os ricos que vos oprimem e não são eles que vos arrastam para tribunais?
>
> Se vós, contudo, observais a lei régia segundo a Escritura: Amarás o teu próximo como a ti mesmo, fazeis bem; se, todavia, fazeis acepção de pessoas, cometeis pecado, sendo argüidos pela lei como transgressores. (Tiago 2.5-6,8-9)

Um outro modo no qual violamos esse mandamento é a ociosidade e o desperdício. O trabalho não é um mal necessário nas Escrituras, mas uma instituição da criação. Deus deu uma ocupação a Adão no Jardim do Éden *antes* da Queda, e então devemos avaliar o trabalho como uma dádiva, não como uma maldição. Em Eclesiastes 5.18-19, somos lembrados, "Eis o que eu vi: boa e bela coisa é comer e beber e gozar cada um do bem de todo o seu trabalho, com que se afadigou debaixo do sol, durante os poucos dias da vida que Deus lhe deu; porque esta é a sua porção. Quanto ao homem a quem Deus conferiu riquezas e bens e lhe deu poder para deles comer, e receber a sua porção, e gozar do seu trabalho, isto é dom de Deus". Além disso, "chamado por Deus" não significa apenas ser chamado para o campo missionário estrangeiro ou para ocupações relacionadas à igreja; todos os

homens e mulheres são chamados por Deus, mesmo os não-cristãos, no sentido de que são dotados com habilidades naturais, desejos e oportunidades para assumirem sua função na sociedade. Novamente, este chamado ou vocação é arraigado na criação, não na redenção. Assim, não há algo como "trabalho cristão" e "trabalho secular", como os reformadores estavam ansiosos para trazer à memória da igreja medieval.

Assim, o apóstolo Paulo argumenta, "Tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como para o Senhor e não para homens" (Colossenses 3.23). Paulo também fala aos Tessalonicenses lutadores, "vos exortamos, irmãos, a progredirdes cada vez mais e a diligenciardes por viver tranqüilamente, cuidar do que é vosso e trabalhar com as próprias mãos, como vos ordenamos; de modo que vos porteis com dignidade para com os de fora e de nada venhais a precisar" (1 Tessalonicenses 4.10-12). Observe dois objetivos aqui.

Primeiro, o crente deve trabalhar a fim de ganhar o respeito dos incrédulos por sua excelência e prazer no seu chamado. Embora cada pessoa receba um chamado ou vocação em virtude de ser um portador da imagem, só os crentes podem realmente gozar de seu chamado como um dom de Deus e vê-lo como uma oportunidade para refletir a própria excelência de Deus. O segundo objetivo do trabalho para o crente é se certificar de que não depende dos outros. Um crente são que pode trabalhar mas escolhe não fazê-lo por causa da preguiça, traz repreensão à fé cristã. Assim, "se alguém não quer trabalhar, também não coma" (2 Tessalonicenses 3.10). Naturalmente, isso não inclui aqueles que, por uma razão ou outra, são impossibilitados de trabalhar, uma vez que este mesmo apóstolo estava fazendo coleta para os pobres da igreja de Jerusalém. O que significa é que constitui roubo o fato de pessoas sãs viverem do fruto do trabalho de outras pessoas. Há ainda uma terceira razão que Paulo dá em outro lugar para um crente se interessar especialmente em seu chamado: "Aquele que furtava não furte mais; antes, trabalhe, fazendo com as próprias mãos o que é bom, *para que tenha com que acudir ao necessitado*" (Efésios 4.28, itálico adicionado).

Ao mesmo tempo, "digno é o trabalhador do seu salário" (Lucas 10.7; 1 Timóteo 5.18), e o empregador não deve tirar vantagem do empregado. O trabalho honesto por salário honesto é um princípio de justiça bíblica por toda a Bíblia, desde os profetas até os apóstolos. Pelo menos um modo no qual alguns cristãos transgridem esse mandamento em particular é deixando um folheto em vez de gorjeta depois de ser servido num restaurante.

Historiadores seculares lamentam a perda da chamada ética de trabalho protestante, algumas vezes conhecida também como ética de trabalho calvinista

ou puritana. Porém, são os próprios cristãos que perderam o senso de valor e dignidade do trabalho. Quantos de nós, como o mundo, estão trabalhando nos finais de semana? Talvez as atividades do final de semana, as quais esperamos ansiosos, sejam diferentes das do mundo, mas o preço que essa mentalidade cobra da excelência no trabalho é devastador. Nós nos tornamos uma nação de consumidores e devedores em vez de produtores e economizadores. Em vez de usarmos nossa vocação como uma oportunidade para glorificarmos a Deus, ganharmos independência e darmos àqueles que necessitam, freqüentemente a vemos como um meio de fazer dinheiro a fim de gastá-lo numa vida luxuosa, colocando um cheque de vez em quando no gazofilácio. Precisamos entender que o propósito do trabalho não é nem mesmo fazer dinheiro a fim de dá-lo à igreja mas sim cumprir o nosso destino, encontrar uma avenida de capacidade de talento pelas quais podemos trazer honra e louvor em vez de vergonha e zombaria ao nome do nosso Redentor. Houve um tempo em que mesmo os cínicos tinham de admitir que os cristãos eram os homens de negócio, clientes, compradores, mutuários e emprestadores mais dignos de confiança. As pessoas eram conhecidas mais pelo que faziam do que pelo que compravam ou vendiam.

Se formos restaurar o esplendor manchado do oitavo mandamento, devemos recuperar algo essencial dele – o valor do trabalho. Os fatores econômicos de emprego e condições variadas prevalecentes no mundo caído podem cobrar seu preço sobre a nossa habilidade de descobrir, purificar e perseguir nosso chamado com excelência. Algumas vezes um "emprego" é um prelúdio necessário para um "chamado". Mas não deve haver roubo, seja por contar com o trabalho do nosso próximo quando poderíamos nós mesmos trabalhar ou por tirar vantagem de nossos trabalhadores. O labor e a administração devem encontrar meios de trabalharem juntos a fim de se ajudarem mutuamente na perseguição do chamado de cada pessoa para o bem de todos, em vez de ver o quanto cada parte pode tomar da outra para vantagem particular.

Finalmente, há uma questão sobre a qual nós, como cristãos, devemos ser especialmente sensíveis. Roubamos de nossos empregadores mesmo no exercício do que consideramos tarefas espirituais. Existem queixas em abundância sobre trabalhadores que lêem a Bíblia, oram ou testemunham no horário de trabalho, assim reduzindo a produtividade. Afinal, o pensamento é, Jesus está voltando e este negócio será queimado no fogo com todo o resto. Precisamos nos lembrar do conselho de Paulo: "cuide do que é vosso e trabalhe com as próprias mãos, como vos ordenamos; de modo que vos porteis com dignidade para com os de fora" (1 Tessalonicenses 4.11-12) pela qualidade de nosso trabalho. Devemos conquistar o direito de compartilhar o Evangelho, e não podemos ganhar res-

peito pela nossa fé se ela for percebida como corruptora de nossas obrigações. Alguém perguntou a Lutero o que ele faria se soubesse que o Senhor voltaria no dia seguinte. O reformador respondeu, "Eu plantaria uma árvore".

CONCLUSÃO

De acordo com os autores de *The Day America Told the Truth*, alguns dos que responderam à pesquisa sobre as atitudes norte-americanas mencionaram coisas como:

"Nosso gerente noturno rouba da companhia todas as noites. Nós o chamamos de O Ladrão."

"Todos roubam suprimentos do depósito."

"Colegas de trabalho tiram dinheiro da caixa registradora."

"Meu chefe tem tirado dinheiro e distribuído mercadoria."

"Os chefes freqüentemente pedem para alguém dizer que um serviço está pronto quando nem mesmo o começamos."

"Trapacear pessoas no pagamento."

"Deixar o trabalho sem terminar o serviço."

"Mal uso vergonhoso do material da companhia e do tempo da companhia."

"Esconder serviços não-realizados."

"Falsificação de um lote de papéis assinados que são faturados."

Uma posição em ascensão dentro de grandes companhias é "Vice-Presidente para Prevenção de Perdas", com o teste de roubo para empregados crescendo à taxa de 20 por cento ao ano.[112]

Porém, mais uma vez, os cristãos evangélicos não pensam estar violando esse mandamento. "A despeito dos registros de que pequenos furtos e outras formas de roubo têm alcançado proporções recordes em nosso país", George Barna nos diz, "86 por cento de *todos os adultos* alegam estar completamente satisfazendo a ordem de Deus com relação à abstinência de roubar"; apenas 9 por cento dos evangélicos pesquisados disseram não ter alcançado o objetivo da glória de Deus quanto a esse mandamento.[114] Novamente, é aparente que nossas definições de pecado têm mais em comum com as definições dos fariseus do que com as de nosso Senhor.

---

[112] James Patterson e Peter Kim, *The Day America Told the Truth* (Nova York: Plume, 1992), pp. 156-57

Para sermos culpados de roubo basta apenas uma hora desperdiçada de trabalho; um item do escritório que "esquecemos" de devolver; um interurbano pessoal que fizemos à custa da companhia; um item com preço exagerado em nossa loja. Vemos nosso Senhor sem pecados, crucificado por ladrões não diferentes daquele pendurado próximo a ele. Ali estava uma pessoa que nunca apropriou-se de algo que não lhe pertencia, que cumpriu todas as suas obrigações e pagou débitos que não devia e, mesmo assim, estava pendurado perto de um ladrão comum, sustentando sua vergonha e culpa diante de Deus como se tivesse cometido o crime. O ladrão crucificado próximo ao nosso Senhor pode ter experimentado a ira de Roma naquela tarde escura de sexta-feira, mas por causa da crucificação de um homem a alguns centímetros dele, não terá de sofrer a ira do céu. Todos os ladrões que confiam em Cristo podem esperar ouvir as mesmas palavras do Cordeiro imaculado no leito de morte: "Hoje estarás comigo no Paraíso".

CAPÍTULO DEZ
DIGA-ME A VERDADE!

Não dirás falso testemunho contra o teu próximo.

Durante a campanha presidencial de 1992, a *Time* publicou uma matéria de capa sobre a mentira.[114] De políticos a membros familiares próximos, parece que mentiríamos antes de dizer a verdade nos dias de hoje – mesmo quando não parece haver uma recompensa óbvia. "Alguém está dizendo a verdade nesta campanha?", Paul Gray perguntou nessa matéria. De acordo com uma pesquisa conduzida durante a campanha, "Sessenta e três por cento dos norte-americanos têm pouca ou nenhuma convicção de que os líderes governamentais falam a verdade. Setenta e cinco por cento crêem que há menos honestidade no governo do que havia há uma década".[115] Depois de pesquisar os muitos relacionamentos nos quais a falsidade freqüentemente levanta sua cabeça, a matéria assume seu palpite do mandamento em consideração neste capítulo:

> A ordem contra dar falso testemunho, impressa na pedra e trazida por Moisés do topo da montanha, tem provocado sempre emoções conflitantes, ambivalentes. De um lado, quase todas as pessoas condenam a mentira. Do outro, quase todas as pessoas mentem diariamente. Quantos dos Dez Mandamentos podem ser quebrados tão facilmente e com tão pouco risco de detecção ao telefone?
>
> Conseqüentemente, o paradoxo que não tem fim: algum fundamento de honestidade é fundamental para a sociedade; as pessoas não podem viver juntas se ninguém é capaz de crer no que o outro está dizendo. Mas também parece haver um limiar de honestidade, um ponto além do qual uma virtude se torna vil e sórdida. Ouvir a verdade constantemente, a verdade fria, dura, bruta e sem pena de cônjuges, parentes, amigos e colegas não é um prospecto agradável. "A espécie humana", como T. S. Elliot

[114] *Time*, 5 de outubro de 1992.

[115] Ibid., 32.

> escreveu, "não consegue tolerar tanta realidade." Dizer a verdade faz com que a coexistência seja impossível para as pessoas; um pouco de mentira faz com que tal sociedade seja tolerável.[116]

Todos nós queremos que as pessoas nos digam a verdade, contem toda a verdade, falem honestamente, muito embora nós, muitas vezes, justifiquemos nossa falha em fazer o mesmo para com os outros. A matéria da *Time* mostra uma boa posição: Quem quer que lhe digam a verdade *todo o tempo*? "Nossa, que gravata feia", "Marta, você não pagou realmente por este corte de cabelo, pagou?", "Francamente, Ted, acho que sua falta de criatividade e inteligência básica vão fazer com que você seja um indivíduo relaxado sem um tostão que terá de ser sustentado pelo estado para o resto da sua vida". A honestidade bruta é justamente assim, embrutecida, mas certamente nossos relacionamentos são estragados quando os sabotamos no nível mais básico de comunicação.

Nosso maior problema nesta questão hoje é provavelmente nosso desejo – na verdade, entusiasmo – diante do prospecto de que as outras pessoas mintam para nós: "Eu estou OK, você está OK". "A culpa não é de Deus." "Com certeza isto custa mais, mas você merece." Nós *realmente* não acreditamos, mas isso é o suficiente. E. Christian Kopff, um classicista da Universidade de Colorado, observa,

> Enquanto nossa sociedade afunda na areia movediça faminta da falência e ruína, nós fingimos que há alguma solução técnica, política ou social. Nossa situação não pode ser devida ao defeito moral em nós. De qualquer forma, nós não inventamos essa história. Estamos somente repetindo uma piada que Jay Leno contou-nos ontem à noite. Se pedíssemos referência pela observação, poderia parecer rude. Cremos num Deus de bom coração. Ele nos dá notas C quando merecemos F e nos recompensa com A quando nosso trabalho merece apenas um B. Ele não condenaria uma alma, ou uma cidade, ou uma sociedade porque pararam de se importar com a verdade, porque em descuido ou malícia testemunharam falsamente contra seu próximo. Condenaria?[117]

---

[116] Ibid., 35.

[117] E. Christian Kopff, *Chronicles: A Magazine of American Culture,* dezembro de 1992, p. 2

Assim como vimos a preocupação de Deus a respeito do seu próprio nome, adoração e evangelho assim como dos seus mandamentos por relacionamentos justos com relação à vida, propriedade e bem-estar do próximo, aqui também consideraremos a preocupação de Deus a respeito da proteção do nome do próximo, assim como com seu direito de saber a verdade.

BASE PARA O MANDAMENTO

Há pelo menos três razões pelas quais Deus nos ordenou cuidar deste assunto. Primeira, o valor do nome de uma pessoa; segunda, o valor da palavra de uma pessoa; e terceira, o valor da própria verdade.

Quanto ao valor do nome de uma pessoa, você se lembra do mandamento, "Não tomarás o nome do SENHOR, teu Deus, em vão" (Êxodo 20.7)? Entre os judeus, o nome de Deus era considerado tão sagrado que eles nunca nem mesmo o escreviam por inteiro. Mas, visto que os humanos foram criados à sua imagem, eles também devem ter seus nomes protegidos contra o engano e a difamação. No mundo antigo, o nome de uma pessoa era essencial para a sua sobrevivência. Um nome ruim terminava com a carreira de uma pessoa, estragava o comércio de um fazendeiro e prometia uma vida de penúria sem esperança. Muito dependia de um bom nome. Salomão escreve, "Mais vale o bom nome do que as muitas riquezas; e o ser estimado é melhor do que a prata e o ouro. O rico e o pobre se encontram; a um e a outro faz o SENHOR" (Provérbios 22.1-2).

Achamos tão fácil trazer à tona alguma novidade sobre outra pessoa – fofoca, difamação, calúnia e rumores cruéis que não apenas prejudicam nosso próximo, mas desmoralizam a família, a igreja e a sociedade. De acordo com pesquisas recentes, os norte-americanos modernos vêem a mentira como um meio para se alcançar um fim. Muitos nem mesmo têm certeza de que isso seja errado, desde que atinjam sua meta. Minta agora, pague mais tarde, é uma prática comum. Naturalmente, o valor ético simples de dizer a verdade é razão suficiente para segurarmos nossa língua, mas lembremos, os Dez Mandamentos não estão interessados primariamente no valor ético desses mandamentos em si mesmos, mas em regular relacionamentos justos. Quando a verdade é substituída pela fraude em qualquer relacionamento, esse relacionamento perde seu valor.

Segunda, há o valor da palavra de uma pessoa. A comunicação é um dos dons divinos que freqüentemente admitimos como certo. Como Tiago mostrou eloqüentemente, a língua é capaz do louvor mais alegre, e da crueldade mais

devastadora. Não é a própria língua – comunicação – o problema, mas a direção na qual os homens e mulheres pecadores, mesmo aqueles pecadores redimidos por Cristo, escolhem para torcer, distorcer, exagerar ou confundir a verdade. Nosso Senhor disse, "não é o que entra pela boca o que contamina o homem, mas o que sai da boca", o que é o mesmo que dizer, aquilo que já está no seu coração e é, então, vocalizado por seu coração, isso é o que "contamina o homem" (ver Mateus 15.11). As palavras são símbolos da condição espiritual de uma pessoa, um barômetro das tempestades que todos nós encontramos e a medida de nossas respostas a elas.

Mesmo antes de Deus ter criado Adão e Eva, Satanás havia sido dotado com o dom da fala. Observe que isso não foi dado aos outros animais. Neste aspecto, somos como Deus, compartilhando de sua habilidade de comunicação. Nos salões sagrados do céu, Lúcifer – o anjo da luz – entretinha a corte real dia e noite e conduzia todas as hostes celestiais em *Magnificats* e *Te Deums*. Contudo, o dom de comunicar louvor e admiração à majestade de Deus pode também se tornar uma ferramenta de orgulho, ódio, blasfêmia e engano diabólicos.

Por contraste, a palavra de Deus sempre é cumprida. Ele mantém suas promessas, a despeito das falhas da segunda parte em manter as suas. Seu povo confia nele precisamente porque ele tem sempre sido honesto em sua comunicação. Devemos espelhar essa preocupação pela palavra escrita ou falada.

Terceira, o valor da própria verdade. Os Dez Mandamentos dirigem não apenas nossos relacionamentos individuais, mas também nossa vida societária. Harvard foi fundada como uma academia para o treinamento nas grandes verdades da Escritura e assim como na filosofia, arte, ciência e humanidades. Seu moto era, e ainda permanece, *Veritas*, "Verdade". Porém, como Allen Bloom observou tão decisivamente no *The Closing of the American Mind*, o que se passa dentro daqueles salões consagrados nos dias de hoje está longe de ser a busca pela verdade final. Diz-se para os homens e mulheres modernos que não há tal coisa: apenas preferências pessoais, calculadas para nos dar o máximo pelo nosso dinheiro.

A igreja é realmente diferente? Que lugar a verdade tem numa igreja que tem Benny Hinn no topo da lista de *best-sellers* por meses? Onde se classifica a verdade numa igreja que coloca a teologia – o estudo de Deus – de lado a fim de vender Deus a consumidores egoístas? Como podemos falar sobre sermos verdadeiros em nosso relacionamentos pessoais, arrancando da raiz aquele pecado eclesiasticamente aceitável da fofoca e blasfêmia, se não estamos, em primeiro lugar, preocupados em defender a verdade no nível mais precioso? Falamos freqüentemente sobre o relativismo da cultura secular enquanto

relativizamos a verdade em nossos próprios círculos cristãos. Certamente aqui é onde dizer a verdade começa, com as questões mais importantes envolvidas e os mais altos riscos imagináveis.

Com a condição de que a base para o nono mandamento é a honra que devemos ao nome do nosso próximo adicional à própria verdade, o que exatamente é proibido e ordenado nesse decreto?

Martinho Lutero, seguindo Agostinho, fazia uma distinção entre três classes de mentira: a humorística, a auxiliar, e a que causa danos. A mentira humorística era nada além de uma piada, como "Dois homens estavam caminhando pela rua e um disse ao outro..", quando a conversa nunca aconteceu na realidade. Pode-se dizer que os atores, especialmente os bons, enganam seu público pela sua atuação. Mas, naturalmente, essas não são "mentiras" pecaminosas, uma vez que elas não pretendem ser entendidas seriamente como verdade. A segunda classe, a mentira auxiliar, é dita para o benefício do próximo de uma pessoa. A mentira de Raabe se encaixa nessa categoria. Outros exemplos podem ser citados em 2 Samuel 15.34 e 17.20. Lutero disse, "Assim, ela é inadequadamente chamada de mentira. Ela é antes uma virtude e prudência notável pela qual a fúria de Satanás é obstruída, e a honra, a vida e o interesse de outros são servidos também". Durante a Segunda Guerra Mundial, Corrie Ten Boom e sua família esconderam judeus dos nazistas, mentindo aos soldados quando estes vinham perguntar se havia judeus na casa, "prudência notável pela qual a fúria de Satanás é obstruída", e, por essa razão, não é, propriamente falando, uma mentira.

No entanto, a tradição reformada não concorda com Lutero nesse ponto. Ursinus escreve, "As mentiras expressas em nome da polidez não podem ser desculpadas porque não podemos fazer um mal para que o bem possa acontecer". Porém, "podemos observar aqui que não deveríamos ser muito severos e rígidos em condenar as ações de santos; também não deveríamos fazer uma defesa daquelas coisas que não precisam de alguma". Muito embora Raabe e outros tenham mentido, "Deus não os abençoou porque mentiram, mas porque tiveram reverência a Deus". Em outras palavras, uma mentira, mesmo no interesse de um bem maior, é sempre um pecado, muito embora uma pessoa possa ser questionada pela sua consciência a mentir a fim de, por exemplo, salvar a vida do próximo. Aqui, uma mentira ainda é um mal, mas um mal menor comparado ao assassinato.

Ursinus nos mostra, mais uma vez, um esboço maravilhoso desse mandamento bíblico tanto no seu aspecto positivo quanto no negativo. Assim como o autor da matéria de capa da *Time* mencionado acima observou, dizer a verdade em demasia pode danificar relacionamentos. Ursinus observa que uma pro-

fissão da verdade última pode minar relacionamentos quando dizemos algo que é verdadeiro e honesto ao próximo mas na hora errada e no contexto errado: "Aquele que adverte na hora errada, ofende". Além disso, a curiosidade pode ser mascarada como busca pela verdade, enquanto, na verdade, é simplesmente meter-se nos assuntos dos outros. O que, então, de acordo com o autor do *Catecismo de Heidelberg*, o mandamento exige?

SINCERIDADE

Seguindo a interpretação de Lutero, Ursinus argumenta que o nono mandamento nos leva, positivamente, a "dar o melhor significado a coisas que são duvidosas", a fim de não "alimentarmos suspeitas, ou cultivá-las, embora haja razão suficiente para isso". Ele requer que nunca "fundamentemos quaisquer ações nessas suspeitas, nem resolvamos qualquer coisa em conseqüência disso", e assim estaremos sempre "esperando o que é bom" sobre o nosso próximo. Ele inclui dar ao próximo o benefício da dúvida, mesmo quando ele ou ela faz algo errado, visto que a pessoa é capaz de mudar de idéia. Depois de tudo, nunca podemos finalmente condenar uma pessoa porque "os recessos mais íntimos do coração humano nunca são trazidos completamente à luz".

Em oposição à sinceridade, Ursinus argumenta, estão a calúnia e a desconfiança. "A calúnia não é só incriminar e achar o erro no inocente onde não há razão para isso, mas é também dar o pior significado a coisas ditas de forma indiferente, ou propagar e forjar o que é falso." Entretanto, "a desconfiança é entender coisas, ditas correta ou ambiguamente, na pior forma possível, e suspeitar coisas más daqueles que não são culpados de crime; ou alimentar suspeitas em que não há justa causa para o comportamento; e até mesmo onde há razões para isso, cultivá-las demasiadamente". Isso não significa, naturalmente, que devemos ser ingênuos ou ignorar o óbvio, mas que não devemos cultivar a nossa curiosidade ou suspeitar o pior do nosso próximo.

Como isso é facilmente minado nos nossos dias! A sinceridade tem sofrido derrotas, não apenas nas mãos de sensacionalistas de "mente inquiridora", mas também nas mãos de cristãos curiosos que estão muito ávidos para aceitar a fofoca sobre os pecados e defeitos de seus vizinhos. Qual é a nossa primeira resposta quando ouvimos um relato sobre um irmão ou irmã pego num ato pecaminoso? Imediatamente presumimos que a pessoa é inocente ou culpada? Nossos antepassados evangélicos estão nos chamando aqui, baseados no ensino claro da Escritura, a assumir a inocência do nosso próximo

até que todos os fatos sejam esclarecidos pelas autoridades apropriadas.

Muitas vezes nos dias de hoje, talvez por causa da freqüência dos escândalos morais até mesmo por parte de líderes da igreja, nossa primeira reação é acreditar em cada relato que ouvimos. Quão rapidamente a reputação, a honra e o nome de uma pessoa podem ser destruídos por falsos rumores. Em vez de sermos bisbilhoteiros, Paulo ordena, "a diligenciardes por viver tranqüilamente, cuidar do que é vosso e trabalhar com as próprias mãos" (1 Tessalonicenses 4.11). Deus designou líderes sobre nós, chamados pela congregação, para prevenirem contra a desordem e o escândalo no corpo de Cristo, e é neles, não em nós e na nossa curiosidade, que essa responsabilidade repousa.

Isso é particularmente importante num tempo em que somos, como sociedade e igreja, dados às teorias de conspiração. Embora devamos discernir, tenho ouvido sobre ministros sendo destruídos porque usaram termos ou frases que algumas pessoas consideraram como sendo Nova Era, humanistas ou liberais, para dirigirem-se ao público moderno com a mensagem eterna do evangelho. Similarmente, embora eles neguem qualquer ligação com tais erros, alguns indivíduos, todavia, têm sido caricaturados como parte de um dos muitos enredos das conspirações do fim dos tempos. Todos nós temos o direito de saber a verdade sobre o que as pessoas crêem e ensinam, mas devemos estar ansiosos em colocar a melhor face nas declarações assim como nas ações daqueles que podem não ter pretendido o que assumimos com suspeita. Na verdade, acho interessante que Ursinus diga que nos engajamos na suspeita não apenas quando temos bases insuficientes, mas mesmo quando temos bases suficientes e cultivamos nossas suspeitas "demasiadamente". A sinceridade requer que sejamos civis e corteses, que concedamos ao próximo o benefício da dúvida em todas as circunstâncias questionáveis.

Mas a sinceridade também requer que sejamos diretos e honestos, que não escondamos nossas verdadeiras crenças ou atitudes sob a aparência de algo mais. É inevitável para aqueles que se movem em círculos acadêmicos serem informados sobre inúmeros casos nos quais professores de faculdades cristãs e seminários ouvem de seus empregadores que não importa se discordam da declaração doutrinária, conquanto a assinem e não levantem qualquer debate público quanto às áreas contestadas. Quando ministros concordam em manter os credos e confissões de sua denominação ou igreja quando, em particular, negam os artigos principais, estão dando falso testemunho. Eu sempre me surpreendo sobre o quão descuidadas algumas pessoas podem ser em seus exames e cerimônias de ordenação, concordando em manter os ensinos de sua igreja, quando muito poucos, especialmente nas principais igrejas, esperam que

o candidato esteja dizendo a verdade. Certamente é a profissão errada na qual uma pessoa deve começar dizendo uma mentira.

Essa é a razão pela qual Ursinus diz que há uma direção oposta na qual alguma pessoa pode correr da desconfiança: credulidade tola e bajulação. Em outras palavras, é igualmente perigoso acreditar em tudo que se ouve e lê. Isso é concordar com algo "sem razões justas e prováveis; ou, acreditar em algo simplesmente com base na declaração de outra pessoa, quando há razões evidentes e suficientes para o contrário". Os reformadores eram particularmente cuidadosos com a idéia da fé implícita, isto é, a noção medieval de que uma pessoa deve crer em tudo o que a igreja diz, simplesmente porque a igreja disse. Aqui, novamente, podemos tirar uma lição. Dados como somos a crer no pior sobre a vida moral de nosso próximo, somos exatamente dados, nos dias de hoje, a uma mentalidade que não discerne, que considera aqueles que "perguntam demais" e oferecem qualquer crítica como inimigos da unidade e da irmandade.

A credulidade tola é evidenciada na facilidade com que muitos cristãos professos aceitam as "revelações" de profetas autodesignados. Faríamos bem em refrescarmos a nossa memória com as palavras severas de Deus por meio de Jeremias: "Tenho ouvido o que dizem aqueles profetas, proclamando mentiras em meu nome, dizendo: Sonhei, sonhei. Até quando sucederá isso no coração dos profetas que proclamam mentiras, que proclamam só o engano do próprio coração?" (Jeremias 23.25-26).

Enquanto Deus pretendia que os profetas dissessem ao povo que eles iriam sofrer julgamento, eles "Curam superficialmente a ferida do meu povo, dizendo: Paz, paz; quando não há paz" (6.14; 8.11). Quantos desses falsos testemunhos surgem em nossos dias? Porém, Deus prometeu a Jeremias, " Portanto, assim diz o SENHOR acerca dos profetas que, profetizando em meu nome, sem que eu os tenha mandado, dizem que nem espada, nem fome haverá nesta terra: À espada e à fome serão consumidos esses profetas" (14.15). Isso, naturalmente, antecipou o julgamento final contra o falso testemunho e falsos profetas de todos os tempos, quando inesperadamente virá aquele montado em seu cavalo de guerra, com a espada flamejante, perseguindo e capturando seus inimigos até o último homem.

A sinceridade requer dizer a verdade: dar o melhor significado aos feitos e doutrina do nosso próximo, mas sem escorregar num otimismo sentimental, ingênuo que nos faz escravos novamente de novos papas e profetas. Devemos sempre estar cientes do fato de que mesmo os nossos líderes religiosos não estão acima do engano e, por essa razão, não estão acima das verificações e ponderações colocadas diante deles pelas Escrituras e pelo povo de Deus.

CONSTÂNCIA

Outra palavra ultrapassada no uso moderno é o maravilhoso termo *constância*. Ursinus insiste que a constância é incluída como parte do que significa manter a honestidade. A constância é uma virtude pela qual uma pessoa apega-se à verdade e a defende, uma vez tendo-se tornado convencida dela. Uma das marcas da vida moderna, e certamente da educação moderna, é a abertura a novas idéias, a virtude secular que a educação busca inculcar, de acordo com Allen Bloom. Não somos relativistas porque pensamos muito, mas porque pensamos muito pouco; não porque valorizamos a mente e a liberdade de pensamento mais do que as gerações anteriores, mas porque simplesmente não queremos ter de nos engajar em prover e desprover argumentos. Similarmente, na igreja recusamos a nos colocar de um lado ou outro de uma doutrina particular porque "ela causa desunião" ou "participa de uma falta de caridade". Ou, pelo menos, isso é o que dizemos. O que temos em vista é que não queremos arriscar perder nossa aquiescência apática ao *status quo*. Não queremos submeter nossas energias ao pensamento, argumento e avaliação. O relativismo mina a verdade e a vida da mente mesmo quando aparece mascarado de esclarecimento e tolerância.

Mesmo assim, nosso tutor do século 17 não quer que nos dirijamos para o outro extremo também, para a obstinação, "a qual adere-se às falsas opiniões, e persiste em fazer o que é injusto e não-proveitoso, embora convencida do contrário. Ela é um vício que surge da confiança que uma pessoa tem em sua própria sabedoria, ou do orgulho e ostentação, e se mostra de má vontade em recuar seu próprio julgamento ou opinião, que parece ser falso a partir de muitos argumentos sólidos". Se é a tendência do relativista se recusar a chegar a um repouso cognitivo depois de uma investigação cuidadosa, é tendência do fundamentalista se recusar a desistir de suas opiniões mesmo se novas evidências tornam claramente impossível manter tais visões.

Depois de séculos, a Bíblia tem resistido às mais duras críticas imagináveis e é melhor por isso. Preparada para esvaziá-la de sua exatidão histórica, a ciência moderna, especialmente a arqueologia, tem simplesmente servido como uma testemunha de defesa. Embora certamente não-fundamentalista, o estudioso pós-modernista Diogenes Allen anuncia, como se a guerra fria entre a ciência e o Cristianismo pudesse estar esfriando, "Não há, então, necessidade de os cristãos continuarem a ser defensivos. Assim como Sócrates fez na Grécia antiga, nós temos uma missão: desafiar a suposição de que a condição do universo e nosso lugar nele já foram estabelecidos pela ciência e pela filosofia.... No

mundo pós-moderno, o Cristianismo é intelectualmente relevante".[118] Em vez de unir-se às interpretações, opiniões e especulações que não são claramente afirmadas no texto da própria Escritura, os cristãos que crêem na Bíblia devem estar abertos para testarem sua fé. Eles não devem temer a investigação racional, mas convidá-la. Se o Cristianismo é verdadeiro, temos algo a perder?

Assim, a constância é uma fidelidade teimosa às convicções de uma pessoa, é um aspecto essencial do testemunhar à verdade; e, mesmo assim, o dogmatismo cego é um adversário tão mortal da verdade quanto o relativismo.

CONCLUSÃO

Inicialmente, a proibição contra o falso testemunho foi aplicada na sala de audiências, onde freqüentemente acontecia de um acusado ou queixoso poder subornar amigos ao perjúrio em seu favor. Até a vida ficava suspensa na balança. assim perjuros deviam ser mortos. "Uma só testemunha não se levantará contra alguém por qualquer iniqüidade ou por qualquer pecado, seja qual for que cometer", Deus ordenou Moisés. "se a testemunha for falsa e tiver testemunhado falsamente contra seu irmão, far-lhe-eis como cuidou fazer a seu irmão; e, assim. exterminarás o mal do meio de ti; para que os que ficarem o ouçam, e temam. e nunca mais tornem a fazer semelhante mal no meio de ti. Não o olharás com piedade: vida por vida, olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé" (Deuteronômio 19.15; 18-21). Em nossa sociedade litigiosa, onde alguns advogados se especializam em criar alegações de falsos acidentes, esse propósito original sozinho é impressionante em sua relevância.

Finalmente, no entanto, o nono mandamento foi proferido, particularmente no Novo Testamento, para incluir fofoca, calúnia, difamação e "frutos da carne" similares, como Paulo expõe em 2 Coríntios 12.10, Gálatas 5.19-20 e em outros lugares. Devemos ao nosso próximo a verdade, seja nossa obrigação pagar um empréstimo ou a honestidade ao explicar a mensagem cristã, incluindo seus pontos menos populares. Devemos dar ao nosso próximo o benefício da dúvida e nunca julgá-lo sem a evidência apropriada e, mesmo então, nunca devemos cultivar as suspeitas ou conversas maliciosas. Porém, a verdade também requer que nos recusemos a ser ingênuos; devemos ter convicções ao mesmo tempo em que devemos desejar corrigi-las se descobrirmos algo que nos faz questioná-las.

---

[118] Diogenes Allen, *in Postmodern Theology* (São Francisco: Harper & Row, 1989), p. 25.

Os cristãos, dentre todas as pessoas, devem buscar a verdade em cada relacionamento: com Deus, com os pais, filhos, cônjuges, colaboradores; patrões, empregados; pastores, rebanho; crente, incrédulo; amigo e inimigo.

Para aqueles de nós que têm violado esse mandamento (e aqueles que pensam não tê-lo violado, têm seus próprios problemas em dizer a si mesmos a verdade), há refúgio na justiça daquele que é a Verdade. Em Cristo, nossos enganos, erros, hipocrisia, mentiras, fofoca e difamação não são debitados em nossa conta porque Deus "o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus" (2 Coríntios 5.21). Com essa condição diante de Deus, a despeito de nossas violações do nono mandamento, que possamos "Falar a verdade cada um com o seu próximo, executar juízo nas nossas portas" (Zacarias 8.16), prosseguindo em direção ao dia em que a profecia de Zacarias (v. 3) será cumprida no retorno de Cristo e a verdade não mais irá se encontrar morta na rua:

> Assim diz o SENHOR: Voltarei para Sião e habitarei no meio de Jerusalém; Jerusalém chamar-se-á a cidade fiel, e o monte do SENHOR dos Exércitos, monte santo.

CAPÍTULO ONZE
QUANDO MAIS É MENOS

Não cobiçarás

Michael Lewis, autor *best-seller* e jornalista, iniciou seu mais recente livro, *Money Culture*, dizendo,

> No início da última década, havia um tipo de moda moral em partes dos Estados Unidos que se espalhou quase imediatamente para as capitais da Europa industrial. O antigo tabu anglo-europeu de negociar dinheiro foi compelido atrás dos bastidores pela força absoluta dos acontecimentos no mundo financeiro, abrindo caminho para uma nova cultura monetária.... Em 1985, o rendimento médio das dez pessoas mais bem pagas em Wall Street subiu de 29 milhões para 51 milhões.

Lewis acrescenta uma história pungente para ilustrar a cobiça por dinheiro e poder característicos de nossa era:

> Certa noite, no início daquele ano, Stephen Joseph, um sócio do então falido Drexel Burnham, fez o que parecia ser uma viagem de negócios rotineira para Minnesota e foi beber com um cliente. "No curso da noite, Joseph mencionou o quanto esperava ser pago. O número impressionou o filho de 7 anos do cliente que estava escutando da escada. Dois dias depois, o garoto entregou ao pai uma dissertação que havia preparado para a escola. Seu título era *What I Want to Be When I Grow Up* (O Que Quero Ser Quando Crescer) e quase perfeitamente capturava o espírito da época.
>
> Eu quero ser um banqueiro investidor. Se você tiver 10.000 ações [sic] eu as venderei para você. Eu ganho muito dinheiro. Eu vou ganhar muito dinheiro. Eu vou ser um milionário. Eu vou ter uma casa grande. Será divertido para mim.[119]

[119] Michael Lewis, *Money Culture* (Nova York: Penguin, 1992), p. 02.

Contraste esse exemplo com o de Louis de Greer, um calvinista belga do século 17 que fugiu da Inquisição e encontrou consolo em Amsterdã numa época de grande prosperidade para os negócios e comércio holandeses, onde se tornou um famoso homem de negócios e banqueiro. Simon Schama, de Harvard, explica que de Greer seguia estritamente o programa de Calvino de baixas taxas de juros para os pobres. Schama escreve,

> Louis de Greer, que era um ardente calvinista e também um empresário enérgico, conseguiu acomodar um estilo de vida digno com uma despesa humilde justamente desta forma. Muito embora tivesse em sua casa mobília fina de nogueira importada da França e Itália, seu dízimo independente para os pobres era amplamente conhecido, assim como sua ajuda sincera para os refugiados calvinistas dos acontecimentos da Europa central na Guerra dos Trinta Anos. Quando em 1646, ele redigiu seu testamento para seus filhos e herdeiros, ele os advertiu a "temer a Deus e manter seus mandamentos e pensar nos pobres e oprimidos; então vocês deverão gozar das bênçãos de Deus". E ele os lembrou de que, quando viera para a República, em tempos apertados, havia feito um juramento diante de Deus de dar 200 florins por ano para os pobres, por cada filho seu. Deus ouviu sua oração e lhe deu prosperidade e ele, por sua vez, manteve seu juramento. Ele recomendou que seus filhos fizessem o mesmo.[120]

Observe o contraste entre essas duas famílias. Ambas prósperas, ambas bem-sucedidas. Nenhuma delas pensava que o dinheiro fosse um mal ou que a prosperidade deveria ser evitada. Uma, porém, via a prosperidade principalmente como um meio de adquirir e consumir, enquanto a outra a via principalmente como um meio de salvar e dar. E quem disse que a teologia não era prática?

---

[120] Simon Schama, *The Embarrassment of Riches* (Berkeley: Univ. of California Press, 1988), pp 334-35.

O QUE ESSE MANDAMENTO REQUER?

Mais uma vez somos levados de volta à sabedoria rica e ao discernimento de nossos antepassados evangélicos, à medida que reúnem uma ampla série de passagens da Escritura a respeito desse último mandamento.

Todos os catecismos evangélicos, luteranos e reformados, vêem o décimo mandamento como um resumo dos cinco precedentes: a segunda tábua da lei, que expõe a nossa obrigação com relação ao próximo. Na realidade, Lutero, em seu *Catecismo Maior*, comenta:

> Esse último mandamento, então, não é dirigido àqueles que o mundo considera patifes ímpios, mas precisamente aos mais corretos – às pessoas que desejam ser recomendadas como honestas e virtuosas porque não têm ofendido os mandamentos precedentes.... Tal é a natureza que todos nós invejamos os outros que têm tanto quanto nós mesmos. Cada pessoa adquire tudo o que pode e deixa que os outros cuidem de si mesmos. Porém, todos nós fingimos ser corretos. Sabemos como erguer uma fachada agradável para ocultar a nossa desonestidade. Inventamos trapaças engenhosas e truques maliciosos (truques cada vez melhores estão sendo desenvolvidos diariamente) sob a aparência de justiça. Nós audaciosamente ousamos nos vangloriar disso e insistimos que não deveria ser chamado de desonestidade mas de esperteza e negócio perspicaz. Nisso somos assistidos pelos juristas e advogados que torcem e expandem a lei para encaixarem seus propósitos, forçando as palavras e usando-as como pretextos, sem consideração pela eqüidade ou pela situação do próximo.

Os reformadores encaravam uma sociedade litigiosa, não diferente da nossa, onde era moderno até mesmo usar e abusar do sistema legal e das oportunidades de negócio a fim de avançar uma peça no tabuleiro. Observe também a advertência de Lutero de que o décimo mandamento pretende dar o último golpe naqueles que pensam estar de pé depois dos nove mandamentos precedentes. Esse mandamento, ele diz, não é dirigido àqueles que usualmente colo-

camos por trás das grades e consideramos como criminosos reais, mas para o resto que pensa ter realmente se conformado à lei. Similarmente, o *Catecismo de Heidelberg* acrescenta à definição do décimo mandamento, "que jamais entre em nosso coração nem mesmo a menor inclinação ou pensamento contrário a qualquer mandamento de Deus, mas sempre odiemos o pecado de todo o nosso coração e encontremos satisfação e alegria em toda a justiça". Em outras palavras, esse mandamento é tratado como uma reafirmação dos restantes.

Vimos como a maioria dos cristãos hoje, assim como os fariseus nos dias de nosso Senhor e a igreja medieval na época da Reforma, pensa consideravelmente bem de si mesmos. De acordo com George Barna, a maioria dos cristãos evangélicos hoje não pensa que tolera outros deuses (76 por cento) ou falha em sua obrigação de obedecer aos pais (77 por cento); eles não são culpados de assassinatos (93 por cento), adultério (82 por cento) e roubo (86 por cento). Aproximadamente metade não pensa ter caído da glória de Deus por mentir (48 por cento).[121] Assim, Deus emite este mandamento final, "Não cobiçarás", a fim de provar o ponto de que se violarmos qualquer um desses mandamentos em qualquer um dos modos considerados nos capítulos precedentes, até mesmo pelo desejo por tal comportamento pecaminoso, somos culpados de ofender toda a lei. Como Tiago adverte, "Pois qualquer que guarda toda a lei, mas tropeça em um só ponto, se torna culpado de todos" (Tiago 2.10). Esse último decreto, conseqüentemente, é dirigido àqueles que disseram, "Não sou realmente culpado de assassinato, adultério ou desses outros pecados".

Assim como Jesus, em seu Sermão do Monte, levou o povo a perceber que o próprio desejo é uma violação do mandamento, assim encontramos esse princípio até mesmo em Moisés. Desejar ou cobiçar o que nosso próximo possui nos faz transgressores da lei como se tivéssemos roubado sua vida, sua esposa, sua propriedade e sua honra. Poderíamos esperar que pelo menos nesse mandamento, a maioria dos cristãos confessasse ter caído, porém uma grande maioria (53 por cento) dos evangélicos insiste em que o segue completamente. Devemos nos preocupar mais com a teologia por trás dessa visão imaginária do que com a violação óbvia e comum desse mandamento.

O *Catecismo Breve de Westminster* reforça essa visão compreensiva do décimo mandamento: "O Décimo Mandamento exige pleno contentamento com a nossa própria condição, bem como disposição caridosa para com o nosso próximo e tudo o que lhe pertence", e "proíbe todo o descontentamento com a nossa própria condição, toda inveja ou pesar à vista da prosperidade de nosso

[121] George Barna, *The Barna Report: 1991-92* (Ventura, Calif.: Regal, 1992).

próximo e toda tendência e afeições desordenadas a alguma coisa que lhe pertença". Quem entre nós pode dizer que nunca invejou a prosperidade de um vizinho? Que nunca ficamos desapontados quando ouvimos que um colega de trabalho recebeu um aumento, embora estejamos empregados no mesmo lugar por mais tempo? Nunca houve uma pontada de ódio quando vemos amigos com quem crescemos juntos ou com quem fomos à escola alcançarem sucesso e prosperidade enquanto não fomos capazes de progredir na nossa carreira? Podemos realmente dizer que nunca desejamos secretamente o Porsche novo do nosso vizinho; que nunca folheamos catálogos ou examinamos as lojas desejando obter o que está na moda, mesmo quando não temos realmente recursos para isso? Além disso, quem entre nós pode dizer que nunca houve um momento em que deixamos de nos alegrar com o sucesso do nosso próximo, sem o menor interesse por nossa própria condição material? Há algum pastor que não deseje o sucesso que a igreja no final da rua tem e não adapte sua mensagem para tentar competir? Poderíamos tirar proveito de uma visita do teólogo do século 11, Anselmo, que advertiu aqueles que pensavam estar mantendo limpos os seus narizes, "ainda não consideraram o quanto o pecado é grande".

Assim como o garoto que empilha suas latas, uma por uma, crescendo em orgulho enquanto constrói a pirâmide cada vez mais alta, nós empilhamos nosso caráter, caridade, virtude, espiritualidade e obediência como se Deus visse, como nós, o mesmo valor em nossa "justiça". Após tolerar a nossa ignorância e arrogância, Deus finalmente desce e, com um sopro, golpeia a pirâmide e espalha todos os nossos esforços tão certamente quanto ele sitiou a Torre de Babel. O décimo mandamento é justamente esse golpe, mostrando em ousado contraste a declaração do profeta de que "todos nós somos como o imundo, e todas as nossas justiças, como trapo da imundícia" (Isaías 64.6), isso sem falar de nossa impiedade.

BASE DESSE MANDAMENTO

Assim como os outros mandamentos pressupõem um valor particular – autoridade, vida, casamento e família, propriedade privada e mordomia, verdade e honra – assim, esse mandamento também se baseia no valor do contentamento. Devemos viver de tal forma a podermos dizer como o apóstolo Paulo, "aprendi a viver contente em toda e qualquer situação. Tanto sei estar humilhado como também ser honrado; de tudo e em todas as circunstâncias, já tenho experiência, tanto de fartura como de fome; assim de abundância como de escassez; tudo

posso naquele que me fortalece" (Filipenses 4.11-13). Em sua essência, esse mandamento final nos chama à convicção de que Deus é bom e que até mesmo o nosso sofrimento e carência servem a um propósito benevolente no final.

Paulo deu instruções posteriores àqueles crentes que lutavam com esse princípio:

> De fato, grande fonte de lucro é a piedade com o contentamento. Porque nada temos trazido para o mundo, nem coisa alguma podemos levar dele. Tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes. Ora, os que querem ficar ricos caem em tentação, e cilada, e em muitas concupiscências insensatas e perniciosas, as quais afogam os homens na ruína e perdição. Porque o amor do dinheiro é raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé e a si mesmos se atormentaram com muitas dores.
>
> Exorta aos ricos do presente século que não sejam orgulhosos, nem depositem a sua esperança na instabilidade da riqueza, mas em Deus, que tudo nos proporciona ricamente para nosso aprazimento; que pratiquem o bem, sejam ricos de boas obras, generosos em dar e prontos a repartir; que acumulem para si mesmos tesouros, sólido fundamento para o futuro, a fim de se apoderarem da verdadeira vida.
>
> (1 Timóteo 6.6-10; 17-19)

Observe que essa noção de contentamento não é sentimental. Não há nada romântico na pobreza ou repetidos fracassos nos negócios. Paulo não diz a Timóteo para ordenar ao povo a ser contente por causa do contentamento em si. Antes, ele lhes dá uma razão teológica para o comando, o que os teólogos chamam de doutrina da providência. Os pobres podem colocar sua esperança na riqueza, e alguns assim o fazem; mas é muito mais tentador para aqueles com riquezas, sucesso, poder e prosperidade confiarem em sua condição temporal. Os pobres são tão pecadores quanto os ricos, mas raramente uma pessoa pobre vê a sua pobreza como um sinal da bênção de Deus, especialmente nos dias de hoje. Os ricos freqüentemente podem ignorar as realidades espirituais mais amplas da vida ao serem tão consumidos pelo seu sucesso material que se

encontram simplesmente desligados da sua própria pobreza espiritual ou ao confundirem bênçãos materiais com bênçãos espirituais.

Assim como Jesus ensinou, Deus "faz nascer o seu sol sobre maus e bons e vir chuvas sobre justos e injustos" (Mateus 5.45). A condição material geral de homens e mulheres está encerrada no domínio da providência, não da redenção. Deus não dá privilégios especiais aos crentes no que diz respeito a bênçãos materiais, como até mesmo o autor do Salmo 73 lamentou. Certamente sua experiência está em acordo com a nossa:

> Quanto a mim, porém, quase me resvalaram os pés; pouco faltou para que se desviassem os meus passos. Pois eu invejava os arrogantes, ao ver a prosperidade dos perversos....
>
> Em só refletir para compreender isso, achei mui pesada tarefa para mim; até que entrei no santuário de Deus e atinei com o fim deles.
>
> Tu certamente os pões em lugares escorregadios e os fazes cair na destruição.
>
> Quem mais tenho eu no céu? Não há outro em quem eu me compraza na terra. Ainda que a minha carne e o meu coração desfaleçam, Deus é a fortaleza do meu coração e a minha herança para sempre.
>
> (Salmo 73.2-3, 16-18, 25-26)

Assim como Paulo, o salmista foi capaz de olhar além da falta de visão da prosperidade material para ver o significado final (ou teológico) da vida. Conceitos religiosos imaturos, como por exemplo os que são comuns nas religiões folclóricas pagãs, fazem a correspondência fácil entre ritual e riquezas, obediência e abundância material. Mas Deus registrou Jó na escola do sofrimento para a sua santificação e para a glória de Deus. O apóstolo Paulo nos prepara para o mesmo: "também nos gloriamos nas próprias tribulações, sabendo que a tribulação produz perseverança; e a perseverança, experiência; e a experiência, esperança" (Romanos 5.3-4). Se "O temor do SENHOR é o princípio da sabedoria" (Salmo 111.10) e "a tribulação produz perseverança; e a perseverança, experiência; e a experiência, esperança", há pouca surpresa no fato de que os cristãos parecem viciados na tolice, prontos para desistir, superficiais quanto ao caráter e procurem soluções seculares para a esperança.

No fim deste século, precisamos desesperadamente de uma teologia do sofrimento. Teólogos da libertação têm algo especial quando falam dos pobres e do sofrimento como aqueles que vêem o reino de Deus de forma mais clara, embora os cristãos ortodoxos encontrem dificuldades com a orientação "este mundo apenas" que a teologia da libertação parece compartilhar com o Cristianismo materialista que busca desafiar. Contudo, há uma teologia mais profunda e rica nos velhos *Negro spirituals* que na maioria dos *jingles* alegres das congregações freqüentemente caracterizadas como "*yuppy*". Nesses *Negro spirituals*, a centralização em Deus, o desejo pelo céu, a ênfase nos grandes eventos e verdades da história da redenção casou a luta pessoal com a esperança apenas no Senhor.

Aqueles cujas histórias pessoais e no conjunto se assemelham ao cativeiro de Israel, ao Êxodo, à experiência no deserto, vêem algo especial no texto bíblico que o resto de nós, às vezes, perdem. Isso não significa que deveríamos orar por sofrimento, mas que devemos vê-lo, quando ele surge, como uma oportunidade para aprofundar em nosso entendimento, raízes e caráter para a glória maior de Deus e para o bem de nosso próximo. Enquanto vasculhamos a revelação bíblica, vemos repetidamente o quanto o sofrimento trouxe um entendimento mais profundo das questões eternas e uma consciência maior da proximidade de Deus àqueles que não têm um ombro amigo para chorar além do seu Criador. Ruína material e espiritual, embora nem sempre companheiras, são freqüentemente encontradas juntas, e Deus deleita-se em um "coração compungido e contrito" (Salmo 51.17). Raros são aqueles cujo gozo das bênçãos espirituais vem sem qualquer perda em termos temporais.

Conta-se a história que um repórter perguntou a Nelson Rockefeller, "Quanto dinheiro é necessário para se ser feliz?", pergunta que o magnata respondeu com honestidade refrescante, "Um pouco mais". Ao mesmo tempo, o contentamento não é uma questão de pobreza ou riqueza. Sejamos claros sobre isto: cobiçar é um vício tanto do pobre quanto do rico. Paulo não disse apenas que estava contente quando ele era pobre, mas também que estava contente quando desfrutava de riqueza. Ele não ordena que os ricos esvaziem suas cadernetas de poupança, mas os constrange a colocarem sua esperança em Deus, "que tudo nos proporciona ricamente para nosso aprazimento" (1 Timóteo 6.17), sancionando, por meio disso, não apenas a riqueza mas o gozo da riqueza como uma dádiva graciosa de Deus.

Mas nunca se deve usar uma dádiva de forma imprópria, e se Deus nos deu riquezas, devemos nos contentar; se carência, também. Não é a pobreza ou riqueza que nos conduz ao contentamento e confiança no Senhor, mas a segu-

rança de que se Deus proveu tão ricamente para a nossa salvação, nos escolhendo, redimindo, chamando, adotando e justificando, e enviando o seu Espírito para nos fazer crescer à semelhança de Cristo, então certamente podemos contar com ele para as questões menos essenciais da existência diária. O escritor aos Hebreus adverte, "Seja a vossa vida sem avareza. Contentai-vos com as coisas que tendes; porque ele tem dito: De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei. Assim, afirmemos confiantemente: O Senhor é o meu auxílio, não temerei; que me poderá fazer o homem?" (Hebreus 13.5-6).

Na sua essência, cobiçar é um problema teológico. Assim como o salmista é confundido pela prosperidade do ímpio nesta vida, ele contempla seu destino na próxima, e Paulo ancora nosso contentamento no Deus "que nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo" (Efésios 1.3). Assim o escritor aos Hebreus baseia seu chamado no contentamento, não em algum comando superficial, sentimental, cego, mas na promessa que Deus fez de nunca nos deixar nem nos abandonar. A perseverança de Deus conosco, a despeito de nosso pecado e rebelião, é suficiente para justificar a nossa perseverança com ele, confiando nele como um provedor cuidadoso e amoroso, embora ele pareça estar provendo melhor para o ímpio, em termos materiais.

Israel fornece um exemplo histórico deste desafio de ver Deus como um provedor mesmo na ausência do que consideramos como provisões essenciais. Muito embora Deus tenha realizado milagres pelo seu povo, começando com a saída do Egito, "ainda assim, prosseguiram em pecar contra ele e se rebelaram, no deserto, contra o Altíssimo" (Salmo 78.17). Eles cobiçaram a paz e a prosperidade relativa do Egito e " Tentaram a Deus no seu coração, pedindo alimento que lhes fosse do gosto. Falaram contra Deus, dizendo: Pode, acaso, Deus preparar-nos mesa no deserto?" (vv. 18-19). A raiz da cobiça é o cinismo da observação "Pode, acaso, Deus preparar-nos mesa no deserto?" Naturalmente, isso é o que é chamado de pergunta retórica. Quando nos rebelamos contra as autoridades que Deus têm colocado sobre nós, é como se estivéssemos questionando a própria habilidade de Deus ou desejo de governar uma situação ruim e transformar o mal em bem.

Quando uma mulher perturbada faz um aborto, ela está questionando a habilidade de Deus em prover para si e para sua família se ela tiver outro filho. Quando um homem rouba da caixa registradora da companhia, ele está desafiando a providência de Deus: "Pode, acaso, Deus preparar-nos mesa no deserto?" Em outras palavras, "Acabei de ser demitido e não tenho qualquer outra fonte de rendimento: eu deveria esperar que Deus deixasse cair um baú

de tesouro do céu?" Talvez não um baú de tesouro mas, "o nosso pão de cada dia" é mais do que qualquer um de nós merece das mãos de Deus.

A falta de contentamento, então, é primeira e principalmente uma questão teológica. Isso não significa que aqueles que têm sua teologia completa nisso e aprendem mais sobre a soberania de Deus e sua providência irão, subitamente, achar-se em abnegada alegria pela compra do novo automóvel do próximo. Mas significa que podemos encontrar uma âncora para o contentamento que não é jogada para todos os lados pelas ondas da fortuna ou da carência: uma âncora, não em nossa própria experiência pessoal, mas na promessa eterna de Deus. Em Cristo, já estamos sentados com ele nos lugares celestiais (Efésios 2.6). Os inimigos da cruz não podem conhecer este conforto: uma esperança futura que tem o poder de libertar aqui e agora. "O destino deles é a perdição, o deus deles é o ventre, e a glória deles está na sua infâmia, visto que só se preocupam com as coisas terrenas. Pois a nossa pátria está nos céus, de onde também aguardamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, o qual transformará o nosso corpo de humilhação, para ser igual ao corpo da sua glória, segundo a eficácia do poder que ele tem de até subordinar a si todas as coisas" (Filipenses 3.19-21). Aquele que não pode esperar, que requer uma escatologia concreta, céu na terra com perfeita saúde, riqueza e felicidade, estará não apenas desiludido quando deixar de ver seus sonhos terrenos materializados, mas irá fracassar no fim em gozar a verdadeira vida de Deus que temos em Cristo, se no presente não está contente em sobreviver à tempestade.

COMO VIOLAMOS ESSE MANDAMENTO?

Já vimos como esse mandamento é violado: deixando de ter prazer no sucesso do nosso próximo, desejando suas posses, propriedade ou posição.

Nunca me esquecerei dos dez dias que passei, há alguns anos, em uma missão evangelística na Nicarágua. Passando por cabanas de papelão, com mulheres carregando enormes pilhas de lenha e latões de água, finalmente chegamos na casa de um pastor pentecostal para jantar. Ele era pescador – este era o modo como ganhava a vida, e lagostas eram abundantes nas águas da América Central. Entramos em sua casa, não pela porta porque não havia uma, mas através de um pátio ao ar livre que servia de sala de jantar. A comida foi preparada sobre uma grade de janela que havia sido colocada sobre um pneu, com gravetos fornecendo o carvão, enquanto as crianças caçavam o porco pela lama abaixo de nós.

Mais cedo naquele dia, esse pastor havia viajado, me disseram mais tarde,

72 quilômetros para apanhar uma mesa e cadeiras para a ocasião. Com toda a sinceridade, essa era a primeira vez que eu estava nessa parte do mundo, e eu não estava certo sobre o que teríamos para o jantar. Com alguma reserva, perguntei ao anfitrião sobre que tipo de peixe ele pegava naquelas águas. "*Langosta*", ele respondeu – "lagostas", aliviando consideravelmente a minha fisionomia.

A noite foi repleta de ironias. Primeira, ali estava eu, esperando o pior para o jantar e o que eu não teria recursos para comer em meu próprio país era abundante nas águas apenas há alguns metros de onde estávamos sentados. Mas, então, prosseguimos conversando sobre a influência do evangelho da prosperidade na América do Norte, particularmente entre os pentecostais. Muito embora esse pastor fosse pentecostal, a heresia "nomeie e reivindique" era tão absurda para ele como o é para os escritores bíblicos. No curso da noite, ouvi uma teologia melhor e mais sadia do meu anfitrião do que a de muitos grandes livros que li, mesmo a de evangélicos que não hesitariam em condenar a teologia da prosperidade. Esse pastor havia sofrido e perseverado, tinha experiência e esperança para mostrar. Ele não era uma otimista cheio de energia com óculos de lentes cor-de-rosa, dissimulando suas condições difíceis com superficialidade volúvel, mas um realista bíblico que sabia que aqueles que sofrem com Cristo nesta vida, reinarão com ele na próxima. Considerando que ele não recuou da atividade ardente de tentar aliviar a miséria de seus vizinhos de formas tangíveis, ele conhecia muito bem a sua Bíblia para comprar a idéia da salvação marxista ou capitalista. O evangelho da prosperidade para ele soava tão estranho quanto toda cena apresentava-se para mim.

Ali estava um irmão que mostrava uma hospitalidade além do que eu podia lembrar ter experimentado em casa. Nunca havia ouvido falar de um anfitrião que tivesse viajado 72 sinuosos quilômetros através de montanhas simplesmente para apanhar uma mesa e cadeiras para uma refeição. Foi uma refeição digna de um rei, numa situação na qual estava simplesmente esperando "atravessar" a noite de forma educada. A hospitalidade de meu anfitrião me envergonhou.

Isso não é o mesmo que dizer que as pessoas sofridas não cobiçam. Mas nós, especialmente nos Estados Unidos, temos nos tornado dessensibilizados quanto a esse pecado pelo bombardeamento incessante pela mídia, anunciantes e até mesmo políticos que dizem a cada grupo o que ele quer ouvir: "Vocês são um grupo especial; apóiem-me e eu os ajudarei a obter o seu pedaço do bolo". "Com certeza este xampu custa mais, mas você é digno dele." "Você merece uma folga hoje".

Acabamos enchendo nossa vida com coisas das quais não temos a menor necessidade porque deixamos os *slogans* e imagens nos influenciarem. Assim

como Eva, que mordeu a fruta quando viu "que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos e árvore desejável para dar entendimento", aspiramos aos mais recentes produtos que prometem a mais recente cura para o que o mundo decidiu ser o nosso problema mais recente. Mas isso não é restrito ao nosso tempo e lugar. Tiago puniu a igreja primitiva por ter começado como uma congregação humilde de pessoas que sofriam e sabiam que eram dependentes da cura e providência de Deus e ter mudado para uma nova geração de pessoas mais arrogantes. Eles até mesmo começaram a dar preferência sutil, e não tão sutil, às pessoas bem-sucedidas da sociedade:

> De onde procedem guerras e contendas que há entre vós? De onde, senão dos prazeres que militam na vossa carne? Cobiçais e nada tendes; matais, e invejais, e nada podeis obter; viveis a lutar e a fazer guerras. Nada tendes, porque não pedis; pedis e não recebeis, porque pedis mal, para esbanjardes em vossos prazeres.
>
> Infiéis, não compreendeis que a amizade do mundo é inimiga de Deus?...
>
> Atendei, agora, ricos, chorai lamentando, por causa das vossas desventuras, que vos sobrevirão. As vossas riquezas estão corruptas, e as vossas roupagens, comidas de traça; o vosso ouro e a vossa prata foram gastos de ferrugens, e a sua ferrugem há de ser por testemunho contra vós mesmos e há de devorar, como fogo, as vossas carnes. Tesouros acumulastes nos últimos dias. Eis que o salário dos trabalhadores que ceifaram os vossos campos e que por vós foi retido com fraude está clamando; e os clamores dos ceifeiros penetraram até aos ouvidos do Senhor dos Exércitos. Tendes vivido regaladamente sobre a terra; tendes vivido nos prazeres; tendes engordado o vosso coração, em dia de matança.
>
> (Tiago 4.1-5; 5.1-5)

Não se pode negar que aí é onde o evangelicalismo, em geral, tem sustentado sua alegação. O movimento de crescimento da igreja até mesmo encoraja objetivar os *yuppies*, como força motriz. O apóstolo Paulo advertiu Timóteo, "nos últimos dias.... os homens serão egoístas, avarentos, jactancio-

sos, arrogantes, blasfemadores,... mais amigos dos prazeres que amigos de Deus" (2 Timóteo 3.1-4). Porém, em vez de prestarmos atenção na advertência, temos tomado a iniciativa, satisfazendo a "necessidade sentida" em vista do egoísmo, ambição e centralidade no homem. Quando, nos anos 50, o movimento de saúde mental puxou as principais igrejas para seu despertamento, a Bíblia foi subitamente considerada como sendo toda ela sobre pensamento positivo e auto-estima. Então, nos anos 70, os evangélicos entraram em ação e acrescentaram o nacionalismo ao evangelho bíblico – outra razão para sermos amantes de nós mesmos.

Finalmente, a "década da febre do dinheiro", como Wolfe batizou os anos 80, lançou o evangelho da prosperidade sobre as emissões de rádio e televisão. Estamos claramente vivendo acima de nossos recursos, e isso é evidente ao mundo não apenas em nosso débito nacional, colocando-nos em perigo de perder a confiança de nossos sócios nos negócios, mas também em nosso próprio consumismo pessoal. Hoje, nossa economia é largamente baseada no serviço em vez de baseada na produção. Entretanto, enquanto nos mimamos, os empregos estão movendo-se para o exterior. Isso não é apenas uma questão política partidária, porque todos nós somos pegos nesse consumismo, materialismo e ambição. E viver além dos nossos recursos – ou até mesmo desejar viver assim – é uma boa definição de cobiça. Podemos ver de que modo finalmente uma mudança nos valores pessoais transforma nosso negócio e todo o nosso caráter nacional num período de tempo muito pequeno, enquanto as mudanças históricas caminham.

Enquanto entrávamos nos anos 80, O United States Bankruptcy Code[NT] foi transformado para fazer com que fosse mais fácil, para negócios problemáticos, declarar falência. "Os anos 80, na verdade, produziram o maior crescimento em casos de falência desde a Grande Depressão dos anos 30", de acordo com os jornalistas vencedores do prêmio Pulitzer, Donald Barlett e James Steele.[122] Na realidade, eles escreveram, "Braniff, Inc., a companhia de aviação, primeiro buscou proteção no tribunal de falências em maio de 1982. Ela emergiu dois anos mais tarde, em março de 1984, mas fez uma aparição de retorno em setembro de 1989. Emergiu novamente em julho de 1991, e retornou pela terceira vez no mês seguinte.... Tudo isso tem sido uma mina de ouro para o florescimento da indústria da falência – advogados, contadores e outros especialistas que cobram até $ 500 por hora pelo seu tempo".[123]

[NT] United States Bankruptcy Code (Código de Falência dos Estados Unidos).

[122] Donald Barlett e James Steele, *America: What Went Wrong?* (Kansas City: Andrews, McMeel, 1992), p. 68.

[123] Ibid., 69.

O presidente Reagan nos disse, "Eu não procuro um negócio que irá render um serviço à humanidade.... A ambição está envolvida em tudo o que fazemos. Não vejo nada de errado nela".[124] Mas temos aprendido depois desse experimento que a ambição não é apenas um mal moral mas também um negócio ruim. Como o personagem de Michael Douglas no filme *Wall Street*, de Gordon Gekko, celebridades cristãs dominantes têm demonstrado, se não declarado abertamente, "A ambição é boa!" E como alcançamos aqueles que são "mais amigos dos prazeres que amigos de Deus"? Dizendo o quanto Jesus pode ajudá-los a "serem tudo o que podem ser", naturalmente. Jogadores de beisebol nascidos de novo dizem aos adolescentes o quanto Jesus melhorou suas estatísticas, e rainhas de beleza são testemunhas do sucesso terreno que segue aqueles que colocam Jesus em primeiro lugar.

Em vez de desafiar a cultura e chamar homens e mulheres ao arrependimento, temos estado comercializando um evangelho falso, respondendo a falsas necessidades, reforçando falsos deuses. Cobiçamos louvor, dinheiro e prazer: muitos de nossos pastores e líderes de igreja cobiçam sucesso; e a igreja se torna um instrumento barato de alvos seculares. Se formos julgados pelo estilo de vida e atitudes dos cristãos contemporâneos, não apenas cobiçamos os vícios do mundo, emprestamos a eles o nosso patrocínio e bênção. E quando Deus não lhes dá o que cobiçam, compradores espertos vão embora.

Todavia, não é suficiente simplesmente publicar comandos e editais sobre a cobiça. Temos de perceber que quando cobiçamos, criamos ídolos. Mais uma vez, cada problema ético é, em primeiro lugar, um problema espiritual e teológico. Qual é o caráter do deus que adoramos? Quem é ele/ela/objeto? Além de meramente "não cobiçar", precisamos encher nossa mente, nosso coração e nossa vida com a satisfação, o prazer e o gozo de Deus e de nossas bênçãos espirituais nos lugares celestes, as quais Paulo lista como nossa eleição, redenção, herança, justificação, chamado, selo, e perseverança em Cristo (Efésios 1.4-11). Além disso, precisamos ir além do interesse próprio – mesmo o interesse em nossa própria salvação – e ter prazer em descobrir novas vias de glorificar a Deus e servir ao nosso próximo.

[124] Ronald Reagan, citado no *Los Angeles Times*, 1° de fevereiro de 1984.

CONCLUSÃO

Vimos o que a apatia de uma geração com relação à teologia e ao pensamento doutrinário pode produzir. Muito embora os cristãos coloquem mais energia em cruzadas morais do que em quase qualquer outra ocupação, os próprios cristãos não parecem viver de forma diferente ou, quanto a isso, pensar de forma diferente. Barna observa.

> Dados de pesquisa fornecem evidência da falência das visões de mundo comumente sustentadas pelos cristãos. É inegável que, como um corpo, os cristãos norte-americanos têm caído nas armadilhas do materialismo, hedonismo, humanismo secular e até mesmo de uma forma cansada de Cristianismo que rejeita muito do compromisso exigido de servos fiéis.
>
> Uma recente pesquisa nacional descobriu que não menos do que sete em cada dez cristãos são inclinados a atitudes hedonistas a respeito da vida.[125]

Além disso, perto de dois em cada cinco cristãos evangélicos "negam a possibilidade da dor ou sofrimento ser um meio de se tornar um indivíduo melhor, mais maduro.... Como exemplo final, três de cada dez cristãos concordaram que 'nada na vida é mais importante do que se divertir e ser feliz' [e] mais da metade do público cristão crê que 'nunca tiveram dinheiro suficiente para comprar o que precisavam'".[126] Em contraste, os historiadores seculares são confundidos pela enorme influência que os reformadores protestantes tiveram na mudança de todo o caráter do mundo ocidental quando isso não era seu primeiro objetivo. Como um movimento pôde produzir tanto fruto em termos morais, sociais e até mesmo políticos quando, como Lutero insistia, "Outros atacam a vida; eu ataco a doutrina" da igreja medieval?

O primeiro objetivo era pregar a Palavra, especialmente o evangelho e administrar os sacramentos do batismo e da Santa Ceia. O reformado acrescentou

---

[125] George Barna e William Paul McKay, *Vital Signs: Emerging Social Trends and the Future of American Christianity* (Westchester, Ill.: Crossway, 1984), pp. 140-21. Dados do Ministério Norte-Americano de Pesquisa, Wheaton, Ill.

[126] Ibid., 141.

uma terceira marca na igreja, a disciplina da igreja. Em outras palavras, os reformadores pensavam que a raiz do problema do colapso social e individual era espiritual e teológico, não moral e político. Conseqüentemente, o grande movimento de Deus criou um caráter distintivo que, mesmo quando não alcançava o sucesso, objetivava "glorificar a Deus e gozá-lo para sempre", vendo a obrigação com relação ao próximo como um meio tangível de fazer justamente isso. Eles eram salvos pela graça e apenas pela graça e, assim, motivações egoístas, como medo do castigo e esperança de recompensas, não eram teologicamente justificadas, mesmo quando algumas vezes eram empregadas sem conhecimento. Em seu *Freedom of the Christian*, Martinho Lutero tirou da doutrina da justificação pela graça apenas uma ética sem interesse próprio (medo do castigo e esperança de recompensas) como sua motivação. João Calvino demonstrou sentimentos similares:

> Confinar os pensamentos de um homem muito em si mesmo, e não colocá-los antes dele, como o motivo principal de sua existência e zelo para ilustrar a glória de Deus não é uma teologia muito sadia. Nascemos primeiramente para Deus, e não para nós mesmos.... Certamente é parte do cristão subir mais alto do que meramente buscar e assegurar a salvação de sua própria alma. Estou convencido, assim, de que não há homem imbuído com a verdadeira piedade que não considere insípida aquela longa e difícil exortação de zelar pela vida celestial, um zelo que mantém um homem inteiramente dedicado a si mesmo e que não o levanta, nem mesmo por uma expressão, a santificar o nome de Deus.[127]

Críticos culturais podem expressar pesar pela perda da ética trabalhista protestante e pelo colapso da ética em geral, mas para o evangélico, é a teologia que molda a ética, não o contrário. Uma pessoa se sente tentada a gozar o fruto sem reconhecer a árvore, mas os cristãos não podem, como os secularistas, ignorar a teologia da Reforma se desejam recuperar sua grande ética.

Diferentemente, no entanto, nossa ética é freqüentemente interessada em si mesma e tem pouco que ver com o relacionar-se com qualquer outra pessoa

[127] João Calvino, *in A Reformation Debate,* org. por João Calvino e Jacopo Sadoleto, (Grand Rapids: Baker, 1976), p. 58.

além de nós mesmos, a não ser que o "testemunho" seja considerado por meio da oração em restaurantes públicos e da certeza de que ninguém sabe que você assiste a filmes censurados. Muitas vezes separamos nossa vida em compartimentos "espiritual" e "secular", em vez de ver toda a vida como o teatro da glória de Deus. Dos puritanos ingleses, o teórico político Michael Waltzer escreve que "os santos foram responsáveis pelo seu mundo – como os homens medievais não o foram – e responsáveis acima de tudo por sua reforma contínua. Suas atividades entusiastas e com propósito eram parte de sua vida religiosa, não algo distinto e separado".[128]

Tom Wolfe disse à *Time*, "Esta é a década da febre do dinheiro. Não é uma década passível de produzir figuras heróicas". Vamos provar que Wolfe está errado.

[128] Michael Waltzer, *A Revolution of the Saints* (Cambridge: Harvard Univ. Press, 1965), p. 12.

CAPÍTULO DOZE
BOAS-NOVAS PARA OS TRANSGRESSORES DA LEI

Mas, ao que não trabalha, porém crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é atribuída como justiça.

"Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego" (Romanos 1.16). Com essa declaração de sua própria confiança pessoal na mensagem cristã, o apóstolo Paulo começa sua difícil viagem, conduzindo-nos aos picos alpinos da revelação bíblica através do que é indiscutivelmente o livro mais importante da Bíblia. Foi essa carta aos Romanos que trouxe reforma e reavivamento por toda a história da igreja, preocupando os poderes e as autoridades opostos à pregação clara da cruz. Esse livro tem trazido conforto à consciência daqueles de coração partido e consternação àqueles que iriam tiranizar as consciências da fé cristã com ameaças de ira mesmo depois que os furiosos trovões da lei foram silenciados por aquela escura tarde de sexta-feira fora do coração de Jerusalém, quando Deus substituiu por seu próprio Filho inocente todos os crentes.

Essa, precisamente, é a razão pela qual Paulo não se envergonha do evangelho, porque "a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé" (v. 17). Na lei, a justiça *de* Deus é revelada, uma justiça que condena toda a nossa pretensa justiça como "trapos de imundícia". Mas no evangelho, uma justiça *proveniente de* Deus, isto é, um dom de justiça, é revelada. Deus não apenas nos mostra o quão justos devemos ser a fim de sermos salvos (na lei), mas ele, de fato, nos concede a própria condição de justiça perfeita e santidade, e isso é conhecido apenas no evangelho.

EM PRIMEIRO LUGAR, AS NOTÍCIAS RUINS...

De acordo com Deuteronômio 27.26, todo aquele que não obedece a tudo o que discutimos neste estudo dos Dez Mandamentos está sob uma maldição. Conseqüentemente, Paulo começa a epístola aos Romanos explicando o modo como os judeus estão condenados pela lei escrita nas tábuas de pedra, e os gentios pela lei escrita na consciência por meio da criação. Todos sabem que há

um juiz supremo que faz com que as pessoas prestem contas de seus pecados.

Os gentios suprimem a verdade sobre si mesmos e sobre a ira de Deus tentando apagar as impressões digitais de Deus da imagem divina impressa neles. Eles adoram a criatura em vez do Criador, trocam a verdade pela mentira e causam desordem na ordem criada por Deus (o homossexualismo é especialmente citado) numa tentativa de refazer o mundo segundo sua própria impiedade para que possam considerá-la "normal". Desse modo, eles se convencem de que não há nada com que se preocupar – que qualquer deus que exista os aprova e não os considera culpados.

Contudo, Paulo em seguida volta as armas da lei dos gentios para os judeus: "Portanto, és indesculpável, ó homem, quando julgas, quem quer que sejas; porque, no que julgas a outro, a ti mesmo te condenas; pois praticas as próprias coisas que condenas" (2.1). Em outras palavras, ao julgar os outros por suas violações dos mandamentos revelados de Deus, os judeus estavam admitindo que conheciam a lei de um modo ainda mais claro e, por essa razão, eram ainda menos desculpáveis. O que o julgamento dos pagãos realizou não foi estabelecer a justiça do povo de Deus em contraste com a ilegalidade dos gentios, mas apenas fez com que os judeus fossem ainda mais responsáveis, uma vez que praticavam os mesmos pecados, embora alegassem ser santos. Paulo os assegura de que eles não escaparão do julgamento de Deus mais do que os gentios (v. 3).

Assim, todo o mundo se encontra condenado, uma vez que "tanto judeus como gregos, estão debaixo do pecado... Não há justo, nem um sequer, não há quem entenda, não há quem busque a Deus: todos se extraviaram, à uma se fizeram inúteis; não há quem faça o bem, não há nem um sequer" (3.9-12). Deus, por essa razão, edita as ameaças da lei, "para que se cale toda boca, e todo o mundo seja culpável perante Deus, visto que ninguém será justificado diante dele por obras da lei, em razão de que pela lei vem o pleno conhecimento do pecado" (vv. 19-20). Em outras palavras, o propósito da lei é nos lembrar de quão corrompidos nós somos.

É fácil para nós, assim como aos judeus antigos, assumirmos que porque temos a Bíblia, a igreja, os valores judeu-cristãos e similares, somos justos, santos e bons. Os ímpios são aqueles que promovem valores seculares. Mas aqui o apóstolo Paulo nos iguala exatamente como fez com seus próprios compatriotas. Afinal, praticamos os mesmos pecados. A única diferença é que nossas alegações (muitas vezes hipócritas) de aderência aos valores tradicionais nos acusa em vez de nos desculpar. Em vez de mostrarmos que Deus está do nosso lado, ela nos mostra que Deus tem ainda mais razões para nos condenar, porque alegamos conhecer mais e fingimos fazer melhor, enquanto, de fato, nos

engajamos nos mesmos pecados que o nosso próximo incrédulo.

Assim, a lei surge para dizer a todos nós que "não há quem faça o bem, não há nem um sequer" diante dos olhos puros daquele que pode ver sujeira em coisas que consideramos puras e santas. Aquele que confia em sua própria justiça sabe quem são os ímpios: homossexuais, feministas, pornógrafos, humanistas seculares, pessoas que defendem o aborto e assim por diante. Mas se o nosso Senhor estava certo no seu Sermão do Monte, todos nós somos adúlteros, fornicadores, assassinos, falsas testemunhas, ladrões, ambiciosos, falsos adoradores, blasfemadores e egoístas. Nessa tradição, Paulo nos assegura que a lei prende a todos nós na mesma cela junto com criminosos comuns, sem levar em consideração os nossos protestos quanto à nossa própria santidade. Como vimos a partir das pesquisas de Barna, até mesmo os cristãos mais evangélicos crêem que se conformam aos Dez Mandamentos. É de se surpreender, então, que a maioria não possa nomear mais do que cinco deles. Se alguma vez nossa geração conhecer o poder do evangelho, terá primeiramente de conhecer sua própria impotência contra as ameaças da exigência de Deus pela perfeição, santidade interior de coração e vida. Deus não exige o *nosso* melhor, mas *o seu* melhor, isto é, simplesmente a justiça original na qual fomos criados.

JUSTIFICAÇÃO: SER *DECLARADO* JUSTO

Uma vez na posição na qual percebemos que não podemos recriar aquela justiça original – mesmo com a ajuda de Deus – estamos prontos para as boa s-novas e para as palavras de absolvição do Salvador: "Sua culpa foi tirada e seus pecados perdoados". Aí é precisamente onde Paulo retoma:

> Mas agora, sem lei, se manifestou a justiça de Deus testemunhada pela lei e pelos profetas; justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo, para todos *e sobre todos* os que crêem; porque não há distinção, pois todos pecaram e carecem da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus. (3.21-14).

Só dessa forma Deus poderia ser ambos "justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus" (v. 26). Conseqüentemente, não há lugar para a vangloria porque, "o homem é justificado pela fé, independentemente das obras da lei"

(v. 28). Abraão é chamado para o lugar das testemunhas para testificar da justificação só pela graça por meio apenas da fé. Recebemos o dom da justiça, não como uma recompensa, como se pudéssemos fazer qualquer coisa que obrigasse Deus a responder na mesma moeda, mas por desistirmos da nossa própria atuação. "Mas, ao que não trabalha, porém crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é atribuída como justiça" (4.5). Esta é a frase importante: "naquele que justifica *o ímpio*". Como Deus pode declarar justos aqueles que são injustos e, na verdade, ímpios? Como ele pode dizer algo sobre nós que não é verdade?

Aqui é onde os fariseus dos dias de Jesus deixaram de entender o evangelho (Lucas 18.9-14), assim como os judaizantes (Gálatas 3.10-14), a igreja medieval, e todos hoje – católicos e protestantes – que vêem seu relacionamento com Deus primeiramente em termos de transformação moral. Tais pessoas sempre têm insistido que Deus não pode nos declarar justos até que nos tornemos realmente justos. Como Wesley defendeu, "Oh, informe-os (os calvinistas) de que se eles permanecerem injustos, a justiça de Cristo não irá beneficiá-los em nada!"[129]

A frase de Lutero captura o pensamento paulino: *simul iustus et peccator*, "simultaneamente justificado e pecador". Em outras palavras, o cristão deve crer, na autoridade da promessa de Deus na Palavra, que ele ou ela é justo por causa da obediência de outra pessoa à lei e satisfação de suas violações dela. Se estamos em Cristo, Deus nos considera como se nunca houvéssemos pecado e, na verdade, como se já tivéssemos obedecido perfeitamente à lei. Isso é um fato, uma declaração de uma vez por todas que não é, de forma alguma, dependente de nossa própria atuação. Mas os moralistas de todas as épocas têm achado impossível crer nisso. Um estudioso evangélico contemporâneo escreve, "Mas isso pode acontecer realmente – santo e pecador simultaneamente? Gostaria que fosse.... *Simul iustus et peccator*? Espero que seja verdade! Simplesmente temo que não seja".[130]

Estamos convencidos de que nossa justiça deve se encaixar em algum lugar nesse assunto. Deus não pode prover toda a justiça porque isso seria injusto. Esse é o modo como raciocinamos, mas o evangelho, diferentemente da lei, não é algo que podemos aprender a partir da razão ou da natureza. Ele procede apenas da revelação divina, de nenhum outro lugar além da Palavra escrita de Deus. Na verdade, enquanto a lei faz sentido, o evangelho é "loucura para os que se perdem" (1 Coríntios 1.18).

---

[129] João Wesley, *Works*, org. por Albert C. Outler (Oxford: Oxford Univ. Press, 1964), 1:127.

[130] Russel Spittler, in *Christian Spirituality*, org. por Donald Alexander (Downers Grove, Ill. InterVarsity), 1988, p. 84.

Quem já ouviu falar de uma pessoa ser declarada "inocente" mesmo quando ela continua a cometer crimes? Como pode a obediência à lei de uma pessoa ser creditada a um transgressor da mesma? Ao grau em que tentamos fazer com que o método de Deus de salvar pecadores seja mais aceitável à mente pecaminosa, a esse grau isso será outro evangelho que não o evangelho de Jesus Cristo.

Assim, a partir de Gênesis 15.6, onde Abraão "creu no SENHOR, e isso lhe foi imputado para justiça", para Jesus, o pecador que clamou, "Ó Deus, sê propício a mim, pecador", "desceu justificado para sua casa" em vez do fariseu que agradeceu a Deus porque ele não era como os outros (Lucas 18.13-14), para Paulo e para os outros apóstolos, a idéia principal é que Deus justifica pecadores, não *fazendo-os* santos, mas *declarando-os* santos embora eles nunca cheguem a viver à altura dessa declaração neste lado do céu. O cristão, por essa razão, vive pela promessa, não pela visão. Ele sabe que o que Deus disse é verdade, mesmo se ela não se adapta à sua própria experiência. Um dia seremos glorificados quando veremos a Deus pela primeira vez "como ele é", face a face.

Assim, Paulo argumenta em Romanos 5 que Adão era a cabeça central ou porta-voz representativo de toda a raça humana. Exatamente como Thomas Jefferson representou todos os futuros norte-americanos na sua Declaração de Independência, assim Adão representou todos os seus descendentes. Nascemos pecadores, com a imputação tanto da culpa de Adão (uma vez que, em algum sentido, estávamos com ele, unidos com ele em seu pecado) quanto com a corrupção da sua natureza. Mas em Cristo, somos tirados do pacto das obras, pelo qual somos julgados transgressores da leis e sentenciados ao julgamento – desde o nascimento – e conduzidos ao pacto da graça. Adão, nosso cabeça pactual, nos arruinou pela sua desobediência, mas Cristo, o segundo Adão, nos resgatou pela sua obediência. Assim como a culpa de Adão nos é imputada mesmo à parte de nossas próprias ações pessoais, assim a justiça de Cristo nos é imputada mesmo à parte de nossas ações pessoais. Isso é justificação. Mas, além disso, assim como a corrupção de Adão nos foi transmitida, assim também em Cristo recebemos uma nova vida, resultando em justiça real, atos pessoais de obediência fluindo de um coração renovado. Isso é santificação.

"Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante?"

SANTIFICAÇÃO: SER *FEITO* JUSTO

No final da principal seção de Paulo sobre justificação, o apóstolo antecipa a reação mais provável: "Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante?" (Romanos 6.1). Afinal, ele havia acabado de dizer, "onde abundou o pecado, superabundou a graça" (5.20). Certamente essa é uma receita para rebeldia. Se as pessoas não sentem que ainda podem ser condenadas por seus pecados – especialmente os grandes – o que as impede de dizer, "Eu tenho o meu seguro contra fogo, e agora vou viver qualquer tipo de vida que eu queira"? Martyn Lloyd-Jones observou que se, depois da nossa apresentação do evangelho da graça livre de Deus, não ouvirmos a mesma crítica levantada, não pregamos realmente o evangelho.

Um dos alunos de Lutero perguntou-lhe, "Se o que o senhor está dizendo for verdade, então podemos viver como queremos?" ao que Lutero respondeu, "Sim. Agora, o que você quer?" Assim como Jesus argumentou que era a árvore que produzia o fruto, assim Paulo aqui argumenta que é a aceitação incondicional de Deus que produz a mudança real, não o contrário. Assim Paulo muda a discussão do que Deus faz em Cristo *por* nós e *fora de* nós (justificação) para o que ele faz em Cristo *dentro* de nós. Deus ainda tem de justificar alguém que ele deixa não-convertido. O mesmo Deus que concede a uma pessoa "morta em delitos e pecados" (Efésios 2.1) a vida para crer e confiar em Cristo para sua justificação, também concede a fé para aquela pessoa crescer em Cristo e confiar nele para sua santificação e perseverança na fé (Filipenses 1.6).

Deus não apenas justifica; ele santifica. Esses dois conceitos devem ser claramente distintos para que não nos enganemos novamente confundindo a declaração de justiça de Deus por decreto legal com o processo de fazer-nos justos. Contudo, também não devemos separar essas ações divinas. Uma é um pronunciamento que se baseia na obra consumada de Cristo; a outra é um processo, que se baseia na obra consumada de Cristo; mas ambas pertencem a cada crente apenas pela graça, por meio da mesma fé simples que Deus nos dá para confiarmos em Cristo. Por meio desta fé, temos a segurança de que somos justos em Cristo, embora não percebamos isso em nós mesmos, e, por meio dessa mesma fé, somos assegurados de que a vida de Cristo flui através de nós, santificando-nos, assim como a vida da videira produz a forma, cor. saúde e vitalidade dos ramos.

Essa é a razão pela qual Paulo responde à questão, "Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante?" (Romanos 6.1) em termos tão fortes:

> De modo nenhum! Como viveremos ainda no pecado, nós os que para ele morremos? Ou, porventura, ignorais que todos nós que fomos batizados em Cristo Jesus fomos batizados na sua morte? Fomos, pois, sepultados com ele na morte pelo batismo; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida.
>
> Porque, se fomos unidos com ele na semelhança da sua morte, certamente, o seremos também na semelhança da sua ressurreição, sabendo isto: que foi crucificado com ele o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos; porquanto quem morreu está justificado do pecado. (vv. 2-7)

O que o apóstolo está dizendo é isto: Duas coisas são verdadeiras em você pela fé em Cristo. Primeira, você *é* justificado. Isto é, Deus o declarou justo à parte de suas obras. Segunda, você está *sendo* santificado porque você não foi apenas liberto da culpa de seu pecado, mas do seu poder consumidor e tirania também. Ele não mais controla você porque Cristo providenciou o seu destronamento.

Muitos de nós estamos familiarizados com livretos que descrevem as duas opções para o crente. No primeiro círculo, o ego está no trono; no segundo, Cristo. "Em qual círculo você se encontra?", o livreto pergunta ao crente. Muitos têm sustentado, de forma similar, o que veio a ser chamado de ensino do "cristão carnal"; isto é, a idéia de que o cristão pode ser salvo da culpa do pecado e, assim, receber a garantia da salvação embora a mesma pessoa não seja livre do governo do pecado. Uma pessoa pode conhecer a Cristo como Salvador mas não aceitá-lo como Senhor. Desse modo, a meta do pregador nesse tipo de sistema é fazer com que a pessoa faça uma segunda decisão, dessa vez "permitindo" que Jesus obtenha vitória sobre o domínio do pecado.

Mas, de acordo com a declaração de Paulo em Romanos 6, *cada* crente está no mesmo círculo, com Cristo no trono! Observe que Paulo não constrange os romanos a entrarem em uma vida mais elevada, a obterem vitória sobre o pecado, ou a viverem "uma vida cristã vitoriosa". Ele diz que tudo isso já foi alcançado pelo crente em Cristo e é dado de uma vez por todas ao crente por

meio da fé. No momento em que Deus concede fé ao pecador, a culpa *e* o controle do pecado são ambos imediata e completamente conquistados. O crente nunca mais deve se preocupar em ser julgado pelos seus pecados ou ser controlado por eles. Nós não alcançamos a vitória: Cristo já o fez! Assim, Paulo diz, nós *morremos* para o pecado; nossa natureza pecaminosa *foi* crucificada com Cristo; fomos *ressuscitados* com Cristo. " quem *morreu está justificado* do pecado" (v. 7, itálico adicionado). Ele não nos chama para morrer para o pecado e viver para Cristo, mas antes "considerai-vos [reconhecer, admitir] mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus" (v. 11).

Voltamos, aqui, para um ponto que colocamos na abertura do capítulo: a distinção entre o *indicativo* e o *imperativo*. De acordo com o indicativo, já somos santos em Cristo; o pecado já foi destronado; já somos mortos para o pecado, enterrados e ressurrectos em nova vida, estamos sentados com Cristo nos lugares celestiais. Porque isso *já* é verdade sobre nós, de acordo com a promessa de Deus, e não dependente de nossas próprias decisões ou esforços, devemos obedecer os imperativos colocados para nós nas Escrituras. Por exemplo, Paulo diz em Colossenses 3.12, "*Revesti*-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de ternos afetos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de longanimidade" (itálico adicionado). Ele não diz, "Enquanto tentais tornarem-se povo de Deus e buscais entrar na santidade e amor de Deus", façam isso e aquilo. Não nos *tornamos* por fazermos ou entrarmos, rendermo-nos ou obtermos vitória. Por causa da vitória *de Cristo*, já somos vitoriosos; não somos chamados para obtermos vitória, mas para vivermos à luz dela.

Pense em todos os modos em que Paulo poderia ter respondido à crítica de que essa doutrina conduziria à rebeldia. Ele poderia ter respondido, "De modo algum! Não sabeis que aqueles que não colocam Jesus no trono de suas vidas nunca poderão experimentar o gozo real e a satisfação que vem pelo fazer a vontade de Deus?" Ou, em outro apelo para a felicidade do homem em vez do que Deus fez para sua própria glória em Cristo, "De modo algum! Não sabeis que se não subjugares o pecado em vossa vida e deixares Jesus assumir o controle, falhareis novamente sob o julgamento de Deus?" Ou, na mesma veia, "De modo algum! Como podem os que não morreram ainda para o pecado desfrutarem das recompensas na próxima vida?"

Mas, contra tudo isso, Paulo declara que *morremos* para o pecado e já desfrutamos de todas as bênçãos espirituais em Cristo enquanto ansiamos pelo dia em que devemos experimentar completamente a liberdade não apenas da tirania do pecado, mas da sua própria presença em nossa vida.

E ainda, essa vitória não é a única coisa verdadeira sobre nós. Assim como o leitor pode concluir erroneamente, depois da discussão de Paulo sobre justificação, que uma pessoa pode viver em pecado sem medo, assim também pode concluir erroneamente depois da declaração de Paulo "quem morreu está justificado do pecado" (Romanos 6.7), que o crente é aperfeiçoado em santificação no momento em que crê. Em outras palavras, uma pessoa pode inferir, "Se estou realmente unido com Cristo, não mais cometerei pecados". Mas, novamente, Paulo está pronto com uma resposta para tal conclusão, e como um pastor cuidadoso, usa suas próprias falhas como ilustração:

> ...Por conseguinte, a lei é santa; e o mandamento, santo, e justo, e bom.
>
> Acaso o bom se me tornou em morte? De modo nenhum!...
>
> Porque bem sabemos que a lei é espiritual; eu, todavia, sou carnal, vendido à escravidão do pecado. Porque nem mesmo compreendo o meu próprio modo de agir, pois não faço o que prefiro, e sim o que detesto. Ora, se faço o que não quero, consinto com a lei, que é boa.... Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum, pois o querer o bem está em mim; não, porém, o efetuá-lo. Porque não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço.
>
> Então, ao querer fazer o bem, encontro a lei de que o mal reside em mim. Porque, no tocante ao homem interior, tenho prazer na lei de Deus; mas vejo, nos meus membros, outra lei que, guerreando contra a lei da minha mente, me faz prisioneiro da lei do pecado que está nos meus membros.
>
> Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?
>
> Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor. De maneira que eu, de mim mesmo, com a mente, sou escravo da lei de Deus, mas, segundo a carne, da lei do pecado. (7.12-25)

Muitos têm argumentado que Paulo devia estar falando de sua experiência pré-conversão, uma vez que parece inadequado para um apóstolo referir-se a si mesmo como "carnal, vendido à escravidão do pecado", e encontrar-se caindo nos mesmos pecados repetidamente. Mas, por mais incongruente que essa passagem possa parecer junto ao otimismo de Romanos 6, Paulo diz que mesmo quando ele se engaja em pecados, este é contrário ao seu compromisso mais profundo com a lei de Deus. Ele, na realidade, declara que ama a lei de Deus e tem prazer nela. Porém, declara no próximo capítulo que "o pendor da carne é inimizade contra Deus, pois não está sujeito à lei de Deus, nem mesmo pode estar" (8.7). Além disso, em 1 Coríntios 2.14, "o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente". Assim, a experiência de Paulo é claramente a experiência de alguém que tem o Espírito de Deus, e é o próprio fato de possuir o Espírito que faz com que Paulo esteja tão frustrado com sua condição. O incrédulo não se perturba com a sua transgressão, mas Paulo aqui está horrorizado com as suas próprias falhas precisamente porque ele ama a lei e tem prazer nela. Além disso, Paulo aqui escreve no presente, e usa regularmente outros tempos nas passagens vizinhas; conseqüentemente, não haveria razão para usar o tempo presente aqui se não estivesse descrevendo um experiência em andamento.

Por que tudo isso é importante? Qualquer pessoa que luta como crente com hábitos, comportamentos e desejos pecaminosos sabe a razão da importância. Longe de promover algum tipo de perfeccionismo, Paulo usa seu testemunho quanto às próprias falhas como um exemplo do realismo que devemos ter na vida cristã. Uma pessoa não pode crescer verdadeiramente em Cristo a não ser que esteja preparada para as falhas. Quando elas surgem, como inevitavelmente surgirão, o cristão deve saber a razão pela qual surgiram e não se desiludir com o evangelho simplesmente por causa dos esquemas excessivamente otimistas de vida vitoriosa. Em seu lugar, deve simplesmente reconhecer o perdão de Deus e prosseguir na força do Espírito Santo.

Portanto, conquanto sejamos novas pessoas, batizadas numa nova identidade, ramos selvagens enxertados numa nova videira, ainda somos as mesmas pessoas que éramos antes. Ainda trazemos conosco as mesmas afeições pecaminosas que tínhamos antes de sermos convertidos. A diferença é que temos um novo coração e nunca podemos amar nossos pecados como amamos a lei de Deus, e isso é o que cria a tensão. Só crentes lutam em suas consciências entre obedecer à lei de Deus e ceder à tentação, porque foram feitos novos e a lei de Deus não é mais meramente gravada em tábuas ou em suas consciências, mas

no próprio coração; em outras palavras, ela é a nova estrutura de suas afeições. Essa é a razão pela qual o *Catecismo de Heidelberg* diz que embora "o mais santo deles [cristãos] faz apenas um pequeno início em obediência nesta vida", contudo "começa com o propósito sério de se conformar não apenas a alguns mas a todos os mandamentos de Deus" (P. 114). Aqui, Romanos 6. e 7 reúnem-se: De um lado, nossa alma inteira, não apenas parte dela, foi convertida, assim não há nenhuma parte de nossa alma que não tenha sido voltada para Deus; porém, sabemos por experiência que essa novidade que penetra nossa alma está em guerra com o inquilino expulso. Aquilo dentro de nós que estava acostumado a reinar, quer seu trono de volta e, embora a vitória de Cristo nos garanta que isso nunca irá acontecer, a guerra não terminará até sermos levados para o lugar onde seremos glorificados e a presença do pecado banida.

Essa é a razão pela qual Paulo, no capítulo 8, volta para seu otimismo anterior. Ele nos assegura de que ele não estava otimista por causa de algo que tenha visto ou necessariamente por sua própria experiência cristã (uma vez que a guerra é freqüentemente desencorajadora), mas por causa da promessa de que Cristo *já* alcançou vitória de uma vez por todas. "Agora, pois", – não em algum momento futuro, quando "entregaremos tudo" – "já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus. Porque a lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus, *te livrou*" – passado novamente – "da lei do pecado e da morte. Porquanto o que fora impossível à lei, no que estava enferma pela carne, isso fez Deus enviando o seu próprio Filho em semelhança de carne pecaminosa e no tocante ao pecado; e, com efeito, condenou Deus, na carne, o pecado" (8.1-3). A lei não pode nos transformar; ela não pode nos salvar; ela não pode nem mesmo ajudar a graça a nos salvar. A lei só pode condenar – não por causa de uma fraqueza nela, mas por causa de nossa própria pecaminosidade. Assim, mesmo na vida cristã, somos sempre conduzidos de volta à cruz.

Algumas vezes pensamos que a lei condena apenas toda a nossa justiça praticada antes da nossa conversão. Agora que somos crentes, raciocinamos muitas vezes, nossas obras devem nos livrar do castigo e fazer com que recebamos recompensas. E, então, a tragédia surge. Quando pensávamos estar mais fortes contra a tentação, subitamente nos achamos embrulhados num pecado no qual havíamos nos envolvido antes de sermos convertidos. O que acontece com todos aqueles testemunhos "antes e depois" de pessoas que foram repentinamente convertidas de uma vida de devassidão para uma vida instantânea de serviço? *Certamente não devo ser convertido*, raciocinamos.

Mas quando nossa consciência concorda com a lei que somos ímpios e injustos, devemos buscar o veredito de Deus em Cristo: "Aquele que não co-

nheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus" (2 Coríntios 5.21). As boas-novas são para os crentes também. Não apenas os incrédulos podem ser salvos de sua culpa e vergonha; mesmo os crentes que retornam de seus pecados podem ser perdoados. Nosso Deus não é um Deus mesquinho com sua graça; não está economizando seu perdão mas é mais ansioso em revestir-nos na justiça de Cristo do que somos capazes de sermos revestidos dela.

O *Catecismo de Heidelberg* faz uma pergunta importante nesse ponto. Depois de deixar claro a partir da Escritura que mesmo os melhores cristãos nesta vida fazem apenas um pequeno início na santidade, ele pergunta, "Por que, então, quer Deus que os dez mandamentos sejam pregados tão rigorosamente, já que ninguém pode guardá-los nesta vida?" Em resposta, ele diz, "Primeiro, para nos tornarmos, durante toda a nossa vida, cada vez mais conscientes da nossa pecaminosidade, e assim buscarmos mais ardentemente o perdão dos pecados e a justiça em Cristo. Segundo, para podermos, constante e diligentemente, orar a Deus pela graça do Espírito Santo, para podermos ser mais e mais renovados segundo a imagem de Deus, até atingirmos o alvo da plena perfeição depois desta vida".

Em primeiro lugar, precisamos constantemente ouvir a lei de Deus, a despeito de nosso fracasso em nos conformarmos a ela, para que nunca nos esqueçamos de correr para Cristo. Imagine se o crente pudesse se conformar às exigências da lei nesta vida, ele iria se inclinar em descansar cada vez mais em sua própria justiça. Uma vez que é apenas a justiça perfeita de Cristo, e não nossas aproximações, que Deus aceita, nossa santidade nesse cenário seria condenável. Mesmo o crente precisa ser lembrado que suas melhores obras são manchadas com pecado, e uma pessoa nunca avança à posição onde pode começar a ser qualificada por suas próprias obras diante de Deus. Não apenas nossa justificação, mas também a nossa santificação, dependem da justiça de Cristo e nunca da nossa habilidade de manter a lei – de Deus ou do homem; os Dez Mandamentos ou os Dez Passos para a Vitória.

Segundo, a lei deve ser pregada em toda a sua perfeição, nunca rebaixada aos nossos padrões, a fim de que sejamos atraídos a orar para que o Espírito de Deus nos conforme mais à imagem de Cristo e vivamos cada dia em antecipação ardente pelo grande dia quando seremos capazes de amar a Deus e ao próximo como a lei comanda.

"Até então, Senhor Jesus, vem depressa!"

APÊNDICE

INTRODUÇÃO

Muitos crentes modernos são dissuadidos pelo termo *catecismo*. Contudo, a palavra significa simplesmente "guia de instrução". Os cristãos, desde os primeiros dias da igreja, têm achado necessário tirar da Escritura os principais pontos e ordená-los de modo sistemático, na forma de perguntas e respostas, a fim de que pudessem passar através das gerações pelo menos um conhecimento básico da fé. Durante o culto do domingo de manhã, a pergunta e a resposta para a semana seriam lidos; então, no culto vespertino, o sermão seria um estudo daquele ensino por toda a Escritura. Por toda a semana, normalmente na mesa do jantar, os pais conduziriam seus filhos em uma discussão do tema e se assegurariam que eles estariam memorizando a pergunta, a resposta e os versículos de apoio.

Se formos além do termo *catecismo*, podemos ver que a idéia faz bastante sentido. Os judeus usavam exatamente esse método para aprenderem as Escrituras, e cristãos seguiram o processo, incluindo evangélicos, até que as pressões da vida moderna e o fato de a doutrina ser subestimada em geral os levaram a abandonar esses manuais de ensino. Abaixo, você encontrará uma amostra do *Catecismo de Heidelberg*, um dos catecismos da Reforma que buscava trazer a unidade entre os evangélicos alemães. Este é seguido por uma seleção do *Catecismo Breve de Westminster*. O leitor é encorajado a ver também os catecismos maior e menor de Lutero.

Minha oração é que o ensino regular dos catecismos *no lar* seja restaurado como um remédio para a ignorância bíblica, a degeneração do significado espiritual da família e para a educação dos filhos da aliança no temor e na admoestação do Senhor.

Os textos usados nestes apêndices são os seguintes:

Para o *Catecismo de Heidelberg*, a tradução que aparece no *Ecumenical Creeds and Reformed Confessions*, editado pela The Christian Reformed Church (Grand Rapids: CRC Publication, 1987); Copyright 1987 pela CRC Publications.

Para o *Catecismo Breve de Westminster*, o texto publicado pelo Serviço da *General Assembly*, The United Presbyterian Church (Nova Iorque, 1970).[NT]

[NT] Em Português, para o *Catecismo de Heildelberg*, a tradução que aparece em A Constituição da Igreja Presbiteriana Unida dos Estados Unidos da América, Parte I do Livro de Confissões, publicado e distribuído pela Missão Presbiteriana do Brasil Central (Cx. P. 1596, São Paulo, SP).

SELEÇÃO DO CATECISMO DE HEIDELBERG

DIA DO SENHOR 32

86 P. Se somos libertados de nossa miséria e de suas conseqüências miseráveis pela graça por meio de Cristo, sem qualquer mérito nosso, por que devemos praticar boas obras?

R. Porque, no momento em que Cristo nos redimiu com o seu sangue, ele nos renovou também pelo seu Espírito segundo a sua própria imagem, para que, com toda a nossa vida nós nos mostremos gratos a Deus pela sua bondade[1] e para que ele seja exaltado por nós[2]; e, mais ainda, para que nós mesmos estejamos seguros da nossa fé pelos seus frutos[3], e pelo reverente procedimento ganhemos os nossos semelhantes para Cristo.[4]

1. Rm 6.13; 12.1-2; 1Pe 2.5-10.
2. Mt 5.16; 1Co 6.19-20.
3. Mt 7.17-18; Gl 5.22-24; 2Pe 1.10-11.
4. Mt 5.14-16; Rm 14.17-19; 1Pe 2.12; 3.1-2.

87 P. Podem ser salvos os que não se convertem a Deus, deixando sua vida impenitente e ingrata?

R. De maneira nenhuma! A Escritura diz: "Não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus? Não vos enganeis: nem impuros, nem idólatras, nem adúlteros, nem efeminados, nem sodomitas, nem ladrões, nem avarentos, nem bêbados, nem maldizentes, nem roubadores herdarão o reino de Deus".[1]

1. 1Co 6.9-10; Gl 5.19-21; Ef 5.1-20; 1Jo 3.14.

DIA DO SENHOR 33

88 P. Quantas partes há no verdadeiro arrependimento ou conversão do homem?

R. Duas partes: a morte do homem velho e o nascimento do novo.[1]

1. Rm 6.1-11; 2Co 5.17; Ef 4.22-24; Cl 3.5-10.

89 P. Que é a morte do homem velho?

R. Tristeza de coração pelos nossos pecados e crescente ódio a eles e fuga deles.[1]

1. Sl 51.3-4, 17; Jl 2.12-13; Rm 8.12-13; 2Co 7.10.

90 P. Que é o nascimento do homem novo?

R. Alegria de coração em Deus através de Cristo[1] e um forte desejo de viver segundo a vontade de Deus em todas as boas obras.[2]

1. Sl 51.8, 12; Is 57.15; Rm 5.1; 14.17.
2. Rm 6.10-11; Gl 2.20.

91 P. Mas, que são boas obras?

R. Somente as que são praticadas de verdadeira fé[1], de acordo com a Lei de Deus[2] e para sua glória[3]; não as que se fundamentam em nossa própria opinião ou nas tradições dos homens.[4]

1. Jo 15.5; Hb 11.6.
2. Lv 18.4; 1Sm 15.22; Ef 2.10.
3. 1Co 10.31.
4. Dt 12.32; Is 29.13; Ez 20.18-19; Mt 15.7-9.

DIA DO SENHOR 34

92 P. Que é a Lei de Deus?

R. Deus pronunciou todas estas palavras, dizendo:

PRIMEIRO MANDAMENTO

"Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão. Não terás outros deuses diante de mim".

SEGUNDO MANDAMENTO

"Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não as adorarás, nem lhes darás culto; porque eu sou o Senhor teu Deus, Deus zeloso, que visito a iniqüidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem, e faço misericórdia até mil gerações daqueles que me amam e guardam os meus mandamentos".

TERCEIRO MANDAMENTO

"Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão, porque o Senhor não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão".

QUARTO MANDAMENTO

"Lembra-te do dia de sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás, e fará toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus; não farás

nenhum trabalho, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o forasteiro das tuas portas para dentro; porque em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há, e ao sétimo dia descansou: por isso o Senhor abençoou o dia de sábado, e o santificou".

QUINTO MANDAMENTO

"Honra a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor teu Deus te dá".

SEXTO MANDAMENTO

"Não matarás".

SÉTIMO MANDAMENTO

"Não adulterarás.

OITAVO MANDAMENTO

"Não furtarás".

NONO MANDAMENTO

"Não dirás falso testemunho contra o teu próximo".

DÉCIMO MANDAMENTO

"Não cobiçarás a casa do teu próximo. Não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma que pertença ao teu próximo".[1]

1. Êx 20.1-17; Dt 5.6-21.

93 P. Como se dividem estes mandamentos?

R. Em duas tábuas, a primeira das quais ensina-nos, em quatro mandamentos, como devemos proceder em relação a Deus; a outra, em seis mandamentos, o que devemos ao nosso próximo.[1]

1. Mt 22.37-39.

94 P. Que é que Deus requer no primeiro mandamento?

R. Que eu, pelo perigo de perder a salvação da minha alma e a bem-aventurança, evite e fuja a toda idolatria[1], magia, encantamentos[2], invocação dos santos ou de outras criaturas[3]. E que eu reconheça devidamente o único

verdadeiro Deus[4], confie somente nele[5], com toda humildade[6] e paciência[7] espere somente dele todas as coisas[8], que eu o ame[9] e tema[10] e honre[11] de todo o meu coração. E também que eu prefira renunciar a todas as criaturas a fazer a menor coisa contra a sua vontade.

1. 1Co 6.9-10; 10.5-14; 1Jo 5.21.
2. Lv 19.31; Dt 18.9-12.
3. Mt 4.10; Ap 19.10; 22.8-9.
4. Jo 17.3.
5. Jr 17.5, 7.
6. 1Pe 5.5-6.
7. Cl 1.11; Hb 10.36.
8. Sl 104.27-28; Tg 1.17.
9. Mt 22.37 (Dt 6.5).
10. Pv 9.10; 1Pe 1.17.
11. Mt 4.10 (Dt 6.13).
12. Mt 5.29-30; 10.37-39.

95 P. Que é idolatria?

R. É imaginar ou possuir alguma coisa em que depositar confiança, em lugar do verdadeiro Deus, ou paralelamente a ele, que se revelou a si mesmo em sua Palavra.[1]

1. 1Cr 16.26; Gl 4.8-9; Ef 5.5; Fp 3.19.

DIA DO SENHOR 35

96 P. Que é que Deus requer no segundo mandamento?

R. Que não o representemos[1] ou adoremos de nenhuma outra maneira que ele não tenha ordenado em sua Palavra.[2]

1. Dt 4.15-19; Is 40.18-25; At 17.29; Rm 1.23.
2. Lv 10.1-7; 1Sm 15.22-23; Jo 4.23-24.

97 P. Não devemos, então, em hipótese alguma, fazer nenhuma imagem?

R. Deus não pode e não deve ser representado de maneira nenhuma. Quanto às criaturas, embora possam na verdade ser representadas, Deus proíbe fazer ou ter qualquer semelhança delas, com o fim de adorá-las, ou usá-las para servi-lo.[1]

1. Êx 34.13-14, 17; 2Rs 18.4-5.

98 P. Mas, não podem ser tolerados os quadros nas igrejas como se fossem livros para o povo ignorante?

R. Não, pois não devemos pretender ser mais sábios do que Deus, que não quer que o seu povo seja ensinado por meio de ídolos sem vida[1], mas pela pregação viva da sua Palavra.[2]

1. Jr 10.8; Hc 2.18-20.
2. Rm 10,14-15, 17; 2Tm 3.16-17; 2Pe 1.19.

DIA DO SENHOR 36

99 P. Que é que se requer no terceiro mandamento?

R. Que não profanemos o nome de Deus, nem dele abusemos pela maldição[1], pelo perjúrio[2] ou por juramentos desnecessários.[3] E que não participemos de tão horríveis pecados, ficando quietos e assim consentindo pelo silêncio.[4] Numa palavra, que usemos o santo nome de Deus, senão com temor e reverência,[5] para que possamos confessá-lo[6] e dirigir-nos a ele como se deve[7] e glorificá-lo com todas as nossas palavras e obras.[8]

1. Lv 24.10-17.
2. Lv 29.12.
3. Mt 5.37; Tg 5.12.
4. Lv 5.1; Pv 29.24.
5. Sl 99.1-5; Jr 4.2.
6. Mt 10.32-33; Rm 10.9-10.
7. Sl 50.14-15; 1Tm 2.8.
8. Cl 3.17.

100 P. É, assim, tão grande o pecado de blasfemar contra o nome de Deus pela maldição e pelo juramento, que está Deus irado também com aqueles que não se esforçam o tanto quanto podem para prevenir e coibir tal coisa?

R. Sim, na verdade[1]; pois não há pecado maior ou que mais provoque sua ira do que a profanação de seu nome. Eis por que ele ordenou que a sua punição seja a morte.[2]

1.Lv 5.1.
2. Lv 24.10-17.

DIA DO SENHOR 37

101 P. Mas não podemos nós, de modo piedoso, fazer juramentos em nome de Deus?

R. Sim, quando as autoridades civis o exigem de seus súditos ou quando, por outro lado, ele se torna necessário para manter e promover a fidelidade e a verdade, para a glória de Deus e o bem-estar de nosso semelhante. O fazer juramento se fundamenta na Palavra de Deus[1] e, portanto, foi corretamente usado pelo povo de Deus sob o Antigo e o Novo Testamento.[2]

1. Dt 6.13; 10.20; Jr 4.1-2; Hb 6.16.
2. Gn 21.24; Js 9.15; 1Rs 1.29-30; Rm 1.9; 2Co 1.23.

102 P. Podemos jurar, também, pelos santos ou outras criaturas?

R. Não; pois o juramento legítimo é invocação de Deus, como o único sondador de corações, para dar testemunho da verdade e para punir-me se eu jurar falso[1]. Nenhuma criatura merece tal honra.[2]

1. Rm 9.11; 2Co 1.23.
2. Mt 5.34-37; 23.16-22; Tg 5.12.

DIA DO SENHOR 38

103 P. Que é que Deus requer no quarto mandamento?

R. Primeiro, que o ministério do Evangelho e a educação cristã sejam mantidos[1] e que eu freqüente diligentemente a igreja, especialmente no dia do Senhor[2], para ouvir a Palavra de Deus[3], para participar dos santos Sacramentos[4], para invocar publicamente o Senhor[5] e para prestar serviço cristão aos que estiverem em necessidade[6]. Segundo, que eu cesse a prática de minhas obras más todos os dias de minha vida, permita que o Senhor opere em mim pelo seu Espírito, e assim comece nesta vida o descanso eterno.[7]

1. Dt 6.4-9, 20-25; 1Co 9.13-14; 2Tm 2.2; 3.13-17; Tt 1.5.
2. Dt 12.5-12; Sl 40.9-10; 68.26; At 2.42-47; Hb 10.23-25.
3. Rm 10.14-17; 1Co 14.31-32; 1Tm 4.13.
4. 1Co 11.23-24.
5. Cl 3.16; 1Tm 2.1.
6. Sl 50.14; 1Co 16.2; 2Co 8-9.
7. Is 66.23; Hb 4.9-11.

DIA DO SENHOR 39

104 P. Que é que Deus requer no quinto mandamento?

R. Que eu tribute honra, amor e fidelidade a meu pai, a minha mãe e a todos que foram colocados em autoridade sobre mim; que me submeta com respeitosa obediência a toda cuidadosa instrução e disciplina deles[1]; e que também suporte com paciência suas falhas[2], pois que é da vontade de Deus governar-nos pelas mãos deles.[3]

1. Êx 21.17; Pv 1.8; 4.1; Rm 13.1-2; Ef 5.21-22; 6.1-9; Cl 3.18-4.1.
2. Pv 20.20; 23.22, 1Pe 2.18.
3. Mt 22.21; Rm 13.1-8; Ef 6.1-9; Cl 3.18-21.

DIA DO SENHOR 40

105 P. Que é que Deus requer no sexto mandamento?

R. Que eu não abuse do meu próximo, não o odeie e prejudique ou o mate – por pensamentos, palavras ou gestos, e muito menos por obras – quer seja por mim mesmo ou por meio de outrem[1], mas remova todo desejo de vingança[2]; e que eu não cause dano a mim mesmo, ou voluntariamente me exponha ao perigo[3]. Esta a razão por que as autoridades estão armadas dos meios para prevenir assassínios.[4]

1. Gn 9.6; Lv 19.17-18; Mt 5.21-22; 26.52.
2. Pv 25.21-22; Mt 18.35; Rm 12.19; Ef 4.26.
3. Mt 4.7; 26.52; Rm 13.11-14.
4. Gn 9.6; Ex 21.14; Rm 13.4.

106 P. Então, trata este mandamento somente de matar?

R. Proibindo o assassínio, Deus deseja ensinar-nos que ele aborrece a raiz do assassínio, que é a inveja, o ódio, a ira e o desejo de vingança[1], e que ele considera todos estes como assassínios secretos.[2]

1. Pv 14.30; Rm 1.29; 12.19; Gl 5.19 21; 1Jo 2.9 11.
2. 1Jo 3.15.

107 P. Será bastante, então, se não matarmos os nossos semelhantes por nenhum destes processos?

R. Não; pois, quando Deus condena a inveja, o ódio e a ira, ele requer que amemos nosso próximo como a nós mesmos[1], que mostremos paciência, paz, gentileza, misericórdia e amizade para com ele[2], que previnamos dano a ele na medida do possível, e também que façamos o bem aos nossos inimigos.[3]

1. Mt 7.12; 22.39; Rm 12.10.
2. Mt 5.3-12; Lc 6.36; Rm 12.10, 18; Gl 6.1-2; Ef 4.2; Cl 3.12; 1Pe 3.8.
3. Ex 23.4-5; Mt 5.44-45; Rm 12.20-21 (Pv 25.21-22).

DIA DO SENHOR 41

108 P. Que é que nos ensina o sétimo mandamento?

R. Que toda falta de castidade é condenada por Deus[1], e que, portanto, devemos, de coração, detestar tal coisa[2] e viver vidas castas e disciplinadas, seja no santo matrimônio ou na vida de solteiro.[3]

1. Lv 18.30; Ef 5.3-5.
2. Jd 22-23.
3. 1Co 7.1-9; 1Ts 4.3-8; Hb 13.4.

109 P. Nada mais proíbe Deus, neste mandamento, que o adultério e semelhantes pecados graves?

R. Se tanto nosso corpo como nossa alma são o templo do Santo Espírito, é vontade dele que conservemos ambos puros e santos. Portanto, ele proíbe todos os atos, os gestos, as palavras, os pensamentos impuros[1], e tudo o que a eles incitar outra pessoa.[2]

1. Mt 5.27-29; 1Co 6.18-20; Ef 5.3-4.
2. 1Co 15.33; Ef 5.18.

DIA DO SENHOR 42

110 P. Que é que Deus proíbe no oitavo mandamento?

R. Proíbe não somente o furto e o roubo, que as autoridades civis punem[1], mas classifica também como roubo todos os artifícios e esquemas ímpios, pelos quais procuramos apropriar-nos, para nós mesmos, dos bens do nosso próximo, seja pela força ou sob pretexto de direito[2], tais como falsos pesos e medidas, anúncios ou mercadorias enganosas, dinheiro falso, juros exorbitantes, ou quaisquer outros meios ilícitos.[3] Proíbe também a cobiça,[4] bem como o mau uso e o desperdício dos seus dons.[5]

1. Êx 22.1; 1Co 5.9-10; 6.9-10.
2. Mq 6.9-11; Lc 3.14; Tg 5.1-6.
3. Dt 25.13-16; Sl 15.5; Pv 11.1; 12.22; Ez 45.9-12; Lc 6.35.
4. Lc 12.15; Ef 5.5.
5. Pv 21.20; 23.20-21; Lc 16.10-13.

111 P. Mas, que é que Deus requer de ti neste mandamento?

R. Que eu trabalhe para o bem do meu próximo em qualquer lugar em que possa e deva, que trate com ele como desejaria que outros me tratassem e, que faça bem o meu trabalho para que eu seja capaz de ajudar os pobres em suas necessidades.[1]

1. Is 58.5-10; Mt 7.12; Gl 6.9-10; Ef 4.28.

DIA DO SENHOR 43

112 P. Que é que se requer no nono mandamento?

R. Que eu não dê falso testemunho contra ninguém, nem torça as palavras de ninguém, ou seja mexeriqueiro ou difamador, ou condene alguém levianamente sem ouvi-lo.[1] Antes, exige-se de mim que, sob pena da ira de Deus, evite toda mentira e engano como obras do próprio Diabo.[2] No judiciário e em todas as demais questões devo amar a verdade, falar a verdade e confessá-la honestamente.[3] Realmente, na medida da minha capacidade, eu devo defender e promover o bom nome do meu próximo.[4]

1. Sl 15; Pv 19.5; Mt 7.1; Lc 6.37; Rm 1.28-32.
2. Lv 19.11-12; Pv 12.22; 13.5; Jo 8.44; Ap 21.8.
3. 1Co 13.6; Ef 4.25.
4. 1Pe 3.8-9; 4.8.

DIA DO SENHOR 44

113 P. Que é que se requer no décimo mandamento?

R. Que jamais entre em nossos corações nem mesmo a menor inclinação ou pensamento contrário a qualquer mandamento de Deus, mas sempre odiemos o pecado de todo o nosso coração e encontremos satisfação e alegria em toda a justiça.[1]

1. Sl 19.7-14; 139.23-24; Rm 7.7-8.

114 P. Mas, podem os que se converteram a Deus, guardar perfeitamente estes mandamentos?

R. Não, pois mesmo os mais santos deles conseguem apenas um pequeno início de obediência nesta vida.[1] Entretanto, começam com o sério propósito de se conformarem não só com alguns, mas com todos os mandamentos de Deus.[2]

1. Ec 7.20; Rm 7.14-15; 1Co 13.9; 1Jo 1.8-10.
2. Sl 1.1-2; Rm 7.22-25; Fp 3.12-16.

SELEÇÃO DO BREVE CATECISMO DE WESTMINSTER

P. 39. Qual é o dever que Deus exige do homem?
R. O dever que Deus exige do homem é obediência à sua vontade revelada.

P. 40. Que revelou Deus primeiramente ao homem como regra de sua obediência?
R. A regra que Deus revelou primeiramente ao homem para sua obediência foi a lei moral.

P. 41. Onde está a lei moral resumidamente compreendida?
R. A lei moral está resumidamente compreendida nos Dez Mandamentos.

P. 42. Qual é o resumo dos Dez Mandamentos?
R. O resumo dos Dez Mandamentos é: amar ao Senhor nosso Deus de todo o nosso coração, de toda a nossa alma, de todas as nossas forças e de todo o nosso entendimento; e ao nosso próximo como a nós mesmos.

P. 43. Qual é o prefácio dos Dez Mandamentos?
R. O prefácio dos Dez Mandamentos está nestas palavras: "Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão".

P. 44. Que nos ensina o prefácio dos Dez Mandamentos?
R. O prefácio dos Dez Mandamentos nos ensina que temos a obrigação de guardar todos os mandamentos de Deus, por ser ele o Senhor nosso Deus e nosso Redentor.

P. 45. Qual é o primeiro mandamento?
R. O primeiro mandamento é: "Não terás outros deuses diante de mim".

P. 46. Que exige o primeiro mandamento?
R. O primeiro mandamento exige de nós o conhecer e reconhecer a Deus como único Deus verdadeiro, e nosso Deus, e como tal adorá-lo e glorificá-lo.

P. 47. Que proíbe o primeiro mandamento?
R. O primeiro mandamento proíbe negar, deixar de adorar ou glorificar ao verdadeiro Deus, como Deus, e nosso Deus, e dar a qualquer outro a adoração e a glória que só a ele são devidas.

P. 48. Que nos ensina, especialmente, pelas palavras "diante de mim", no primeiro mandamento?

R. As palavras, "diante de mim", no primeiro mandamento, nos ensinam que Deus, que vê todas as coisas, toma conhecimento e muito se ofende do pecado de ter-se em seu lugar outro deus.

P. 49. Qual é o segundo mandamento?

R. O segundo mandamento é: "Não farás para ti imagens de escultura, nem figura alguma de tudo o que há em cima no céu, e do que há em baixo na terra, nem de coisa alguma do que haja nas águas, debaixo da terra. Não as adorarás, nem lhes darás culto; porque eu sou o Senhor teu Deus, o Deus zeloso, que vinga a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem, e que usa de misericórdia para com milhares daqueles que me amam e que guardam os meus preceitos".

P. 50. Que exige o segundo mandamento?

R. O segundo mandamento exige que recebamos, observemos e guardemos puros e íntegros todo o culto e ordenanças religiosas que Deus instituiu em sua Palavra.

P. 51. Que proíbe o segundo mandamento?

R. O segundo mandamento proíbe adorar a Deus por meio de imagens, ou de qualquer outra maneira não prescrita em sua Palavra.

P. 52. Quais são as razões anexas ao segundo mandamento?

R. As razões anexas ao segundo mandamento são a soberania de Deus sobre nós, a sua propriedade em nós e o zelo que ele tem pelo seu próprio culto.

P. 53. Qual é o terceiro mandamento?

R. O terceiro mandamento é: "Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão, porque o Senhor não terá por inocente aquele que tomar em vão o nome do Senhor seu Deus".

P. 54. Que exige o terceiro mandamento?

R. O terceiro mandamento exige o santo e reverente uso dos nomes, títulos e atributos, ordenanças, palavras e obras de Deus.

P. 55. Que proíbe o terceiro mandamento?

R. O terceiro mandamento proíbe toda profanação ou abuso de quaisquer coisas por meio das quais Deus se faz conhecer.

P. 56. Qual é a razão anexa ao terceiro mandamento?

R. A razão anexa ao terceiro mandamento é que, embora os transgressores deste mandamento escapem do castigo dos homens, o Senhor nosso Deus não os deixará escapar de seu justo juízo.

P. 57. Qual é o quarto mandamento?

R. O quarto mandamento é; "Lembra-te de santificar o dia de Sábado. Trabalharás seis dias, e farás neles tudo o que tens para fazer. O sétimo dia, porém, é o Sábado do Senhor teu Deus. Não farás nesse dia obra alguma, nem tu, nem o teu filho, nem a tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o peregrino que vive das tuas portas para dentro. Porque o Senhor fez em seis dias os céus, a terra e o mar, e tudo o que neles há, e descansou no sétimo dia. Por isso o Senhor abençoou o dia sétimo e o santificou".

P. 58. Que exige o quarto mandamento?

R. O quarto mandamento exige que consagremos a Deus os tempos determinados em sua Palavra, particularmente um dia inteiro em cada sete, para ser um dia de santo descanso a ele dedicado.

P. 59. Qual dos sete dias Deus designou para ser o Sábado (= descanso) semanal?

R. Desde o princípio do mundo, até a ressurreição de Cristo, Deus designou o sétimo dia da semana para o descanso semanal; e a partir de então, prevaleceu o primeiro dia da semana para continuar sempre até ao fim do mundo, que é o Sábado cristão (Domingo).

P. 60. De que modo se deve santificar o Sábado (Domingo)?

R. Deve-se santificar o Sábado (Domingo) com um santo repouso por todo aquele dia, mesmo das ocupações e recreações temporais que são permitidas nos outros dias; empregando todo o tempo em exercícios públicos e particulares de adoração a Deus, exceto o tempo suficiente para as obras de pura necessidade e misericórdia.

P. 61. Que proíbe o quarto mandamento?

R. O quarto mandamento proíbe a omissão ou a negligência no cumprimento dos deveres exigidos, e a profanação deste dia por meio de ociosidade, ou por fazer aquilo que é em si mesmo pecaminoso, ou por desnecessários pensamentos, palavras ou obras acerca de nossas ocupações e recreações temporais.

P. 62. Quais são as razões anexas ao quarto mandamento?

R. As razões anexas ao quarto mandamento são: a permissão de Deus de fazermos uso dos seis dias da semana para os nossos interesses temporais; o reclamar ele para si a propriedade especial do dia sétimo, o seu próprio exemplo, e a bênção que ele conferiu ao dia de descanso.

P. 63. Qual é o quinto mandamento?

R. O quinto mandamento é: "Honrarás a teu pai e a tua mãe, para teres uma longa vida sobre a terra que o Senhor teu Deus te há de dar".

P. 64. Que exige o quinto mandamento?

R. O quinto mandamento exige a conservação da honra e o desempenho dos deveres pertencentes a cada um em suas diferentes condições e relações, como superiores, inferiores, ou iguais.

P. 65. Que proíbe o quinto mandamento?

R. O quinto mandamento proíbe o negligenciamento ou fazermos alguma coisa contra a honra e o dever que pertencem a cada um em suas diferentes condições e relações.

P. 66. Qual é a razão anexa ao quinto mandamento?

R. A razão anexa ao quinto mandamento é: uma promessa de longa vida e prosperidade (tanto quanto sirva para a glória de Deus e o próprio bem do homem) a todos aqueles que guardam este mandamento.

P. 67. Qual é o sexto mandamento?

R. O Sexto mandamento é: "Não matarás".

P. 68. Que exige o sexto mandamento?

R. O sexto mandamento exige todos os esforços lícitos para preservar a nossa própria vida e a de nossos semelhantes.

P. 69. Que proíbe o sexto mandamento?
R. O sexto mandamento proíbe o tirar a nossa própria vida, ou a de nosso próximo, injustamente, e tudo aquilo que para isso concorre.

P. 70. Qual é o sétimo mandamento?
R. O sétimo mandamento é: "Não adulterarás".

P. 71. Que exige o sétimo mandamento?
R. O sétimo mandamento exige a preservação de nossa própria castidade, e a de nosso próximo, no coração, nas palavras e na conduta.

P. 72. Que proíbe o sétimo mandamento?
R. O sétimo mandamento proíbe todos os pensamentos, palavras e ações impuros.

P. 73. Qual é o oitavo mandamento?
R. O oitavo mandamento é: "Não furtarás".

P. 74. Que exige o oitavo mandamento?
R. O oitavo mandamento exige que procuremos o lícito adiantamento das riquezas e do estado exterior, tanto o nosso como o de nosso próximo.

P. 75. Que proíbe o oitavo mandamento?
R. O oitavo mandamento proíbe tudo o que impede ou pode impedir, injustamente, o adiantamento da riqueza ou do bem-estar exterior, tanto o nosso como o de nosso próximo.

P. 76. Qual é o nono mandamento?
R. O nono mandamento é: "Não dirás falso testemunho contra o teu próximo".

P. 77. Que exige o nono mandamento?
R. O nono mandamento exige a manutenção e promoção da verdade entre os homens e a manutenção de nossa boa reputação e a de nosso próximo, especialmente quando somos chamados a dar testemunho.

P. 78. Que proíbe o nono mandamento?
R. O nono mandamento proíbe tudo o que é prejudicial à verdade, ou

injurioso, tanto à nossa reputação como à de nosso próximo.

P. 79. Qual é o décimo mandamento?

R. O décimo mandamento é: "Não cobiçarás a casa do teu próximo, não desejarás a sua mulher, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma que lhe pertença.

P. 80. Que exige o décimo mandamento?

R. O décimo mandamento exige pleno contentamento com a nossa própria condição, bem como disposição caridosa para com o nosso próximo e tudo o que lhe pertence.

P. 81. Que proíbe o décimo mandamento?

R. O décimo mandamento proíbe todo o descontentamento com a nossa própria condição toda inveja ou pesar à vista da prosperidade de nosso próximo e toda tendência e afeições desordenadas a alguma coisa que lhe pertença.

P. 82. Será alguém capaz de guardar perfeitamente os mandamentos de Deus?

R. Nenhum mero homem, desde a queda é capaz, nesta vida, de guardar perfeitamente os mandamentos de Deus; ao contrário, diariamente quebra por pensamentos, palavras e obras.

EPARMA
Impresso nas oficinas da
EDITORA PARMA LTDA.
Telefone: (011) 6462-4000
Av.Antonio Bardella, 280
Guarulhos – São Paulo – Brasil
Com filmes fornecidos pelo editor

A Lei da Perfeita Liberdade

A Ética Bíblica a partir dos Dez Mandamentos

Michael Horton

"Em uma era imoral e infiel como a nossa, a ignorância quanto aos Mandamentos é uma fraqueza espiritual tão grande quanto se possa imaginar. Os princípios positivos implícitos na sua forma negativa, quando localizados no contexto da realidade cristã do reino de Cristo e na vida no Espírito, sustentam o código de família para os filhos redimidos de Deus, em todos os lugares. A unidade da ética bíblica, começando com o Decálogo, precisa ser redescoberta hoje."

J. I Packer - Regent College
Vancouver - Canada

Michael S. Horton, *Ph.D.*, é Presidente da *Christians United for Reformation* [Cristãos Unidos pela Reforma] (CURE) e autor de *A Face de Deus, Creio, O Cristão e a Cultura*, e organizador de *Religião de Poder*, todos da Editora Cultura Cristã.

EDITORA CULTURA CRISTÃ
Rua Miguel Teles Júnior, 382/394 – Cambuci
01540-040 – São Paulo – SP – Brasil
C.Postal 15.136 – São Paulo – SP – 01599-970
Fone (0**11) 270-7099 – Fax (0**11) 279-1255
www.cep.org.br – cep@cep.org.br

ISBN 85-86886-17-3
9 788586 886171